



PRÊMIO NOBEL DE LITERATURA

ALFAGUARA

# Mario Vargas Llosa

## A cidade e os cachorros



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

ALFAGUARA



Mario Vargas Llosa

# **A cidade e os cachorros**

Tradução  
Samuel Titan Jr.

ALFAGUARA  


Copyright © 1962 by Mario Vargas Llosa  
Todos os direitos desta edição reservados à  
Editora Objetiva Ltda. Rua Cosme Velho, 103  
Rio de Janeiro — RJ — Cep: 22241-090  
Tel.: (21) 2199-7824 — Fax: (21) 2199-7825  
www.objetiva.com.br

Título original  
*La ciudad y los perros*

Capa  
Raul Fernandes

Revisão  
Fátima Fadel  
Ana Kronemberger  
Lucas Bandeira de Melo

Coordenação de e-book  
Marcelo Xavier

Conversão para e-book  
Filigrana

 PRISA EDIÇÕES

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ  
V426c

Vargas Llosa, Mario,  
A cidade e os cachorros [recurso eletrônico] / Mario Vargas Llosa ; tradução Samuel Titan  
Jr. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2012.  
recurso digital

Tradução de: *La ciudad y los perros*  
Formato: ePub  
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions  
Modo de acesso: World Wide Web  
322p. ISBN 978-85-7962-172-7 (recurso eletrônico)

1. Romance peruano. 2. Livros eletrônicos. I. Titan Júnior, Samuel. II. Título.  
12-5748. CDD: 868.99353  
CDU: 821.134.2(85)-3

---

## Prólogo

Comecei a escrever *A cidade e os cachorros* no outono de 1958, em Madri, numa taberna da Menéndez y Pelayo chamada El Jute, que dava para o parque do Retiro, e terminei o romance no inverno de 1961, numa água-furtada de Paris. Para inventar sua história, tive antes de ser, menino ainda, alguma coisa de Alberto e do Jaguar, do serrano Cava e do Escravo, cadete do Colégio Militar Leoncio Prado, mirafiorino de Barrio Alegre e vizinho de La Perla, em Callao; e, já adolescente, tive de ler muitos livros de aventura, acreditar na tese de Sartre sobre a literatura engajada, devorar os romances de Malraux e admirar sem limites os romancistas norte-americanos da geração perdida, todos eles, mas, mais que todos, William Faulkner. Esse é o barro de que é feito meu primeiro romance, mais alguma fantasia, ilusão juvenil e disciplina flaubertiana.

O manuscrito rodou como alma penada de editora em editora, até chegar, graças a um amigo meu, o hispanista francês Claude Couffon, às mãos barcelonesas de Carlos Barral, que dirigia a Seix Barral. Ele fez que ganhasse o prêmio Biblioteca Breve, conspirou para que o romance driblasse a censura franquista, promoveu-o e conseguiu que fosse traduzido para várias línguas. Este é o livro que mais surpresas me preparou e graças ao qual comecei a sentir que se tornava realidade o sonho que eu alentava desde o tempo das calças curtas: chegar, um dia, a ser escritor.

Mario Vargas Llosa  
*Fuschl, agosto de 1997*

# Primeira parte



---

*Kean: "On joue les héros parce qu'on est lâche et les saints parce qu'on est méchant; on joue les assassins parce qu'on meurt d'envie de tuer son prochain, on joue parce qu'on est menteur de naissance."*

Jean-Paul Sartre

---

# I

— Quatro — disse o Jaguar.

Os rostos se suavizaram sob o brilho vacilante que a lâmpada difundia no recinto, através das poucas partículas limpas do vidro: o perigo desaparecera para todos, salvo para Porfirio Cava. Os dados estavam parados, marcavam três e um, sua brancura contrastava com o chão sujo.

— Quatro — repetiu o Jaguar. — Quem é?

— Eu — murmurou Cava. — Eu disse quatro.

— Rápido — replicou o Jaguar. — Você já sabe, a segunda à esquerda.

Cava sentiu frio. Os banheiros ficavam no fundo dos alojamentos, separados por uma porta de madeira fina, e não tinham janelas. Em anos anteriores, o inverno só chegava ao dormitório dos cadetes esgueirando-se pelas vidraças quebradas e pelas frestas; mas vinha violento naquele ano, e quase nenhum canto do colégio se livrava do vento que, à noite, conseguia penetrar até nos banheiros, dissipar o fedor acumulado durante o dia e destruir a atmosfera abafada. Mas Cava havia nascido e vivido na serra, estava acostumado ao inverno: era o medo que lhe eriçava os pelos.

— Acabou? Posso dormir? — disse o Jiboia: um corpo e uma voz desmesurados, um penacho de cabelos sebertos que coroa uma cabeça proeminente, um rosto miúdo de olhos fundos de sono. Estava de boca aberta, do lábio inferior protuberante pendia um fiapo de fumo. O Jaguar se voltara para observá-lo.

— Eu começo de sentinela à uma — disse o Jiboia. — Queria dormir um pouco.

— Podem ir — disse o Jaguar. — Vou despertar vocês às cinco.

O Jiboia e o Crespo saíram. Um deles tropeçou ao cruzar a soleira e soltou um palavrão.

— Assim que voltar, me desperte — ordenou o Jaguar. — Não demore muito. Vai dar meia-noite.

— Está bem — disse Cava. O rosto, em geral impenetrável, parecia cansado. — Vou me vestir.

Saíram do banheiro. O alojamento estava às escuras, mas Cava não precisava enxergar para se orientar entre as duas colunas de beliches; conhecia de memória aquele recinto comprido e alto. Estava tomado agora por uma serenidade silenciosa, alterada de tanto em tanto por roncos ou resmungos. Chegou à cama, a segunda à direita, a de baixo, a um metro da entrada. Enquanto tirava às cegas as calças, a camisa cáqui e os coturnos, sentia junto ao rosto o hálito tingido de fumo de Vallano, que dormia no leito de cima. Distinguiu na escuridão a dupla fileira de dentes grandes e branquíssimos do negro e pensou num roedor. Sem fazer barulho, lentamente, despiu o pijama de flanela azul e se vestiu. Jogou sobre os ombros o casaco de lona. Logo, pisando devagar, porque os coturnos rangiam, caminhou até o beliche do Jaguar, que ficava no outro extremo do alojamento, junto ao banheiro.

— Jaguar.

— Aqui, pegue.

Cava abriu a mão, tocou dois objetos frios, um deles áspero. Conservou na mão a lanterna, guardou a lima no bolso do casaco.

— Quem são as sentinelas?

— O poeta e eu.

— Você?

— O Escravo está no meu lugar.

— E nas outras seções?

— Está com medo?

Cava não respondeu. Deslizou na ponta dos pés até a porta. Abriu um dos batentes, com cuidado, mas não conseguiu evitar que rangesse.

— Um ladrão! — gritou alguém na escuridão. — Mate, sentinela!

Cava não reconheceu a voz. Olhou para fora: o pátio estava vazio, fracamente iluminado pelas lâmpadas da pista de desfile que separava os alojamentos de um descampado. A neblina dissolvia o contorno dos três blocos de cimento que albergavam os cadetes do quinto ano e lhes conferia uma aparência irreal. Saiu. Colando as costas à parede do alojamento, ficou quieto e sem pensar por alguns

instantes. Já não contava com ninguém; o Jaguar também estava a salvo. Invejou os cadetes que dormiam, os suboficiais, os soldados entorpecidos no galpão erguido do outro lado do estádio. Percebeu que o medo o paralisaria, se não fizesse alguma coisa. Calculou a distância: precisava cruzar o pátio e a pista de desfile; depois, protegido pelas sombras do descampado, contornar o rancho, os escritórios, os dormitórios dos oficiais e atravessar um novo pátio, pequeno e cimentado, que dava no prédio das salas de aula, onde estaria fora de perigo: a ronda não chegava até ali. Então, o regresso. Confusamente, desejou perder a vontade e a imaginação e executar o plano como uma máquina cega. Passava dias inteiros abandonado a uma rotina que decidia por ele, impelido suavemente a ações de que mal se dava conta; agora era diferente, havia-se imposto a tarefa daquela noite, sentia uma lucidez insólita.

Começou a avançar rente à parede. Em vez de cruzar o pátio, fez um desvio, seguindo o muro curvo dos alojamentos de quinto ano. Ao chegar ao outro lado, olhou com ansiedade: a pista parecia interminável e perigosa, demarcada pelas lâmpadas simétricas em torno das quais se aglomerava a neblina. Fora do alcance da luz, adivinhou, no maciço de sombras, o descampado coberto de mato. As sentinelas costumavam estender-se por ali, dormindo ou conversando em voz baixa, quando não fazia frio. Confiava que alguma jogatina os tivesse reunido aquela noite em algum banheiro. Caminhou a passos rápidos, submerso na sombra dos prédios à esquerda, evitando as nódoas de luz. O estalo das folhas e a ressaca do mar que se estendia aos pés do colégio, além dos alcantilados, apagavam o ruído dos coturnos. Ao chegar ao prédio dos oficiais, estremeceu e apurou o passo. Depois cortou transversalmente a pista e se fundiu à escuridão do descampado. Um movimento próximo e inesperado devolveu a seu corpo, como um murro, o medo que ele começava a vencer. Duvidou por um segundo: a um metro de distância, brilhantes como vaga-lumes, dóceis, tímidos, contemplavam-no os olhos da vicunha. “Fora!”, exclamou, encolerizado. O animal permaneceu indiferente. “Não dorme nunca, a maldita”, pensou Cava. “Nem come. Como é que não morre?” Ganhou distância. Dois anos e meio antes, ao vir para Lima terminar

os estudos, espantou-se ao encontrar andando impavidamente entre os muros cinzentos e devorados pela umidade do Colégio Militar Leoncio Prado aquele animal exclusivo da serra. Quem trouxera a vicunha para o colégio, de qual lugar dos Andes? Os cadetes faziam apostas de tiro ao alvo: a vicunha mal se inquietava com o impacto das pedras. Afastava-se lentamente dos atiradores, com uma expressão neutra. “Parece os índios”, pensou Cava. Subia a escadaria do prédio das salas de aula. Agora não se preocupava com o ruído dos coturnos; ali não havia ninguém, exceto os bancos, as carteiras, o vento e as sombras. Percorreu a passos largos o corredor de cima. Deteve-se. O facho mortiço da lanterna revelou a janela. “A segunda à esquerda”, dissera o Jaguar. De fato, estava frouxa. Foi retirando com a lima a massa de vidraceiro, que recolhia com a outra mão. Sentiu-a molhada. Tirou a vidraça com precaução e a pôs no chão. Apalpou a madeira até encontrar o ferrolho. A janela se abriu, de par em par. Já dentro, moveu a lanterna em todas as direções; sobre uma das mesas da sala, junto ao mimeógrafo, havia três pilhas de papel. Leu: “Prova bimestral de Química. Quinto ano. Duração da prova: quarenta minutos.” As folhas haviam sido impressas naquela tarde e a tinta ainda brilhava. Copiou rapidamente as questões numa caderneta, sem entender o que diziam. Apagou a lanterna e voltou à janela. Trepou e pulou: o vidro se estilhaçou sob os coturnos, com mil ruídos simultâneos. “Merda!”, gemeu. Ficara de cócoras, aterrorizado. Seus ouvidos não captavam, entretanto, o alarido selvagem que esperavam, as vozes dos oficiais, feito tiros: apenas sua respiração entrecortada pelo medo. Esperou ainda alguns segundos. Então, esquecendo de usar a lanterna, juntou como pôde os cacos de vidro espalhados pelas lajotas e os guardou no casaco. Regressou ao alojamento sem tomar precauções. Queria chegar logo, meter-se na cama, fechar os olhos. No descampado, ao jogar fora os pedaços de vidro, arranhou as mãos. Parou na porta do alojamento; estava exausto. Uma silhueta veio a seu encontro.

— Pronto? — disse o Jaguar.

— Sim.

— Vamos até o banheiro.

O Jaguar foi na frente, entrou no banheiro empurrando a porta com as duas mãos. Na claridade amarelada do recinto, Cava percebeu que o Jaguar estava descalço; seus pés eram grandes e leitosos, de unhas compridas e sujas; cheiravam mal.

— Quebrei um vidro — disse, sem levantar a voz.

As mãos do Jaguar vieram em sua direção como dois bólidos brancos e se incrustaram nas lapelas do casaco, que se cobriu de pregas. Cava cambaleou onde estava, mas não baixou a vista diante dos olhos do Jaguar, odiosos e fixos atrás das pestanas curvas.

— Serrano — murmurou devagar o Jaguar. — Tinha que ser serrano. Se nos pegarem, juro que...

Continuava a segurá-lo pelas lapelas. Cava pôs as mãos sobre as do Jaguar. Tratou de afastá-las, sem violência.

— Solte! — disse o Jaguar. Cava sentiu na cara uma chuva invisível. — Serrano!

Cava deixou cair as mãos.

— Não havia ninguém no pátio — sussurrou. — Não me viram.

O Jaguar o soltara; mordida o dorso da mão direita.

— Não sou um desgraçado qualquer, Jaguar — murmurou Cava. — Se nos pegam, pago sozinho e pronto.

O Jaguar observou-o dos pés à cabeça. Riu-se.

— Serrano covarde — disse. — Mijou de medo. Olhe só as calças.

Esqueceu a casa da avenida Salaverry, em Magdalena Nueva, onde viveu até a noite em que chegou a Lima pela primeira vez, e a viagem de 18 horas no carro, a sucessão de lugarejos em ruínas, areais, vales minúsculos, às vezes o mar, campos de algodão, povoados e areais. Ia com o rosto colado à janela e sentia o corpo roído pela excitação: "Vou ver Lima." De vez em quando, a mãe o puxava para ela, murmurando: "Richi, Ricardito." Ele pensava: "Por que está chorando?" Os outros passageiros dormitavam ou liam e o motorista cantarolava o mesmo estribilho, hora após hora. Ricardo resistiu por toda a manhã, a tarde e o começo da noite, sem desviar os olhos do horizonte, esperando que as luzes da cidade surgissem



de surpresa, como uma procissão de tochas. O cansaço aos poucos lhe adormecia os membros, embotava os sentidos; no escuro, ele se repetia entre dentes: "Não vou dormir." E, de repente, alguém o sacudia com doçura. "Já chegamos, Richi, acorde." Estava no colo da mãe, a cabeça apoiada em seu ombro, sentia frio. Lábios familiares roçaram sua boca e ele teve a impressão de que, durante o sono, convertera-se num gatinho. Agora o carro avançava devagar, via vagas casas, luzes, árvores e uma avenida mais comprida que a rua principal de Chiclayo. Tardou alguns segundos a perceber que os outros passageiros haviam descido. O motorista cantarolava já sem entusiasmo. "Como será?", pensou. E sentiu, de novo, uma ansiedade feroz, como três dias antes, quando a mãe, chamando-o de lado para que a tia Adelina não os ouvisse, disse: "Teu pai não estava morto, era mentira. Acaba de voltar de uma viagem muito longa e está nos esperando em Lima." "Já chegamos", disse a mãe. "Avenida Salaverry, não é isso?", cantou o motorista. "Isso, número 38", devolveu a mãe. Ele fechou os olhos e fingiu que dormia. A mãe o beijou. "Por que ela me beija na boca?", pensava Ricardo; a mão direita agarrava o assento. Por fim, o carro parou, depois de muitas voltas. Continuou de olhos fechados, encolheu-se junto ao corpo que o segurava. De repente, o corpo da mãe se empertigou. "Beatriz", disse uma voz. Alguém abriu a porta. Sentiu-se levantado em peso, posto no chão, sem apoio, abriu os olhos: o homem e a mãe beijavam-se na boca, abraçados. O motorista parara de cantar. A rua estava vazia e muda. Olhou-os fixamente; seus lábios mediam o tempo, dizendo os números. Então a mãe se separou do homem, virou-se para ele e disse: "É o seu pai, Richi. Dê um beijo nele." Novamente levantaram-no dois braços masculinos e desconhecidos; um rosto adulto se juntava ao seu, uma voz murmurava seu nome, lábios secos apertavam sua bochecha. Ele ficou parado.

Esqueceu também o resto daquela noite, a frieza dos lençóis daquele leito hostil, a solidão que tratava de dissipar apertando os olhos para arrancar à escuridão algum objeto, algum fulgor, e a angústia que lhe apertava o espírito como um prego laborioso. "As raposas do deserto de Sechura uivam feito demônios quando cai a noite; sabe por quê? Para quebrar o silêncio que as aterroriza",

dissera tia Adelina, certa vez. Ele tinha vontade de gritar para que a vida brotasse naquele quarto em que tudo parecia morto. Levantou-se: descalço, seminu, tremendo pela vergonha e confusão que sentiria se de repente entrassem e o encontrassem em pé, avançou até a porta e encostou o rosto na madeira. Não ouviu nada. Voltou para a cama e chorou, tapando a boca com as duas mãos. Quando a luz entrou no quarto e a rua se povoou de ruídos, seus olhos continuavam abertos e seus ouvidos em alerta. Muito depois, escutou-os. Falavam em voz baixa e só chegava até ele um rumor incompreensível. Então ouviu risadas, movimentos. Mais tarde, sentiu que a porta se abria, passos, uma presença, mãos conhecidas que lhe puxavam os lençóis até o pescoço, um hálito morno na face. Abriu os olhos: a mãe sorria. "Bom dia", disse ela, com ternura, "não vai beijar a mamãe?" "Não", disse ele.

"Eu poderia ir lá e dizer me dê vinte *soles*, dá até para ver os olhos se enchendo d'água, e me daria quarenta ou cinquenta, mas seria como dizer eu perdoo o que você fez com a minha mãe e pode cair na putaria, contanto que me dê uma boa propina." Sob a manta de lã que a mãe lhe deu de presente há meses, os lábios de Alberto se movem sem ruído. O casaco e o gorro que enfiou até a orelha defendem-no contra o frio. Seu corpo acostumou-se à pressão do fuzil, que agora quase não sente. "Ir lá e dizer que não venha com mesadas, que não adianta mandar um cheque todo mês até se arrepender e voltar para casa, mas dá até para ver, vai começar a chorar e dizer que tem de carregar a cruz feito Nosso Senhor, e mesmo que aceite vai passar um tempão até os dois se entenderem, e amanhã não vou ter os vinte *soles*." Segundo o regulamento, as sentinelas devem percorrer o pátio do ano respectivo e a pista de desfile, mas ele passa o turno caminhando atrás dos alojamentos, junto à cerca alta e descolorida que protege a fachada principal do colégio. Dali vê pelas grades, como o lombo de uma zebra, a estrada asfaltada que serpenteia ao pé da cerca e à beira dos alcantilados, escuta o rumor do mar e, se a névoa não é muito fechada, distingue ao longe, feito uma lança iluminada, o aterro do balneário de La

Punta avançando no oceano como um quebra-mar e, no outro extremo, fechando a baía invisível, o esplendor em leque de Miraflores, seu bairro. O oficial de turno passa em revista as sentinelas de duas em duas horas; à uma da manhã, vai achá-lo em seu posto. Enquanto isso, Alberto planeja a saída de sábado. “É capaz de uns dez caras estarem sonhando com esse filme e, vendo tantas mulheres de calcinha, tantas pernas, tantas barrigas, tantas, acabem me encomendando uns romancinhos, mas desde quando pagam adiantado, e como é que eu iria fazer se amanhã tem prova de Química e ainda vou ter de pagar ao Jaguar pelas perguntas, a não ser que o Vallano me passe cola em troca de umas cartas, mas quem vai confiar num negro? Poderiam me pedir umas cartas, mas ninguém paga à vista nessa altura da semana, é quarta-feira e todo mundo já queimou os últimos cartuchos na Perlita e na jogatina. Poderia gastar vinte *soles* se os detidos me encomendassem cigarros, eu pagaria com cartas e romancinhos, mas só de pensar na confusão, encontrar vinte *soles* numa carteira perdida no rancho ou nas salas de aula ou nas privadas, entrar agora mesmo num alojamento dos cachorros e abrir os armários até encontrar os vinte *soles* ou melhor tirar cinquenta centavos de cada um para não dar na cara e só teria de abrir quarenta armários sem acordar ninguém, supondo que encontre cinquenta centavos em cada um, poderia ir falar com um suboficial ou um tenente e dizer me empreste vinte *soles* que eu também quero ir lá com a Pezinhos-de-Ouro, já sou homem e quem é o merda que está gritando aí...”

Alberto demora a identificar a voz, a lembrar que é uma sentinela longe do posto. Torna a ouvir, mais forte: “Mas o que deu nesse cadete?”, e desta vez reagem o corpo e o espírito, levanta a cabeça, seu olhar distingue como num redemoinho as paredes do posto de guarda, vários soldados sentados num banco, a estátua do herói que ameaça com a espada desembainhada a neblina e as sombras, imagina seu nome escrito na lista de castigo, o coração bate tresloucado, sente pânico, a língua e os lábios movem-se imperceptivelmente, vê entre o herói e ele, a menos de cinco metros, o tenente Remigio Huarina, que o observa com as mãos na cintura.

— O que está fazendo aqui?

O tenente avança até Alberto, que vê por trás dos ombros do oficial a mancha de musgo que escurece o bloco de pedra que sustenta o herói, ou melhor, apenas a adivinha, pois as luzes do posto de guarda são opacas e distantes, ou quem sabe a inventa: é possível que hoje mesmo os soldados de guarda tenham raspado e esfregado o pedestal.

— E então? — diz o tenente diante dele. — O que aconteceu?

Imóvel, a mão direita cravada no gorro, tenso, todos os sentidos em alerta, Alberto continua mudo diante do homenzinho turvo que aguarda, também imóvel, sem tirar as mãos da cintura.

— Quero pedir um conselho, meu tenente — diz Alberto. “Eu poderia jurar que estou morrendo de dor de barriga, que quero uma aspirina ou alguma coisa assim, que a minha mãe está muito mal, que mataram a vicunha, podia suplicar que...” — Quer dizer, um conselho moral.

— Como é?

— Tenho um problema — diz Alberto, rígido. “... dizer que meu pai é general, contra-almirante, marechal e juro que vai perder um ano de promoção para cada ponto que me tirar, eu poderia...” — É uma coisa pessoal — ele se interrompe, vacila um instante e mente —, o coronel disse uma vez que podíamos consultar nossos oficiais. Quer dizer, sobre problemas íntimos.

— Nome e seção — diz o tenente. Baixou as mãos da cintura; parece mais frágil e baixinho. Dá um passo à frente, e Alberto vê, bem perto e mais embaixo, o focinho, os olhos franzidos e mortíços de batráquio, o rosto redondo contraído numa expressão que devia ser implacável e só é patética, o mesmo que adota no sorteio de detenções, uma invenção sua: “Chefes de turma, metam seis pontos em todos os números três e múltiplos de três.”

— Alberto Fernández, quinto ano, primeira seção.

— Fale logo — diz o tenente —, fale logo.

— Acho que estou doente, meu tenente. Quer dizer, da cabeça, não do corpo. Tenho pesadelos todas as noites. — Alberto baixou as pálpebras, simulando humildade, e fala muito devagar, sem pensar, deixando que os lábios e a língua trabalhem sozinhos e armem uma

teia, um labirinto que engane o sapo. — Coisas horríveis, meu tenente. Às vezes sonho que mato, que sou perseguido por uns animais com cara de homem. Acordo suando e tremendo. É horrível, meu tenente, juro que é.

O oficial perscruta o rosto do cadete. Alberto percebe que os olhos de sapo ganharam vida; a desconfiança e a suspeita assomam às pupilas, que parecem duas estrelas moribundas. “Poderia rir, poderia chorar, gritar, poderia correr.” O tenente Huarina terminou o exame. Bruscamente, dá um passo atrás e exclama:

— E desde quando eu sou padre, caralho! Vá pedir conselhos morais ao seu confessor ou à sua mãe!

— Não queria incomodar, meu tenente — balbucia Alberto.

— E que faixa é essa? — diz o oficial, aproximando o focinho e os olhos dilatados. — Está de sentinela?

— Sim, meu tenente.

— Não sabe que só morto se abandona o posto?

— Sim, meu tenente.

— Conselhos morais! Você deve ser um tarado. — Alberto deixa de respirar: a careta sumiu do rosto do tenente Remigio Huarina, a boca se abriu, os olhos se apertaram, na testa surgiram umas dobras. Está rindo. — Você deve ser um tarado, que caralho. Vá fazer seu serviço no alojamento. E fique feliz de não pegar detenção.

— Sim, meu tenente.

Alberto presta continência, dá meia-volta, numa fração de segundo vê os soldados do posto de guarda inclinados sobre si mesmos, sentados no banco. Escuta a suas costas: “Nem se eu fosse padre, que caralho.” Diante de Alberto, à esquerda, erguem-se três blocos de cimento: quinto ano, depois o quarto, no final o terceiro, os alojamentos dos cachorros. Mais além descansa o estádio, o campo de futebol tragado pelo mato, a pista de atletismo coberta de falhas e buracos, as arquibancadas de madeira avariadas pela umidade. Do outro lado do estádio, para lá de uma construção em ruínas — o galpão dos soldados —, há um muro cinzento onde acaba o mundo do Colégio Militar Leoncio Prado e começam os grandes descampados de La Perla. “E se o Huarina tivesse baixado a cabeça e tivesse visto meus coturnos, e se o Jaguar não estiver com

a prova de Química, e se estiver e não aceitar fiado, e se eu me plantar na frente da Pezinhos-de-Ouro e disser que sou do Leoncio Prado, é a primeira vez que venho, vou lhe dar sorte, e se eu voltar para o bairro e pedir vinte *soles* a um dos meus amigos, e se eu deixar o relógio como penhor, e se eu não conseguir a prova de Química, e se eu não tiver cadarços para a revista de amanhã estou fodido da silva.” Alberto avança devagar, arrastando um pouco os pés; a cada passo, os coturnos, sem cadarços faz uma semana, ameaçam se soltar. Percorreu metade da distância que separa o quinto ano da estátua do herói. Dois anos antes, a distribuição dos alojamentos era diferente; os cadetes de quinto ano ocupavam os alojamentos perto do estádio, e os cachorros ficavam nos mais próximos do posto de guarda; o quarto ano sempre esteve no meio, entre os inimigos. Quando mudou o diretor do colégio, o novo coronel decidiu-se pela distribuição atual. E explicou num discurso: “Dormir perto do prócer epônimo é coisa que se deve conquistar. Daqui para a frente, os cadetes de terceiro ocuparão os alojamentos do fundo. E aos poucos, com os anos, vão se aproximar da estátua de Leoncio Prado. E espero que, ao sair do colégio, se pareçam um pouco com ele, que lutou pela liberdade de um país que ainda nem era o Peru. No Exército, cadetes, é preciso respeitar os símbolos, caralho.”

“E se eu roubar os cadarços do Arróspide, mas só um desgraçado para ferrar com um mirafiorino quando há tantos serranos na seção que passam o ano fechados como se tivessem medo da rua, e vai ver que têm, melhor roubar de outro. E se eu roubar de um do Círculo, do Crespo ou da besta do Jiboia, mas e a prova, só falta tomar pau em Química de novo. Quem sabe do Escravo, seria engraçado, eu disse para o Vallano e é verdade, você ia se achar muito valente de bater num morto, que desespero. Deu para ver nos olhos dele que é um covarde como todos os negros, que olhos, que pânico, que correria, mato o cara que roubou meu pijama, mato o cara, aí vem o tenente, aí vêm os suboficiais, devolvam o pijama que esta semana eu tenho que sair, e não digo desafiar, não digo xingar a mãe, não digo insultar, mas ao menos perguntar que diabo é isso, mas deixar que sumam com o pijama

em plena revista, sem estrilar, isso não. O Escravo só perde o medo na porrada, vou roubar os cadarços do Vallano.”

Chegou à passagem que desemboca no pátio do quinto ano. Na noite úmida, sacudida pelo murmúrio do mar, Alberto adivinha, atrás do cimento, as trevas apinhadas dos alojamentos, os corpos encolhidos nas camas. “Deve estar no alojamento, deve estar no banheiro, deve estar no descampado, deve estar morto, onde você foi se meter, Jaguarzinho.” O pátio deserto, vagamente iluminado pelos fachos de luz da pista, parece uma pracinha de aldeia. Não há nenhuma sentinela à vista. “Devem estar numa jogatina, se eu tivesse um centavo, um puto que fosse, podia ganhar os vinte *soles*, talvez mais. Ele deve estar jogando e espero que aceite fiado, ofereço umas cartas e romancinhos, a verdade é que nos três anos nunca me encomendou nada, que merda, vou tomar pau em Química, com certeza.” Percorre todo o corredor sem encontrar ninguém. Entra nos alojamentos da primeira e da segunda seção, os banheiros estão vazios, um deles está empestado. Inspecciona os banheiros dos outros alojamentos, atravessando ruidosamente os dormitórios, de propósito, mas em nenhum deles se altera a respiração sossegada ou febril dos cadetes. Na quinta seção, pouco antes de chegar à porta do banheiro, ele se detém. Alguém está variando: mal distingue, num rio de palavras confusas, um nome de mulher. “Lidia. Lidia? Não era o nome da garota daquele cara de Arequipa que me mostrava as cartas e as fotos que recebia e me contava os sofrimentos, escreva bonito aí que eu a amo muito, eu não sou padre, que caralho, você deve ser um tarado. Lidia?” Na sétima seção, junto aos mictórios, há um círculo de vultos: encolhidos sob os casacos verdes, todos parecem corcundas. Oito fuzis estão jogados pelo chão e outro está apoiado à parede. A porta do banheiro está aberta e Alberto os distingue de longe, da entrada do alojamento. Avança, uma sombra o intercepta.

— O que foi? Quem é?

— O coronel. Têm permissão para jogar? Só morto se abandona o posto.

Alberto entra no banheiro. Uma dúzia de rostos cansados observam-no; a fumaça cobre o recinto como um toldo sobre a

cabeça das sentinelas. Nenhum conhecido: caras idênticas, obscuras, toscas.

— Viram o Jaguar?

— Não veio.

— Estão jogando o quê?

— Pôquer. Quer entrar? Primeiro tem de ficar de vigia por 15 minutos.

— Não jogo com serranos — diz Alberto, levando as mãos ao sexo e apontando para os jogadores. — Prefiro comer.

— Dê o fora, poeta — diz um deles. — E não encha o saco.

— Vou dar parte ao capitão — diz Alberto, dando meia-volta. — Os serranos jogam pôquer e apostam com piolhos durante o serviço.

Ouve que o insultam. Está de novo no pátio. Vacila alguns instantes, logo se encaminha para o descampado. “E se eu estivesse dormindo na grama, e se estivessem roubando o exame durante o meu turno, puta merda, e se eu tivesse atirado no cara, e se.” Cruza o descampado até chegar ao muro de trás do colégio. Fugiam por ali, do outro lado o terreno é plano e não há perigo de quebrar a perna na hora de pular. Houve uma época em que todas as noites se viam sombras que passavam o muro nesse ponto e voltavam ao amanhecer. Mas o novo diretor expulsou quatro cadetes de quarto ano pegos quando saíam, e desde então um par de soldados faz a ronda por fora a noite inteira. As fugas diminuíram, já não passam por ali. Alberto gira sobre si mesmo; no fundo está o pátio de quinto ano, vazio e turvo. No descampado intermediário, distingue uma chaminha azul. Vai até ela.

— Jaguar?

Não há resposta. Alberto saca a lanterna — as sentinelas, além do fuzil, levam uma lanterna e uma faixa roxa — e a acende. No meio da coluna de luz surge um rosto lânguido, uma pele lisa e imberbe, dois olhos semicerrados que miram com timidez.

— O que você está fazendo aqui?

O Escravo levanta uma das mãos para se proteger da luz. Alberto apaga a lanterna.

— Estou de sentinela.



Alberto ri. O ruído vibra na escuridão como um acesso de arrotos, cessa por uns instantes, e logo brota de novo o jorro de desprezo puro, insistente e sem alegria.

— Está substituindo o Jaguar — diz Alberto. — Você me dá pena.

— E você imita a risada do Jaguar — responde o Escravo, suavemente. — Isso sim é que é de dar pena.

— Eu só imito a sua mãe — diz Alberto. Solta o fuzil, larga-o na grama, puxa as lapelas do casaco, esfrega as mãos e se senta junto ao Escravo. — Tem um cigarro?

Uma mão suarenta roça a de Alberto e se afasta no ato, deixando em seu poder um cigarro mole, sem fumo nas pontas. Alberto risca um fósforo. “Cuidado”, sussurra o Escravo. “A ronda vai ver.” “Merda”, diz Alberto. “Me queimei.” Diante deles se estende a pista de desfile, luminosa como uma grande avenida no coração de uma cidade dissimulada pela neblina.

— Como você faz para os cigarros durarem tanto? — diz Alberto. — Os meus acabam na quarta-feira, no máximo.

— Eu fumo pouco.

— Mas por que você é tão bicha? — diz Alberto. — Não tem vergonha de pegar o turno do Jaguar?

— Eu faço o que eu quero — responde o Escravo. — Que interessa?

— Ele trata você feito um escravo — diz Alberto. — Todo mundo trata você feito um escravo, que caralho. Por que todo esse medo?

— Não tenho medo de você.

Alberto ri. A risada se interrompe bruscamente.

— É verdade — diz. — Estou rindo como o Jaguar. Por que todo mundo o imita?

— Eu não imito ninguém.

— Você é o cachorrinho dele — diz Alberto. — Ele ferrou você.

Alberto joga fora a bagana. A brasa agoniza rapidamente na grama entre seus pés, logo desaparece. O pátio de quinto ano continua deserto.

— É isso mesmo — diz Alberto —, ferrou você. — Abre e fecha a boca. Leva uma das mãos à ponta da língua, pega com dois dedos

um fiapo de tabaco, quebra-o com as unhas, põe nos lábios os dois corpos minúsculos e cospe. — Você nunca se meteu numa briga, não é?

— Só uma vez — diz o Escravo.

— Aqui?

— Não, antes.

— É por isso que está ferrado — diz Alberto. — Todo mundo sabe que você tem medo. Precisa cair no pau de vez em quando para te respeitarem. Se não, você está fodido na vida.

— Não vou ser militar.

— Nem eu. Mas aqui você é militar, queira ou não. E o que importa no Exército é ser bem macho, ter colhões de aço, entende? Ou você come ou comem você, não tem saída. E não quero que me comam.

— Não gosto de brigar — diz o Escravo. — Quer dizer, não sei.

— Isso não se aprende — diz Alberto. — É uma questão de estômago.

— O tenente Gamboa disse isso uma vez.

— E é a pura verdade, não é? Eu não quero ser militar, mas aqui a gente fica mais homem. Aprende a se defender e a conhecer a vida.

— Mas você não briga muito — diz o Escravo. — E não ferram muito com você.

— Eu me faço de louco, quer dizer, dou uma de sonso. Também serve para ninguém dominar você. Se você não se defender com unhas e dentes, aí sim é que montam em cima.

— Você vai ser poeta? — diz o Escravo.

— Está maluco? Vou ser engenheiro. Meu pai vai me mandar estudar nos Estados Unidos. Escrevo cartas e romancinhos para comprar cigarros. Mas isso não quer dizer nada. E você, vai ser o quê?

— Queria ser marinheiro — diz o Escravo. — Mas agora não quero mais. Não gosto da vida militar. Quem sabe engenheiro também.

A neblina se condensou; os facho de luz da pista parecem menores e a luz parece mais fraca. Alberto remexe os bolsos. Faz

dois dias que está sem cigarros, mas as mãos repetem o gesto, mecanicamente, cada vez que tem vontade de fumar.

— Ainda tem cigarros?

O Escravo não responde, mas, segundos depois, Alberto sente um braço junto a seu estômago. Toca a mão do outro, que segura um maço quase cheio. Tira um cigarro, põe-no entre os lábios, com a ponta da língua toca a superfície compacta e picante. Risca o fósforo e aproxima do rosto do Escravo a chama que se agita suavemente na pequena gruta que formam suas mãos.

— Mas, que porra, está chorando por quê? — diz Alberto, abrindo as mãos e deixando cair o fósforo. — Me queimei de novo, que maldição.

Risca outro fósforo e acende o cigarro. Aspira o fumo e o solta pela boca e pelo nariz.

— O que foi? — pergunta.

— Nada.

Alberto traga de novo; a brasa reluz e a fumaça se confunde com a neblina, que está muito baixa, quase rente ao chão. O pátio de quinto ano desapareceu. O alojamento é uma grande mancha imóvel.

— O que fizeram com você? — diz Alberto. — Ande, homem não chora.

— Meu casaco — diz o Escravo. — Me ferraram a saída.

Alberto vira a cabeça. O Escravo está usando uma malha castanha, sem mangas, por cima da camisa cáqui.

— Eu tinha que sair amanhã — diz o Escravo. — Ferraram comigo.

— Sabe quem foi?

— Não. Tiraram do armário.

— Vão descontar cem *soles*. Até mais.

— Não é por isso. Amanhã é dia de revista. Gamboa vai me deter. Faz duas semanas que não saio.

— Que horas são?

— Quinze para a uma — diz o Escravo. — Já podemos ir para o alojamento.

— Espere — diz Alberto, levantando-se. — Temos tempo. Vamos arranjar um casaco.

O Escravo levanta-se como uma mola, mas fica parado, sem dar um passo, como se estivesse diante de alguma coisa próxima e irremediável.

— Vamos logo — diz Alberto.

— As sentinelas — sussurra o Escravo.

— Mas que diabo — diz Alberto. — Não está vendo que vou arriscar a minha saída para conseguir um casaco para você? Gente covarde me deixa doente. As sentinelas estão no banheiro da sétima. Numa jogatina.

O Escravo segue Alberto. Avançam pela neblina cada vez mais espessa, rumo aos alojamentos invisíveis. Os cravos dos coturnos rasgam a grama úmida, e ao ruído compassado do mar mistura-se agora o assobio do vento que invade os quartos sem portas nem janelas do prédio que fica entre as salas de aula e os dormitórios dos oficiais.

— Vamos à décima ou à nona — diz o Escravo. — Os nanicos têm um sono de chumbo.

— Você precisa de um casaco ou de um colete? — diz Alberto.

— Vamos à terceira.

Estão no corredor. A mão de Alberto empurra levemente a porta, que cede sem ruído. Mete a cabeça para dentro, feito um animal farejando uma caverna: no alojamento em trevas reina um rumor tranquilo. A porta se fecha atrás deles. “E se ele sai correndo, como treme, e se começa a chorar, como corre, e se for verdade que o Jaguar come o rabo dele, como sua, e se acendem a luz agora, como fujo daqui?” “No fundo”, murmura Alberto, tocando com os lábios a cara do Escravo. “Ali tem um armário que está longe das camas.” “Como é?”, diz o Escravo, sem se mexer. “Merda”, diz Alberto. “Vem comigo.” Arrastando os pés, atravessam o alojamento em câmera lenta, com as mãos estendidas para evitar obstáculos. “E se eu fosse cego, tirava os olhos de vidro e dizia para a Pezinhos-de-Ouro dou meus olhos mas me dê fiado; mas basta de putas, basta, que só morto se abandona o posto.” Param junto ao armário, os dedos de Alberto alisam a madeira. Mete a mão no bolso, tira a

gazua, com a outra mão trata de achar o cadeado, fecha os olhos, aperta os dentes. “E se digo juro tenente, vim pegar um livro para estudar Química, senão eu tomo pau amanhã, juro que não lhe perdoarei nunca o choro da minha mãe, Escravo, se me estrepar por conta de um casaco.” A gazua arranha o metal, penetra na ranhura, se engata, vai para a frente e para trás, à direita e à esquerda, entra um pouco mais, se imobiliza, golpeia em seco, o cadeado se abre. Alberto forceja até livrar a gazua. A porta do armário começa a girar. De algum lugar do alojamento, uma voz irada irrompe em incoerências. A mão do Escravo se incrusta no braço de Alberto. “Quieto”, sussurra este. “Ou eu acabo com você.” “O quê?”, diz o outro. A mão de Alberto explora o interior, com cuidado, a alguns milímetros da superfície felpuda do casaco, como se fosse acariciar o rosto ou os cabelos do ser amado e estivesse saboreando o prazer da iminência do contato, tocando apenas sua atmosfera, seu hálito. “Tire os cadarços dos coturnos”, diz Alberto. “Eu preciso.” O Escravo solta-lhe o braço, se inclina, se distancia rastejando. Alberto tira o casaco do cabide, mete o cadeado no aro e o aperta com a mão fechada, para abafar o ruído. Depois desliza até a porta. Quando chega, o Escravo volta a segurá-lo, desta vez pelo ombro. Saem.

— Tem alguma marca?

Com a lanterna, o Escravo examina cuidadosamente o casaco.

— Não.

— Vá até o banheiro e veja se não tem manchas. E os botões não podem ser de outra cor, cuidado.

— Já é quase uma da manhã.

Alberto acena com a cabeça. Ao chegar à porta da primeira seção, volta-se para o companheiro:

— E os cadarços?

— Só consegui um — diz o Escravo. Hesita um momento: — Desculpe.

Alberto olha-o fixamente, mas não o insulta nem ri. Limita-se a dar de ombros.

— Obrigado — diz o Escravo. Pôs novamente a mão no braço de Alberto e o fita nos olhos com sua cara tímida e rasteira iluminada por um sorriso.

— Faço para me divertir — diz Alberto. E acrescenta, rápido: — Tem os pontos da prova? Não sei necas de Química.

— Não — diz o Escravo. — Mas o Círculo deve ter. O Cava saiu faz pouco e foi para as salas de aula. Devem estar resolvendo as questões.

— Estou sem dinheiro. O Jaguar é um ladrão.

— Quer emprestado? — diz o Escravo.

— Você tem?

— Um pouco.

— Pode me emprestar vinte *soles*?

— Vinte *soles* eu posso.

Alberto lhe dá um tapinha no ombro. Diz:

— Genial, genial. Estava sem um tostão. Se quiser, pago com romancinhos.

— Não — diz o Escravo. Baixou os olhos. — Prefiro umas cartas.

— Cartas? Arranjou namorada?

— Ainda não — diz o Escravo. — Mas quem sabe eu arranjo.

— Está bem, homem. Escrevo vinte. Mas você vai ter que me mostrar as dela. Para ver o estilo.

Os alojamentos parecem ter ganhado vida. De diversos setores chegam até lá barulhos de passos, de armários, até de palavrões.

— Estão trocando de turno — diz Alberto. — Vamos.

Entram no alojamento. Alberto vai até o beliche de Vallano, se inclina e tira o cadarço de um dos coturnos. Logo sacode o negro com as duas mãos.

— É a mãe, é a mãe — exclama Vallano freneticamente.

— Uma da manhã — diz Alberto. — O turno é seu.

— Se você me despertou antes, eu lhe quebro a cara.

Do outro lado do alojamento, Jiboia vocifera contra o Escravo, que acaba de acordá-lo.

— Tome o fuzil e a lanterna — diz Alberto. — Se quiser dormir, durma. Mas já aviso que a ronda está na segunda seção.

— É sério? — diz Vallano, sentando-se.

Alberto vai até a cama e se despe.

— Aqui todos são muito engraçadinhos — diz Vallano. — Muito engraçadinhos.

— Que foi? — pergunta Alberto.

— Me roubaram um cadarço.

— Silêncio — grita alguém. — Sentinela, cale a boca dessas bichas.

Alberto sente que Vallano caminha na ponta dos pés. Depois ouve um ruído revelador.

— Estão roubando cadarço — grita.

— Um dia desses eu quebro a sua cara, poeta — diz Vallano, bocejando.

Minutos depois, o apito do oficial de guarda fere a noite. Alberto não ouve: está dormindo.

A rua Diego Ferré tem menos de 300 metros de comprimento e qualquer pedestre distraído pensaria que era um beco sem saída. De fato, da esquina da avenida Larco, onde começa, pode-se ver, duas quadras adiante, fechando o outro extremo, a fachada de um sobrado com um jardimzinho protegido por uma grade verde. Mas essa casa, que, de longe, parece fechar a Diego Ferré, pretence à rua Porta, estreita, que cruza, detém e mata a outra. Entre a Porta e a avenida Larco, duas outras paralelas fragmentam a rua Diego Ferré: Colón e Ocharán. Logo depois de atravessar a Diego Ferré, terminam subitamente, 200 metros a oeste, no Malecón de La Reserva, um aterro que serpenteia e abraça Miraflores com um cinturão de tijolos vermelhos e que é o limite extremo da cidade, construído rente aos alcantilados, sobre o mar rumoroso, cinzento e limpo da baía de Lima.

Cercados pela avenida Larco, pelo Malecón e pela rua Porta, há meia dúzia de quarteirões: uma centena de casas, duas ou três mercearias, uma farmácia, uma banca de refrigerantes, uma sapataria (semioculta entre uma garagem e um muro saliente) e um terreno onde funciona uma lavanderia clandestina. As ruas transversais têm árvores ao longo das calçadas; a Diego Ferré, não. Esse domínio forma um bairro sem nome. Quando se formou um time de futebol para entrar no campeonato anual do Clube Terrazas, os rapazes se apresentaram sob o nome de Bairro Alegre. Mas,

terminado o campeonato, o nome caiu em desuso. Além disso, os jornalistas policiais designavam com o nome de Bairro Alegre a rua Huatica, em La Victoria, a rua das putas, o que constituía uma semelhança constrangedora. Por isso os rapazes se limitam a falar do bairro. E quando alguém pergunta qual bairro, para diferenciar-se dos outros bairros de Miraflores, o de 28 de Julho, o do Reducto, o da rua Francia, o de Alcanfores, dizem: "O bairro da Diego Ferré."

A casa de Alberto é a terceira da segunda quadra da Diego Ferré, na calçada da esquerda. Conheceu-a à noite, quando quase todos os móveis da casa anterior, em San Isidro, já haviam sido transferidos para esta. Pareceu-lhe maior que a outra e com duas vantagens evidentes: seu quarto ficaria mais longe do quarto dos pais, e, como esta casa tinha um jardim interior, provavelmente deixariam que tivesse um cachorro. Mas o novo domicílio também teria inconvenientes. De San Isidro, o pai de um amigo levava os dois ao Colégio La Salle, todas as manhãs. No futuro, teria que tomar um ônibus, descer na parada da avenida Wilson e dali andar pelo menos dez quadras até a avenida Arica, pois o La Salle, apesar de ser um colégio para meninos decentes, fica no coração da Breña, onde pululam *zambos*<sup>1</sup> e operários. Teria que acordar mais cedo e sair logo depois do café. Na frente da casa de San Isidro havia uma livraria, o dono deixava que lesse os números de *Penecas* e *Billiken* atrás do balcão e às vezes os emprestava por um dia, contanto que não amassasse nem sujasse. A mudança de domicílio o privaria, além disso, de uma distração excitante: subir ao terraço e contemplar a casa dos Nájjar, onde jogavam tênis pela manhã e, quando havia sol, almoçavam nos jardins embaixo de sombrinhas coloridas; à noite, dançavam, e ele espiava os casais que iam dissimuladamente se beijar na quadra de tênis.

No dia da mudança, acordou cedo e foi para o colégio de bom humor. Ao meio-dia, voltou direto para a casa nova. Desceu do ônibus na parada do parque Salazar — ainda não conhecia o nome dessa esplanada de relva debruçada sobre o mar —, subiu pela Diego Ferré, uma rua vazia, e entrou na casa: a mãe ameaçava demitir a empregada se esta se dedicasse de novo a fazer amizade



com as cozinheiras e os motoristas da vizinhança. No fim do almoço, o pai disse: “Tenho que sair. Um assunto importante.” A mãe clamou: “Você vai me trair, como tem coragem de me encarar?”, e logo, escoltada pelo mordomo e pela criada, começou um minucioso inventário para verificar se alguma coisa tinha se extraviado ou quebrado na mudança. Alberto subiu para o quarto, estirou-se na cama, rabiscou distraído a guarda dos livros. Pouco depois, ouviu vozes de meninos que entravam pela janela. As vozes se interrompiam, vinham o chute, o zunido e o estrondo da bola ao bater numa porta, e na hora renasciam as vozes. Pulou da cama e foi até a sacada. Um dos meninos usava uma camisa chamejante, de listras vermelhas e amarelas, o outro, uma camisa de seda branca, desabotoada. O primeiro era mais alto, loiro e tinha a voz, o olhar e os gestos insolentes; o outro, baixo e forçudo, de cabelo castanho e crespo, era muito ágil. O loiro jogava de goleiro na frente de uma garagem; o moreno disparava com uma bola de futebol nova em folha. “Agora pegue, Pluto”, dizia o moreno. Pluto, encolhido, fazia uma careta dramática, gesticulava, limpava a testa e o nariz com as duas mãos, fingia que se atirava e, se defendia uma bola, ria com estrépito. “Você é uma mocinha, Tico”, dizia. “Uma bola dessas eu defendo com o pé nas costas.” O moreno matava a bola com o pé, preciso, ajeitava na marca, media a distância, chutava e quase sempre fazia gol. “Mão furada”, zombava Tico, “fadinha. Vou cantar esta: uma bomba no ângulo direito.” No começo, Alberto observava com frieza e eles aparentavam não vê-lo. Pouco a pouco, foi demonstrando um interesse estritamente esportivo; quando Tico fazia um gol ou Pluto agarrava a bola, assentia sem sorrir, como um conhecedor. Logo começou a prestar atenção nas tiradas dos dois meninos; adequava sua expressão à deles e os jogadores davam sinais de reconhecer momentaneamente sua presença: viravam-se para ele, como se fosse o árbitro. Logo se estabeleceu uma estreita cumplicidade de olhares, sorriso e movimentos de cabeça. Até que Pluto defendeu um tiro de Tico com o pé e a bola voou longe. Tico saiu correndo atrás. Pluto levantou a vista para Alberto.

— Oi — disse.

— Oi — disse Alberto.

Pluto estava com as mãos metidas nos bolsos. Dava pulinhos sem sair do lugar, como os jogadores profissionais fazem para se aquecer antes da partida.

— Vai morar aqui? — perguntou Pluto.

— Vou. Mudamos hoje.

Pluto acenou com a cabeça. Tico vinha se aproximando. Trazia a bola em cima do ombro e a segurava com uma das mãos. Olhou para Alberto. Sorriam um para o outro. Pluto olhou para Tico:

— Ele se mudou hoje. — disse. — Vai morar aqui.

— Ah — disse Tico.

— Vocês moram por aqui? — perguntou Alberto.

— Ele na Diego Ferré — disse Pluto —, na primeira quadra. Eu, dobrando a esquina, na Ocharán.

— Mais um no bairro.

— Me chamam de Pluto. E esse é o Tico. Joga feito mocinha.

— O seu pai é gente boa? — perguntou Tico.

— Mais ou menos — disse Alberto. — Por quê?

— Expulsaram a gente da rua toda — disse Pluto. — Tiram a nossa bola. Não deixam a gente jogar.

Tico batia bola como no basquete.

— Desça — disse Pluto. — Vamos cobrar pelosnaltis. Quando chegarem os outros, jogamos uma partida.

— OK — disse Alberto. — Mas já fiquem sabendo que eu não sou bom de bola.

Cava disse para a gente: tem umas galinhas atrás do galpão dos soldados. Está mentindo, serrano, não é verdade. Juro que vi. E então fomos depois do jantar, fazendo uma volta para não passar pelos alojamentos e rastejando como em campanha. Viu, estão vendo, dizia o maldito, o cercado branco e as galinhas coloridas, o que mais querem, o que mais querem? Pegamos a preta ou a amarela? A amarela está mais gorda. Está esperando o quê, porra? Vou pegar e comer as asas. Fecha o bico dela, Jiboia, como se fosse fácil. Não conseguia; não fuja, não, bichinha, venha, venha. Está com medo dele, está olhando feio, mostrando o rabo, olhem só,

dizia o maldito. Mas era verdade, ela me picava os dedos. Vamos até o estádio e fechem logo o bico dessa aí. E se o Crespo avançar no menino? O melhor, disse o Jaguar, é amarrar as patas e o bico. E as asas, e se ela capar alguém com a ponta das asas, o que me dizem? Ela não quer nada com você, Jiboia. Ah, serrano, tem certeza, tem? Não, mas vi com meus próprios olhos. Vou amarrar com o quê? Que bestas, que bestas, uma galinha é pequena assim, parece brincadeira, quero ver com uma lhama! E se o Crespo avançar no menino? Estávamos fumando nas privadas do prédio das salas de aula — abaixem os cigarros, seus morcegos. O Jaguar fazia tanta força que parecia que estava dando. E aí, Jaguar, já foi, já foi? Silêncio, não me interrompam, tenho que me concentrar. E o bico? E se a gente pegasse o gordinho?, disse o Crespo. Qual? O da nona, o gordinho. Você nunca deu um beliscão nele? Ufa. Não é má ideia, mas ele deixa ou não deixa? Me contaram que o Lañas come o gordinho quando está de guarda. Ufa, finalmente. Já foi, já foi?, disse o maldito. Quem vai primeiro? Porque eu perdi a vontade com todo esse barulho que vocês fazem. Eu tenho um barbante para o bico. Serrano, não vá soltar, que ela voa longe. Quem é voluntário? Cava segurava a galinha por baixo das asas, o Crespo dizia não se mexa, que eu te pego de qualquer jeito, e eu amarrava as patas. Então é melhor sortear, quem tem fósforos. Corte a cabeça de um e me mostre os outros, estou velho demais para ser trapaceado. Aposto que o Crespo vai ganhar. Escute, ele dá ou não dá? Não sei de nada. Esse risinho parece uma picada. Eu topo, Crespo, mas só por farrá. E se ele não deixar? Quietos aí, que tem suboficial na parada, menos mal que passou longe, eu sou muito macho. Vamos comer o suboficial? O Jiboia anda comendo uma cadela, disse o maldito, por que não o gordinho, que é gente. Está detido, eu o vi agora há pouco no rancho, enchendo o saco dos oito cachorros da mesa dele. Talvez ele não deixe. Quem disse medo, quem disse medo? Eu como uma seção inteira de gordinhos, sem piscar. Vamos fazer um plano, disse o Jaguar, alguma coisa pra facilitar. Quem pegou o palito? A galinha estava no chão, quietinha, nas últimas. Olhem o Cava, está tocando uma? É de brincadeira, está morta, essa era para o Jiboia, que fica de pau duro até na marcha. Já sorteamos,

não tem conversa, ou você come ou comemos você, que nem as lhamas da sua aldeia. Ninguém tem um romancinho? Vamos trazer o poeta para contar uma dessas histórias de levantar a piroca? Conversa fiada, companheiros, eu fico de pau duro só de me concentrar, é questão de força de vontade. Escute, e se eu pegar doença? O que deu em você, minha linda, o que foi, serraninho, que história é essa de dar para trás, não sabe que o Jiboia está melhor que a sua mãe desde que começou a comer a Malparada? Que história é essa, piolhento, nunca te disseram que as galinhas são mais limpas que as cadelas, mais higiênicas? Está certo, vamos comer o gordinho, mesmo que nos peguem com a mão na massa. E a ronda? Quem está de serviço é o tonto do Huarina, e nos sábados a ronda não é de nada. E se ele denunciar? Reunião do Círculo: cadete comido e dedo-duro. Mas você diria que foi comido? Vamos embora que está na hora do toque de recolher. E baixem esses cigarros, que diabo. Olhem só, disse o maldito, parou sozinha; passem para cá. Pode ficar com ela. Eu? Você mesmo. Tem certeza que a galinha tem buraco? Só falta a vadia ser virgem. Está se mexendo, olhem só, vai ver que é um galo bicha. Parem de rir, parem de falar. Por favor. Esse risinho de merda. Não estão vendo a mão do serrano? Está apalpando, hein, bandido? Estou procurando, não mexam comigo, encontrei. Como é, companheiro? Tem buraco, sim, fiquem quietos, por favor, e parem de rir, pelo amor de Deus, senão o elefante dorme de novo. Que animal. Meu irmão dizia, os serranos, gente ruim, a pior que há. Traidores e covardes, tortos até a alma. Tapem o bico dela, filhadumagrandíssima! Tenente Gamboa, tem alguém aqui comendo uma galinha. São quase dez, disse o Crespo. Deve ser mais de dez e 15. Viram as sentinelas? Eu também comeria uma sentinela. Você come tudo, pelo visto, que apetite, tem certeza de que não come a santa mãe? Não havia mais detidos no alojamento, só na segunda seção, e saímos sem sapatos. Estou gelando de frio, vou acabar me resfriando. Eu confesso que, se ouço um apito, saio correndo. Vamos subir a escada agachados, dá para ver do posto de guarda. Verdade? Entramos no alojamento devagarinho, e o Jaguar, quem foi a besta que disse que só havia dois detidos? Tem uns dez nanicos roncando aqui, pelo menos. Vão

desistir? Quem? Você que sabe qual é a cama dele, vá na frente, vamos acabar comendo um outro. É a terceira, não sentem esse cheiro de gordinho apetitoso. As penas estão caindo, e parece que está morrendo. Foi ou não foi? Diga. Você é rapidinho assim ou só com as galinhas? Olhem só essa franguinha, acho que o serrano acabou com ela. Eu? Falta de respiração, todos os buracos tapados. Está se mexendo, juro que está bancando a morta. Vocês acham que os animais sentem? Sentem o que, porra, se não têm alma? Quero saber se gostam, que nem as mulheres? A Malparada, sim, feito mulher. Jiboia, você me dá nojo. Cada coisa que se vê. Olhem só, a franguinha está parando. Gostou e quer mais, que tal? Olhem como vai, está mole, mole. E agora, vamos comer de verdade? Só tem que tomar cuidado para não engravidar, depois do que o serrano derramou nela. Eu nem sei como se mata uma galinha. Deixe disso, que o fogo mata os micróbios. Segure o pescoço e torça no ar. Segure firme, Jiboia, que eu vou dar um puxão, segure aí. Sim, senhor, essa foi boa, que patada. Agora, sim, morreu, está toda desconjuntada, caramba. Caramba, está toda desconjuntada, quero ver quem vai comer com esse cheiro de poeira e porra? Jure que o fogo mata os micróbios. Vamos fazer uma fogueira mais para lá, atrás da cerca, é mais escondido. Fique quieto, senão eu mato. Trepe logo que eu seguro, porra. Como o nanico esperneia, como esperneava, como, está esperando o quê para trepar, não vê que está dormindo mais pelado que uma foca. Cuidado, Jiboia, não tape assim o focinho, assim ele se afoga. Vai acabar me derrubando, e olhe que estou só me esfregando, dizia o Crespo, não se mexa ou vai morrer, vai virar pó de traque, quer o quê, chorão, quer que eu meta tudo? Vamos dar o fora, que os nanicos estão acordando, eu não disse, caralho, todos os nanicos estão se levantando e isso aqui vai virar um rio de sangue. O que acendeu a luz foi esperto. O que gritou estão comendo um companheiro foi esperto também. A porra da luz ferrou comigo, acho que foi por isso que soltei a boca do nanico, socorro, gente. Só ouvi um grito assim quando a minha mãe jogou uma cadeira em cima do meu irmão. E vocês, nanicos, quem foi que chamou vocês, o que estão fazendo em pé, por gentileza, alguém pediu para acender a luz? E aquele, era o chefe de turma?

Não vamos deixar essas bichas fazerem isso com ele. Como é, estou sonhando, desde quando se fala assim com o seu cadete? Sentido! E você, que gritaria é essa, não dá para ver que era brincadeira? Esperem que eu vou arrebentar uns nanicos. E o Jaguar ainda ria, ainda me lembro da risada dele enquanto eu enchia o saco dos nanicos. Agora vamos, mas ouçam direitinho e não se esqueçam: basta um abrir o bico e vamos comer de verdade o alojamento inteiro. É melhor nem se meter com os nanicos, são todos uns complexados e não entendem as brincadeiras. A gente precisa se agachar para descer as escadas? Vixe, dizia o Crespo, chupando um osso, a carne ficou toda cheia de pele chamuscada.

<sup>1</sup> *Zambos* são os mestiços de negros com índios. (N. do T.)

---

## II

Quando o vento da madrugada irrompe sobre La Perla, empurrando a neblina para o mar e dissolvendo-a, e o Colégio Militar Leoncio Prado se ilumina como um quarto tomado de fumaça cujas janelas acabam de se abrir, um soldado anônimo aparece bocejando na entrada do galpão e avança esfregando os olhos até os alojamentos dos cadetes. A corneta que leva na mão balança com o movimento de seu corpo e brilha na difusa claridade. Ao chegar ao terceiro ano, para no centro do pátio, a igual distância dos quatro ângulos do prédio que o cerca. Afundado no uniforme esverdeado, borrado pelos últimos resíduos da neblina, o soldado parece um fantasma. Lentamente, perde a imobilidade, se anima, esfrega as mãos, cospe. E então sopra. Escuta o eco de sua própria corneta e, segundos depois, as injúrias dos cachorros que desabafam contra ele a cólera pelo final da noite. Escoltado por caralhos longínquos, o corneteiro se dirige aos alojamentos de quarto ano. Algumas sentinelas do último turno vêm até as portas, prevenidos de sua chegada pela alvorada dos cachorros: zombam dele, insultam-no e às vezes atiram pedras. O soldado caminha até o quinto ano. Já está completamente desperto e o passo é mais vivaz. Ali não há reação; os veteranos sabem que da alvorada dos cachorros até o apito da formação têm 15 minutos, metade dos quais ainda podem aproveitar na cama. O soldado regressa ao galpão, esfregando as mãos e cuspiendo. Não se assusta com a indignação dos cachorros, com o mau humor dos cadetes de quarto ano: mal os percebe. Exceto aos sábados. Nesse dia, como há exercícios de campanha, a alvorada é uma hora antes, e os soldados têm medo de estar de serviço. Às cinco ainda é noite fechada, e os cadetes, bêbados de sono e de raiva, bombardeiam o corneteiro pelas janelas com todo tipo de projétil. Por isso, aos sábados, os corneteiros violam o regulamento: tocam a alvorada longe dos pátios, da pista de desfile, e bem rápido.

Aos sábados, os de quinto ano podem continuar na cama só por dois ou três minutos, pois, em vez de 15, têm apenas oito minutos



para se lavar, vestir, fazer a cama e entrar em formação. Mas este sábado é excepcional. O exercício de campanha foi cancelado para o quinto ano, por causa da prova de Química; quando os veteranos escutam a alvorada, às seis, os cachorros e o quarto ano estão já desfilando pelo portão do colégio rumo ao descampado que une La Perla a Callao.

Alguns instantes depois da alvorada, Alberto, ainda sem abrir os olhos, pensa: "A saída é hoje." Alguém diz: "São 15 para as seis. Eu apedrejo esse maldito." O alojamento fica de novo em silêncio. Abre os olhos: pelas janelas entra no recinto uma luz indecisa, cinzenta. "Todo sábado devia ser dia de sol." A porta do banheiro se abre. Alberto vê o rosto pálido do Escravo: os beliches o degolam à medida que avança. Está penteado e barbeado. "Acorda antes da alvorada para chegar primeiro na fila", pensa Alberto. Fecha os olhos. Sente que o Escravo para diante de sua cama e lhe toca o ombro. Entreabre os olhos: a cabeça do Escravo arremata um corpo esquelético, devorado pelo pijama azul.

— O tenente Gamboa está de serviço.

— Já sei — responde Alberto. — Tenho tempo.

— Está bem — diz o Escravo. — Achei que você estava dormindo.

Esboça um sorriso e toma distância. "Quer ser meu amigo", pensa Alberto. Volta a fechar os olhos e fica tenso: o pavimento da Diego Ferré brilha de umidade; as calçadas da Porta e da Ocharán estão cobertas de folhas que o vento noturno derrubou; um jovem elegante caminha por ali, fumando um Chesterfield. "Juro que hoje vou lá com as meninas."

— Sete minutos! — grita Vallano, esgançado, da porta do alojamento. Há uma comoção. Os beliches estão enferrujados e chium; as portas dos armários rangem; o salto dos coturnos martela a lajota; quando se roçam ou se chocam, os corpos produzem um baque surdo; mas as blasfêmias e os palavrões prevalecem sobre qualquer outro ruído, como línguas de fogo em meio à fumaça. Sucessivos, disparados por uma garganta coletiva, os insultos não

são certos: miram alvos abstratos como Deus, o oficial e a mãe, e os cadetes parecem recorrer a eles mais por sua música que por seu significado.

Alberto pula da cama, calça as meias e os coturnos, ainda sem cadarços. Solta um palavrão. Quando acaba de passá-los, a maior parte dos cadetes já fez a cama e está começando a se vestir. “Escravo!”, grita Vallano. “Cante alguma coisa. Gosto de ouvir você enquanto me lavo.” “Sentinela”, brame Arróspide. “Me roubaram um cadarço. O responsável é você.” “Vai ficar detido, bonitão.” “Foi o Escravo”, diz alguém. “Juro. Eu vi.” “Vamos denunciar ao capitão”, propõe Vallano. “Não queremos ladrão no alojamento.” “Ai!”, diz uma voz em falsete. “A negrinha tem medo de ladrão.” “Ai, ai”, cantam vários. “Ai, ai, ai”, uiva o alojamento inteiro. “São todos uns filhos da puta”, afirma Vallano. E sai, batendo a porta. Alberto está vestido. Corre para o banheiro. No lavatório ao lado, o Jaguar está acabando de se pentear.

— Preciso de cinquenta pontos em Química — diz Alberto, a boca cheia de pasta de dente. — Quanto?

— Vão ferrar com você, poeta. — O Jaguar se observa no espelho e tenta em vão acalmar os cabelos: as pontas, loiras e rebeldes, se eriçam logo depois que o pente passa. — Não estamos com a prova. Não fomos.

— Não conseguiram a prova?

— Necas. Nem tentamos.

Soa o apito. O zumbido fervente que brota dos banheiros e dos alojamentos aumenta e se esvai de um só golpe. A voz do tenente Gamboa sobe do pátio, como um trovão:

— Chefes de turma, anotem os três últimos!

O zumbido estala de novo, surdo. Alberto sai correndo: vai guardando no bolso a escova de dentes e o pente, e enrola a toalha como uma faixa entre o casaco e a camisa. Cai em cima do colega da frente, alguém o agarra por trás. Alberto segura Vallano pela cintura e dá pulinhos para evitar os pontapés com que os atrasados tentam abrir espaço nas pincas de cadetes para conseguir um lugar. “Tira a mão daí, porra”, grita Vallano. Aos poucos, a ordem se estabelece nas cabeças de fila e os chefes de turma começam a

contar os efetivos. No fim da fila, continuam a confusão e a violência, os últimos se esforçam para avançar um lugar à força de cotoveladas e ameaças. O tenente Gamboa observa a formação da beira da pista de desfile. É alto, maciço. Traz o quepe de lado, com ar insolente; mexe a cabeça bem devagar, de um lado para o outro, e o sorriso é zombeteiro:

— Silêncio! — grita.

Os cadetes emudecem. O tenente está de mãos na cintura; abaixa as mãos, que balançam junto ao corpo antes de ficarem imóveis. Caminha até o batalhão; o rosto seco, muito moreno, endureceu-se. A três passos de distância, vêm os suboficiais Varúa, Morte e Pezoa. Gamboa se detém. Olha o relógio.

— Três minutos — diz. Passeia a vista de um extremo ao outro, como um pastor que contempla seu rebanho. — Os cachorros formam em dois minutos e meio!

Uma onda de risadas abafadas estremece o batalhão. Gamboa levanta a cabeça, arqueia as sobrancelhas: o silêncio se restabelece no ato.

— Quero dizer, os cadetes de terceiro ano.

Outra onda de risadas, desta vez mais audaz. Os rostos dos cadetes continuam graves, as risadas nascem no estômago e morrem na beira dos lábios, sem alterar o olhar e as feições. Gamboa rapidamente leva as mãos à cintura: de novo o silêncio, instantâneo como uma facada. Os suboficiais olham para Gamboa, hipnotizados. “Está de bom humor”, murmura Vallano.

— Chefes de turma — diz Gamboa —, relatório por seção. — Acentua a última palavra, demora-se nela enquanto as pálpebras se enrugam ligeiramente. Um respiro de alívio anima o fim das filas do batalhão. Ato imediato, Gamboa dá um passo à frente; seus olhos perfuram as fileiras de cadetes imóveis.

— E anatem os três últimos — acrescenta.

Do fundo do batalhão brota um murmúrio baixíssimo. Os chefes de turma penetram as filas de suas seções, caderneta e lápis em punho. O murmúrio vibra como um enxame de insetos lutando para escapar do papel pega-mosca. Alberto localiza com o canto do olho as vítimas da primeira: Urioste, Núñez, Revilla. A voz deste, um

sussurro, chega a seus ouvidos: “Ei, Macaco, você já vai ficar detido o mês inteiro, que diferença fazem seis pontos? Me dê o seu lugar.” “Dez *soles*”, diz o Macaco. “Estou sem dinheiro; se você quiser, fico devendo.” “Nada disso, pode se foder.”

— Quem está falando aí? — grita o tenente. O murmúrio segue flutuando, menor, moribundo.

— Silêncio! — brame Gamboa. — Silêncio, caralho!

É obedecido. Os chefes de turma emergem das filas, entram em forma a dois metros dos suboficiais, batem os calcanhares, prestam continência. Depois de entregar as cadernetas, murmuram: “Permissão para regressar à formação, meu suboficial.” Este faz um gesto ou responde: “Pode ir.” Os cadetes voltam rápido a suas seções. Em seguida, os suboficiais entregam as cadernetas a Gamboa. Ele bate os calcanhares com estrépito e tem um modo próprio de prestar continência: não leva a mão à frente, mas à testa, de modo que a palma da mão quase cobre o olho direito. Os cadetes contemplam a entrega dos relatórios, rígidos. Nas mãos de Gamboa, as cadernetas se mexem como um leque. Por que não dá a ordem de marcha? Os olhos espiam o batalhão, divertidos. De repente, sorri.

— Seis pontos ou um ângulo reto?

Estala uma salva de aplausos. Alguns gritam: “Viva Gamboa!”

— Estou ficando doido ou tem alguém falando em formação? — pergunta o tenente. Os cadetes se calam. Gamboa passeia diante dos chefes de turma, as mãos na cintura.

— Os três últimos — grita —, aqui, rápido, por seção!

Urioste, Núñez e Revilla abandonam seus lugares aos trancos. Quando passam por ele, Vallano diz: “As pombinhas estão com sorte que o Gamboa está de serviço.” Os três cadetes entram em formação diante do tenente.

— Como quiserem — diz Gamboa. — Ângulo reto ou seis pontos. Podem escolher.

Os três respondem: “Ângulo reto.” O tenente concorda e dá de ombros. “Até parece que fui eu quem pariu, de tanto que conheço vocês”, sussurram seus lábios, e Núñez, Urioste e Revilla sorriem com gratidão. Gamboa ordena:

— Posição de ângulo reto.

Os três corpos se inclinam como se tivessem dobradiças, a metade superior paralela ao chão. Gamboa observa; com o cotovelo, abaixa um pouco a cabeça de Revilla.

— Cubram os bagos — aconselha. — Com as duas mãos. — Faz um sinal para o suboficial Pezoa, um mestiço baixinho e musculoso, de grandes mandíbulas de carnívoro. Joga muito bem futebol e seu chute é violentíssimo. Pezoa toma distância. Inclina-se de leve: tira uma faísca do chão e golpeia. Revilla emite um queixume. Gamboa faz sinal para o cadete que retorne a seu lugar.

— Bah! — diz em seguida. — Está ficando frouxo, Pezoa. Ele nem se mexeu.

O suboficial empalidece. Os olhos oblíquos estão cravados em Núñez. Desta vez, toma impulso e chuta de bico. O cadete solta um berro ao ser projetado para a frente; cambaleia por dois metros e se esborracha no chão. Pezoa procura ansiosamente o rosto de Gamboa. Este sorri. Os cadetes sorriem. Núñez, que se levantou e esfrega o traseiro com as duas mãos, sorri também. Pezoa volta a tomar impulso. Urioste é o cadete mais forte da primeira seção, talvez até do colégio. Abriu um pouco as pernas para manter melhor o equilíbrio. Mal se abala com o pontapé.

— Segunda seção — ordena Gamboa. — Os três últimos.

Em seguida, vêm os das outras seções. Os da oitava, nona e décima, que são menores, saem rodando até a pista com os pontapés dos suboficiais. Gamboa não se esquece de perguntar a eles se preferem o ângulo reto ou os seis pontos. Diz a todos: “Podem escolher.”

Alberto prestou atenção aos primeiros ângulos retos. Logo trata de recordar as últimas aulas de Química. Em sua memória nadam algumas fórmulas vagas, alguns nomes desorganizados. “Será que o Vallano estudou?” O Jaguar está a seu lado, tomou o lugar de alguém. “Jaguar”, murmura Alberto. “Pelo menos vinte pontos. Quanto?” “Agora você é imbecil?”, responde o Jaguar. “Já disse que não estamos com a prova. É melhor não falar nisso de novo. Pelo seu bem.”

— Desfilem por seções.

A formação se dissolve à medida que vai entrando no rancho; os cadetes tiram os gorros e avançam até seus lugares, conversando aos gritos. As mesas são para dez pessoas; os de quinto ano ocupam as cabeceiras. Quando os três anos já entraram, o capitão toca o apito; os cadetes ficam diante das cadeiras, em posição de sentido. Sentam-se ao segundo apito. Durante as refeições, os altofalantes derramam pelo enorme recinto marchas militares ou música peruana, valsas e *marineras* da costa e *huaynos* serranos. No café da manhã ressoa apenas a voz dos cadetes, um caos interminável. “Ou as coisas mudam, ou então, meu cadete, vai comer a bisteca todinha? Deixe um naco, um nervo, meu cadete. Sofreram que nem a gente. Ei, Fernández, por que me serve tão pouco arroz, tão pouca carne, tão pouca gelatina, ei, não cuspa na comida, já viu essa minha cara de mau, cachorro, não se meta comigo. Se os meus cachorros babassem na sopa, Arróspide e eu púnhamos todo mundo em marcha de ganso, peladinhos, até botarem os bofes. Cachorros bem respeitosos, meu cadete, quer mais bisteca, quem vai fazer minha cama hoje, eu, meu cadete, e quem me oferece uma Inca Kola no La Perlita, eu, meu cadete, e quem vai lamber a minha baba, quem?”

O quinto ano entra e se senta. Três quartas partes das mesas estão vazias e o rancho parece maior. A primeira seção ocupa três mesas. Pelas janelas se vê o descampado brilhante. A vicunha está quieta no meio da grama, as orelhas paradas, os grandes olhos úmidos perdidos no vazio. “Pode dizer que não, mas vi você dando cotovelada feito macho só para sentar do meu lado; pode dizer que não, mas quando o Vallano disse quem vai servir e todo mundo gritou o Escravo e eu disse e a mãe, não serve, e todo mundo cantou ai, ai, ai, eu vi que você desceu a mão e quase me toca no joelho.” Oito gargantas flauteadas seguem entoando ais femininos; os mais empolgados juntam o polegar e o indicador e fazem roscas para Alberto. “Veado, eu?”, diz ele. “Querem que eu baixe as calças?” “Ai, ai, ai.” O Escravo se levanta e enche as xícaras. O coro ameaça: “Vamos capar se não servir bastante leite.” Alberto se volta para Vallano:

— Negro, você estudou Química?

— Não.

— Me passa cola? Quanto?

Os olhos irrequietos e arregalados de Vallano espiam desconfiados ao redor. Baixa a voz:

— Cinco cartas.

— E a mãe — pergunta Alberto —, vai bem?

— Muito bem — diz Vallano. — Avise se quiser.

O Escravo acaba de se sentar. Uma de suas mãos se estende para pegar um pão. Arróspide lhe dá um tapa: o pão bate na mesa e cai no chão. Gargalhando, Arróspide se inclina para pegá-lo. A risada cessa. Quando o rosto surge de novo, está sério. Levanta-se, estende um braço, a mão se fecha no pescoço de Vallano. “Tem que ser burro para não ver as cores com toda essa luz. Ou ser azarado feito um cachorro. Se é para roubar, é melhor ser esperto, até para roubar um cadarço ou uma porcaria qualquer, agora só me diga o que seria se o Arróspide aqui metesse a mão, preto no branco, só me diga.” “Nem vi que era preto”, diz Vallano, tirando o cadarço do coturno. Arróspide o recebe, já mais calmo. “Ou dava ou tomava pau, negro”, diz. O coro estala num falsete melífluo, cadencioso: ai, ai, ai. “Bah”, diz Vallano. “Até o fim do ano eu esvazio o seu armário, espere só. Agora preciso de um cadarço. Cava, me venda um, você que é negociante. Ei, não vê que eu estou falando com você, o que foi, piolhento.” Cava levanta bruscamente os olhos da xícara vazia e olha para Vallano com terror. “O quê?”, diz. “O quê?” Alberto se inclina para o Escravo:

— Tem certeza que viu o Cava ontem à noite?

— Tenho — diz o Escravo. — Tenho certeza, era ele.

— É melhor não dizer para ninguém que você viu. Alguma coisa aconteceu. O Jaguar diz que não conseguiram a prova. E olhe só a cara do serrano.

Ao ouvir o apito, todos ficam em pé e saem correndo para o descampado, onde Gamboa os espera, os braços cruzados sobre o peito e o apito na boca. A vicunha sai correndo espavorida diante dessa invasão. “Vou dizer, não está vendo que me ferraram em Química por sua causa, não vê que estou doente por você, Pezinhos-de-Ouro, não está vendo. Tome os vinte *soles* que o Escravo me

emprestou e se você quiser eu escrevo umas cartas, mas não seja maldosa, não me assuste, não deixe que eles me ferrem em Química, não está vendo que o Jaguar não quer me vender nada, não está vendo que estou mais pobre que a Malparada.” Os chefes de turma voltam a contar os efetivos e fazer o relatório aos suboficiais e estes ao tenente Gamboa. Começou a cair uma garoa muito fina. Com a ponta do pé, Alberto toca a perna de Vallano, que olha de esguelha.

— Três cartas, negro.

— Quatro.

— Está bem, quatro.

Vallano concorda, passando a língua pelos lábios em busca das últimas migalhas de pão.

A sala de aula da primeira seção fica no segundo piso do prédio novo, já descolorido e manchado pela umidade, que se ergue junto ao salão nobre — um grande galpão de bancos rústicos onde uma vez por semana se projetam filmes para os alunos. A garoa converteu a pista de desfile num espelho sem fundo. Os coturnos pisam a superfície resplandecente, levantam e caem ao compasso do apito. A marcha se transforma em trote quando a formação chega à escadaria; os coturnos resvalam, os suboficiais praguejam. Das salas de aula se vê, de um lado, o pátio de cimento por onde, num outro dia qualquer, seguiriam desfilando os cadetes do quarto ano e os cachorros do terceiro, sob o cuspe e os projéteis dos do quinto. Certa vez, o negro Vallano atirou um pedaço de madeira. Ouviu-se um grito e, em seguida, um cachorro cruzou o pátio feito um raio, tapando a orelha com as mãos: entre os dedos escorria um fio de sangue, que o casaco absorvia numa mancha escura. A seção ficou detida duas semanas, mas não descobriram o culpado. Na primeira saída, Vallano trouxe dois maços de cigarros para cada um dos trinta cadetes. “É muito, caramba”, protestava o negro. “Bastava um maço por cabeça.” O Jaguar e os outros avisaram: “Dois, ou o Círculo se reúne.”



— Vinte pontos, e é só — diz Vallano. — Vinte. Não vou arriscar o pescoço por umas cartas.

— Não — responde Alberto. — Trinta, pelo menos. Eu mostro as perguntas com o dedo. E não é para soprar. Você mostra a prova para mim.

— Vou soprar.

As carteiras são duplas. Na frente de Alberto e Vallano, que estão na última fila, sentam-se Jiboia e Cava, ambos de costas largas, bons anteparos para escapar da vigilância.

— Que nem na última vez? Você soprou errado de propósito.

Vallano ri.

— Quatro cartas — diz. — De duas páginas.

O suboficial Pezoa aparece na porta com uma pilha de provas. Observa os cadetes com seus olhos pequenos e malévolos; de tanto em tanto, molha com a língua a ponta dos bigodes ralos.

— Quem abrir o livro ou olhar para o lado perde a prova — diz. — E leva seis pontos. Chefe de turma, distribua as provas.

— Rato.

O suboficial se sobressalta, enrubesce; os olhos parecem cicatrizes. A mão de criança alisa a camisa.

— Negócio desfeito — diz Alberto. — Não sabia que era o rato. Prefiro copiar do livro.

Arróspide distribui as provas. O suboficial olha o relógio.

— Oito horas — diz. — Vocês têm quarenta minutos.

— Rato.

— Aqui não tem homem que preste — ruge Pezoa. — Quero ver a cara do valentão que está dizendo “rato”.

As carteiras começam a se animar; elevam-se a alguns centímetros do chão e caem, primeiro em desordem, depois em harmonia, enquanto as vozes entoam em coro: “Rato, rato!”

— Silêncio, covardes — grita o suboficial.

Na porta da sala aparecem o tenente Gamboa e o professor de Química, um homem esguálido e constrangido. Ao lado de Gamboa, que é alto e atlético, parece insignificante em suas roupas de civil, largas demais para seu corpo.

— O que foi, Pezoa?

O suboficial presta continência.

— Estão dando uma de engraçadinhos, meu tenente.

Tudo está imóvel. Reina absoluto silêncio.

— Ah, é? — diz Gamboa. — Vá ver como está a segunda, Pezoa. Vou cuidar destes jovens.

Pezoa volta a prestar continência e vai embora. O professor de Química vai atrás; parece assustado entre tantos uniformes.

— Vallano — sussurra Alberto —, está valendo.

Sem olhar, o negro mexe a cabeça e passa um dedo pelo pescoço, como uma guilhotina. Arróspide terminou a distribuição das provas. Os cadetes inclinam a cabeça sobre as folhas. “Quinze mais cinco, mais três, mais cinco, em branco, mais três, em branco, caramba, em branco, mais três, não, em branco, quanto dá?, trinta e um, pimba. Se tiver que sair na metade, se me chamarem, se acontecer alguma coisa e eu tiver que ir correndo, Pezinhos-de-Ouro.” Alberto responde às perguntas lentamente, em letra de forma. Os coturnos de Gamboa ressoam contra as lajotas. Quando um cadete levanta a vista da prova, encontra sempre os olhos zombeteiros do tenente e escuta:

— Quer que eu sobre? Abaixei a cabeça. Para mim só olham a minha mulher e a empregada.

Quando acaba de responder ao que sabe, Alberto olha para Vallano: o negro escreve rápido, mordendo a língua. Alberto explora a sala com infinita precaução; alguns fingem escrever, deslizando a caneta no ar a alguns milímetros do papel. Relê a prova, responde a duas outras perguntas cuja solução intui obscuramente. Começa um ruído distante e subterrâneo; inquietos, os cadetes se mexem nos bancos. A atmosfera se condensa; alguma coisa invisível flutua sobre as cabeças inclinadas, uma massa morna e inefável, uma nebulosa, um sentimento fluido, um orvalho. Como escapar por alguns segundos à vigilância do tenente, a sua presença?

Gamboa ri. Para de andar, fica no centro da sala. Está de braços cruzados, os músculos se insinuam sob a camisa creme, e seus olhos cobrem de uma só vez todo o conjunto, como nos exercícios de campanha, quando lança sua companhia no meio da lama e a faz rastejar no mato ou nos pedregulhos com um simples movimento da

mão ou um apito cortante: os cadetes sob suas ordens ficam orgulhosos de ver o desespero dos oficiais e cadetes das outras companhias, que sempre terminam cercados, emboscados, pulverizados. Quando Gamboa, com o capacete reluzindo à luz da manhã, aponta com o dedo um muro alto de tijolos e exclama (sereno, impávido diante do inimigo invisível que ocupa os cumes e os desfiladeiros vizinhos, além da faixa de praia em que se assentam os alcantilados): “Hora de voar, passarinhos!”, os cadetes da primeira companhia disparam como bólidos, as baionetas caladas apontando para cima e os corações cheios de uma coragem ilimitada, atravessam os sítios pisoteando ferozmente as plantações — ah, se fossem cabeças de chilenos ou equatorianos, ah, se embaixo das solas dos coturnos jorrasse sangue, se morressem! —, chegam ao pé do muro transpirando e xingando, penduram o fuzil cruzado nas costas e abrem as mãos inchadas, enfiam as unhas nas fendas, colam o corpo ao muro e rastejam verticalmente, os olhos fixos na borda que se aproxima, e então saltam e se encolhem no ar e caem e só escutam seus próprios palavrões e seu sangue exaltado que quer sair rumo à luz, abrindo caminho pelas frentes e pelo peito. Mas Gamboa já está na frente, no alto de um penhasco, mal arranhado, farejando o vento marinho, calculando. De cócoras ou estendidos no chão, os cadetes observam-no: a vida e a morte dependem de seus lábios. Logo seu olhar recai sobre eles, colérico, os pássaros se transformam em larvas. “Separem-se! Estão amontoados feito aranhas!” As larvas se levantam, se dispersam, os velhos uniformes de campanha, mil vezes cerzidos, inflam-se com o vento, e os remendos e costuras parecem crostas e feridas, voltam à lama, confundem-se com o mato, mas os olhos continuam fixos em Gamboa, dóceis, implorantes, como naquela noite odiosa em que o tenente aniquilou o Círculo.

O Círculo havia nascido com o começo de sua vida de cadetes, 48 horas depois de deixarem as roupas civis e serem igualados pelas máquinas dos barbeiros do colégio que raspam seus cabelos e de vestirem a farda cáqui ainda nova em folha e de formarem pela primeira vez no estádio ao chamado dos apitos e das vozes de chumbo. Era o último dia do verão e o céu de Lima se encobria,

depois de arder três meses sobre as praias como uma brasa, para dar início a um longo sonho cinzento. Vinham de todos os cantos do Peru; não se conheciam e agora constituíam uma massa compacta, instalada diante dos blocos de cimento cujo interior desconheciam. A voz do capitão Garrido anunciava que a vida civil terminara para eles por três anos, que ali se fariam homens, que o espírito militar se compõe de três elementos simples: obediência, trabalho e coragem. Mas o Círculo veio mais tarde, depois do primeiro almoço no colégio, quando finalmente estiveram livres da tutela dos oficiais e suboficiais e saíram do rancho, misturados aos cadetes de quarto e quinto ano, que admiravam com um receio não isento de curiosidade e também de simpatia.

O Escravo estava só e descia a escadaria do rancho para o descampado quando duas tenazes seguraram seus braços e uma voz murmurou junto a seu ouvido: “Venha com a gente, cachorro.” Ele sorriu e os seguiu docilmente. Ao redor, muitos dos companheiros que havia conhecido pela manhã eram abordados e arrastados pelo gramado rumo aos alojamentos de quarto ano. Nesse dia não houve aula. Os cachorros ficaram nas mãos dos cadetes do quarto ano do almoço até o jantar, umas oito horas. O Escravo não lembra a que seção foi levado, nem por quem. Mas o alojamento estava tomado de fumaça e uniformes, ouviam-se risadas e gritos. Mal cruzou a soleira, ainda com o sorriso nos lábios, sentiu um golpe nas costas. Caiu no chão, girou sobre si mesmo, ficou estendido ali, de boca para cima. Tratou de se levantar, mas não conseguiu: um pé se instalara sobre seu estômago. Dez rostos indiferentes contemplavam-no como um inseto; não deixavam que visse o teto. Uma voz disse:

— Para começar, cante cem vezes “eu sou um cachorro” em ritmo de *corrido* mexicano.

Não conseguiu; estava atônito, os olhos fora das órbitas. A garganta ardia. O pé pressionou ligeiramente seu estômago.

— Não quer — disse a voz. — O cachorro não quer cantar.

E então os rostos abriram as bocas e cuspiram nele, não uma, mas muitas vezes, até que teve de fechar os olhos. Quando terminou a saraivada, a mesma voz anônima, que girava como um torno, repetiu:

— Cante cem vezes “eu sou um cachorro” em ritmo de *corrido* mexicano.

Dessa vez, obedeceu, e sua garganta entoou roucamente a frase sobre a melodia de *Allá en el rancho grande*; era difícil: despojada da letra original, a música por vezes se transformava em guinchos. Mas isso não parecia incomodá-los; escutavam atentamente.

— Basta — disse a voz. — Agora em ritmo de bolero.

Depois cantou com melodias de mambo e de valsa *criolla*. Por fim, ordenaram:

— Em pé.

Levantou-se e passou a mão no rosto. Limpou-a no fundilho. A voz perguntou:

— Alguém mandou limpar o focinho? Não, ninguém mandou.

As bocas voltaram a se abrir e ele fechou os olhos automaticamente, até que aquilo terminou. A voz disse:

— Esses dois ao seu lado são dois cadetes, cachorro. Sentido! Assim, muito bem. Esses dois cadetes fizeram uma aposta e você vai ser o juiz.

O da direita bateu primeiro e o Escravo sentiu queimar o antebraço. O da esquerda bateu quase ao mesmo tempo.

— Muito bem — disse a voz. — Qual bateu mais forte?

— O da esquerda.

— Ah, é? — replicou outra voz. — Quer dizer que eu sou um fracote? Vamos ver, vamos repetir, repare bem.

O Escravo cambaleou com o impacto, mas não chegou a cair: as mãos dos cadetes que o rodeavam seguraram-no e devolveram-no a seu lugar.

— E agora, o que achou? Quem bate mais forte?

— Os dois batem igual.

— Quer dizer que ficaram na mesma — precisou a voz. — Vão ter que desempatar.

Um momento depois, a voz incansável perguntou:

— A propósito, cachorro. Os braços estão doendo?

— Não — disse o Escravo.

Era verdade; perdera a noção do corpo e do tempo. Seu espírito contemplava embriagado o mar sem ondas de Puerto Eten e escutava sua mãe, que lhe dizia: “Cuidado com as arraias, Ricardito”, e estendia para ele seus longos braços protetores sob o sol implacável.

— Mentira — disse a voz. — Se não doem, está chorando por quê, cachorro?

Ele pensou: “Já terminaram.” Mas eles mal tinham começado.

— Você é um cachorro ou um ser humano?

— Um cachorro, meu cadete.

— Então o que está fazendo em pé? Os cachorros andam sobre as quatro patas.

Ele se inclinou; ao firmar as mãos no chão, surgiu a ardência nos braços, muito intensa. Seus olhos descobriram junto a ele outro menino, também de quatro.

— Muito bem — disse a voz. — E o que os cachorros fazem quando se encontram na rua? Responda, cadete, estou falando com você.

O Escravo levou um pontapé no traseiro e respondeu na hora:

— Não sei, meu cadete.

— Eles brigam — disse a voz. — Latem e se enroscam. E se mordem.

O Escravo não lembra a cara do menino que foi batizado junto com ele. Devia ser de uma das últimas seções, porque era baixinho. Estava com o rosto desfigurado pelo medo e, assim que a voz se calou, avançou contra ele, latindo e babando; o Escravo sentiu no ombro uma mordida de cachorro enraivecido; todo seu corpo reagiu, e enquanto latia e mordia, tinha certeza de que sua pele se cobrira de um peloslo duro, que sua boca era um focinho pontiagudo e que, sobre o dorso, seu rabo estalava como um chicote.

— Basta — disse a voz. — Você ganhou. Mas o nanico trapaceou. Não é cachorro, é cadela. E sabem o que acontece quando um cachorro e uma cadela se encontram na rua?

— Não, meu cadete.

— Eles se lambem. Primeiro se cheiram com carinho, depois se lambem.

E então o tiraram do alojamento e o levaram para o estádio, e não conseguia lembrar se ainda era dia ou se já caíra a noite. Ali o despiram, e a voz mandou que nadassem de costas pela pista de atletismo ao redor do campo de futebol. Depois, trouxeram-no de volta para um alojamento de quarto ano, e fez muitas camas e cantou e dançou em cima de um armário, imitou artistas de cinema, lustrou vários pares de coturnos, varreu uma lajota com a língua, fornicou com uma almofada, bebeu urina, mas tudo isso era uma vertigem febril e logo ele estava em sua seção, largado na cama, pensando: “Juro que vou fugir. Amanhã mesmo.” O alojamento estava silencioso. Os meninos se olhavam uns aos outros e, apesar de terem sido surrados, cuspidos, pintados e mijados, mostravam-se graves e cerimoniais. Nessa mesma noite, depois do toque de recolher, nasceu o Círculo.

Estavam deitados, mas ninguém dormia. O corneteiro acabara de sair do pátio. Imediatamente, uma silhueta se destacou de uma das camas, cruzou o alojamento e entrou no banheiro: os batentes ficaram oscilando. Pouco depois ressoavam os estertores e o vômito ruidoso, espetacular. Quase todos pularam das camas e correram para o banheiro, descalços: alto e esquelético, Vallano estava no meio do recinto amarelento, passando a mão sobre o estômago. Não se aproximaram, ficaram examinando o negro de rosto congestionado enquanto botava fora. Por fim, Vallano se aproximou da pia e enxaguou a boca. Então começaram a falar com uma agitação extraordinária e desordenada, maldizendo os cadetes de quarto ano com os piores palavrões.

— Não pode ficar assim. Temos que fazer alguma coisa — disse Arróspide. O rosto branco destacava-se entre os meninos de rostos angulosos, cor de cobre. Estava furioso e vibrava o punho fechado no ar.

— Vamos chamar esse tal de Jaguar — propôs Cava.

Era a primeira vez que ouviam o nome. “Quem?”, perguntaram alguns; “é da seção?”

— É, sim — disse Cava. — Ficou na cama. É a primeira, perto do banheiro.

— E por que esse Jaguar? — disse Arróspide. — Nós não damos conta?

— Não — disse Cava. — Não é isso. Ele é diferente. Não conseguiram batizar. Eu vi. Nem deu tempo para eles. Foi para o estádio comigo, ali atrás dos alojamentos. E ele ria na cara deles e dizia: “Quer dizer que vão me batizar? Vamos ver, vamos ver.” Ria na cara deles, e eram uns dez.

— E aí? — disse Arróspide.

— Eles olhavam meio espantados — disse Cava. — E olhe que eram uns dez. Mas só até a gente chegar no estádio, aí vieram mais, uns vinte, até mais, um montão de cadetes do quarto ano. E ele ria na cara deles: “Quer dizer que vão me batizar? Muito bem, muito bem.”

— E aí? — disse Alberto.

— Eles perguntavam: “Então você acha que é valente, hein, cachorro?” E então, olhe só, ele partiu para cima deles. E rindo. Sei lá quantos eram, dez ou vinte ou mais ainda. E não conseguiam segurar. Alguns tiraram os cintos e chicoteavam de longe, mas não chegavam perto, juro. Estavam todos com medo, juro pela Santa Virgem, e vi não sei quantos caindo no chão, segurando os bagos ou com a cara amassada, imagine. E ele ria e gritava: “Quer dizer que vão me batizar? Muito bem, muito bem.”

— E por que isso de Jaguar?

— Não fui eu que inventei — disse Cava. — É ele que se chama assim. Ele estava cercado, tinham se esquecido de mim. Ameaçavam com os cintos e ele começou a xingar todos, a mãe, todo mundo. E então um deles disse: “Vamos chamar o Gambarina para cuidar desse animal.” E foram atrás de um cadete grandalhão, com cara de bruto, disseram que ele puxa ferro.

— E trouxeram para quê? — perguntou Alberto.

— E por que o chamam de Jaguar? — insistiu Arróspide.

— Para brigar com ele — disse Cava. — Disseram para ele: “Escute, cachorro, já que é tão valente, bata num do seu tamanho.”



E ele respondeu: “Eu me chamo Jaguar. Cuidado com isso de me chamar de cachorro.”

— Eles riram?

— Não — disse Cava. — Abriram uma roda. E ele sempre rindo. Até no meio da briga, imagine.

— E aí? — disse Arróspide.

— Não brigaram muito — disse Cava. — Foi aí que eu vi por que o chamam de Jaguar. É muito ágil, uma barbaridade de ágil. Nem é tão forte, mas parece gelatina, o Gambarina esbugalhava os olhos de puro desespero, não conseguia agarrar. E o outro batia com a cabeça e os pés, dava que dava, e nada de ele tomar porrada. Até que o Gambarina disse: “Basta de brincadeira, cansei”, mas todo mundo viu que estava acabado.

— E aí? — disse Alberto.

— Foi só isso — disse Cava. — Largaram dele e começaram a me batizar.

— Vamos chamar — disse Arróspide.

Estavam de cócoras e formavam um círculo. Alguns tinham acendido um cigarro, que passavam de mão em mão. O recinto começou a se encher de fumaça. Quando o Jaguar entrou no banheiro, precedido por Cava, todos compreenderam que este havia mentido: o rosto e o queixo tinham sido golpeados, o nariz largo de buldogue também. Plantou-se no meio do círculo e os fitava por trás de suas pestanas ruivas, com uns olhos estranhamente azuis e violentos. O trejeito da boca era forçado, assim como a postura insolente e a lentidão calculada com que os observava, um a um. Também era forçada a risada cáustica e súbita que trovejou no recinto. Mas ninguém o interrompeu. Esperaram, imóveis, que terminasse de examiná-los e de rir.

— Dizem que o batizado dura um mês — afirmou Cava. — Não podemos aceitar que aconteça todo dia o que aconteceu hoje.

O Jaguar concordou.

— É verdade — disse. — Temos que nos defender. Vamos nos vingar do quarto ano, vão pagar caro pelas gracinhas. O principal é lembrar as caras e, se der, a seção e os nomes. Temos que andar

sempre em grupos. Vamos nos reunir à noite, depois do toque de recolher. E precisamos de um nome para o grupo.

— Os Falcões? — insinuou alguém, timidamente.

— Não — disse o Jaguar. — Parece brincadeira. Vamos chamar de Círculo.

As aulas começaram na manhã seguinte. Nos intervalos, os do quarto ano precipitavam-se sobre os cachorros e organizam corridas de pato: a um comando, dez ou 15 meninos, formados em linha reta, as mãos nos quadris e as pernas flexionadas, avançavam grasnando e imitando os movimentos de um palmípede. Os perdedores levavam ângulos retos. Além de revistar e confiscar o dinheiro e os cigarros dos cachorros, os do quarto ano preparavam aperitivos de graxa de fuzil, azeite e sabão, e as vítimas tinham que bebê-los de um só gole, segurando o copo com os dentes. O Círculo começou a funcionar dois dias depois, pouco depois do café da manhã. Os três anos saíam do rancho num tumulto e se espalhavam como uma mancha sobre o descampado. De repente, uma nuvem de pedras passou sobre as cabeças descobertas e um cadete de quarto ano caiu no chão aos berros. Já em formação, viram que o ferido era levado para a enfermaria no ombro de seus companheiros. Na noite seguinte, uma sentinela do quarto ano que dormia no gramado foi assaltada por sombras mascaradas: ao amanhecer, o corneteiro encontrou-o nu, amarrado e com grandes equimoses no corpo transido de frio. Outros mais foram apedrejados, surrados; o golpe mais audacioso, uma incursão na cozinha para derramar sacos de excrementos nas panelas de sopa do quarto ano, mandou muita gente com cólicas para a enfermaria. Exasperados pelas represálias anônimas, os do quarto ano prosseguiram o batizado com mais sanha. O Círculo se reunia toda noite, examinava os vários planos, o Jaguar escolhia um, aperfeiçoava-o e dava instruções. O mês de reclusão forçada transcorria rapidamente, em meio a uma exaltação sem limites. À tensão do batizado e das ações do Círculo veio logo se somar uma nova agitação: a primeira saída estava perto, já haviam começado a fazer para eles os uniformes azul-anil. Todos os dias, os oficiais

davam uma hora de aula sobre o comportamento de um cadete uniformizado na rua.

— O uniforme — dizia Vallano, revolvendo com avidez os olhos nas órbitas — atrai as pombinhas como se fosse mel.

“Nem foi tão grave quanto diziam, nem quanto me pareceu na hora, sem contar o que aconteceu quando Gamboa entrou no banheiro depois do toque de recolher, nem se pode comparar esse mês aos outros domingos de detenção, não mesmo.” Nesses domingos, o terceiro ano era dono do colégio. Projetavam um filme ao meio-dia, e à tarde vinham as famílias: os cachorros passeavam pela pista de desfile, pelo descampado, pelo estádio e pelos pátios, rodeados de gente solícita. Uma semana antes da primeira saída, provaram os uniformes de lona: calças cor de anil e túnica preta, com botões dourados; quepe branco. O cabelo crescia lentamente sobre os crânios, bem como a vontade de ir para a rua. Na seção, depois das reuniões do Círculo, os cadetes contavam seus planos para a primeira saída. “E como foi que soube, por puro acaso ou foi um dedo-duro, e se o Huarina estivesse de serviço, ou o tenente Cobos? Pois é, pelo menos não tão rápido, se ele não tivesse descoberto o Círculo, a seção não teria degradingolado, não tão rápido, estaríamos no bem-bom.” O Jaguar estava de pé e descrevia um cadete de quarto ano, um chefe de turma. Os outros escutavam de cócoras, como de costume; as baganas passavam de mão em mão. A fumaça subia, chegava ao teto, descia até o chão e continuava circulando como um monstro translúcido e cambiante. “Mas o que foi que ele fez, Jaguar, também não precisamos carregar um morto nas costas”, dizia Vallano, “vingança, tudo bem, mas aí já é demais”, dizia Urioste, “o que fede nessa história é que ele pode acabar vesgo”, dizia Pallasta, “pediu, levou”, dizia o Jaguar, “se ele se machucar, melhor”, e o que veio primeiro, a pancada, o grito? O tenente Gamboa deve ter empurrado a porta com as duas mãos ou então ele a abriu a pontapés; mas os cadetes foram surpreendidos não com o barulho da porta nem com o grito de Arróspide, mas pela fumaça estancada que fugia pela bocarra escura do alojamento, quase tomada pelo tenente Gamboa, que segurava a porta com as duas mãos. As baganas caíram no chão, em brasas. Estavam

descalços e não se atreviam a apagá-las. Todos olhavam para a frente e exageravam a atitude marcial. Gamboa pisou nas pontas de cigarro. Em seguida, contou os cadetes.

— Trinta e dois — disse. — A seção completa. Quem é o chefe de turma?

Arróspide deu um passo adiante.

— Explique essa brincadeira com todos os detalhes — disse Gamboa, tranquilamente. — Do começo. E não esqueça nada.

Arróspide olhava de esguelha para os companheiros, e o tenente Gamboa esperava, quieto como uma árvore. “E o jeito como chorava? E depois éramos todos seus filhos quando começamos a choramingar, e que vergonha, meu tenente, nem imagina como nos batizaram, homem não se defende?, e que vergonha, batiam, meu tenente, machucavam, xingavam a mãe, olhe o fundilho do Montesinos de tanto ângulo reto que tomou, meu tenente, e ele não passava recibo, que vergonha, não dizia nada, que mais, fatos concretos, sem comentários, falem um por um, não façam barulho, não incomodem as outras seções, e que vergonha para o regulamento, começou a recitar, devia expulsar todo mundo, mas o Exército é tolerante e compreende que os cachorros ainda ignoram a vida militar, o respeito ao superior e a camaradagem, e basta de brincadeira, sim, meu tenente, e como é a primeira e a última vez não vou dar parte, sim, meu tenente, vamos ver se viram homenzinhos, sim, meu tenente, fiquem sabendo que basta uma reincidência e só paro no Conselho de Oficiais, sim, meu tenente, e decorem o regulamento se quiserem sair no sábado que vem, e agora vão dormir, sentinelas a postos, relatório em cinco minutos, sim, meu tenente.”

O Círculo não voltou a se reunir, embora mais tarde o Jaguar pusesse o mesmo nome no seu grupo. Nesse primeiro sábado de junho, os cadetes da seção, espalhados ao longo da grade enferrujada, viram os cachorros das outras seções, soberbos e arrogantes como uma torrente, precipitando-se pela avenida Costanera, tingindo-a com seus uniformes reluzentes, o branco imaculado dos quepes e as malas lustrosas de couro; viram-nos aglomerando-se na parada maltratada, o mar crepitante às costas, à

espera do ônibus Miraflores-Callao, ou avançando pelo meio da pista até a avenida de las Palmeras, para pegar a avenida Progreso (que corta os sítios e entra em Lima por Breña ou, na direção oposta, continua baixando em curva suave e amplíssima até chegar a Bellavista e Callao); viram-nos desaparecendo e, quando o asfalto ficou novamente solitário e umedecido pela neblina, continuavam com os narizes metidos no arame; em seguida, escutaram a corneta que chamava para o almoço e foram caminhando devagar e em silêncio para seus lugares, distanciando-se do herói que havia contemplado com as pupilas cegas a explosão de júbilo dos ausentes e a angústia dos detidos, que desapareciam entre os prédios cor de chumbo.

Nessa tarde, quando saíam do rancho diante do olhar lânguido da vicunha, surgiu a primeira briga na seção. “Eu deixava, o Vallano deixava, o Cava, o Arróspide? Não, ninguém deixava, só mesmo ele, o Jaguar não é Deus, se ele respondesse, aí era tudo diferente, se aguentasse o tranco ou pegasse um pau, uma pedra, aí era tudo diferente, até se corresse dali, mas tremer, homem, isso não se faz.” Ainda estavam na escadaria, amontoados, e de repente começou uma confusão e dois caíram na grama, dando pontapés. Os dois se levantaram; trinta pares de olhos contemplavam-nos dos degraus, como se estivessem num palanque. Não chegaram a intervir, nem compreenderam logo o que aconteceu, porque o Jaguar se lançou como um felino atacado e bateu bem na cara do outro, sem aviso, e caiu em cima dele e continuou batendo na cabeça, na cara, nas costas; os cadetes observavam os dois punhos constantes e nem escutavam os gritos do outro, “desculpe, Jaguar, empurrei sem querer, juro que foi sem querer”. “Só não devia ter se ajoelhado, isso não. E juntar as mãos, parecia a minha mãe nas novenas, um coroinha recebendo a primeira comunhão, parecia que o Jaguar era o bispo e o outro estava se confessando, lembro direitinho”, dizia Rospigliosi, “e fico de peloslo em pé, homem.” O Jaguar estava em pé, olhava com desprezo para o menino ajoelhado e ainda estava com a mão levantada, como se fosse bater de novo no rosto lívido do outro. Os demais nem se mexiam. “Você me dá nojo”, disse o Jaguar. “Não tem dignidade nem nada. Você é um escravo.”

— Oito e meia — disse o tenente Gamboa. — Faltam dez minutos.

Uma espécie de ronco instantâneo percorre a sala, as carteiras estremecem. “Vou fumar um cigarro no banheiro”, pensa Alberto, enquanto assina a folha de exame. Nesse momento, a bolinha de papel cai sobre o tampo da carteira, roda alguns centímetros sob seus olhos e se detém contra o seu braço. Antes de pegá-la, olha à volta. Então ergue a vista: o tenente Gamboa sorri para ele. “Será que percebeu?”, pensa Alberto, baixando os olhos na hora em que o tenente diz:

— Cadete, quer me passar isso que acabou de aterrissar na sua carteira? Os outros, quietos!

Alberto se levanta. Gamboa recebe a bolinha de papel sem nem olhar. Desenrola-a e a põe à contraluz. Enquanto lê, seus olhos são grilos saltitando do papel para as carteiras.

— Sabe o que é isso, cadete? — pergunta Gamboa.

— Não, meu tenente.

— As respostas da prova, nada mais, nada menos. Que tal? Sabe quem lhe mandou este presente?

— Não, meu tenente.

— Seu anjo da guarda. Sabe quem é?

— Não, meu tenente.

— Sente-se e me entregue a prova. — Gamboa rasga a folha em pedacinhos e larga os pedaços brancos em cima de uma carteira. — O anjo da guarda — acrescenta — tem trinta segundos para se levantar.

Os cadetes se entreolham.

— Já foram 15 — diz Gamboa. — Eu disse trinta segundos.

— Eu, meu tenente — diz uma voz frágil.

Alberto se vira: o Escravo está em pé, muito pálido, não parece perceber as risadas dos outros.

— Nome — diz Gamboa.

— Ricardo Arana.

— Não sabe que as provas são individuais?

— Sim, meu tenente.

— Muito bem — diz Gamboa. — Então sabe também que vai ficar detido sábado e domingo. A vida militar é assim, não se curva a ninguém, nem aos anjos. — Olha o relógio e acrescenta: — Está na hora. Entreguem as provas.

---



### III

Eu estudava no Sáenz Peña e na saída voltava a pé para Bellavista. Às vezes me encontrava com Higuerras, um amigo do meu irmão de antes de meterem o Perico no Exército. Sempre me perguntava: "Tem notícias dele?" "Nada, depois que o mandaram para a selva, nunca mais escreveu." "Que pressa é essa, vamos conversar um pouquinho." Eu queria voltar para Bellavista o mais rápido que pudesse, mas Higuerras era mais velho que eu, fazia um favor me tratando como se fosse da mesma idade. Me levava a um botequim e me dizia: "O que vai ser?" "Não sei, qualquer coisa, o mesmo que você." "Está bem", dizia o magro Higuerras: "China, dois curtos!" E depois me dava uma palmada nas costas: "Não vá se embebedar, hein?" Minha garganta ardia com o pisco, eu lacrimejava. Ele dizia: "Chupe um pouco de limão. Assim fica mais suave. E fume um cigarro." Falávamos de futebol, do colégio, do meu irmão. Contou muitas coisas do Perico, que eu achava pacífico e que era um galo de briga, uma noite chegou a se atracar por uma mulher. Além disso, quem diria, era um homem apaixonado. Quando Higuerras me contou que ele havia emprenhado uma mulher e que quase o casam à força, fiquei mudo. "Isso mesmo", ele me disse, "você tem um sobrinho que deve estar beirando os quatro anos. Você está ficando velho, hein?" Mas eu só conversava um pouco, depois procurava qualquer pretexto para ir embora. Ao entrar em casa, ficava nervoso, que vergonha se minha mãe suspeitasse. Pegava os livros e dizia "vou estar aqui do lado", e ela nem me respondia, mal mexia a cabeça, às vezes nem isso. A casa ao lado era maior que a nossa, mas também muito velha. Antes de tocar a campainha, eu esfregava as mãos até ficarem vermelhas, nem assim paravam de suar. Às vezes era Tere que me abria a porta. Quando a via, eu me animava. Mas quase sempre vinha a tia. Era amiga da minha mãe; não gostava de mim, dizem que, quando era pequeno, eu a estorvava o tempo todo. Fazia que eu entrasse e grunhia: "Estudem na cozinha, tem mais luz." Começávamos a estudar enquanto a tia preparava o

jantar e o recinto se enchia de cheiro de cebola e alho. Tere fazia tudo com muita ordem, dava gosto de ver seus cadernos e livros tão bem-cuidados e sua letra pequena e regular; nunca fazia um borrão, sublinhava todos os títulos com duas cores. Eu dizia "você é uma pintora" para fazê-la rir. Pois ela ria cada vez que eu abria a boca e de um jeito que não há como esquecer. Ria de verdade, com força, batendo palmas. Às vezes eu a encontrava voltando do colégio, e qualquer um notava que era diferente das outras meninas, nunca estava despenteada ou com a mão manchada de tinta. O que eu mais gostava nela era o rosto. Tinha pernas finas e não sei se os seios já apareciam, talvez sim, mas acho que nunca pensei em suas pernas ou seios, só no rosto. À noite, se estava me esfregando na cama e de repente me lembrava dela, eu ficava com vergonha e ia fazer xixi. Mas, em troca, passava o tempo todo pensando em beijá-la. A qualquer hora do dia eu fechava os olhos e a via e nos via, já adultos e casados. Estudávamos todas as tardes, duas horas, às vezes mais, e eu mentia sempre: "Tenho um monte de lição de casa", para que ficássemos um pouco mais na cozinha. Eu dizia: "Se você estiver cansada, eu vou para casa", mas ela nunca estava cansada. Nesse ano, tirei notas altíssimas no colégio e os professores me tratavam bem, me citavam como exemplo, me faziam escrever no quadro-negro, às vezes me nomeavam monitor, e os meninos do Sáenz Peña me chamavam de puxa-saco. Não me dava com meus colegas, conversava com eles durante as aulas, mas na saída eu me despedia logo. Só me juntava com Higuera. Encontrava-o numa esquina da praça Bellavista e, mal me via chegar, ele se aproximava. Nessa época, só queria que dessem cinco horas, e a única coisa que eu odiava eram os domingos. Porque estudávamos mesmo aos sábados, e aos domingos Tere ia com a tia para Lima, para a casa de uns parentes, e eu passava o dia trancado em casa ou ia ao Potao para ver jogar os times da segunda divisão. Minha mãe nunca me dava dinheiro e sempre se queixava da pensão que meu pai deixou ao morrer. "O pior", dizia ela, "é ter servido ao governo por trinta anos. Não há coisa mais ingrata que o governo." A pensão só dava para pagar a casa e a comida. Eu já tinha ido ao cinema umas tantas vezes com os meninos do colégio, mas nesse

ano não pisei num cinema, não fui ao futebol nem a nada. Em troca, no ano seguinte, tinha dinheiro mas estava sempre amargurado quando me punha a pensar como estudava com Tere todas as tardes.

Melhor ainda que a galinha e o nanico foi a história do cinema. Quieta, Malparada, pare com esses dentes. Muito melhor. E isso porque estávamos no quarto ano, tinha passado um ano desde que Gamboa tinha acabado com o Círculo grande, mas o Jaguar continuava dizendo: "Um dia todo mundo volta para o cercado e nós quatro vamos ser os chefes." E foi melhor que antes, porque quando éramos cachorros o Círculo era só da seção e agora era como se todo o ano estivesse no Círculo e na verdade éramos nós que mandávamos e o Jaguar mais que todos. E quando veio a história do cachorro que quebrou o dedo, a gente viu que a seção inteira estava com a gente e nos apoiava. "Sobe a escada, cachorro", dizia o Crespo, "e rápido, senão vai ver." Como olhava o menino, como olhava para a gente. "Meus cadetes, a altura me dá vertigem." O Jaguar se torcia de tanto rir e Cava estava irritado: "Que conversa é essa, cachorro?" Em má hora ele subiu, devia estar morrendo de medo. "Sobe, sobe, moleque", dizia o Crespo. "E agora cante", dizia o Jaguar, "mas feito um artista, mexendo as mãos." Ele estava agarrado feito um macaco, e a escada fazia taque-taque nas lajotas. "E se eu cair, meus cadetes?" "Caiu", eu disse. Aprumou-se, tremendo, e começou a cantar. "Esse vai rachar a cachola", dizia Cava, e o Jaguar se dobrava de tanto rir. Mas a queda não era nada, já saltei de mais alto em exercício de campanha. Por que resolveu se agarrar à pia? "Acho que ele decepou o dedo", dizia o Jaguar, vendo o sangue que jorrava da mão. "Detidos por um mês, no mínimo", dizia o capitão, "todas as noites, até aparecerem os culpados." A seção se comportou bem, e o Jaguar dizia para eles: "Por que não querem entrar no Círculo de novo, se são tão machos assim?" Os cachorros eram muito mansos, isso eles tinham de ruim. Melhor que o batizado, só as brigas com o quinto ano, nem morto vou esquecer esse ano, ainda mais o que aconteceu no cinema. Foi tudo armação

do Jaguar, estava do meu lado e por pouco eu não tomo porrada por ele. Os cachorros tiveram sorte, dessa vez quase nem tocamos neles, de tão ocupados que estávamos com o quinto ano. A vingança é doce, nunca desfrutei tanto como nesse dia no estádio, quando dei de cara com um dos que me tinham batizado quando eu era cachorro. Quase nos expulsaram, mas valia a pena, juro que valia. Os de quarto e de terceiro ano eram brincadeira, a rivalidade de verdade era com os do quinto. Quem ia esquecer o batizado que deram na gente? E sentamos de propósito no cinema entre os do quinto ano e os cachorros. E a história dos gorros também foi invenção do Jaguar. Eu espero chegar um de quinto ano, e quando está a um metro eu levo a mão à cabeça como se fosse prestar continência, ele bate continência e eu tiro o gorro. "Está querendo me tirar o peloslo?" "Não, meu cadete, estou coçando a nuca, estou com muita caspa." Era uma guerra, logo se viu com a história do cabo de guerra e, antes, do cinema. Era inverno mas fazia calor, com aquele teto de zinco e mais de mil caras apertados, a gente sufocava. Não vi a cara dele quando entramos, só ouvi a voz e aposto que era serrano. "Que aperto, tenho bunda demais para pouco banco", dizia o Jaguar, que estava fechando a fila do quarto ano, e o poeta estava cobrando de alguém, "escute, você acha que eu trabalho grátis ou pelos seus belos olhos?", já estava escuro e diziam "fique quieto ou vai ter". Tenho certeza de que o Jaguar não empilhou as lajotas para tirar a visão do outro, era só para ver melhor. Eu estava agachado, riscando um fósforo, e, quando ouvi o de quinto ano, o cigarro caiu e me ajoelhei para pegá-lo e todos começaram a se mexer. "Escute, cadete, tire essas lajotas do seu banco, que eu quero ver o filme." "Está falando comigo, cadete?", perguntei. "Não, com esse aí do seu lado." "Comigo?", disse o Jaguar. "E com quem mais seria?" "Me faça um favor", disse o Jaguar, "fique quieto e me deixe ver esses caubóis." "Não vai tirar essas lajotas?" "Acho que não", disse o Jaguar. E então eu me sentei, parei de procurar o cigarro, quem é que o encontraria. A coisa estava ficando feia, achei melhor apertar o cinto. "Não vai obedecer?", disse o outro. "Não", disse o Jaguar, "por quê?", gostando de tirar peloslo do outro. E então os de trás começaram a

assobiar. O poeta começou a cantar "ai, ai, ai" e toda a seção cantou junto. "Estão rindo de mim?", perguntou o de quinto ano. "Parece que sim, meu cadete", disse o Jaguar. O bicho vai pegar no escuro, isso vai virar lenda, no escuro e no salão nobre, coisa nunca vista. O Jaguar diz que ele foi o primeiro, mas minha memória não me engana. Foi o outro. Ou algum amigo que tomou as dores. E devia estar furioso, ele se atirou feito um animal em cima do Jaguar, meus tímpanos doem só de lembrar a gritaria. Todo mundo se levantou e eu via as sombras em cima de mim e comecei a tomar mais porrada. Do filme eu não lembro nada, tinha acabado de começar. E o poeta, pegaram ele de verdade ou estava gritando só para dar uma de louco? E também se ouviam os gritos do tenente Huarina, "a luz, suboficial, a luz, está surdo?". E os cachorros começaram a gritar "a luz, a luz", não sabiam o que estava acontecendo e pensavam agora os dois anos se aproveitam do escuro e vêm para cima da gente. Os cigarros voavam para todo lado, todos queriam se livrar deles, só faltava ser pego fumando, o milagre é que não teve incêndio. É a zorra, gente, não deixem escapar um, que a revanche é agora. Caramba, não sei como o Jaguar saiu vivo. As sombras passavam e passavam ao meu lado e os pés e as mãos doíam de tanto que eu batia, com certeza peguei uns do quarto ano também, quem ia ver naquela escuridão. "E essa maldita luz, suboficial Varúa", gritava Huarina, "não vê que esses animais estão se matando?" O pau comia de todos os lados, sorte que ninguém se machucou de verdade. E quando acenderam as luzes só se ouviam os apitos. Nem sinal de Huarina, só os tenentes que cuidavam do terceiro e do quinto ano, e os suboficiais. "Fora daqui, caralho, fora daqui", mas quero ver quem saía do lugar. E os animais se empolgaram e começaram a esmurrar às cegas, como é que vou esquecer, se o Rato me deu um direto no peito que me tirou o fôlego. Eu procurava o Jaguar com os olhos, dizia aqui comigo se o pegaram, vão me pagar, mas lá estava ele, lampeiro da vida, dando murros e morrendo de rir, tem mais vidas que os gatos. E, depois, que jeito para fingir, todo mundo é formidável quando se trata de ferrar com os tenentes e os suboficiais, não aconteceu nada, somos todos amigos, não estou sabendo de nada, e o quinto ano também, justiça

seja feita. Então tiraram os cachorros, que estavam apavorados, e depois os de quinto. Ficamos sozinhos no salão nobre e começamos a cantar "ai, ai, ai". "Agora ele engoliu as lajotas que estavam atrapalhando", dizia o Jaguar. E todos começaram a dizer: "O quinto ano está furioso, ficaram de cara no chão na frente dos cachorros, hoje à noite vão invadir o alojamento." Os oficiais andavam de um lado para o outro, pareciam ratos, perguntando: "quem começou a bagunça?", "se não falarem, vão já para o calabouço". Nós nem ouvíamos. Eles vêm para cima, eles vêm para cima, não podemos deixar que nos surpreendam no alojamento, vamos esperar no descampado. O Jaguar estava no armário e todo mundo escutava, como no ano anterior, quando éramos cachorros e o Círculo se reunia no banheiro para planejar as vinganças. A gente precisa se defender, homem prevenido vale por dois, as sentinelas precisam vigiar da pista de desfile e gritar assim que eles chegarem, aí nós saímos. Preparem projéteis, enrolem papel higiênico e segurem firme com a mão, assim o murro parece coice de burro, metam uma lâmina de barbear na ponta do coturno, feito os galos do Coliseo, encham o bolso de pedras, não se esqueçam dos suportes, mais vale cuidar dos bagos do que da alma. Todos obedeciam e o Crespo pulava de cama em cama, até parece que o Círculo voltou, mas agora o ano inteiro está metido na coisa, escutem só, nos outros alojamentos também estão se preparando para a zorra. "Porra, não tem muita pedra", dizia o poeta, "vamos ter que arrancar umas lajotas." E todo mundo oferecia cigarros e se abraçava. Nos deitamos de uniforme, alguns até de sapato. Estão vindo, estão vindo? Quieta, Malparada, pare com esses dentes, maldita. Até a cadela ficou alvoroçada, latindo e pulando, ela que era tão tranquila, vá dormir com a vicunha hoje, Malparada, vou cuidar desses aqui, senão os de quinto vão bater de verdade.

A casa que fica na esquina da segunda quadra da Diego Ferré com a Ocharán tem um grande muro branco, de um metro de altura por dez de comprimento para cada lado. Exatamente no ponto em que os dois lados se fundem há um poste de luz, na beira da

calçada. O poste e o muro paralelo serviam de gol para um dos times, o que ganhava o sorteio; o time perdedor tinha que construir seu próprio gol, 50 metros para lá, na Ocharán, pondo uma pedra ou uma pilha de malhas e casacos perto da calçada. As metas eram da largura da calçada, mas o campo compreendia a rua inteira. Jogavam futebol. Usavam tênis de basquete, como na quadra do Clube Terrazas, e cuidavam que a bola não estivesse muito cheia, para que não fosse muito longe. Geralmente jogavam com a bola no chão, com passes curtos, chutando para o gol bem de perto e sem muita força. Marcavam o campo a giz, mas com poucos minutos de jogo e a passagem dos tênis e da bola, a linha se apagava e havia discussões passionais para saber se um gol era legítimo ou não. A partida transcorria num clima de vigilância e temor. Às vezes, apesar das precauções, não havia como evitar que Pluto ou algum outro destrambelhado chutasse com força ou cabeceasse, e então a bola passava por cima de um dos muros das casas à beira do campo, caía no jardim, esmagava os gerânios e, se vinha com ímpeto, colidia contra uma porta ou janela, caso crítico, e a estremecia ou estilhaçava uma vidraça, e então, abandonando de vez a bola, os jogadores soltavam um alarido e fugiam. Saíam correndo e, na carreira, Pluto ia gritando “estão vindo atrás, estão vindo atrás”. E ninguém olhava para comprovar se era verdade, mas todos aceleravam e repetiam “rápido, estão vindo atrás, estão chamando a polícia”, e era nesse momento que Alberto, à frente dos corredores, meio sufocado pelo esforço, gritava: “O barranco, o barranco!” E todos o seguiam, dizendo “o barranco, o barranco”, e ele sentia ao redor a respiração ofegante dos amigos, a de Pluto, desmesurada e animal; a de Tico, breve e constante; a do Bebê, cada vez mais distante porque não era muito ligeiro; a de Emilio, uma respiração serena, de atleta que mede cientificamente o esforço e sabe pegar o ar pelo nariz e soltar pela boca, e ao lado a de Paco, de Sorbino, de todos os outros, um ruído surdo, vital, que o envolvia e lhe dava ânimo para continuar acelerando pela segunda quadra da Diego Ferré e chegar à esquina com a Colón e dobrar à direita, rente ao muro, para tirar vantagem da curva. Daí em diante a corrida ficava mais fácil, porque a Colón é uma ladeira, mas também porque se

viam, a menos de uma quadra, os tijolos vermelhos do Malecón e, acima deles, confundindo-se com o horizonte, o mar cinzento, que logo alcançariam. Os meninos do bairro riam de Alberto porque, sempre que se deitavam no pequeno triângulo de grama da casa de Pluto para traçar planos, apressava-se a dizer: “Vamos para o barranco.” As excursões ao barranco eram longas e árduas. Pulavam o muro de tijolos na altura da Colón, preparavam a descida numa pequena esplanada de terra, contemplando com olhos graves e experientes a dentadura vertical do alcantilado, e discutiam o caminho a seguir, registrando de cima os obstáculos que os separavam da praia pedregosa. Alberto era o estrategista mais apaixonado. Sem deixar de observar o precipício, indicava o itinerário com frases curtas, imitando os gestos e trejeitos dos heróis dos filmes: “Por ali, primeiro essa pedra coberta de penas, que é maciça; dali basta saltar um metro, primeiro para as pedras pretas, que são planas; vai ser mais fácil, do outro lado vamos escorregar no musgo, por aqui chegamos naquela prainha que a gente ainda não conhece.” Se alguém fazia objeções (Emilio, por exemplo, que tinha vocação de chefe), Alberto defendia sua tese com fervor; o bairro se dividia em dois bandos. Eram discussões vibrantes, que esquentavam as manhãs úmidas de Miraflores. Atrás deles, uma linha ininterrupta de veículos passava pelo Malecón; às vezes, um passageiro punha a cabeça para fora da janela e espiava; se era um menino, os olhos se enchiam de inveja. O ponto de vista de Alberto costumava prevalecer, porque ele punha nessas discussões um empenho e uma convicção que cansavam os demais. Desciam bem devagar, sem mais sinal de polêmica, unidos numa fraternidade completa que transparecia nos rostos, nos sorrisos, nas palavras de ânimo que trocavam entre si. Cada vez que um vencia um obstáculo ou dava um salto arriscado, os outros aplaudiam. O tempo transcorria lentíssimo e carregado de tensão. À medida que se aproximavam do objetivo, ficavam mais audazes; percebiam já bem perto aquele ruído peculiar que à noite chegava até suas camas miraflores e que agora era um estrondo de água e pedras, sentiam nas narinas aquele cheiro de sal e conchas limpíssimas, e logo estavam na praia, um leque minúsculo entre a escarpa e o mar,



onde ficavam apinhados, zombando, rindo das dificuldades da descida, fingindo que se empurravam, numa algazarra tremenda. Quando a manhã não era de muito frio e quando se tratava de uma dessas tardes em que inesperadamente um sol morno aparece no céu cinzento, Alberto tirava os sapatos e as meias e, animado pelos gritos dos outros, de calças enroladas acima dos joelhos, pulava para a praia, sentia nas pernas a água fria e a superfície polida das pedras e dali, segurando as calças com uma das mãos, com a outra jogava água nos meninos, que se protegiam até tirarem os sapatos também e iam a seu encontro e o molhavam, e começava a batalha. Mais tarde, molhados até os ossos, voltavam a se reunir na praia e, deitados nas pedras, discutiam a volta. A subida era penosa e extenuante. Ao chegar ao bairro, largavam-se no jardim de Pluto, fumando Viceroy's comprados no botequim da esquina, junto com pastilhas de menta para tirar o cheiro de cigarro.

Quando não jogavam futebol, nem desciam o barranco, nem disputavam a volta ciclística do quarteirão, iam ao cinema. Aos sábados, costumavam ir em grupo às matinês do Excelsior ou do Ricardo Palma, em geral para a galeria superior. Sentavam-se na primeira fileira, faziam arruaça, jogavam fósforos acesos na plateia e comentavam aos berros os incidentes do filme. Os domingos eram diferentes. Pela manhã, iam à missa do Colégio Champagnat de Miraflores; só Emilio e Alberto estudavam em Lima. Em geral, reuniam-se às dez da manhã no Parque Central, ainda de uniforme, e sentados num banco passavam em revista as pessoas que entravam na igreja ou travavam pugilatos verbais com os meninos de outros bairros. À tarde, iam ao cinema, dessa vez na plateia, bem-vestidos e penteados, meio sufocados pelas camisas de gola engomada e pelas gravatas que suas famílias os obrigavam a usar. Alguns precisavam acompanhar as irmãs; os outros iam atrás pela avenida Larco, chamando-os babás e maricas. As meninas do bairro, em igual número, também formavam um grupo compacto, furiosamente inimigo do grupo masculino. Havia uma luta perpétua entre ambos. Quando estavam reunidos e viam uma das meninas, chegavam correndo e lhe embaraçavam os cabelos até que começasse a chorar e riam do irmão, que protestava: "Agora ela vai

contar para o meu pai e eu vou levar castigo porque não a defendi.” E, em revanche, quando um deles aparecia sozinho, as meninas mostravam a língua e davam apelidos e ele precisava suportar o ultraje, a cara vermelha de vergonha, sem apressar o passo, para mostrar que não era um covarde que morre de medo das mulheres.

Mas não vieram, culpa dos oficiais, com certeza. Achamos que eram eles e pulamos da cama, mas as sentinelas nos seguraram: “Fiquem quietos, que são os soldados.” Acordaram os serranos à meia-noite e os mandaram para a pista de desfile, armados até os dentes, como se fossem para a guerra, e também os tenentes e os suboficiais estavam farejando a coisa. Mas os outros quiseram vir, soubemos depois que passaram a noite inteira se preparando, dizem até que tinham fundas e coquetéis de amoníaco. Como xingamos a mãe dos soldados, ficaram furiosos e mostraram as baionetas. Dessa ele não vai se esquecer nunca, dizem que o coronel quase bateu nele, vai ver que bateu mesmo, “Huarina, você é uma besta”, acabamos com ele na frente do ministro, na frente dos embaixadores, dizem que ele quase chorou. Tudo teria ficado por isso mesmo, se no dia seguinte não houvesse a tal festa, bem-feito, coronel, quem mandou ficar exibindo a gente feito macacos, evoluções com armas na frente do arcebispo e almoço de confraternização, ginástica e saltos na frente dos generais e almoço de confraternização, desfile com uniforme de parada e discursos, e almoço de confraternização com os embaixadores, bem-feito, bem-feito. Todo mundo sabia que alguma coisa ia acontecer, estava no ar, o Jaguar dizia: “Agora no estádio temos que vencer todas, não podemos perder nenhuma, vamos deixá-los a zero, na corrida de sacos e na corrida de fundo, em tudo.” Mas não aconteceu quase nada, a coisa começou mesmo com o cabo de guerra, os braços ainda estão doendo de tanto puxar, como gritavam “dá-lhe, Jiboia”, “vá firme, Jiboia”, “força, força”, “boa, boa”. E de manhã, antes do café-da-manhã, vinham falar com Urioste, com o Jaguar e comigo e diziam “não desistam, não voltem atrás, é pela seção”. O único que nem suspeitava era o Huarina, o bestalhão. Mas o Rato estava

farejando: "Nada de fazer besteira na frente do coronel e nada de gracinhas, sou baixinho mas cansei de ganhar campeonatos de judô." Quieta, Malparada, que dente maldito, Malparadinha. E estava cheio de gente, os soldados trouxeram cadeiras do rancho, não sei bem se foi dessa vez, mas vamos dizer que estava cheio de gente, impossível distinguir o general Mendoza no meio de tanto uniforme. O que tem mais medalhas, mas vou começar a rir só de lembrar o microfone, o cúmulo do azar, como nos divertimos, vou fazer xixi de tanto rir, se o Gamboa estivesse aqui, vou me acabar de rir só de lembrar a história do microfone. Mas quem podia saber que seria tão sério, e os de quinto fuzilando a gente com os olhos e mexendo a boca para xingar a mãe. E nós começamos a xingar a mãe também, baixinho, devagar, Malparada. Prontos, cadetes? Atenção ao apito. "Exercícios com armas, sem voz de comando", dizia o microfone, "mudança de direção e passo", "ordinário, marche!". E agora os exercícios na barra, espero que tenham se lavado, seus fedorentos. Um, dois, três, acelerado, continência. Esse nanico é bom na barra, quase não tem músculos mas é ágil. Também não se via o coronel, mas que falta faz, esse eu conheço de memória, para que tanta brilhantina com aqueles peloslos, que conversa é essa de porte militar, só de pensar no coronel, se ele afrouxasse o cinturão a pança despencava, eu queria só ver. Acho que ele só gosta mesmo dessas exposições e desfiles, olhem os meus meninos, como estão iguaizinhos, tataratá, começou o circo, agora é a vez dos meus cachorros amestrados, as pulgas, as elefantas equilibristas, tataratá. Com uma vozinha daquelas, eu fumava o tempo todo para ficar rouco, aquilo não é voz de militar. Nunca o vi numa campanha, não dá para imaginá-lo numa trincheira, mas tome desfile, a terceira fila está torta, cadetes, mais atenção, oficiais, falta harmonia nos movimentos, ar marcial e compostura, bestalhão, a cara que deve ter feito na hora do cabo de guerra. Dizem que o ministro suava e dizia ao coronel: "Esses putos ficaram doidos ou o quê?" Estávamos cara a cara, o quarto e o quinto, no meio o campo de futebol. Sentados como estavam, eles se mexiam feito cobras, e do outro lado os cachorros, olhando sem entender nada, esperem um pouco e vão ver o que é bom para a tosse. Huarina não saía de perto e

dizia "que tal, vão dar conta ou não vão?". "Pode me deter o resto do ano se a gente não ganhar", respondeu o Jaguar. Mas eu não estava assim tão certo, eles bem que tinham uns animais, Gambarina, o Risonho, o Carneiro, uns tremendos animais. Meus braços doíam antes de começar, de nervoso que eu estava. "O Jaguar na frente", gritavam da arquibancada e também "Jiboia, agora é com você". A turma da seção começou a cantar "ai, ai, ai", e o Huarina ria, até que notou que era para pegar os do quinto ano e começou a ficar fulo: "Seus animais, que história é essa, olhem o general Mendoza ali, o embaixador, o coronel, que história é essa", a baba saía pelos olhos. Eu morro de rir só de pensar no coronel dizendo que "o cabo de guerra não é uma questão de músculos, mas de inteligência e astúcia, de estratégia comum, não é fácil harmonizar o esforço", é para morrer de rir. Os rapazes nos aplaudiram como nunca, só não se emociona quem não tiver coração. Os do quinto ano já estavam no campo, de macacão preto, foram aplaudidos também. Um tenente traçava a linha e parecia que estávamos no meio da competição, a torcida berrava: "Quarto, quarto", "Um, dois, três, o quinto é freguês!", "Não tem pra ninguém, o quarto é nota cem!". "E você, está gritando por quê?", me disse o Jaguar. "Quer se cansar antes?", mas era tão emocionante: "Puxa daqui, puxa de lá, o quarto vai levar!" "Agora quero ver", disse Huarina. "Comportem-se bem e honrem o seu ano, rapazes", nem suspeitava o que vinha pela frente. Vamos, gente, o Jaguar vai na frente, dá-lhe, dá-lhe, Urioste, é isso aí, Jiboia, força, força, Rojas, Torres, puxe, homem, Torres, Riofrío, Pallasta, Pestana, Cuevas, Zapata, força, força, melhor morrer que desistir. Corram sem abrir a boca, a tribuna está pertinho, vamos ver a cara do tal general, não se esqueçam de levantar o braço quando o Torres disser três. Veio mais gente do que se esperava, e quanto militar, devem ser ajudantes do ministro, queria ver a cara dos embaixadores, como aplaudem, e nem começamos. Agora, sim, meia-volta, o tenente deve estar com a corda pronta, queira Deus que ele tenha feito os nós direitinho, olhem só a cara brava do quinto ano, assim eu tremo de medo, alto. "Puxa daqui, puxa de lá!" E então o Gambarina chegou mais perto e disse, sem dar bola para

o tenente que esticava a corda e contava os nós: "Querem dar uma de espertos, não é? Cuidado para não perder os bagos." "E a mãe, vai bem?", perguntou o Jaguar. "Depois nós dois conversamos", disse Gambarina. "Basta de conversa", disse o tenente, "os capitães aqui na frente, alinhem-se, comecem a puxar depois do apito, basta um passar da linha inimiga e está acabado. A vitória será por dois pontos de diferença. E não me venham com reclamação, que comigo não tem trapaça." Ginástica e mais ginástica e saltos com a boca fechada, caramba, a torcida está gritando Jiboia, Jiboia, mais que Jaguar, ou estou ficando doido, que demora para apitar. "Todo mundo pronto, rapaziada", disse o Jaguar, "enterrem a alma no chão." E o Gambarina largou a corda e mostrou o punho fechado, estavam se achando os maiorais, é claro que iam perder. E o que dava mais ânimo era a rapaziada, aqueles gritos me entravam no cérebro, nos braços e me davam uma força tremenda, irmãos, um, dois, três, papai do céu, meu Deus, meu santinho, quatro, cinco, a corda parece uma cobra, eu já sabia que os nós não eram grossos como deviam, as mãos, cinco, seis, escorregam, sete, eu estou maluco ou estamos ganhando, nem vi meu peito, macho que é macho tem que suar assim, nove, força, força, um segundinho mais, rapazes, força, força, o apito, puta merda. Os do quinto ano começaram a berrar, "trapaça, tenente, trapaça, nem cruzamos a linha", urra, o quarto ano inteiro se levantou, jogaram os gorros para cima, é um mar de gorros, é isso mesmo?, estão gritando Jiboia?, cantam, choram, gritam, viva o Peru, morra o quinto, não me venham com essa cara de malvados, assim eu morro de rir, puxa daqui, puxa de lá. "Não comecem com a choradeira", disse o tenente, "um a zero para o quarto ano. Preparem-se para a segunda." Força, companheiros, vejam só a torcida do quarto ano, vamos rugir de verdade, quero ver você, Cava, Crespo, gritem que isso esquentar os músculos, estou suando feito cachorro velho, não escape, cobrinha, fique quieta e não me morda, Malparada. O pior são os pés, escorregam feito patins na grama, acho que eu vou me quebrar, vão rebentar as veias do pescoço, quem é que está afrouxando, não se agache, mas quem é o traidor que está soltando, apertem a cobra, força, pensem no nosso ano, quatro, três, força, e

o que deu na torcida?, que merda, Jaguar, empataram. Mas tiveram trabalho, caíram de joelhos e se jogaram no chão de braços abertos, respiravam feito animais e suavam. "Entrem em forma", disse o tenente, "e deixem de fita, parecem mulheres." E então começaram a nos insultar para baixar o moral. "Vocês já eram", "vamos pegar vocês, promessa é dívida", "fechem o bico ou vai ser aqui mesmo". "Seus cretinos", dizia o tenente, "a tribuna está ouvindo tudo, vão me pagar caro." Foi então que a coisa ficou preta, era a mãe daqui, a mãe de lá. Foi um desaforo geral, todo mundo começou a rugir de pescoço inchado e veia saltada. "Quarto, quarto, quarto!", "Não tem pra ninguém, o quarto é nota cem!", era dar um puxão e esfregar o focinho no chão. O Jaguar disse: "Eles vêm para cima, não querem nem saber se a tribuna está cheia de generais. Vai ser a zorra do século. Viram como o Gambarina está me olhando?" Os palavrões das torcidas voavam sobre o campo, de longe se via o Huarina correndo para todo canto, o coronel e o ministro estão ouvindo tudo, chefes de turma, anotem quatro, cinco, dez por seção e mandem para a detenção, um mês inteiro, dois. Puxem, rapazes, é o último esforço, vamos ver quem aqui tem peloslo no peito e colhão no lugar. Estávamos puxando quando vi a mancha, uma mancha parda enorme que vinha descendo pela arquibancada do quinto ano, uma manchinha que vinha crescendo, uma mancha enorme, "é o quinto ano", o Jaguar começou a gritar, "vamos nos defender, rapaziada", quando o Gambarina soltou a cobra e os outros do quinto ano que estavam puxando caíram de bruços e cruzaram a linha, ganhamos, gritei, e o Jaguar e o Gambarina se atracaram no chão e Urioste e Zapata passaram por mim com a língua para fora e começaram a esmurrar os do quinto ano, a mancha crescia e crescia, e então o Pallasta tirou a camiseta e começou a acenar para a arquibancada do quarto ano, venham que eles querem linchar, e o tenente tentava separar o Jaguar e o Gambarina sem ver a onda que vinha por trás, seus malditos, não veem o coronel ali?, e outra mancha que vinha descendo, são os nossos, todo o quarto ano era do Círculo, onde se meteu o índio do Cava, Crespo, vamos nessa, todo mundo voltou e agora somos os chefes. E de repente a vozinha do oficial, oficiais, oficiais, acabem com este escândalo, que humilhação para o colégio,

e nisso eu vejo a cara do sujeito que me batizou, olhando para mim com o focinho inchado, espere só, compadre, vamos acertar uma conta, se meu irmão me visse, ele, que não suportava os serranos, aquele focinho de serrano apavorado, e de repente mandaram ver em cima da gente, os oficiais e suboficiais tiraram o cinto e dizem que até vieram uns oficiais que estavam na tribuna como convidados e também tiraram o cinto, não tinham nada a ver, o sujeito tem que ter coragem, em mim eu acho que não acertaram com o couro, foi com a fivela mesmo, estou com as costas raladas de tanto levar. "É um complô, general, mas serei implacável", "que complô porra nenhuma, faça alguma coisa para esses merdas pararem de brigar", "meu coronel, abaixe o braço que o microfone está ligado", apito e chicote, é um tenente atrás do outro, eu nem vejo, as chicotadas no lombo ardiam e o Jaguar e o Gambarina pareciam dois polvos rolando pelo chão. Mas tivemos sorte, Malparada, tire o dente, sarnenta. Quando entramos em formação, o corpo começou a arder e me deu um cansaço que eu queria me deitar ali mesmo no campo e descansar. E ninguém falava, aquele silêncio parecia de mentira, o peito subindo e descendo, quem ia pensar na próxima saída, juro que só queria me deitar na cama e fazer uma sesta. Agora, sim, estamos ferrados, o ministro vai meter a gente na detenção até o fim do ano, mas o melhor era a cara dos cachorros, não tinham feito nada, por que estavam com aquela cara de susto?, vão para casa e não se esqueçam do que viram, quem estava apavorado mesmo eram os tenentes, o Huarina estava amarelo, vá se olhar no espelho e vai ficar com pena, e o Crespo disse ao meu lado: "Será que o general Mendoza é aquele gordo junto da mulher de azul? Eu achava que ele era da infantaria, mas o veado deve ser artilheiro, está de insígnias vermelhas." Mais um pouco e o coronel engolia o microfone, não sabia por onde começar e berrava "cadetes" e parava e dizia de novo "cadetes" e a voz falhava, aí eu comecei a rir, cacete, e todo mundo duro e teso, morrendo de medo. Sabe o que ele disse, Malparada? Quer dizer, além de repetir "cadetes, cadetes, cadetes"? Mais tarde acertamos isso, apenas algumas palavras para pedir desculpas em nome de todos, de vocês, dos oficiais, em meu próprio nome, nossas mais humildes desculpas, e a mulher ganhou uns

cinco minutos de aplausos, parece que começou a chorar de emoção quando viu que arreventamos as mãos de tanto bater palmas e começou a mandar beijos para todo mundo, pena que estava tão longe, não dava para ver se era feia ou bonita, velha ou jovem. E você, Malparada, não ficou de peloslo em pé quando ouviu: "o terceiro ano pode ir vestir o uniforme, o quarto e o quinto ficam"? Sabe por que ninguém se mexeu, cadelinha, nem os oficiais, nem os chefes de turma, nem os convidados, nem os cachorros? Porque o diabo existe. Foi então que ela se levantou: "coronel", "minha senhora", todos se remexiam, mas o que está acontecendo, "eu lhe peço, coronel", "senhora embaixadora, não tenho palavras", "desliguem o microfone", "coronel, eu suplico", quanto tempo foi isso, Malparada? Tempo nenhum, todo mundo de olho no gordo e no microfone e na mulher, falavam juntos, e aí vimos que era gringa, "o senhor faria isso por mim, coronel?", todo mundo quieto e todo mundo em formação. "Cadetes, cadetes, vamos esquecer este vexame, que não se repita nunca mais, a infinita bondade da senhora embaixadora", dizem que depois o Gamboa disse: "Que vergonha, nem que isto fosse colégio de freira, mulher dando ordem em quartel", e agradeçam à digníssima, ninguém consegue imitar o aplauso do colégio, uma locomotiva partindo devagar, pá, um dois três quatro cinco, pá, um dois três quatro, pá, um dois três, pá, um dois, pá, um, pá-pá-páááá, e de novo e depois, pá-pá-pá, e de novo, os do Guadalupe ficavam furiosos com a nossa torcida no campeonato de atletismo, e nós, pá-pá-pá, e um grito de guerra para a embaixadora, até os cachorros começaram a aplaudir e os suboficiais e os tenentes, não parem, continuem, pá-pá-pá, e não tirem os olhos do coronel, a embaixadora e o ministro estão indo embora, ele vai fechar a cara e vai dizer estavam se achando espertos, mas vou varrer o colégio com vocês, mas começou a rir, e o general Mendoza, e os embaixadores e os oficiais e os convidados, pá-pá-pá, como a gente é bonzinho, não é, mamãe, não é, papai, pá-pá-pá, somos cem por cento Leoncio Prado, viva o Peru, cadetes, algum dia a pátria há de chamá-los e lá estaremos, alto o pensamento, firme o coração, "onde está o Gambarina, quero dar um beijo naquela boca", dizia o Jaguar, "se é que está vivo depois de



tanta porrada que tomou”, a mulher está chorando com os aplausos, Malparada, a vida no colégio é dura e sacrificada mas tem lá suas compensações, pena que o Círculo não fosse mais a mesma coisa, eu sentia o coração batendo forte quando os trinta se reuniam no banheiro, o diabo sempre mete o rabo onde não deve, imagine se todo mundo se ferra por causa do serrano Cava, se dão baixa nele e em todo mundo por conta daquela porcaria de vidraça, mãe do céu, Malparada, não meta os dentes, sua cadela.

Também esqueceu os dias seguintes, monótonos e humilhantes. Levantava cedo, o corpo dolorido por causa da insônia, e vagava pelos cômodos da casa estranha, ainda sem mobília completa. Numa espécie de água-furtada construída no terraço, encontrou pilhas de jornais e revistas, que folheava distraidamente por manhãs e tardes inteiras. Esquivava-se dos pais e respondia apenas com monossílabos. “O que achou do papai?”, sua mãe perguntou certo dia. “Nada”, disse ele, “não acho nada.” E outro dia: “Está feliz, Richi?” “Não.” Um dia depois de chegar a Lima, o pai veio até a cama e, sorrindo, aproximou o rosto. “Bom dia”, disse Ricardo, sem se mover. Uma sombra cruzou os olhos do pai. Nesse mesmo dia, começou uma guerra invisível. Ricardo não saía da cama até sentir que o pai fechava a porta da rua atrás de si. Ao encontrá-lo na hora do almoço, dizia rapidamente “bom dia” e corria para a água-furtada. Algumas tardes, levavam-no para passear. Sozinho no banco de trás do carro, Ricardo fingia um interesse desmedido pelos parques, avenidas e praças. Não abria a boca, mas espreitava tudo que seus pais diziam. Às vezes, escapava-lhe o significado de certas alusões: nessa noite, a insônia tornava-se febril. Não se deixava surpreender. Quando se dirigiam inesperadamente a ele, respondia: “O quê, o quê?” Certa noite, ouviu que falavam dele no quarto ao lado. “Ele só tem oito anos”, dizia a mãe, “vai se acostumar.” “Já teve tempo de sobra”, respondia o pai, e a voz era diferente: seca e cortante. “Ele não conhecia você”, insistia a mãe; “é uma questão de tempo.” “Você não educou direito esse menino”, dizia ele, “a culpa é sua. Parece uma menina.” Depois as vozes se perderam num

murmúrio. Alguns dias mais tarde, o coração quase parou: os pais adotavam uma atitude misteriosa, as conversas eram enigmáticas. Incrementou o esforço de espionagem; não deixava passar o menor gesto, ação ou olhar. Mesmo assim, não conseguiu decifrar o enigma. Certa manhã, a mãe lhe disse enquanto o abraçava: "E se você ganhasse uma irmãzinha?" Ele pensou: "Se eu me matar, a culpa vai ser deles e vão parar no inferno." Eram os últimos dias de verão. O coração enchia-se de impaciência; em abril, eles o mandariam para o colégio, estaria fora de casa boa parte do dia. Uma tarde, depois de muito meditar na água-furtada, foi atrás da mãe e perguntou: "Vocês não podem me pôr no internato?" Falou com uma voz que julgava natural, mas a mãe o fitava com os olhos marejados. Ele meteu as mãos nos bolsos e acrescentou: "Não gosto de estudar, a tia Adelina já dizia lá em Chiclayo. O papai não vai gostar. Nos internatos eles forçam todo mundo a estudar." A mãe o devorava com os olhos e ele se sentia confuso. "E quem vai ficar com a mamãe?" "Ela", respondeu Ricardo, sem vacilar, "a minha irmãzinha." A angústia esvaiu-se do rosto da mãe, agora os olhos pareciam abatidos. "Você não vai ganhar uma irmãzinha", disse, "eu tinha me esquecido de contar." Passou o dia inteiro pensando se tinha se comportado mal; torturava-o a ideia de que tinha se traído. Nessa noite, na cama, os olhos arregalados, estudou os modos de retificar o erro: reduziria a um mínimo as palavras que trocava com eles, passaria mais tempo na água-furtada, e estava nisso quando foi distraído pelo barulho que vinha crescendo, e logo o quarto era tomado por uma voz trovejante e por um vocabulário que jamais ouvira. Sentiu medo e parou de pensar. As injúrias chegavam até ele com pavorosa nitidez e, aqui e ali, perdida entre os gritos e os insultos masculinos, distinguia a voz da mãe, débil, suplicante. Depois o barulho parou por alguns segundos, veio um estalo sibilante e, quando a mãe gritou: "Richi!", ele já estava em pé, corria até a porta, abria e irrompia no outro quarto gritando: "Não bata na minha mãe!" Chegou a ver a mãe de camisola, o rosto deformado pela luz indireta da lâmpada, e a escutou balbuciar alguma coisa, mas então surgiu diante de seus olhos um grande vulto branco. Pensou: "Está nu", e sentiu pânico. O pai bateu com a mão aberta e

ele despencou sem gritar. Mas levantou-se de imediato: tudo começou a girar lentamente. Ia dizer que nunca tinham batido nele, que não era possível, mas antes que falasse o pai bateu de novo e ele tornou a cair no chão. Dali viu, num lento redemoinho, a mãe, que pulava da cama, e o pai, que a detinha no meio do caminho e a empurrava facilmente de volta, e então o viu dar meia-volta e avançar contra ele, vociferando, e sentiu-se erguido no ar e logo estava de volta a seu quarto, no escuro, e o homem cujo corpo destacava-se no negrume voltou a lhe bater na cara, e ainda conseguiu ver que o homem se interpunha entre ele e a mãe, que entrava pela porta, agarrava-a pelo braço e a arrastava como se fosse de pano, e então a porta se fechou e ele mergulhou num pesadelo vertiginoso.

---

## IV

Desceu do ônibus na parada de Alcanfores e percorreu a passos largos as três quadras até sua casa. Ao atravessar uma rua, viu um grupo de garotos. Uma voz irônica perguntou: “Tem chocolate?” Os outros riram. Anos antes, ele e os meninos do bairro também gritavam “chocolate!” para os cadetes do Colégio Militar. O céu estava cinzento, mas não fazia frio. A quinta de Alcanfores parecia deserta. A mãe abriu a porta e lhe deu um beijo.

— Chegou tarde — disse. — O que aconteceu, Alberto?

— Os bondes de Callao estão sempre lotados, mãe. E só passam de meia em meia hora.

A mãe pegara a maleta e o quepe e o seguia rumo ao quarto. A casa era pequena, térrea, e brilhava de tão limpa. Alberto tirou a túnica e a gravata; jogou-as sobre uma cadeira. A mãe as levantou e dobrou cuidadosamente.

— Quer almoçar logo?

— Vou tomar banho antes.

— Sentiu saudade?

— Muita, mãe.

Alberto tirou a camisa. Antes de tirar as calças, vestiu o roupão: a mãe não o via nu desde que era cadete.

— Vou passar o uniforme. Está cheio de terra.

— Está bem — disse Alberto. Calçou os chinelos. Abriu a gaveta da cômoda, tirou uma camisa de colarinho, cueca, meias. Depois, junto ao criado-mudo, um par de sapatos pretos reluzentes.

— Lustrei hoje de manhã — disse a mãe.

— Vai estragar as mãos. Você não devia fazer essas coisas, mãe.

— E quem quer saber das minhas mãos? — disse ela, suspirando. — Sou uma pobre mulher abandonada.

— Hoje de manhã tive uma prova bem difícil — interrompeu Alberto. — Fui mal.

— Ah. Quer que eu encha a banheira?

— Não, prefiro o chuveiro.

— Muito bem. Vou preparar o almoço.

Deu meia-volta e avançou até a porta.

— Mãe.

Ela parou na soleira. Era baixa, de pele muito branca, olhos fundos e lânguidos. Estava sem maquiagem e com os cabelos em desalinho. Usava um avental velho por cima da saia. Alberto recordou uma época relativamente próxima: a mãe passava horas diante do espelho, escondendo as rugas com maquiagem, realçando os olhos, empoando-se; ia todas as tardes ao cabeleireiro e, quando resolvia sair, a escolha do vestido precipitava uma crise de nervos. É uma outra pessoa desde que o pai de Alberto foi embora.

— Não viu o papai?

Ela voltou a suspirar e corou.

— Imagine só, veio na terça-feira — disse. — Abri a porta sem saber quem era. Perdeu a vergonha, Alberto, você não faz ideia de como ele está. Quer que você vá visitá-lo. Me ofereceu dinheiro de novo. Quer me matar de desgosto. — Remexeu as pálpebras e baixou a voz. — Você precisa se resignar, filho.

— Vou tomar um banho. Estou imundo.

Passou pela mãe e acariciou seus cabelos, pensando: “Vamos ficar sem um tostão.” Ficou um bom tempo embaixo do chuveiro; depois de se ensaboar minuciosamente, esfregou o corpo com as duas mãos e alternou várias vezes a água quente e fria. “Até parece ressaca”, pensou. Vestiu-se. Como em outros sábados, as roupas de civil lhe pareceram estranhas, suaves demais; tinha a impressão de estar nu: a pele pedia o contato áspero do brim. A mãe o esperava na sala de jantar. Almoçou em silêncio. Sempre que terminava um pedaço de pão, a mãe oferecia ansiosamente o cesto.

— Vai sair?

— Vou, mãe. Dar um recado por um colega detido. Volto já.

A mãe abriu e fechou os olhos várias vezes e Alberto teve medo que começasse a chorar.

— Quase nunca vejo você — disse ela. — Quando sai, você passa o dia na rua. Não tem pena da sua mãe?

— É só uma hora, mãe — disse Alberto, contrariado. — Até menos.

Sentara-se à mesa com fome, e agora a refeição parecia interminável e insípida. Sonhava a semana inteira com a saída, mas bastava entrar em casa e já se irritava: as atenções constrangedoras da mãe eram tão mortificantes quanto a detenção. Além disso, era uma situação nova, e ele custava a se acostumar. Antes, ela o mandava para a rua com o pretexto que fosse, para ficar à vontade com as amigas que vinham toda tarde jogar canastra. Agora, ao contrário, aferrava-se a ele, exigia que Alberto lhe dedicasse todo o tempo livre e a escutasse lamentar horas a fio o seu destino trágico. Volta e meia caía em transe: invocava Deus e rezava em voz alta. Porque nisso também tinha mudado. Antes, esquecia a missa com frequência, e Alberto a surpreendera muitas vezes cochichando com as amigas contra os padres e as beatas. Agora ia à igreja quase todo dia, tinha um guia espiritual, um jesuíta a que chamava “homem santo”, comparecia a todo tipo de novena e, um sábado, Alberto descobriu em seu criado-mudo uma biografia de Santa Rosa de Lima. A mãe tirava os pratos e recolhia com a mão algumas migalhas de pão espalhadas sobre a mesa.

— Volto antes das cinco — disse ele.

— Não demore, filhinho — respondeu ela. — Vou comprar biscoitos para o chá.

A mulher era gorda, sebenta e suja; os cabelos lisos caíam a cada instante sobre a testa; ela os jogava para trás com a mão esquerda e aproveitava para coçar a cabeça. Na outra mão, segurava um papelão quadrado para abanar a chama vacilante; o carvão ficava úmido à noite e, quando era aceso, soltava fumaça: as paredes da cozinha estavam enegrecidas, e o rosto da mulher, manchado pelas cinzas. “Vou acabar cega”, murmurou. A fumaça e as faíscas enchiam seus olhos de lágrimas; estava sempre de pálpebras inchadas.

— O que foi? — perguntou Teresa, do outro cômodo.

— Nada — resmungou a mulher, inclinando-se sobre a panela: a sopa ainda não estava fervendo.

— O quê? — perguntou a moça.

— Está surda? Eu disse que vou acabar cega.

— Quer que eu ajude?

— Você não sabe — disse a mulher, seca; agora removia a panela com uma das mãos e limpava o nariz com a outra. — Você não sabe fazer nada. Nem cozinhar, nem costurar, nem nada. Pobre de você.

Teresa não respondeu. Acabara de chegar do trabalho e estava arrumando a casa. A tia se encarregava durante a semana, mas aos sábados e domingos era a vez dela. Não era uma tarefa excessiva; a casa tinha apenas dois cômodos, além da cozinha: um quarto de dormir e um outro que fazia as vezes de sala, sala de jantar e oficina de costura. Era uma casa velha e raquítica, quase sem móveis.

— Hoje à tarde você vai ver seus tios — disse a mulher. — Quem sabe não vão ser miseráveis feito mês passado.

Algumas bolhas começaram a agitar a superfície da panela: as pupilas da mulher se acenderam.

— Vou amanhã — disse Teresa. — Hoje não posso.

— Não pode?

A mulher agitava freneticamente o papelão que servia de leque.

— Não. Tenho um compromisso.

O papelão ficou imóvel no ar e a mulher ergueu a vista. A distração durou alguns segundos; reagiu e voltou a cuidar do fogo.

— Um compromisso?

— É. — A moça tinha parado de varrer e mantinha a vassoura a poucos centímetros do chão. — Me convidaram para ir ao cinema.

— Ao cinema? Quem?

A sopa estava fervendo. A mulher parecia tê-la esquecido. Voltada para o cômodo, esperava a resposta de Teresa, os cabelos cobrindo a testa, imóvel e ansiosa.

— Quem convidou? — repetiu. E começou a abanar o rosto, toda afobada.

— Esse rapaz que mora na esquina — disse Teresa, apoiando a vassoura no chão.

— Qual esquina?

— O sobrado de azulejos. Ele se chama Arana.

— É assim que se chama? Arana?



— Isso.

— Esse rapaz que anda de uniforme? — insistiu a mulher.

— Sim, está no Colégio Militar. Vem me buscar às seis.

A mulher se aproximou de Teresa. Os olhos protuberantes estavam bem abertos.

— São gente de boa família — disse. — Bem-vestida. Têm um carro.

— Sim — disse Teresa. — Um carro azul.

— Entrou no carro? — a mulher perguntou com veemência.

— Não. Só conversei uma vez com ele, faz duas semanas. Ele vinha no domingo passado, mas não pôde. Mandou uma carta.

Subitamente, a mulher deu meia-volta e correu para a cozinha. O fogo se apagara, mas a sopa continuava fervendo.

— Você vai fazer 17 anos — disse a mulher, recomeçando o combate contra os cabelos rebeldes. — Mas você parece que não percebe. Vou acabar cega e vamos morrer de fome se você não fizer alguma coisa. Não deixe escapar esse rapaz. Você tem sorte que ele tenha posto os olhos em você. Com a sua idade, eu já estava grávida. Mas por que o Senhor me deu filhos, se depois tirou todos de mim! Bah!

— Sim, tia — disse Teresa.

Enquanto varria, contemplava os sapatos cinzentos de salto alto: estavam sujos e gastos. E se Arana a levasse a uma sessão de estreia?

— Ele é militar?

— Não. Está no Leoncio Prado. Um colégio igual aos outros, mas dirigido por militares.

— No colégio? — respondeu a mulher, indignada. — Pensei que era homem-feito. Você não quer nem saber se eu estou velha. Por você, eu posso até estrebuchar de uma vez por todas.

Alberto ajeitava a gravata. Era ele mesmo esse rosto cuidadosamente barbeado, esses cabelos limpos e penteados, essa camisa branca, essa gravata clara, esse paletó cinza, esse lenço que

assomava no bolso de cima, esse ser asséptico e elegante que aparecia no espelho do banheiro?

— Você está um belo rapaz — disse a mãe, da sala. E acrescentou, desconsolada: — Parecido com o pai.

Alberto saiu do banheiro. Inclinou-se para beijá-la. A mãe ofereceu a testa; chegava-lhe à altura dos ombros e pareceu frágil a Alberto. Os cabelos estavam quase brancos. “Já não pinta os cabelos”, pensou. “Parece muito mais velha.”

— É ele — disse a mãe.

De fato, um segundo depois, soou a campainha. “Não abra”, disse a mãe, quando Alberto avançou para a porta da rua, sem fazer nada para impedi-lo.

— Oi, pai — disse Alberto.

Era um homem baixo e maciço, começando a ficar calvo. Estava impecavelmente vestido, de azul, e Alberto sentiu o perfume penetrante quando o beijou no rosto. Sorridente, o pai lhe deu duas palmadas e espiou a sala. A mãe, em pé no corredor que levava ao banheiro, assumira uma atitude de resignação: a cabeça inclinada, as pálpebras semicerradas, as mãos juntas sobre a saia, o pescoço ligeiramente esticado para facilitar a tarefa do carrasco.

— Bom dia, Carmela.

— Por que você veio? — sussurrou a mãe, sem mudar a postura.

Sem o menor constrangimento, o homem fechou a porta, jogou uma pasta de couro numa das poltronas e, sempre sorridente e desenvolto, acomodou-se e fez sinal para que Alberto se sentasse a seu lado. Alberto olhou para a mãe: continuava imóvel.

— Carmela — disse o pai alegremente. — Vamos, minha filha, vamos conversar um pouco. Podemos conversar na frente de Alberto, que já é um homenzinho.

Alberto ficou satisfeito. O pai, ao contrário da mãe, parecia mais jovem, mais sadio, mais forte. Nos gestos e na voz, na expressão toda havia alguma coisa de irrefreável que lutava para se manifestar. Será que era feliz?

— Não temos nada para falar — disse a mãe. — Nem uma palavra.

— Calma — respondeu o pai —, somos gente civilizada. Podemos resolver tudo com serenidade.

— Você é um miserável, um perdido! — gritou a mãe, subitamente transformada: mostrava os punhos fechados e o rosto, que perdera toda a docilidade, estava roxo; os olhos relampejavam. — Fora daqui! A casa é minha, paga com o meu dinheiro.

O pai tapou os ouvidos, divertido. Alberto olhou o relógio. A mãe começara a chorar; o corpo estremecia com os suspiros. Não limpava as lágrimas que, descendo pelo rosto, revelavam uma penugem loira.

— Carmela — disse o pai —, acalme-se. Não quero brigar com você. Um pouco de paz. Você não pode continuar assim, é um absurdo. Você tem que sair de uma casinha feito esta, ter empregadas, viver. Não pode se entregar assim. Faça pelo seu filho.

— Fora daqui! — rugiu a mãe. — Esta é uma casa decente, você não tem o direito de vir emporcalhar tudo. Vá lá com aquelas perdidas, não queremos saber de você; pode ficar com o seu dinheiro. O que eu tenho me sobra para educar o meu filho.

— Está vivendo feito uma pedinte — disse o pai. — Perdeu a dignidade? Por que diabo não quer uma pensão?

— Alberto — gritou a mãe, exasperada. — Não deixe que ele me insulte. Não basta me humilhar na frente de toda Lima, agora quer me matar. Faça alguma coisa, filho!

— Pai, por favor — disse Alberto, sem entusiasmo. — Não briguem.

— Cale a boca — disse o pai. Adotou uma expressão solene e superior. — Você é muito jovem. Algum dia vai entender. A vida não é tão simples.

Alberto teve vontade de rir. Certa vez, vira o pai no centro de Lima, com uma mulher loira, muito bonita. O pai o viu também e desviou os olhos. Naquela noite, viera ao quarto de Alberto, com uma expressão idêntica à que acabava de assumir, e dissera as mesmas palavras.

— Vim fazer uma proposta — disse o pai. — Escute um segundo.

A mulher parecia novamente uma estátua trágica. Mesmo assim, viu que espiava o pai entre as pestanas, com olhos cautelosos.

— O que preocupa você — disse o pai — são as aparências. Eu entendo, é preciso respeitar as convenções sociais.

— Cínico! — gritou a mãe e voltou a se encolher.

— Não interrompa, minha filha. Se você quiser, podemos voltar a morar juntos. Achamos uma casa boa, aqui em Miraflores, quem sabe não conseguimos de novo a da Diego Ferré, ou alguma em San Antonio; enfim, onde você quiser. Só exijo absoluta liberdade. Quero dispor da minha vida — falava sem ênfase, tranquilamente, com aquela chama buliçosa nos olhos que surpreendera Alberto. — E evitaremos as cenas. Para alguma coisa somos gente bem-nascida.

Agora a mãe chorava aos berros e, entre soluços, insultava o pai e o chamava de “adúltero, corrompido, saco de imundície”. Alberto disse:

— Papai, me desculpe, tenho que sair para dar um recado. Posso ir?

O pai pareceu desconcertado, mas logo sorriu com amabilidade e assentiu.

— Vá, rapaz — disse. — Vou tratar de convencer a sua mãe. É a melhor solução. E não se preocupe. Estude bastante, você tem um grande futuro pela frente. E já sabe, depois das provas finais, vou mandar você passar o ano que vem nos Estados Unidos.

— Do futuro do meu filho cuido eu — exclamou a mãe.

Alberto beijou os pais e saiu, fechando a porta atrás de si, rapidamente.

Teresa lavava a louça; a tia descansava no cômodo ao lado. A moça pegou sabão e toalha e, na ponta dos pés, saiu para a rua. Bem ao lado, havia uma casa estreita, de paredes amarelas. Tocou a campainha. Uma menina muito magra e risonha veio abrir.

— Oi, Tere.

— Oi, Rosa. Posso tomar banho?

— Entre.

Atravessaram um corredor escuro; nas paredes havia recortes de revistas e jornais: artistas de cinema e jogadores de futebol.

— Está vendo este? — disse Rosa. — Ganhei hoje de manhã. É Glenn Ford. Já viu algum filme dele?

— Não, mas gostaria.

No final do corredor ficava a sala de jantar. Os pais de Rosa comiam em silêncio. Uma das cadeiras não tinha espaldar: a mulher a ocupava. O homem levantou os olhos do jornal aberto junto ao prato e voltou-se para Teresa.

— Teresita — disse, levantando-se.

— Bom dia.

O homem — no umbral da velhice, pançudo, de pernas tortas e olhos mortiços — sorria, estendia uma das mãos para o rosto da moça, num gesto amistoso. Teresa deu um passo para trás e a mão ficou vacilando no ar.

— Queria tomar banho, senhora — disse. — Pode ser?

— Sim — disse a mulher secamente. — É um *sol*. Você tem?

Teresa abriu a mão; a moeda não brilhava, era um *sol* descolorido e sem vida, muito manuseado.

— Não demore — disse a mulher. — Temos pouca água.

O banheiro era um reduto sombrio de um metro quadrado. No chão, havia uma tábua perfurada e limosa. Um cano incrustado na parede, não muito alto, fazia as vezes de chuveiro. Teresa fechou a porta e pendurou a toalha na maçaneta, para que tapasse o buraco da fechadura. Despiu-se. Era esbelta e de linhas harmoniosas, de pele muito morena. Abriu a torneira: a água estava fria. Enquanto se ensaboava, escutou a mulher gritar: “Saia daí, velho asqueroso.” Os passos do homem se distanciaram e ela ouviu que os dois discutiam. Vestiu-se e saiu. O homem estava sentado à mesa e, ao ver a moça, piscou um olho. A mulher franziu o cenho e murmurou:

— Você está molhando o chão.

— Já vou indo — disse Teresa. — Muito obrigada, senhora.

— Até logo, Teresita — disse o homem. — Volte quando quiser.

Rosa acompanhou-a até a porta. No corredor, Teresa disse em voz baixa:

— Rosita, me faça um favor. Me empreste a sua fita azul, aquela que você estava usando no sábado. Devolvo hoje à noite.

A menina assentiu e levou um dedo aos lábios, com ar de mistério. Sumiu no fundo do corredor e voltou pouco depois, caminhando discretamente.

— Tome — disse ela. Espiava a outra com olhos cúmplices. — Aonde você vai.

— Tenho um compromisso — respondeu Teresa. — Um rapaz me convidou para ir ao cinema.

Seus olhos brilhavam. Parecia feliz.

Uma garoa lentíssima remexia as folhas das árvores da rua Alcanfores. Alberto entrou no botequim da esquina, comprou um maço de cigarros, caminhou até a avenida Larco: passavam muitos carros, alguns de último modelo, capotas de cores vivas que contrastavam com o céu cinzento. Havia grande número de transeuntes. Contemplou uma moça de calças pretas, alta e ágil, até que a perdeu de vista. O ônibus demorava. Alberto viu dois rapazes sorridentes. Demorou alguns segundos a reconhecê-los. Corou, murmurou um “oi”, os rapazes avançaram para ele de braços abertos.

— Onde você se meteu esse tempo todo? — disse um; usava um terno esportivo, o topete que arrematava os cabelos sugeria uma crista de galo. — Parece mentira!

— A gente pensou que você não morava mais em Miraflores — disse o outro; era baixinho e truncado, usava mocassins e meias coloridas. — Faz séculos que você não vai ao bairro.

— Agora estou morando em Alcanfores — disse Alberto. — Estou no Leoncio Prado. Só saio aos sábados.

— No Colégio Militar? — disse o do topete. — Mas o que você fez para merecer? Deve ser horrível.

— Nem tanto. A gente se acostuma, não é tão ruim assim.

Chegou o ônibus. Estava cheio. Ficaram em pé, segurando-se na barra. Alberto pensou nas pessoas que encontrava aos sábados nos ônibus de La Perla ou nos bondes Lima-Callao: gravatas berrantes,

cheiro de suor e sujeira; ali, viam-se roupas limpas, rostos discretos, sorrisos.

— E o seu carro? — perguntou Alberto.

— Meu? — disse o dos mocassins. — Do meu pai. Não me empresta mais. Bati o carro.

— Como é? Não estava sabendo? — disse o outro, empolgadíssimo. — Não soube da corrida no Malecón?

— Não, não sei de nada.

— Mas em que planeta você vive, homem? O Tico é uma fera. — O outro começou a sorrir, satisfeito. — Apostou com o louco do Julio, o da rua França, lembra? Uma corrida até La Quebrada, pelo aterro. E tinha chovido, que tal? Um par de bestas. Eu ia de copiloto deste sujeito aqui. A polícia pegou o louco, nós escapamos. Foi na volta de uma festa, imagine só.

— E a batida? — perguntou Alberto.

— Foi depois. O Tico resolveu fazer curvas em marcha a ré ali em Atocongo. Meteu-se num poste. Está vendo esta cicatriz? E ele nem se arranhou, não é justo. Tem uma sorte!

Tico sorria, feliz da vida.

— Quer dizer que você é uma fera — disse Alberto. — Como estão lá no bairro?

— Todos bem — disse Tico. — Agora não nos vemos durante a semana, as meninas estão na época de provas, só saem aos sábados e domingos. As coisas mudaram, já podem sair com a gente, para o cinema, as festas. As velhas até que estão mais civilizadas, até deixam namorar. O Pluto está com a Helena, sabia?

— Você, com a Helena? — perguntou Alberto.

— Amanhã completamos um mês — disse o do topete, vermelho de vergonha.

— E ela pode sair com você?

— Claro, homem. Às vezes a mãe me convida para o almoço. Ei, fale a verdade, você gostava dela.

— Eu? — respondeu Alberto. — Não, nunca.

— Claro — disse Pluto —, claro que sim. Você estava louco por ela. Não se lembra daquela vez na casa do Emilio, quando

ensinamos você a dançar? Até dissemos como é que você tinha que se declarar.

— Aqueles tempos!

— Conversa — disse Alberto —, conversa fiada.

— Ei — disse Pluto, atraído por alguma coisa no fundo do ônibus. — Viram o que eu vi, caramba?

Abriu caminho até os bancos de trás. Tico e Alberto seguiram-no. A moça, pressentindo o perigo, olhava pela janela as árvores da avenida. Era bonita e roliça; o nariz palpitava como o focinho de um coelhinho, quase grudado ao vidro, e o embaçava.

— Oi, coração.

— Não perturbe a minha namorada — disse Tico —, que eu acabo com você.

— Pouco importa — disse Pluto. — Por ela eu sou capaz de morrer. — Abriu os olhos como um recitador. — Ela é o meu amor.

Tico e Alberto caíram na gargalhada. A moça continuava olhando as árvores.

— Não ligue para ele, amorzinho — disse Tico. — É um selvagem. Pluto, peça desculpas à senhorita.

— Tem razão — disse Pluto. — Sou um selvagem e estou arrependido. Por favor, me perdoe. Diga que me perdoa ou eu dou um escândalo.

— Não tem coração, homem?

Alberto olhava pela janela: as árvores estavam úmidas e o calçamento reluzia. Pela pista contrária, desfilava uma coluna de automóveis. O ônibus já passara de Orrantia e das grandes residências coloridas. Agora as casas eram pequenas, pardas.

— Que vergonha! — disse uma senhora. — Deixem a moça em paz!

Tico e Pluto continuavam rindo. Por um instante, a moça desviou a vista da avenida e lançou ao redor um olhar vivíssimo de esquilo. Um sorriso cruzou seu rosto e desapareceu.

— Pois não, senhora — disse Tico. E, voltando-se para a moça: — Pedimos desculpas, senhorita.

— Eu desço aqui — disse Alberto, estendendo a mão. — Até mais.



— Venha com a gente — disse Tico. — Vamos ao cinema. Temos uma garota para você. Não é nada má.

— Não posso — disse Alberto. — Tenho um encontro.

— Em Lince? — disse Pluto, malicioso. — Aí tem coisa, não é, malandro? Bom proveito. E veja se não some, apareça no bairro, todo mundo se lembra de você.

“Eu sabia que era feia”, pensou assim que a viu, no primeiro degrau da casa. E disse rapidamente:

— Boa tarde. Teresa, por favor?

— Sou eu.

— Tenho um recado de Arana, Ricardo Arana.

— Entre — disse a moça, encabulada. — Sente-se.

Alberto sentou-se na beira e ficou rígido. A cadeira resistiria? Pelo vão da cortina entre os dois cômodos, viu o final de uma cama e dois grandes pés escuros de mulher. A moça estava a seu lado.

— Arana não pôde sair — disse Alberto. — Foi um azar, pegou detenção hoje de manhã. Disse que tinha um compromisso com você e pediu que viesse pedir desculpas.

— Detenção? — disse Teresa. O rosto mostrava a decepção. Prendera os cabelos acima da nuca com a fita azul. “Será que já se beijaram na boca?”, pensou Alberto.

— Acontece com todo mundo — disse. — É uma questão de sorte. Virá vê-la no próximo sábado.

— Quem está aí? — perguntou uma voz mal-humorada. Alberto olhou: os pés haviam desaparecido. Segundos depois, um rosto seboso apareceu pela cortina. Alberto levantou-se.

— É um amigo de Arana — disse Teresa. — Ele se chama...

Alberto disse o nome. Sentiu na sua uma mão gorda e flácida, suarenta: um molusco. A mulher sorria teatralmente e começara a falar sem parar. Na saraivada de palavras, as fórmulas de cortesia que Alberto escutara na infância compareciam como caricaturas, condimentadas com adjetivos pomposos e gratuitos, e volta e meia percebia que o tratavam por *senhor* e *dom*, que o interrogavam sem

esperar a resposta. Viu-se envolto numa crosta verbal, num labirinto sonoro.

— Sente-se, sente-se — dizia a mulher, indicando a cadeira, com o corpo dobrado numa vênica de grande mamífero. — Fique à vontade, a casa é sua, a casa é pobre mas é honrada, o senhor sabe, sempre ganhei a vida como Deus manda, suando a camisa, sou costureira e pude dar uma boa educação a Teresita, minha sobrinha, a pobrezinha ficou órfã, imagine se não fosse por mim, sente-se, dom Alberto.

— Arana ficou detido — disse Teresa; tentava não olhar para Alberto e para a tia. — Este senhor trouxe o recado.

“Senhor?”, pensou Alberto. E procurou os olhos da moça, que estava de cabeça baixa. A mulher estava em pé, de braços abertos. O sorriso, congelado, continuava intacto nos pômulos, no nariz largo, nos olhinhos dissimulados sob as pálpebras carnudas.

— Pobrezinho — dizia —, pobre rapaz, a mãe deve estar agoniada, eu também tive filhos e sei o que é sofrimento de mãe, porque todos morreram, assim é o Senhor e o melhor é não tentar entender, mas vai sair na semana que vem, a vida é dura mesmo, isso eu sei muito bem, vocês, que são jovens, é melhor nem pensarem nisso, mas me diga, aonde vai levar a Teresita?

— Tia — disse a moça, num repente —, ele veio trazer o recado. Não...

— Por mim, não se preocupem — continuou a mulher, bondosa, compreensiva, sacrificada. — Os jovens ficam mais à vontade quando estão sozinhos, eu também já fui jovem e agora sou uma velha, a vida é assim, daqui a pouco chegam as preocupações, a gente chega à velhice para passar angústia, eu já lhe disse que estou ficando cega?

— Tia — repetiu a moça —, por favor...

— Se me permite — disse Alberto —, podemos ir ao cinema. Quer dizer, se a senhorita quiser.

A moça tornou a baixar a vista; estava muda e não sabia o que fazer com as mãos.

— Voltem cedo — disse a tia. — Os jovens não devem ficar fora de casa até tarde, dom Alberto. — Virou-se para Teresa: — Venha cá

um instante. Com licença.

Pegou Teresa pelo braço e a levou para o outro cômodo. As palavras da mulher chegavam até ele como arrastadas pelo vento e, por mais que as compreendesse uma a uma, não atinava com sua organização. Entendeu, assim mesmo, obscuramente, que a moça se negava a sair com ele e que a mulher, sem se dar o trabalho de responder, traçava um diagrama de Alberto ou, melhor, de um ser ideal que ele encarnava a seus olhos, e se viu rico, bonito, elegante, invejável: um perfeito homem do mundo.

A cortina se abriu. Alberto sorria. A moça esfregava as mãos, aborrecida e ainda mais encabulada que antes.

— Podem ir — disse a mulher. — Eu cuido muito dela, sabe? Não deixo sair com qualquer um. É muito trabalhadora, mas nem parece, de tão magrinha que é. Vão se divertir um pouco, fico feliz por vocês.

A moça avançou até a porta e deu um passo atrás, para que Alberto pudesse sair primeiro. A garoa cessara, mas o ar cheirava a chuva, as calçadas e a rua estavam luzidias e escorregadias. Alberto cedeu a Teresa a parte de dentro da calçada. Pegou os cigarros, acendeu um. Olhou-a de esquelha: estava contrariada, caminhava a passos muito curtos, olhando para a frente. Chegaram à esquina sem se falar. Teresa estacou.

— Vou ficar por aqui — disse. — Tenho uma amiga na outra quadra. Obrigada por tudo.

— Mas, não — disse Alberto —, por quê?

— O senhor vai ter que desculpar a minha tia — disse Teresa, que agora o encarava e parecia mais serena. — É boa pessoa, faz qualquer coisa para que eu saia.

— Sim — disse Alberto. — Ela é muito simpática, muito gentil.

— Mas fala muito — afirmou Teresa e soltou uma gargalhada.

“É feia, mas tem a boca bonita”, pensou Alberto. “Como é que o Escravo fez para se declarar?”

— O Arana vai ficar chateado se você sair comigo?

— Não, não temos nada — disse ela. — Era a nossa primeira saída. Ele não contou nada para o senhor?

— Pode me chamar de *você*.

Estavam na esquina. Nas ruas ao redor, viam-se vultos a distância. Começava a chover de novo. Uma neblina levíssima descia sobre eles.

— Está bem — disse Teresa. — *Você*, então.

— Melhor assim — respondeu Alberto. — É estranho dizer *senhor* e *senhorita*, é coisa de velho.

Ficaram em silêncio por alguns segundos. Alberto jogou fora o cigarro e o apagou com o pé.

— Bem — disse Teresa, estendendo a mão —, até logo.

— Não — disse Alberto. — Você pode visitar a sua amiga outro dia. Vamos ao cinema.

Ela ficou séria.

— Não faça por compromisso — disse. — Verdade. Não tem nada para fazer agora?

— Mesmo que tivesse — respondeu Alberto. — Mas não tenho nada, palavra.

— Está bem — disse ela. E estendeu uma das mãos com a palma virada para cima. Olhava o céu e Alberto comprovou que seus olhos eram luminosos.

— Está chovendo.

— Não é nada.

— Vamos pegar o ônibus.

Caminharam até a avenida Arequipa. Alberto acendeu mais um cigarro.

— Acabou de apagar um — observou Teresa. — Você fuma muito?

— Não, só nas folgas.

— No colégio vocês não podem fumar?

— É proibido. Mas fumamos escondidos.

À medida que se aproximavam da avenida, as casas ficavam maiores e já não se viam becos sem saída. Passavam por grupos de transeuntes. Uns rapazes em mangas de camisa gritaram alguma coisa para Teresa. Alberto fez menção de voltar, mas ela o conteve.

— Não preste atenção, sempre dizem besteira.

— Não se pode incomodar uma garota acompanhada — disse Alberto. — É uma insolência.

— Vocês do Leoncio Prado são muito briguentos.

Ele corou de satisfação. Vallano tinha razão: os cadetes impressionavam as pombinhas, não as de Miraflores, mas as de Lince, essas sim. Começou a falar do colégio, das rivalidades entre os anos, dos exercícios de campanha, da vicunha e da cadela Malparada. Teresa escutava com atenção e festejava as histórias de Alberto. Então ela contou que trabalhava num escritório no Centro e que antes estudara taquigrafia e datilografia numa escola. Tomaram o ônibus na parada do Colégio Raimondi e desceram na praça San Martín. Pluto e Tico estavam debaixo das arcadas. Olharam-nos da cabeça aos pés. Tico sorriu para Alberto e deu uma piscadela.

— Não iam ao cinema?

— Ficamos na mão — disse Pluto.

Despediram-se. Alberto ouviu-os cochichando a suas costas. Sentiu subitamente que os olhares maldosos do bairro inteiro caíam sobre ele como uma chuva.

— Qual filme você quer ver?

— Não sei — disse ela. — Qualquer um.

Alberto comprou um jornal e leu com voz afetada os anúncios de filmes. Teresa ria e as pessoas que passavam pelas arcadas voltavam-se para observá-los. Decidiram ir ao Metro. Alberto comprou duas entradas para a plateia. “Se o Arana souber o que eu fiz com o dinheiro que ele me emprestou”, pensava. “Já não vai dar para ir lá com a Pezinhos-de-Ouro.” Sorriu para Teresa e ela sorriu também. Ainda era cedo, o cinema estava quase vazio. Alberto mostrava-se falante, punha em prática com essa moça que não o intimidava as frases engenhosas, os disparates e as piadas que escutara tantas vezes no bairro.

— O Metro é bonito — disse ela. — Muito elegante.

— Você não conhecia?

— Não. Conheço poucos cinemas do Centro. Saio tarde do trabalho, às seis e meia.

— Não gosta de cinema?

— Gosto muito. Vou todos os domingos. Mas a algum lugar perto de casa.

O filme, em cores, tinha várias cenas de dança. O dançarino também era um personagem cômico; confundia os nomes das pessoas, tropeçava, fazia caretas, revirava os olhos. “Esse é bicha, com certeza”, pensava Alberto e voltava-se para o lado: o rosto de Teresa estava absorto na tela; a boca entreaberta e os olhos obstinados revelavam sofreguidão. Mais tarde, quando saíram, ela falou do filme como se Alberto não o tivesse visto. Animada, descrevia os vestidos das artistas, as joias e, ao lembrar as passagens cômicas, ria limpidamente.

— Você tem boa memória — disse ele. — Como consegue se lembrar de tantos detalhes?

— Eu disse, gosto muito de cinema. Quando assisto a um filme, esqueço tudo, parece que estou em outro mundo.

— É — disse ele —, olhei para você, parecia hipnotizada.

Tomaram o ônibus, sentaram-se juntos. A praça San Martín estava cheia de gente que saía dos filmes em estreia e caminhava sob os postes de luz. Um emaranhado de carros envolvia o quadrilátero central. Pouco antes de chegar à parada do Colégio Raimondi, Alberto tocou a campainha.

— Não precisa me acompanhar — disse ela. — Posso ir sozinha. Já abusei do seu tempo.

Ele protestou e insistiu em acompanhá-la. A rua que entrava pelo coração de Lince estava na penumbra. Passavam alguns casais; outros, em meio à escuridão, paravam de sussurrar ou de se beijar quando os viam.

— Você não tinha nada mesmo para fazer?

— Nada, juro.

— Não acredito.

— É verdade, por que não acredita em mim?

Ela vacilava. Por fim, decidiu-se:

— Não tem namorada?

— Não — ele respondeu. — Não tenho.

— Tenho certeza que é mentira. Mas já teve muitas, não teve?

— Muitas, não — disse Alberto. — Só algumas. E você, já teve muitos namorados?

— Eu? Nenhum.

“E se eu me declarasse agora mesmo?”, pensou Alberto.

— Não é verdade — disse. — Com certeza já teve muitos.

— Não acredita? Pois vou lhe contar uma coisa: é a primeira vez que um rapaz me convida para ir ao cinema.

A avenida Arequipa e sua coluna dupla de perpétuos veículos já ficara para trás; a rua se estreitava e a penumbra era mais densa. Das árvores para a calçada resvalavam imperceptíveis gotinhas d'água que as folhas e os galhos haviam guardado da garoa da tarde.

— Aposto que não quis.

— O quê?

— Namorados — ele duvidou um segundo —, todas as garotas bonitas têm os namorados que querem.

— Ah — disse Teresa —, eu não sou bonita. Acha que eu não sei?

Alberto protestou com veemência e afirmou:

— Você é uma das garotas mais bonitas que eu já vi.

Teresa voltou-se e olhou para ele.

— Está brincando comigo? — balbuciou.

“Eu não tenho jeito mesmo”, pensou Alberto. Ouvia os passos miúdos de Teresa no calçamento, dois para cada um dos seus, e a via, a cabeça um pouco inclinada, os braços cruzados sobre o peito, a boca fechada. A fita azul parecia preta e se confundia com os cabelos, destacava-se quando passavam por um poste, e logo a escuridão a devorava. Chegaram à porta da casa, silenciosos.

— Obrigada por tudo — disse Teresa. — Muito obrigada.

Deram-se as mãos.

— Até logo.

Alberto deu meia-volta e, depois de dar uns passos, voltou atrás.

— Teresa.

Ela estava levantando a mão para tocar a campainha. Voltou-se, surpresa.

— Tem alguma coisa para fazer amanhã? — perguntou Alberto.

— Amanhã? — disse ela.

— Sim. Vamos ao cinema. Que acha?

— Não tenho nada para fazer. Obrigada.

— Venho buscar você às cinco.

Antes de entrar em casa, Teresa esperou que Alberto se perdesse de vista.

Quando a mãe abriu a porta, Alberto começou a se desculpar antes mesmo de dizer boa noite. Ela estava com os olhos carregados de repreensão, suspirava. Sentaram-se na sala. A mãe não dizia nada e olhava para ele com rancor. Alberto sentiu um tédio infinito.

— Mãe, me desculpe — repetiu mais uma vez. — Não fique zangada, mãe. Juro que fiz o que podia para vir logo, mas não me deixaram. Estou um pouco cansado. Posso ir dormir?

A mãe não respondeu; continuava a olhar, ressentida, e ele se perguntou “quando é que ela vai começar?”. Não tardou muito: levou as mãos ao rosto e pouco depois já chorava docemente. Alberto acariciou seus cabelos. A mãe perguntou por que a fazia sofrer. Ele jurou que a amava acima de tudo e ela o chamou de cínico, filho do pai que tinha. Entre suspiros e invocações a Deus, falou dos pastéis e biscoitos que comprara na mercearia da esquina, escolhendo-os primorosamente, e do chá que esfriara na mesa, e de sua solidão e da tragédia que o Senhor lhe impusera para testar sua força moral e seu espírito de sacrifício. Alberto passava a mão por sua cabeça e se inclinava para lhe beijar a testa. Pensava: “Outra semana sem ver a Pezinhos-de-Ouro.” Depois a mãe se acalmou e exigiu que provasse a comida que ela mesmo preparara, com suas próprias mãos. Alberto aceitou e, enquanto tomava a sopa de legumes, a mãe o abraçava e dizia: “Você é o único apoio que eu tenho neste mundo.” Contou que o pai ficara mais ou menos por uma hora, fazendo todo tipo de proposta — uma viagem ao exterior, uma reconciliação de fachada, o divórcio, a separação amigável —, e que ela recusara todas, sem vacilar.

Depois voltaram à sala e Alberto pediu licença para fumar. Ela assentiu, mas, quando o viu acender um cigarro, chorou e falou do tempo, dos meninos que viram homens, da vida efêmera. Recordou a infância, as viagens pela Europa, as amigas de colégio, a



juventude brilhante, os pretendentes, os grandes partidos que recusara por esse homem que agora se empenhava em destruí-la. Então, baixando a voz e adotando uma expressão melancólica, começou a falar dele. Repetia constantemente que “era diferente quando era jovem” e evocava seu espírito esportivo, as vitórias nos campeonatos de tênis, a elegância, a lua de mel no Brasil e os passeios que, de mãos dadas, faziam à noite pela praia de Ipanema. “Os amigos foram a perdição dele”, exclamava. “Lima é a cidade mais depravada do mundo. Mas minhas orações vão salvá-lo!” Alberto escutava em silêncio, pensando na Pezinhos-de-Ouro, que não veria mais nesse sábado, na reação do Escravo quando soubesse que fora ao cinema com Teresa, em Pluto, que estava com Helena, no Colégio Militar, no bairro que não frequentava fazia três anos. A mãe bocejou. Ele se levantou e desejou boa noite. Foi para o quarto. Começava a se despír quando viu no criado-mudo um envelope com seu nome escrito em letras de forma. Abriu e tirou uma nota de cinquenta *soles*.

— Ele deixou isso para você — disse a mãe, da porta. Suspirou: — Foi só isso que aceitei. Meu filhinho, não é justo que você também se sacrifique!

Ele abraçou a mãe, levantou-a do chão, rodopiou com ela nos braços e disse: “Um dia tudo se ajeita, mãezinha, vou fazer tudo que a senhora quiser.” Ela sorria de satisfação e dizia: “Não precisamos de ninguém.” Em meio a um torvelinho de carícias, ele pediu permissão para sair.

— Só uns minutos — disse. — Para tomar um pouco de ar.

Ela fechou a cara, mas concordou. Alberto voltou a pôr a gravata e o paletó, passou o pente pelos cabelos e saiu. Da janela a mãe ainda lhe lembrou:

— Não deixe de rezar antes de dormir.

Foi Vallano quem comunicou ao alojamento o nome de guerra. Um domingo, à meia-noite, quando os cadetes tiravam os uniformes de saída e resgatavam do fundo dos quepes os maços de cigarros subtraídos à vigilância do oficial de plantão, Vallano começou a falar

sozinho, aos brados, de uma mulher da quarta quadra da Huatica. Os olhos arregalados giravam nas órbitas como uma bola de aço num aro magnético. As palavras e o tom de voz eram afogueados.

— Quietos aí, palhaço — disse o Jaguar. — Deixe a gente em paz.

Mas ele continuou falando enquanto fazia a cama. Cava, de seu beliche, perguntou:

— Como é mesmo que ela se chama?

— Pezinhos-de-Ouro.

— Deve ser novata — disse Arróspide. — Conheço a quadra inteira e nunca ouvi esse nome.

No domingo seguinte, Cava, o Jaguar e Arróspide também falavam dela. Trocavam cotoveladas e riam. “Eu não disse?”, dizia Vallano, orgulhoso. “Sigam sempre os meus conselhos.” Uma semana depois, meia seção a conhecia e o nome Pezinhos-de-Ouro começou a ressoar nos ouvidos de Alberto como uma melodia familiar. As referências ferozes, apesar de vagas, que escutava da boca dos cadetes estimulavam sua imaginação. Em sonhos, o nome se apresentava dotado de atributos carnaís, estranhos e contraditórios, a mulher era sempre a mesma e sempre outra, uma presença que se esvaía quando ele ia tocá-la ou levantar o véu, que o incitava aos impulsos mais extravagantes e o submergia numa ternura infinita, e então achava que ia morrer de impaciência.

Alberto era um dos que mais falavam da Pezinhos-de-Ouro na seção. Ninguém suspeitava que só de nome conhecia a rua Huatica e redondezas, porque ele multiplicava as anedotas e inventava todo tipo de história. Mas não era o bastante para livrá-lo de certo desgosto íntimo; quanto mais aventuras sexuais descrevia para os companheiros, que riam ou metiam a mão no bolso sem a menor vergonha, mais intensa era a certeza de que jamais iria para a cama com uma mulher, a não ser em sonhos, e então se deprimia e jurava que na próxima saída iria a Huatica, mesmo que tivesse que roubar vinte *soles*, mesmo que pegasse uma sífilis.

Desceu na parada da avenida 28 de Julho com a Wilson. Pensava: “Fiz 15 anos mas tenho cara de mais velho. Não preciso

ficar nervoso.” Acendeu um cigarro e o jogou fora depois de duas tragadas. À medida que avançava pela 28 de Julho, a avenida se enchia de gente. Depois de cruzar os trilhos do bonde Lima-Chorrillos, viu-se no meio de uma multidão de operários e empregadas, mestiços de cabelos lisos, *zambos* que andavam gingando, como se estivessem dançando, índios cor de cobre, serranos sorridentes. Mas sabia que estava no distrito de La Victoria, pelo cheiro de comida e bebida *criollas* que impregnava o ar, um cheiro quase visível de torresmo e *pisco*, linguiça e suor, cerveja e chulé.

Ao atravessar a praça de La Victoria, enorme e populosa, o inca de pedra que aponta para o horizonte fez que lembrasse do herói e de Vallano dizendo: “Manco Cápac é um safado apontando o caminho da Huatica.” A aglomeração obrigava-o a andar devagar; estava sem ar. As luzes da avenida pareciam deliberadamente fracas e dispersas para acentuar os perfis sinistros dos homens que caminhavam metendo o nariz pelas janelas de casinhas idênticas, ao longo das calçadas. Na esquina da 28 de Julho com a Huatica, no botequim de um japonês minúsculo, escutou uma sinfonia de injúrias. Olhou para dentro: um grupo de homens e mulheres discutia furiosamente ao redor de uma mesa coberta de garrafas. Demorou alguns segundos na esquina. Estava com as mãos metidas nos bolsos e espiava a cara das pessoas ao redor; alguns homens tinham os olhos vítreos e outros pareciam mais que alegres.

Ajeitou o paletó e entrou pela quarta quadra da rua, a mais valorizada; o rosto exibia um meio sorriso desdenhoso, mas o olhar era de angústia. Bastou caminhar alguns metros, sabia de memória que a casa da Pezinhos-de-Ouro era a segunda. Na porta, havia três homens, um atrás do outro. Alberto observou pela janela: uma antessala minúscula, de madeira, iluminada por uma única lâmpada vermelha, uma cadeira, uma foto desbotada e irreconhecível na parede; ao pé da janela, um banquinho. “É baixinha”, pensou, desapontado. Uma mão tocou seu ombro.

— Rapaz — disse uma voz que fedia a cebola —, está cego ou se acha esperto?

Os postes só iluminavam o meio da rua, e a luz vermelha mal chegava até a janela; Alberto não conseguia distinguir o rosto do desconhecido. Nesse instante, percebeu que a multidão de homens que ocupavam a rua andava rente às paredes, onde ficavam quase no escuro. O meio da rua estava deserto.

— E aí — disse o homem —, como é?

— O que foi?

— Não dou a mínima — disse o desconhecido —, mas não sou trouxa, não. Ninguém mete medo em mim, aliás, não mete porra nenhuma.

— Está bem, está bem — disse Alberto. — Mas o que você quer?

— Pode entrar na fila.

— Pronto, pronto — disse Alberto —, não precisa se exaltar.

Largou da janela e a mão do homem não tentou retê-lo. Foi para o fim da fila, encostou-se na parede e fumou, um atrás do outro, quatro cigarros. O homem que estava à sua frente entrou e saiu logo. Foi-se embora reclamando do custo de vida. Uma voz de mulher disse, do outro lado da porta:

— O próximo.

Atravessou a antessala vazia. Uma porta de contas de vidro separava-o do outro cômodo. “Já não tenho medo”, pensou. “Já sou homem.” Empurrou a porta. O quarto era tão pequeno quanto a antessala. A luz, vermelha também, parecia mais intensa, mais crua; o lugar estava repleto de objetos e Alberto sentiu-se perdido por alguns segundos, seu olhar rodopiou sem fixar nenhum detalhe, apenas manchas de todos os tamanhos, passou até sobre a mulher deitada na cama sem perceber seu rosto, retendo dela apenas as formas escuras que decoravam o roupão, umas sombras que podiam ser flores ou animais. Então sentiu-se novamente sereno. A mulher se levantou na cama. De fato, era baixinha: os pés mal tocavam o chão. O cabelo tingido deixava ver um fundo preto sob o emaranhado confuso de luzes loiras. A cara estava muito pintada e sorria para ele. Ele baixou a vista e viu dois peixes de nácar, vivos, terrestres, carnudos, “que dão uma vontade de comer de uma vez, sem manteiga”, como dizia Vallano, e absolutamente estranhos ao

corpo rechonchudo que os prolongava e à boca insípida e sem forma e aos olhos mortos que o contemplavam.

— Você é do Leoncio Prado — ela disse.

— Sou.

— Primeira seção do quinto ano.

— Sim — disse Alberto.

Ela soltou uma gargalhada.

— Oito, hoje — disse. — E na semana passada não sei quantos foram. Virei mascote.

— É a primeira vez que venho — Alberto disse, corando de vergonha. — Eu...

Foi interrompido por mais uma gargalhada, mais estrepitosa que a primeira.

— Não sou supersticiosa — disse ela, sem parar de rir. — Não trabalho de graça e já sou velha para acreditar em conversa fiada. Todo dia aparece um aqui que está vindo pela primeira vez, que tal, querido.

— Não é isso — disse Alberto. — Tenho dinheiro.

— É assim que eu gosto — disse ela. — Ponha no criado-mudo. E vamos logo, cadetinho.

Alberto se despiu devagar, dobrando a roupa peça por peça. Ela o observava sem emoção. Quando Alberto ficou nu, ela escorregou de costas por cima da cama, num gesto indiferente, e abriu o roupão. Estava nua, mas usava um sutiã cor-de-rosa, meio caído, que deixava ver o começo dos seios. “É loira de verdade”, pensou Alberto. Deixou-se cair ao lado dela, que rapidamente passou os braços por suas costas e o abraçou. Sentiu que, por baixo do seu, o ventre da mulher se movia, buscando uma posição melhor, um encaixe mais firme. Então as pernas da mulher se levantaram e dobraram no ar, e ele sentiu que os peixes pousavam suavemente sobre os seus quadris, detinham-se por um momento, avançavam para os rins e então começavam a descer pelas nádegas e pelas coxas, subir e descer, lentamente. Pouco depois, as mãos que se apoiavam em suas costas juntavam-se a esse movimento e percorriam seu corpo da cintura aos ombros, no mesmo ritmo dos pés. A boca da mulher estava junto a seu ouvido e ele escutou

alguma coisa, um murmúrio baixinho, um sussurro e por fim uma blasfêmia. As mãos e os peixes se imobilizaram.

— Quer tirar uma sesta ou o quê?

— Não fique zangada — balbuciou Alberto. — Não sei o que deu em mim.

— Eu sei — disse ela. — Você é um punheteiro.

Ele riu sem entusiasmo e soltou um palavrão. A mulher deu mais uma gargalhada vulgar e se aprumou na cama, empurrando-o para o lado. Sentou-se e o observou por um momento com olhos maliciosos, que Alberto não notara até então.

— Ou quem sabe você é um santinho mesmo — disse a mulher. — Deite aí.

Alberto estirou-se na cama. Via Pezinhos-de-Ouro a seu lado, a pele clara e um pouco avermelhada e os cabelos escurecidos pela luz que vinha de trás, e pensava numa estatueta de museu, numa boneca de cera, numa macaca que vira num circo, e nem percebeu as mãos dela num vaivém vigoroso, nem escutou a voz melosa que o chamava de safado e pervertido. E logo desapareceram os símbolos e os objetos e só ficou a luz vermelha que o envolvia, e uma grande ansiedade.

Sob o relógio da Colmena, instalado diante da praça San Martín, na parada final do bonde que vai para Callao, oscila um mar de quepes brancos. Desde a calçada do Hotel Bolívar e do Bar Romano, jornaleiros, motoristas, vagabundos, guardas civis contemplam o afluxo incessante de cadetes: vêm de todas as direções, em grupos, e se aglomeram em torno do relógio, à espera do bonde. Alguns saem dos bares vizinhos. Atrapalham o trânsito, respondem com grosseria aos motoristas que pedem passagem, assediam as mulheres que se atrevem a passar por essa esquina e vão de um lado para outro, xingando e zombando. Os bondes são logo tomados pelos cadetes; prudentes, os civis vão ficando para o fim da fila. Os cadetes do terceiro ano xingam entre dentes cada vez que, já com o pé no ar para subir no bonde, sentem uma mão no pescoço e uma voz: "Primeiro os cadetes, depois os cachorros."

— São dez e meia — disse Vallano. — Só espero que o último caminhão não tenha saído.

— São dez e vinte ainda — disse Arróspide. — Vamos chegar a tempo.

O bonde estava apinhado; os dois estavam em pé. Aos domingos, os caminhões do colégio iam até Bellavista buscar os cadetes.

— Olhe ali — disse Vallano. — Dois cachorros. Passaram o braço por cima do ombro para esconder as insígnias. Espertos.

— Com licença — disse Arróspide, abrindo caminho até o banco ocupado pelos dois de terceiro ano. Quando os viram chegar, os dois começaram a conversar. O bonde deixara para trás a praça Dos de Mayo e rodava entre sítios invisíveis.

— Boa noite, cadetes — disse Vallano.

Os meninos não se deram por achados. Arróspide cutucou a cabeça de um deles.

— Estamos muito cansados — disse Vallano. — Levantem.

Os cadetes obedeceram.

— O que você fez ontem — perguntou Arróspide.

— Quase nada. No sábado eu tinha uma festa que acabou virando velório. Acho que era um aniversário. Quando cheguei, estava uma confusão do diabo. A velha que me abriu a porta gritou: “Vá atrás de um médico e um padre”, e saí a jato. Uma chatice. Ah, também fui até a Huatica. Aliás, tenho que contar uma coisa na seção, é sobre o poeta.

— O que foi? — perguntou Arróspide.

— Eu conto para todo mundo de uma vez. É uma história de matar.

Mas não esperou até chegar ao alojamento. O último caminhão do colégio avançava pela avenida de las Palmeras rumo aos alcantilados de La Perla. Vallano, que ia sentado em cima da maleta, disse:

— Vejam só, até parece o caminhão particular da seção. Está quase todo mundo aqui.

— Pois é, negrinha — respondeu o Jaguar. — Cuidado para não levar uma curra.

— Querem saber de uma coisa? — disse Vallano.

— O quê? — disse o Jaguar. — Já curraram você?

— Ainda não — respondeu Vallano. — É sobre o poeta.

— Que história é essa? — perguntou Alberto, encostado contra a cabine.

— Ah, você está aí? Azar seu. Sábado fui ver a Pezinhos-de-Ouro e ela me contou que você pagou para ela tocar uma punheta em você.

— Bah! — disse o Jaguar. — Eu fazia de graça.

Houve algumas risadas desenxabidas, de cortesia.

— A Pezinhos-de-Ouro na cama com o Vallano deve ser uma espécie de café com leite — disse Arróspide.

— Com o poeta em cima, deve ser um sanduíche de negro, um *hot dog* — acrescentou o Jaguar.

— Todo mundo para baixo! — berrou o suboficial Pezoa. O caminhão estava parado na entrada do colégio e os cadetes pulavam para o chão. Ao entrar, Alberto lembrou que não escondera os cigarros. Deu um passo atrás, mas nesse instante descobriu surpreso que no posto de guarda havia dois soldados apenas. Não se via nenhum oficial. Era insólito.

— Será que os tenentes morreram? — disse Vallano.

— Deus queira — respondeu Arróspide.

Alberto entrou no alojamento. Estava às escuras, mas a porta aberta do banheiro deixava entrar uma claridade rala: os cadetes que se despiam junto aos armários pareciam untados de azeite.

— Fernández — disse alguém.

— Oi — disse Alberto. — O que foi?

O Escravo estava a seu lado, de pijama, a cara desfigurada.

— Não está sabendo?

— Não, o que foi?

— Descobriram o roubo da prova de Química. Quebraram uma vidraça. Ontem veio o coronel. Gritou com os oficiais no rancho. Estão umas feras. E os que estavam de sentinela na sexta-feira...

— Sim — perguntou Alberto —, o que tem?

— Detidos até que descubram quem foi.

— Merda — disse Alberto. — Puta que o pariu.



---

Uma vez pensei: "Nunca fiquei sozinho com ela. E se eu fosse esperar na saída do colégio?" Mas não me animava. Dizer o quê? E de onde ia tirar o dinheiro para a passagem? Tere almoçava lá com uns parentes, perto do colégio, em Lima. Eu tinha pensado em ir ao meio-dia, acompanhá-la até a casa dos parentes, assim andaríamos um pouquinho juntos. No ano anterior, um menino tinha me dado 15 *reales* por um trabalho manual, mas isso não se consegue assim num piscar de olhos. Passava horas pensando em como arranjar o dinheiro. Até que um dia tive a ideia de pedir um *sol* emprestado ao magro Higuera. Ele sempre me oferecia uma média ou um trago e um cigarro, um *sol* não era grande coisa. Nessa mesma tarde, quando o encontrei na praça de Bellavista, pedi emprestado a ele. "Claro, homem", respondeu, "claro, para isso servem os amigos." Prometi pagar no meu aniversário e ele riu e disse: "Claro. Você paga quando puder. Tome." Com o *sol* no bolso, fiquei feliz e nem dormi à noite, no dia seguinte bocejei a aula inteira. Três dias depois, disse a minha mãe: "Vou almoçar em Chucuito, na casa de um amigo." No colégio, pedi permissão ao professor para sair meia hora antes, e, como eu era um dos mais aplicados, ele disse que sim.

O bonde vinha quase vazio, não houve maneira de escapar, felizmente o condutor só me cobrou meia passagem. Desci na praça Dos de Mayo. Uma vez, passando pela avenida Alfonso Ugarte para ir visitar meu padrinho, minha mãe tinha me dito: "Nesse casarão aí estuda a Teresita." E sempre me lembrava e sabia que o reconheceria assim que o visse, mas não encontrava a avenida Alfonso Ugarte e lembro que andei pela Colmena e voltei correndo assim que percebi e só então vi o casarão preto, perto da praça Bolognesi. Era justamente a hora da saída, havia muitas alunas, mais velhas e menores, e eu sentia uma vergonha terrível. Dei meia-volta e fui até a esquina, parei na porta de uma mercearia, meio escondido atrás da vitrine, e fiquei espiando. Era inverno e eu suava.

A primeira coisa que fiz quando a vi de longe foi me enfiar na loja, o moral em frangalhos. Mas depois saí e a vi de costas, no rumo da praça Bolognesi. Estava sozinha, mas mesmo assim não me aproximei. Quando não consegui mais vê-la, retornei à Dos de Mayo e tomei o bonde de volta, furioso. O colégio estava fechado, ainda era cedo. Sobravam 50 centavos, mas não comprei nada para comer. Passei o dia inteiro de mau humor e, à tarde, enquanto estudávamos, quase não falei. Ela me perguntou o que estava acontecendo e eu fiquei roxo.

No dia seguinte, no meio da aula, tive um repente de voltar lá e fui falar com o professor e pedi licença de novo. "Está bem", respondeu, "mas diga para a sua mãe que ela vai acabar prejudicando você com isso de sair mais cedo todos os dias." Como já sabia o caminho, cheguei ao colégio dela antes da hora da saída. Quando as alunas apareceram, eu me senti como no dia anterior, mas dizia comigo mesmo: "Vou falar com ela, vou falar com ela." Foi das últimas a sair, sozinha. Esperei até que tomasse alguma distância e comecei a caminhar atrás dela. Na praça Bolognesi, apressei o passo e me aproximei. Disse: "Oi, Tere." Ficou um pouco surpresa, vi nos olhos dela, mas respondeu: "Oi, você por aqui?", com naturalidade, e eu não soube o que inventar e só consegui dizer: "Saí mais cedo do colégio e pensei em vir esperar você. Mas por quê?" "Por nada", disse ela, "só por perguntar." Perguntei se ia à casa dos parentes e ela me respondeu que sim. "E você?", acrescentou. "Não sei", respondi. "Se não se importa, vou com você até lá." "Está bem", disse ela, "é aqui perto." Os tios moravam na avenida Arica. Mal falamos no caminho. Ela respondia a tudo que eu dizia, mas sem me olhar. Quando chegamos a uma esquina, ela me disse: "Meus tios moram no outro quarteirão, é melhor você vir só até aqui." Eu sorri e ela me estendeu a mão. "Tchau", eu disse. "Estudamos agora à tarde?" "Sim, sim", respondeu ela, "tenho pilhas de lição." E, um momento depois, acrescentou: "Obrigada por ter vindo comigo."

La Perlita fica no final do descampado, entre o rancho e as salas de aula, perto do muro de trás do colégio. É uma construção baixa, de alvenaria, com um janelão que faz as vezes de balcão e no qual, de manhã e à tarde, se vê a cara assustadora de Paulino, o mestiço: olhos rasgados de japonês, cara larga de negro, bochechas e queixo acobreados de índio, cabelo liso. No balcão, Paulino vende refrigerante e biscoito, café e chocolate, caramelo e doce e, nos fundos, isto é, no reduto cercado e sem teto, colado ao muro do colégio e que, antes das rondas, era o lugar ideal para as fugas, vende cigarros e pisco, duas vezes mais caro que na praça. Paulino dorme num colchão de palha rente à parede, e à noite as formigas passeiam por seu corpo como por uma praia. Embaixo do colchão, uma tábua dissimula um buraco escavado por Paulino com suas próprias mãos para servir de esconderijo para os pacotes de Nacional e as garrafas de pisco que ele introduz clandestinamente no colégio.

Aos sábados e domingos, depois do almoço, os detidos acorrem ao reduto em grupos pequenos, para não despertar suspeitas. Sentam-se no chão e, enquanto Paulino destapa o esconderijo, esmagam as formigas com pedrinhas planas. O mestiço é generoso e maligno; vende fiado, mas primeiro exige que lhe roguem e o divirtam. O reduto de Paulino é pequeno, nele cabem vinte cadetes, no máximo. Quando não há lugar, os recém-chegados vão se estirar no descampado e brincam de tiro ao alvo com a vicunha enquanto esperam que os outros saiam e que eles possam tomar seus lugares. Os alunos de terceiro ano mal entram nessas festas, porque os de quarto e quinto os expulsam ou os deixam de vigia. As festas duram horas. Começam depois do almoço e terminam na hora do jantar. Os detidos suportam melhor o castigo no domingo, aceitam melhor a ideia de não sair; mas no sábado ainda conservam alguma esperança e se extenuam traçando planos para sair graças a uma invenção genial que comova o oficial de turno ou a uma audácia cega, uma fuga em pleno dia e pelo portão principal. Mas apenas um ou dois das dezenas de detidos chegam a sair. O resto perambula pelos pátios desertos do colégio, enterra-se nos beliches dos alojamentos e fica de olhos abertos para combater o tédio

mortal com a imaginação; quem tem algum dinheiro vai ao reduto de Paulino, fumar, beber pisco e deixar-se comer pelas formigas.

Nas manhãs de domingo, depois do café, há uma missa. O capelão do colégio é um padre loiro e jovial que pronuncia sermões patrióticos em que conta a vida impecável dos próceres, seu amor a Deus e ao Peru, exalta a disciplina e a ordem e compara os militares aos missionários, a Igreja ao Exército. Os cadetes gostam do capelão porque acham que é homem de verdade: viram-no muitas vezes à paisana, vagando pela boca do lixo de Callao, cheirando a bebida e de olhos acesos.

Esqueceu também que no dia seguinte ficou muito tempo de olhos fechados depois de acordar. Quando a porta se abriu, sentiu de novo que o terror se instalava em seu corpo. Segurou a respiração. Tinha certeza: era ele e vinha surrá-lo. Mas era a mãe. Estava muito séria e o olhava fixamente: "E ele?" "Já foi embora, são mais de dez." Respirou fundo e se aprumou. O quarto estava cheio de luz. Só agora percebia a vida da rua, o bonde barulhento, as buzinas dos carros. Sentia-se fraco, como se estivesse convalescendo de uma doença longa e penosa. Esperou que a mãe aludisse ao que acontecera. Mas ela não dizia nada; revolteando de um lado para o outro, fingia arrumar o quarto, arrastava uma cadeira, corrigia a posição das cortinas. "Vamos embora para Chiclayo", disse ele. A mãe se aproximou e começou a acarinhá-lo. Os dedos compridos percorriam sua cabeça, desciam por suas costas: era uma sensação agradável e cálida, que lembrava outros tempos. A voz que chegava agora a seus ouvidos como uma cascata tênue era também a voz de sua infância. Não prestava atenção ao que a mãe dizia, as palavras eram supérfluas, a ternura estava toda na música. Até que a mãe disse: "Não podemos voltar para Chiclayo, nunca mais. Você vai ter que morar com o seu pai." Virou-se para observá-la, convicto de que ela se desfaria em arrependimento, mas a mãe parecia muito serena, até sorria. "Prefiro morar com a tia Adela do que com ele", ele gritou. Sem se alterar, a mãe tratava de acalmá-lo. "O problema", dizia ela, em tom grave, "é que você não o

conhecia antes; ele também não conhecia você. Mas tudo vai mudar, você vai ver. Quando se conhecerem melhor, vão gostar um do outro, como em todas as famílias.” “Ontem à noite ele bateu em mim”, disse ele, roucamente. “Um murro, como se eu fosse gente grande. Não quero ficar com ele.” A mãe continuava passando a mão por sua cabeça, mas esse roçar já não era um carinho, mas uma pressão intolerável. “Tem o gênio ruim, mas no fundo é boa pessoa”, dizia a mãe. “Você precisa aprender a lidar com ele. E você também tem um tantinho de culpa, não faz nada para conquistar o seu pai. Ele está muito sentido com a história de ontem. Você ainda é pequeno, não entende. Mas logo vai ver que eu tenho razão, mais tarde você vai saber. Agora, quando ele voltar, vá pedir desculpas por ter entrado no quarto. Faça um agrado. É o único jeito de deixar o seu pai feliz.” Ele sentia o coração palpitando escandalosamente, como um dos sapos enormes que pululavam na horta da casa de Chiclayo e que pareciam uma glândula com olhos, uma câmara que inchava e murchava. Então entendeu: “Ela está do lado dele, é cúmplice dele.” Decidiu ter cautela, já não podia confiar na mãe. Estava sozinho. Ao meio-dia, quando sentiu que abriam a porta da rua, desceu a escada e foi ao encontro do pai. Sem olhar em seus olhos, disse: “Me desculpe por ontem à noite.”

— E o que mais ela disse? — perguntou o Escravo.

— Nada, só isso — disse Alberto. — Você passou a semana inteira perguntando a mesma coisa. Não consegue falar de outra coisa?

— Desculpe — respondeu o Escravo. — Mas é que hoje é sábado. Ela deve achar que eu sou um mentiroso.

— E por que vai pensar uma coisa dessas? Você já escreveu para ela. Além do mais, que importa o que ela pensa?

— É que eu estou apaixonado por essa garota — disse o Escravo. — Não quero que pense mal de mim.

— Você devia pensar em outra coisa — disse Alberto. — Quem sabe até quando vamos ficar detidos? Talvez várias semanas. É melhor não pensar em mulheres.

— Eu não sou igual a você — disse o Escravo, humilde. — Não tenho caráter. Eu até queria não pensar nessa garota e, mesmo assim, não faço outra coisa além de pensar nela. Se eu não sair no próximo sábado, acho que vou ficar maluco. Me diga, ela perguntou de mim?

— Que maldição — retrucou Alberto. — Só a vi por cinco minutos, na porta da casa. Quantas vezes vou ter de repetir que não falei de nada com ela? Nem tive tempo de olhar direito o rosto dela.

— Mas então por que você não quer escrever para ela?

— Porque não — disse Alberto. — Não quero.

— É isso o que eu não entendo — disse o Escravo. — Você escreve cartas para todo mundo. Por que não escreve para mim?

— Eu não conheço as outras — disse Alberto. — Além do mais, não estou com vontade de escrever cartas. Não preciso de dinheiro agora. Dinheiro para quê, se vou ficar detido sei lá quantas semanas?

— No outro sábado vou sair de qualquer jeito — disse o Escravo. — Mesmo que eu tenha que fugir.

— Está bem — disse Alberto. — Mas agora vamos lá com o Paulino. Não aguento mais e quero encher a cara.

— Vá você — disse o Escravo. — Vou ficar no alojamento.

— Está com medo?

— Não. Só não gosto que ferrem comigo.

— Ninguém vai ferrar — disse Alberto. — Vamos encher a cara. Se alguém tirar sarro, você desce a mão e pronto. Levante. E vamos logo.

O alojamento esvaziara-se paulatinamente. Depois do almoço, os dez detidos da seção deitaram nos beliches para fumar; logo o Jiboia arrastou alguns para La Perlita. Depois, Vallano e outros foram para uma jogatina organizada pelos detidos da segunda seção. Alberto e o Escravo levantaram-se, fecharam os armários e saíram. O pátio do ano, a pista de desfile e o descampado estavam desertos. Caminharam até La Perlita, as mãos metidas nos bolsos, sem falar. Era uma tarde sem vento e sem sol, serena. Logo ouviram uma risada. A uns metros, perceberam um cadete com o gorro enterrado até os olhos.

— Nem me viram, cadetes — disse ele, sorridente. — Eu podia ter matado os dois.

— Não sabe bater continência para os superiores? — disse Alberto. — Sentido, porra.

O rapaz se levantou num salto e prestou continência. Estava muito sério agora.

— Muita gente lá com o Paulino?

— Não muitos, meu cadete. Uns dez.

— Descansar, basta — disse o Escravo.

— Você fuma, cachorro?

— Sim, meu cadete. Mas não tenho cigarros. Pode revistar. Faz duas semanas que não saio.

— Coitadinho — disse Alberto. — Que dó. Tome. — Tirou um maço de cigarros do bolso e o mostrou para ele. O rapaz observava-o desconfiado e não se atrevia a estender a mão.

— Pegue dois — disse Alberto. — Para você ver como eu sou boa gente.

O Escravo olhava, distraído. O cadete estendeu a mão com timidez, sem tirar os olhos de Alberto. Pegou dois cigarros e sorriu.

— Obrigado, meu cadete — disse. — Você é boa gente.

— De nada — disse Alberto. — Uma mão lava a outra. Hoje à noite, você faz a minha cama. Sou da primeira seção.

— Sim, meu cadete.

— Vamos logo — disse o Escravo.

A entrada do reduto de Paulino era uma porta de metal apoiada no muro. Não estava fixada, bastava um vento forte para derrubá-la. Depois de verificar se não havia nenhum oficial por ali, Alberto e o Escravo se aproximaram. De fora, ouviram risadas e a voz poderosa do Jiboia. Alberto avançou na ponta dos pés, fazendo sinal de silêncio para o Escravo. Pôs as duas mãos sobre a porta e empurrou: na abertura que surgiu à frente, depois do estrépito metálico, viram uma dúzia de rostos aterrorizados.

— Todo mundo preso — disse Alberto. — Monte de bebuns, veados, degenerados, punheteiros, tudo mundo para o xadrez.

Estavam na soleira. O Escravo ficara atrás de Alberto; agora seu rosto exprimia docilidade e submissão. Uma figura ágil, simiesca,



levantou-se entre os cadetes amontoados no chão e se plantou na frente de Alberto.

— Entrem logo, porra — disse. — Rápido, vão ver vocês. E não brinque assim, poeta, que um dia vão nos ferrar por culpa sua.

— Cuidado com a língua, seu índio de merda — disse Alberto, transpondo a soleira. Os cadetes se voltaram para olhar Paulino, que havia franzido a testa; os beiços túrgidos se abriam feito um mexilhão.

— O que foi, branquelo? — disse ele. — Quer levar uma ou o quê?

— De você eu não quero nada — disse Alberto, deixando-se cair pelo chão. O Escravo sentou-se a seu lado. Paulino riu com o corpo todo; os lábios se sacudiam e de vez em quando deixavam ver os dentes desiguais, incompletos.

— Trouxe a sua putinha, foi? — disse ele. — E se a gente quiser currar, vai fazer o quê?

— Boa ideia — disse o Jiboia. — Vamos traçar o Escravo.

— E por que não comem esse macaco do Paulino? — disse Alberto. — É bem mais gordinho.

— Esse aí se esquentou — disse Paulino, dando de ombros. Deitou-se ao lado do Jiboia. Alguém levantara a porta de novo. Alberto notou, no meio dos corpos acumulados, uma garrafa de pisco. Estendeu a mão, mas Paulino o segurou.

— Cinco *reales* o gole.

— Ladrão — disse Alberto.

Tirou a carteira e lhe deu uma nota de cinco *soles*.

— Dez goles.

— Só pra você ou para a sua mulherzinha também? — perguntou Paulino.

— Para os dois.

O Jiboia gargalhou estrondosamente. A garrafa circulava entre os cadetes. Paulino calculava os goles; se alguém bebia mais que o devido, arrancava-lhe a garrafa de um só golpe. Depois de beber, o Escravo tossiu e seus olhos se encheram de lágrimas.

— Faz uma semana que esses dois não se separam um instante — disse o Jiboia, apontando para Alberto e o Escravo. — Só queria

saber o que foi que aconteceu.

— Bom — disse um cadete que apoiava a cabeça nas costas do Jiboia —, e a aposta?

Paulino entrou num estado de viva agitação. Ria, dava tapinhas em todo mundo, dizendo “vamos, vamos”, os cadetes aproveitavam seus pulinhos para roubar bons goles de pisco. A garrafa se esvaziou em poucos minutos. Alberto, a cabeça apoiada nos braços cruzados, olhou para o Escravo: uma formiguinha vermelha percorria seu rosto sem que ele sentisse. Os olhos tinham um brilho líquido; a pele estava lívida. “E agora ele vem com uma nota ou uma garrafa ou um maço de cigarros e logo vai ser aquela fedentina, uma poça de merda, eu abro a braguilha, você abre a braguilha e ele também abre, e o mestiço vai começar a se sacudir e todo mundo vai começar a se sacudir, eu queria ver o Gamboa metendo a cabeça e sentindo o cheiro.” Paulino, de cócoras, escavava a terra. Pouco depois, levantou-se com uma sacolinha nas mãos. Ao remexê-la, ouviu-se um barulho de moedas. Todo o seu rosto fora tomado de uma animação extraordinária, as narinas se inflavam, os lábios arroxeados, esgarçados, avançavam em busca de uma presa, as têmporas latejavam. O suor banhava seu rosto exacerbado. “E agora vai se sentar, vai respirar feito cavalo ou cachorro, a baba vai escorrer pelo pescoço, vai mandar ver com as mãos, vai ficar sem voz, tira a mão, seu nojento, vai estrebuchar sozinho, vai assobiar com a língua entre os dentes, vai cantar, gritar, chafurdar por cima das formigas, o cabelo vai cair por cima da cara, tire a mão, que eu corto o saco fora, vai cair no chão, vai afundar a cabeça na grama e na areia, vai chorar, as mãos e o corpo vão aquietar, morrer.”

— São uns dez *soles* em moedas de cinquenta — disse Paulino.  
— E aí embaixo tem mais uma garrafa de pisco para o segundo lugar. Mas vai ter que oferecer para todo mundo.

Alberto havia metido a cabeça entre os braços; seus olhos exploravam um minúsculo universo em trevas. Seus ouvidos percebiam uma excitação buliçosa: corpos que se estendem ou se encolhem, risos abafados, o resfolegar frenético de Paulino. Girou sobre o próprio corpo e pôs a cabeça no chão: acima, via uma chapa de zinco e o céu cinzento, ambos do mesmo tamanho. O Escravo se

inclinou para ele. A palidez cobria não apenas o rosto, mas também o pescoço e as mãos: sob a pele distinguiam-se as veias azuis.

— Vamos embora, Fernández — sussurrou o Escravo. — Vamos.

— Não — disse Alberto. — Quero levar essa sacolinha.

Agora a risada do Jiboia era furiosa. Virando a cabeça, Alberto podia ver os grandes coturnos, as pernas grossas, a barriga aparecendo entre as pontas da camisa cáqui e as calças desabotoadas, o pescoço maciço, os olhos sem luz. Alguns abaixavam as calças, outros apenas abriam a braguilha. Com os lábios umedecidos, Paulino rondava o leque de corpos; de uma de suas mãos pendia a sacola sonora, a outra segurava a garrafa de pisco. “O Jiboia está pedindo para trazerem a Malparada”, disseram, mas ninguém riu. Alberto se desabotoava devagar, os olhos semicerrados, e tratava de evocar o rosto, o corpo, os cabelos da Pezinhos-de-Ouro, mas a imagem era fugidia e se esfumava para dar passagem a outra, uma moça morena, que também fugia e voltava, mostrava uma das mãos, uma boca fina, e a garoa caía sobre ela, molhava sua roupa e a luz vermelha de Huatica brilhava no fundo desses olhos escuros e ele dizia merda e aparecia a coxa branca e carnuda da Pezinhos-de-Ouro e sumia e a avenida Arequipa estava repleta de carros que passavam junto à parada do Raimondi, onde ele e a garota esperavam.

— E você, está esperando o quê? — disse Paulino, indignado. O Escravo estava deitado e continuava imóvel, a cabeça entre as mãos. O mestiço estava em pé, diante dele, e parecia enorme. “Trace, Paulino”, gritou o Jiboia, “trace logo a namorada do poeta. Se o poeta se mexer, pode deixar que eu acabo com ele.” Alberto olhou para o chão: uns pontos negros sulcavam a terra marrom, mas não havia nenhuma pedra. Enrijeceu o corpo e fechou os punhos. Paulino estava inclinado, de joelhos separados: as pernas do Escravo passavam por baixo de seu corpo.

— Toque nele e eu quebro a sua cara — disse Alberto.

— Está apaixonado pelo Escravo — disse o Jiboia, mas sua voz revelava que já tinha perdido todo o interesse por Paulino e Alberto; era uma voz débil e congestionada, distante. O mestiço sorriu e

abriu a boca: a língua arrastava uma massa de saliva que molhou seus lábios.

— Não vou fazer nada — disse. — Ele é muito mole, só quero ajudar.

O Escravo estava imóvel e, enquanto Paulino soltava o cinto e abria as calças, continuou olhando para o teto. Alberto virou a cabeça; o zinco era branco, o céu era cinzento, em seus ouvidos ressoava uma música, o diálogo das formigas coloridas em seus labirintos subterrâneos, labirintos com luzes coloridas, um brilho avermelhado em que os objetos pareciam escuros e a pele da mulher parecia devorada pelo fogo da ponta dos pezinhos adoráveis até a raiz dos cabelos pintados, havia uma grande mancha na parede, o balançar cadenciado do rapaz marcava o tempo como um relógio de pelosndulo, fixava o reduto à terra, impedia que ele flutuasse no ar e caísse na espiral avermelhada de Huatica, entre as coxas de mel e de leite, a moça caminhava sob a garoa, leve, graciosa, esbelta, mas agora o jorro vulcânico estava ali, definitivamente instalado em algum ponto de sua alma, e começava a crescer, a lançar seus tentáculos pelas passagens secretas de seu corpo, expulsando a moça de sua memória e de seu sangue e secretando um perfume, um licor, uma forma sob o ventre que suas mãos acariciavam e logo ascendia alguma coisa de escaldante e avassalador, e ele conseguia ver, ouvir, sentir o prazer que avançava, fumegante, abrindo caminho entre um emaranhado de ossos e músculos e nervos, rumo ao infinito, rumo ao paraíso em que nunca entrariam as formigas vermelhas, mas então se distraiu, porque Paulino ofegava e caía logo ao lado e o Jiboia dizia palavras entrecortadas. Sentiu novamente a terra sob suas costas e, quando se virou para olhar, sentiu os olhos arderem como se os tivessem picado com uma agulha. Paulino estava ao lado do Jiboia e este o deixava manusear seu corpo, indiferente. O mestiço resfolegava, soltava gritinhos desafinados. O Jiboia havia fechado os olhos e se retorcia. “E agora vai começar a fedentina e a garrafa vai se esvaziar em dois segundos e vamos cantar, e alguém vai contar piadas, e o mestiço vai ficar triste, e eu vou ficar de boca seca e os cigarros vão me dar engulho e vou querer dormir, e a cabeça que dói e vou

acabar tuberculoso, o doutor Guerra disse que vale por dar sete seguidas numa mulher.”

Quando escutou o grito do Jiboia, não se mexeu: era um pequeno ser adormecido no fundo de uma concha rosa, e nem o vento nem a água nem o fogo podiam invadir seu refúgio. Logo voltou à realidade: o Jiboia segurava Paulino no chão e lhe dava bofetes, gritando: “Você me mordeu, índio de merda, serrano, vou acabar com você.” Alguns cadetes tinham se levantado e contemplavam a cena com ar lânguido. Paulino não se defendia e, depois de algum tempo, o Jiboia o soltou. O mestiço levantou-se pesadamente, limpou a boca, recolheu a sacola das moedas e a garrafa de pisco. Entregou o dinheiro ao Jiboia.

— Eu fui o segundo — disse Cárdenas.

Paulino avançou até ele com a garrafa, mas foi retido pelo coxo Villa, que estava ao lado de Alberto.

— Mentira — disse. — Não foi ele.

— Quem foi, então? — perguntou Paulino.

— O Escravo.

O Jiboia parou de contar as moedas e seus olhinhos fixaram o Escravo. Este continuava de costas, as mãos largadas junto ao corpo.

— Quem diria — disse o Jiboia. — Tem pica de homem.

— E você, de jumento — disse Alberto. — Feche as calças, monstrengo.

O Jiboia gargalhou e correu pelo reduto, por cima dos corpos, com o sexo entre as mãos, gritando: “Vou mijar em todo mundo, vou comer todo mundo, ninguém é Jiboia à toa, mato qualquer mulher na primeira metida.” Os outros se limpavam e ajeitavam a roupa. O Escravo tinha aberto a garrafa de pisco e, depois de tomar um gole e cuspir, passou-a adiante para o Alberto. Todos bebiam e fumavam. Paulino estava sentado num canto, de cara murcha e melancólica. “E agora vamos sair e lavar as mãos e depois vão tocar o apito e vamos entrar em forma e marchar para o rancho, um, dois, um, dois, e vamos comer e sair do rancho e entrar nos alojamentos e alguém vai chamar para um campeonato e vamos dizer que já fomos lá com o mestiço e o Jiboia ganhou, e o Jiboia vai dizer que o

Escravo também estava na história, foi o poeta que o levou e não deixou ninguém comer o Escravo, que aliás ficou em segundo no campeonato, e vão dar o toque de silêncio e vamos dormir e amanhã e segunda-feira e quem sabe quantas semanas.”

Emilio deu-lhe um tapinha no ombro e disse: “É ela.” Alberto levantou a cabeça. Helena, meio inclinada sobre o parapeito da galeria, olhava para ele. Sorria. Emilio deu uma cotovelada e repetiu: “É ela. Vá lá, vá lá.” Alberto sussurrou: “Cale a boca, homem. Não vê que ela está com a Ana?” Junto à cabeça loira, suspensa sobre o parapeito, aparecera uma outra, morena: Ana, a irmã de Emilio. “Não se preocupe”, respondeu o outro. “Eu cuido dela. Vamos.” Alberto assentiu. Subiram a escadaria do Clube Terrazas. A galeria estava cheia de gente jovem; do outro lado do clube, dos salões, vinha uma música muito animada. “Mas não chegue perto, de jeito nenhum”, murmurava Alberto, enquanto subiam a escadaria. “Não deixe a sua irmã interromper. Se quiser vir atrás, tudo bem, mas de longe.” Quando se aproximaram delas, as duas moças estavam rindo. Helena parecia mais velha. Magra, delicada, transparente, nada à primeira vista revelava sua audácia. Mas os rapazes do bairro a conheciam. Enquanto as outras meninas, abordadas no meio da rua, começavam a chorar, Helena enfrentava os atacantes, desafiava-os como uma pequena fera de olhos em brasa, e sua voz enérgica respondia aos sarcasmos, um por um, ou tomava a iniciativa e chamava os rapazes pelos nomes mais ofensivos e os ameaçava e eles a viam, o corpo firme e rijo, o rosto altaneiro, açoitar o ar com os punhos cerrados, resistir ao cerco, rompê-lo e ganhar distância com expressão triunfal. Mas isso fora antes. Fazia algum tempo, ninguém sabia exatamente em que estação do ano, em que mês (quem sabe nas férias de julho, quando os pais de Tico celebraram o aniversário do filho com uma festa mista), o clima de luta entre homens e mulheres começou a se eclipsar. Os rapazes já não esperavam que as moças passassem para assustá-las e se divertir a suas custas; pelo contrário, a aparição de uma delas causava satisfação e despertava uma cortesia tímida e balbuciante.

E, de seu lado, quando viam passar algum deles, as meninas reunidas na varanda da casa de Laura ou de Ana paravam de falar em voz alta, trocavam misteriosas palavras ao pé do ouvido, saudavam-no pelo nome, e o rapaz sentia, além da lisonja íntima que o invadia, a excitação que sua presença causava na varanda. Largados no jardim da casa de Emilio, suas conversas tomavam outros rumos. Quem recordava as partidas de futebol, as corridas, as descidas à praia pelo desfiladeiro? Fumavam sem descanso (ninguém se engasgava mais com o fumo), estudavam a maneira de se infiltrar nos filmes para maiores de 15 anos, calculavam as possibilidades de uma festa próxima: os pais permitiriam que ligassem o toca-discos e dançassem? Duraria tanto quanto a última, que foi até a meia-noite? E cada um narrava seus encontros, suas conversas com as moças do bairro. Os pais haviam adquirido uma importância excepcional; alguns, como o pai de Ana e a mãe de Laura, gozavam de apreço unânime, porque cumprimentavam os rapazes, permitiam que conversassem com as filhas, perguntavam-lhes dos estudos; outros, como o pai de Tico e a mãe de Helena (rígidos, ciumentíssimos), atemorizavam e afugentavam todos.

— Você vai à matinê? — perguntou Alberto.

Andavam pelo Malecón, sozinhos. Ele sentia às costas os passos de Emilio e de Ana. Helena fez que sim com a cabeça e disse: “No cinema Leuro.” Alberto decidiu esperar: no escuro seria mais fácil. Tico havia explorado o terreno uns dias antes e Helena dissera: “Nunca se sabe, mas, se ele se declarar, quem sabe eu aceito.” Era uma manhã clara de verão, o sol brilhava num céu azul sobre o oceano bem ao lado, e ele se sentia cheio de brios: os sinais eram favoráveis. Com as moças do bairro ele sempre se mostrava seguro, fazia brincadeiras engenhosas ou conversava seriamente. Mas Helena não facilitava o diálogo, discutia tudo, mesmo as afirmações mais inocentes, nunca falava à toa e suas opiniões eram cortantes. Certa vez, Alberto contou que havia chegado à missa depois do Evangelho. “Não vale”, retrucou Helena, friamente. “Se morrer hoje à noite, você vai para o inferno.” Outra vez, Ana e Helena contemplavam da sacada uma partida de futebol. Depois, Alberto perguntou: “Que tal eu joguei?” E ela respondeu: “Joga muito mal.”

Mesmo assim, uma semana antes, um grupo de rapazes e moças do bairro reunira-se no parque de Miraflores e tinha passeado um bom tempo ao redor do Ricardo Palma. Alberto caminhava junto a Helena e ela se mostrava cordial; os outros viravam-se para vê-los e diziam: "Que casal bonito."

Acabavam de deixar o Malecón para trás, avançavam pela Juan Fanning rumo à casa de Helena. Alberto já não sentia os passos de Emilio e de Ana. "Nos vemos no cinema?", perguntou. "Você também vai ao Leuro?", perguntou Helena, com infinita inocência. "Vou", disse ele, "vou também." "Bem, então quem sabe nos vemos." Na esquina de sua casa, Helena estendeu a mão. A rua Colón, o cruzamento da Diego Ferré, o próprio coração do bairro estava solitário; os rapazes ainda estavam na praia ou na piscina do Terrazas. "Você vai mesmo ao Leuro, não vai?", disse Alberto. "Vou, sim", ela respondeu. "A não ser que aconteça alguma coisa." "Mas o que pode acontecer?" "Não sei", disse ela, muito séria. "Um mal-estar ou alguma coisa assim." "Tenho uma coisa para dizer no cinema", disse Alberto. Olhou-a nos olhos; ela piscou e pareceu muito surpresa. "Tem uma coisa para me dizer? O quê?" "Digo no cinema." "E por que não diz agora?", disse ela. "É melhor fazer as coisas o quanto antes." Ele fez força para não corar. "Você já sabe o que eu vou dizer", disse. "Não", retrucou ela, ainda mais surpresa. "Não faço a menor ideia do que pode ser." "Se você prefere, eu digo logo de uma vez", disse Alberto. "Isso", disse ela, "quero só ver."

"E agora vamos sair e depois vão tocar o apito e vamos entrar em forma e marchar para o rancho, um, dois, um, dois, e vamos comer cercados por mesas vazias, e vamos sair para o pátio vazio e vamos entrar nos alojamentos vazios, e alguém vai chamar para um campeonato e eu vou dizer que já estivemos lá com o mestiço e o Jiboia ganhou, o Jiboia sempre ganha, sábado que vem o Jiboia vai ganhar de novo, e vão dar o toque de silêncio e vamos dormir e vai chegar o domingo e a segunda e aí voltam os que saíram e vamos comprar cigarros deles e vou pagar com cartas ou romancinhos." Alberto e o Escravo estavam deitados em duas camas vizinhas no



alojamento deserto. O Jiboia e os outros detidos acabavam de sair para La Perlita. Alberto fumava um toco de cigarro.

— Pode continuar até o fim do ano? — disse o Escravo.

— O quê?

— A detenção.

— Mas, que diabo, por que você quer falar da detenção? Cale a boca ou durma. Você não é o único detido.

— Eu sei, mas podemos ficar detidos até o fim do ano.

— É, podemos — disse Alberto. — A não ser que descubram o Cava. Mas como é que vão pegar?

— Não é justo — disse o Escravo. — O serrano sai todo sábado, feliz da vida. E nós aqui dentro, por culpa dele.

— A vida é ferrada mesmo — disse Alberto. — Não há justiça.

— Hoje faz um mês que eu não saio — disse o Escravo. — Nunca fiquei tanto tempo detido.

— É melhor se acostumar.

— Teresa não me responde — disse o Escravo. — Já escrevi duas cartas.

— E que diferença faz, porra? — disse Alberto. — O mundo está assim de mulheres.

— Mas eu gosto dessa. As outras não me interessam. Não dá para entender?

— Claro que dá. Quer dizer que você está ferrado.

— Sabe como foi que eu a conheci?

— Não, como é que vou saber?

— Eu a via passar todo dia pela minha casa. E ficava olhando da janela e às vezes acenava para ela.

— E batia punheta pensando nela?

— Não. Gostava de olhar para ela.

— Que romântico.

— E um dia desci antes que ela passasse. E fiquei esperando na esquina.

— E deu um beliscão nela?

— Cheguei perto e dei a mão para ela.

— E disse o quê?

— Meu nome. E perguntei como ela se chamava. E então eu disse: “Muito prazer.”

— Mas você é um imbecil. E ela, disse o quê?

— Disse o nome também.

— Já beijou?

— Não. Nem saí com ela.

— Mentiroso de merda. Vamos, jure que não beijou.

— O que deu em você?

— Nada. Só não gosto que mintam para mim.

— E por que eu vou mentir? Acha que eu não tinha vontade de beijar? Mas só estive com ela umas três ou quatro vezes, na rua. Culpa deste maldito colégio que não me deixa sair. Vai ver até que já se declarou a alguém.

— Quem?

— E eu sei? Alguém. É muito bonita.

— Nem tanto. Eu diria que é feia.

— Para mim, é bonita.

— Você é uma peça rara. Eu gosto de mulher para ir para a cama.

— É que eu gosto dessa menina.

— Vou chorar de emoção.

— Se ela me esperasse até o fim dos estudos, eu me casaria com ela.

— Pois eu acho que ela vai meter um chifre atrás do outro. Mas tudo bem, posso ser o padrinho, se você quiser.

— Que história é essa?

— Você tem cara de chifrudo.

— Vai ver que não recebeu minhas cartas.

— Pode ser.

— Por que não quis escrever uma carta para mim? Esta semana você fez várias.

— Porque não me deu vontade.

— O que você tem comigo? Está com raiva por quê?

— A detenção me deixa de mau humor. Ou você acha que é só você que está cansado de não sair?

— Por que você entrou no Leoncio Prado?

Alberto deu uma risada. Disse:

— Para salvar a honra da família.

— Você nunca fala sério?

— Estou falando sério, Escravo. Meu pai dizia que eu estava pisoteando a tradição familiar. E me meteu aqui, para me corrigir.

— Por que você não tomou pau na prova de admissão?

— Por culpa de uma garota. Por uma decepção, entende? Entrei nesta pocilga por causa de um desengano e da minha família.

— Estava apaixonado?

— Gostava dela.

— Era bonita?

— Era.

— Como se chamava? O que aconteceu?

— Helena. E não aconteceu nada. Além do mais, não gosto de contar as minhas coisas.

— Mas eu conto todas as minhas.

— Conta porque quer contar. Se não quiser, não precisa.

— Você tem cigarros?

— Não. Vamos arranjar.

— Não tenho um centavo.

— Eu tenho dois *soles*. Levante, vamos lá com o Paulino.

— Não aguento mais La Perlita. O Jiboia e o mestiço me dão nojo.

— Então pode dormir. Eu prefiro ir.

Alberto levantou-se. O Escravo o viu pôr o gorro e ajeitar a gravata.

— Quer que eu diga uma coisa? — disse o Escravo. — Até já sei que você vai rir de mim, mas não importa.

— O que é?

— Você é o único amigo que eu tenho. Antes eu não tinha amigos, só conhecidos. Quer dizer, conhecidos da rua; aqui, nem isso. Você é a única pessoa com quem eu gosto de andar.

— Parece um veado fazendo declaração de amor — disse Alberto.

O Escravo sorriu.

— Você é um bruto — disse. — Mas é boa gente.

Alberto saiu. Da porta, disse:

— Se conseguir cigarros, eu trago um.

O pátio estava molhado. Alberto não percebera que chovia enquanto conversavam no alojamento. Distinguiu, ao longe, um cadete sentado na grama. Seria o mesmo que estava de sentinela no sábado passado? “E agora vou lá com o mestiço e vamos fazer campeonato e o Jiboia vai ganhar e vai ser aquela fedentina e então vamos sair para o pátio vazio e vamos entrar nos alojamentos e alguém vai chamar para um campeonato e eu vou dizer que já fomos lá com o Paulino e o Jiboia ganhou, e no sábado que vem o Jiboia vai ganhar de novo, e vão dar o toque de silêncio e vamos dormir e aí vem o domingo e a segunda e quem sabe quantas semanas.”

---

## VI

Podia suportar a solidão e as humilhações que conhecia desde menino e que mal feriam seu espírito: o terrível era o confinamento, essa grande solidão exterior que ele não escolhera, que alguém lhe jogava em cima como uma camisa de força. Estava diante do quarto do tenente, mas não levantava a mão para bater. Mesmo assim, sabia que bateria, levava três semanas para decidir, já não tinha medo nem angústia. Era a sua mão que o traía: continuava quieta, frouxa, rente às calças, morta. Não era a primeira vez. No Colégio Salesiano, chamavam-no "bonequinha"; era tímido e se assustava com tudo. "Chore, chore, bonequinha", gritavam os companheiros a seu redor na hora do recreio. Ele recuava até que suas costas dessem com a parede. As caras se aproximavam, as vozes soavam mais alto, as bocas dos meninos pareciam focinhos prontos a mordê-lo. Começava a chorar. Uma vez, disse consigo mesmo: "Tenho que fazer alguma coisa." Em plena sala de aula, desafiou o valentão da classe: esqueceu o nome e a cara, os punhos certos e o resfolegar. Diante dele, no canto do lixo, preso no interior de um círculo de espectadores ansiosos, também não sentiu medo, nem mesmo excitação: apenas um abatimento completo. Seu corpo não respondia nem se esquivava aos golpes; teve que esperar que o outro se cansasse de bater. Era para castigar esse corpo covarde, para transformá-lo, que se esforçara para passar no exame de ingresso no Leoncio Prado; por isso suportara aqueles longos 24 meses. Agora já não tinha esperança; nunca seria como o Jaguar, que se impunha pela violência, nem como Alberto, que sabia desdobrar-se e dissimular para que os outros não o transformassem em vítima. Quanto a ele, conheciam-no sem meias palavras, tal como era, indefeso, fraco, um escravo. Agora só lhe interessava a liberdade de dispor da própria solidão como bem entendesse, levá-la ao cinema, fechar-se com ela onde quer que fosse. Levantou a mão e bateu três vezes na porta.

O tenente Huarina estivera dormindo? Os olhos inchados pareciam duas enormes chagas na cara redonda; tinha o cabelo desalinhado e o olhava como através de uma neblina.

— Quero falar com o senhor, meu tenente.

O tenente Remigio Huarina era, no mundo dos oficiais, o que ele era no dos cadetes: um intruso. Baixo, franzino, suas ordens inspiravam risadas, suas cóleras não assustavam ninguém, os suboficiais entregavam os relatórios sem prestar continência e o olhavam com desprezo; sua companhia era a mais mal organizada, o capitão Garrido o repreendia em público, os cadetes desenhavam-no nas paredes de calças curtas, masturbando-se. Diziam que tinha uma mercearia nos Barrios Altos, onde a mulher vendia biscoitos e doces. Por que entrara para a Escola Militar?

— O que houve?

— Posso entrar? É um assunto grave, meu tenente.

— Quer uma audiência? Precisa seguir a cadeia de comando.

Não eram apenas os cadetes que imitavam o tenente Gamboa: à maneira dele, Huarina pusera-se em posição de sentido para citar o regulamento. Mas, com as mãozinhas delicadas e o bigode ridículo, quem ele queria enganar?

— Não quero que ninguém saiba, meu tenente. É grave.

O tenente se pôs de lado e ele entrou. A cama estava desfeita e o Escravo pensou de imediato numa cela de convento: devia ser assim, nua, escura, um pouco sinistra. No chão, havia um cinzeiro cheio de baganas; uma delas ainda soltava fumaça.

— O que houve?

— É sobre a história da vidraça.

— Nome e seção — disse o tenente, precipitadamente.

— Cadete Ricardo Arana, quinto ano, primeira seção.

— Que tem a história da vidraça?

Agora era a língua que se acovardava: negava-se a se mexer, estava seca, ele a sentia como uma pedra áspera. Era medo? O Círculo não largava dele; depois do Jaguar, Cava era o pior; tirava-lhe os cigarros, o dinheiro, uma vez havia urinado em cima dele enquanto dormia. De certo modo, tinha direito; todos no colégio respeitavam a vingança. E, mesmo assim, no fundo do coração,

alguma coisa o acusava. “Não vou trair o Círculo”, pensou, “vou trair o ano inteiro, todos os cadetes.”

— O que houve? — disse o tenente Huarina, irritado. — Veio me olhar? Não me conhece?

— Foi Cava — disse o Escravo. Baixou os olhos. — Posso sair neste sábado?

— Como? — disse o tenente. Não entendera, ainda podia inventar alguma coisa e sair.

— Foi Cava quem quebrou a vidraça — disse. — Ele roubou a prova de Química. Eu o vi passando para as salas de aula. A detenção vai ser suspensa?

— Não — disse o tenente. — Vamos ver. Primeiro repita o que disse.

O rosto de Huarina estava mais redondo, algumas rugas haviam surgido nas faces, perto da comissura dos lábios, que estavam separados e tremiam ligeiramente. Os olhos demonstravam satisfação. O Escravo tranquilizou-se. Já não lhe importavam o colégio, a saída, o futuro. Pensou com seus botões que o tenente Huarina não parecia agradecido. Afinal de contas, era natural que fosse assim, não era de seu mundo, talvez ele o desprezasse.

— Escreva — disse Huarina. — Agora mesmo. Aqui tem papel e lápis.

— Escrever o quê, meu tenente?

— Eu dito. “Vi o cadete”, como ele se chama? “Vi o cadete Cava, de tal seção, tal dia, a tal hora, passar para as salas de aula a fim de se apropriar indevidamente da prova de Química.” Escreva bem limpo. “Faço esta declaração a pedido do tenente Remigio Huarina, que descobriu o autor do furto e igualmente minha participação...”

— Meu tenente, eu não...

— “... minha involuntária participação no assunto, como testemunha.” Assine. E escreva seu nome em letra de forma. Grande.

— Eu não vi o furto — disse o Escravo. — Só o vi passando para as salas de aula. Faz quatro semanas que não saio, meu tenente.

— Não se preocupe. Eu me encarrego de tudo. Não tenha medo.



— Não tenho medo — gritou o Escravo, e o tenente ergueu a vista, surpreso. — Faz quatro semanas que não saio, meu tenente. Este sábado, vão ser cinco.

Huarina assentiu.

— Assine este papel — disse. — Tem minha permissão para sair hoje, depois das aulas. Volte às 11.

O Escravo assinou. O tenente leu o papel; os olhos dançavam nas órbitas; mexia os lábios para ler.

— Que vão fazer com ele? — disse o Escravo. A pergunta era imbecil, ele sabia; mas tinha que dizer alguma coisa. O tenente segurava a folha de papel com a ponta dos dedos, cuidadosamente; não queria amassá-la.

— Falou disso com o tenente Gamboa? — Por um instante, a animação do rosto sem ângulos e imberbe ficou em suspenso; esperava a resposta do Escravo com alarme. Teria sido fácil apagar a alegria de Huarina, tirar-lhe os ares de vencedor; bastava dizer sim.

— Não, meu tenente. Com ninguém.

— Muito bem. Nem uma palavra — disse o tenente. — Espere minhas instruções. Venha me ver depois das aulas, em uniforme de saída. Vou levá-lo até o posto de guarda.

— Sim, meu tenente. — O Escravo vacilou antes de acrescentar. — Não queria que os cadetes soubessem...

— Um homem — disse Huarina, de novo em posição de sentido — deve assumir suas responsabilidades. É a primeira coisa que se aprende no Exército.

— Sim, meu tenente. Mas se souberem que eu denunciei...

— Eu sei — disse Huarina, levando a folha de papel até os olhos pela quarta vez. — Vão fazer mingau de você. Mas não tema. Os Conselhos de Oficiais são sempre secretos.

“Talvez me expulsem também”, pensou o Escravo. Saiu do quarto de Huarina. Ninguém o tinha visto, depois do almoço os cadetes se deitavam nos beliches ou no gramado do estádio. No descampado, observou a vicunha: esbelta, imóvel, farejava o ar. “É um animal triste”, pensou. Estava surpreso: devia sentir-se excitado ou aterrorizado, algum incômodo físico devia lembrá-lo da delação. Achava que os criminosos, depois de cometer um assassinato,

afundavam-se numa vertigem e ficavam como que hipnotizados. Ele só sentia indiferença. Pensou: “Vou ficar seis horas na rua. Vou vê-la, mas não vou poder contar nada do que aconteceu.” Se tivesse alguém para conversar, que pudesse compreender ou pelo menos escutar! Como confiar em Alberto? Não apenas se negara a escrever em seu nome a Teresa, mas nos últimos dias provocava-o constantemente — a sós, é verdade, pois o defendia na frente dos outros —, como se tivesse alguma coisa a lhe reprovar. “Não posso confiar em ninguém”, pensou. “Por que todos são meus inimigos?”

Um leve tremor nas mãos: foi a única reação de seu corpo ao empurrar os batentes do alojamento e ver Cava em pé junto ao armário. “Se olhar para mim, vai ver que acabo de ferrar com ele”, pensou.

— O que foi? — disse Alberto.

— Nada. Por quê?

— Está pálido. Vá para a enfermaria, com certeza vão internar você.

— Não tenho nada.

— Não interessa — disse Alberto. — Detido assim, a melhor coisa é ser internado. Quem dera estar pálido assim. Na enfermaria você come bem e descansa.

— Mas perde a saída.

— Que saída? Ainda vamos ficar um bom tempo aqui dentro. Se bem que dizem que vai haver saída geral no próximo domingo. Aniversário do coronel. É o que dizem, pelo menos. Está rindo do quê?

— De nada.

Como Alberto podia falar com tanta indiferença da detenção, como podia se acostumar com a ideia de não sair?

— A não ser que você esteja pensando em fugir — disse Alberto. — Mas da enfermaria é mais fácil. À noite não há controle. Mas vai ter que pular para o lado da Costanera e pode acabar se espetando na grade feito churrasquinho.

— Agora não andam fugindo muito — disse o Escravo. — Desde que começaram a ronda.

— Antes era mais fácil — disse Alberto. — Mas ainda sai muita gente. O índio do Urioste saiu na segunda-feira e voltou às quatro da manhã.

Afinal, por que não ia para a enfermaria? De que servia sair para a rua? Doutor, estou com a vista nublada, estou com dor de cabeça, tenho palpitações, suor frio, sou um covarde. Quando ficavam detidos, os cadetes tratavam de ser admitidos na enfermaria. Lá se ficava o dia inteiro sem fazer nada, de pijama, e a comida era abundante. Mas os enfermeiros e o médico do colégio estavam cada vez mais rígidos. Febre não bastava; sabiam que, pondo cascas de banana no rosto por um par de horas, a temperatura subia a 39 graus. Também não bastavam as gonorreias, desde que se descobriu o estratagema do Jaguar e do Crespo, que se apresentaram à enfermaria com o falo banhado em leite condensado. O Jaguar também tinha inventado as opressões. Segurando a respiração até chorar, várias vezes seguidas, antes do exame médico, o coração se acelera e começa a trovejar como um bumbo. Os enfermeiros decretavam: “Internação por sintomas de taquicardia.”

— Nunca fugi — disse o Escravo.

— Não me admiro — disse Alberto. — Eu já, várias vezes, ano passado. Uma vez fomos a uma festa em La Punta com Arróspide e voltamos logo antes da alvorada. No quarto ano a vida era melhor.

— Poeta — gritou Vallano. — Você estudou no Colégio La Salle?

— O Crespo está dizendo que todo mundo no La Salle é veado. É verdade?

— Não — disse Alberto. — No La Salle não entrava negro.

O Crespo riu.

— Você está frito — disse a Vallano. — Vai ter que dar para o poeta.

— Negro, mas mais homem do que qualquer um — afirmou Vallano. — E quem quiser tirar a teima pode vir.

— Ai, que medo — disse alguém. — Ai, mamãezinha.

— Ai, ai, ai — cantou o Crespo.

— Escravo — gritou o Jaguar. — Vá lá e tire a teima. Depois você conta se o negro é tão homem quanto diz.

— O Escravo eu parto em dois — disse Vallano.

— Ai, mamãezinha.

— E você também — gritou Vallano. — Vem que tem. Estou no ponto.

— Que foi? — disse a voz rouca do Jiboia, que acabava de despertar.

— O negro está dizendo que você é veado.

— Disse mesmo.

— Passou mais de uma hora tirando sarro.

— Mentira, irmão — disse Vallano. — E desde quando eu falo de alguém pelas costas?

Tornaram a rir.

— Estão rindo de você — agregou Vallano. — Não está vendo?

— Levantou a voz. — Mais uma gracinha dessas, poeta, e você vai ver. Estou avisando. Por pouco eu não me meto em confusão com o garoto ali.

— Ui — disse Alberto. — Ouviu, Jiboia? Chamou você de garoto.

— Está querendo alguma coisa comigo, negro? — disse a voz rouca.

— Nada, irmão — retrucou Vallano. — Você é meu amigo.

— Então não me chame de garoto.

— Poeta, hoje você vai ver.

— Negro que ladra não morde — disse o Jaguar.

O Escravo pensou: “No fundo, são todos amigos. Xingam e brigam da boca para fora, mas no fundo se divertem juntos. Eu sou o único que eles olham como um estranho.”

“Tinha as pernas gordas, brancas e sem peloslos. Eram uma beleza e dava vontade de morder.” Alberto ficou olhando a frase, tratando de calcular suas possibilidades eróticas, e ficou satisfeito. O sol atravessava as vidraças manchadas da estufa e caía sobre ele, que estava deitado no chão, o rosto apoiado numa das mãos, a outra com uma lapiseira suspensa a poucos centímetros da folha de papel, escrita pela metade. No chão coberto de poeira, baganas, fósforos carbonizados, havia outras folhas, algumas escritas. A estufa fora construída junto com o colégio, no jardimzinho que

continha a piscina, eternamente seca e coberta de musgo, sobrevoada por nuvens de pernilongos. Ninguém, e com certeza nem mesmo o coronel, sabia a finalidade da estufa, erguida a dois metros do solo por quatro colunas de concreto e à qual se chegava por uma estreita escada sinuosa. Provavelmente nenhum oficial ou cadete entrara na estufa até que o Jaguar conseguiu abrir a porta trancada usando um pé de cabra especial, em cuja fabricação tomou parte toda a seção. Esta havia encontrado uma função para a estufa solitária: servir de esconderijo para quem, em vez de ir às aulas, queria tirar uma sesta. “O cômodo estremecia como se houvesse um terremoto; a mulher gemia, puxava os cabelos, dizia ‘pare, pare’, mas o homem não a soltava; com sua mão nervosa, continuava explorando o corpo dela, arranhando-a, penetrando-a. Quando a mulher ficou calada, feito morta, o homem começou a rir e sua risada parecia o grito de um animal.” Pôs a lapiseira na boca e releu a folha inteira. Ainda acrescentou uma última frase: “A mulher adorou as mordidinhas finais e ficou feliz de pensar que o homem voltaria no dia seguinte.” Alberto passou a vista sobre as folhas cobertas de palavras azuis; em menos de duas horas, escrevera quatro romancinhos. Ótimo. Ainda faltavam alguns minutos até que soasse o apito anunciando o fim das aulas. Girou sobre o próprio corpo, apoiou a cabeça no chão, continuou estirado, com o corpo solto, relaxado; o sol tocava seu rosto, mas não o obrigava a fechar os olhos: estava fraco agora.

Saía na hora do almoço. De repente, o rancho se iluminou e o murmúrio vertiginoso morreu de um só golpe; 1.500 cabeças voltaram-se para o descampado: com efeito, a grama parecia dourada e os edifícios contíguos projetavam sombras. Era a primeira vez que o sol saía em outubro desde que Alberto estava no colégio. Pensou imediatamente: “Vou escrever na estufa.” Na formação, sussurrou para o Escravo: “Se fizerem chamada, responda por mim”, e, no primeiro descuido do oficial, meteu-se num banheiro. Quando os cadetes entraram para as aulas, deslizou rapidamente para a estufa. Escrevera, sem interrupção, romancinhos de quatro páginas; apenas na última começou a sentir que a modorra invadia seu corpo, e veio a tentação de soltar a lapiseira e pensar em coisas vagas.

Fazia dias que estava sem cigarros e tratou de fumar as baganas retorcidas que encontrou na estufa, mas davam para duas tragadas apenas, o tabaco endurecido pelo tempo e o pó faziam-no tossir.

“Repete, Vallano, repete essa última, repete, negrinho, e minha pobre mãe abandonada pensando no filho rodeado de tanto índio, mas nessa época nem ficaria assustado se estivesse ali no meio, ouvindo *Os prazeres de Eleodora*, repete, Vallano, já terminou o batismo, já saímos, já voltamos, você foi o mais safo, trouxe a Eleodora na maleta, eu só trouxe pacotes de comida, se soubesse.” Os rapazes estão sentados nas camas ou nos armários, absortos, pendurados nos lábios de Vallano, que lê com voz cálida. De vez em quando faz uma pausa e, sem levantar os olhos do livro, espera: imediatamente começa a algaravia, o fragor dos protestos. “Repete, Vallano, não seria má ideia para ganhar uns centavos e minha mãe rogando a Deus e aos santos, sábados e domingos, vai nos arrastar todos pelo caminho do mal, meu pai foi enfeitado pelas Eleodoras.” Depois de ler três ou quatro vezes o livro nanico de páginas amarelentas, Vallano o guarda no bolso do casaco e lança um olhar envaidecido aos companheiros, que o observam com inveja. Um se atreve a dizer: “Me empreste.” Cinco, dez, 15 o assediam, gritando: “Empreste, negrinho, empreste, irmão.” Vallano sorri, abre a bocarra descomunal, os olhos buliçosos dançam, exultam, o nariz palpita, adotou uma atitude triunfal, todo o alojamento o rodeia, suplica, adula. Ele os insulta: “Punheteiros, nojentos, por que não vão ler a Bíblia ou *Dom Quixote*.” Festejam, dão palmadinhas, dizem: “Ah, negrinho, vá ser esperto assim, ufa, essa foi boa.” Vallano logo descobre as possibilidades que guarda esse momento. Diz: “Eu alugo.” Então o empurram e ameaçam, um cospe, outro grita: “Sovina, sarnento.” Ele ri às gargalhadas, deita-se na cama, tira do bolso *Os prazeres de Eleodora*, planta-o diante dos olhos, que fervem de malícia, simula ler mexendo os lábios como duas ventosas lascivas. “Cinco cigarros, dez cigarros, negrinho Vallanito, empreste essa Ele-o-do-ra-zi-nha-pra-ba-ter-pu-nhe-ti-nha, eu já sabia que o primeiro seria o Jiboia, só pelo jeito como pegava a Malparada enquanto o negro lia, pode uivar e parar quieta, já sabia, mas que boa ideia para passar o tempo e ganhar uns tostões e tinha montes

de ideias, só faltava a ocasião.” Alberto vê o suboficial avançar direto e, com o canto do olho, comprova que o Crespo continua mergulhado na leitura: está com o livro colado ao casaco do cadete da frente; com certeza, está fazendo o maior esforço para ler, pois as letras são minúsculas. Alberto não pode avisar que está chegando o suboficial: este não tira os olhos de cima dele e avança cautelosamente, como um felino cercando a presa; impossível mexer o pé ou o cotovelo. O suboficial se encolhe e salta: cai sobre o Crespo, que emite um guincho, e lhe arranca *Os prazeres de Eleodora*. “Mas não devia ter queimado e pisoteado, não devia ter deixado o lar para ir atrás das putas, não devia ter abandonado minha mãe, não devíamos ter deixado a casa grande com jardim da Diego Ferré, não devia ter conhecido nem o bairro nem Helena, não devia deter o Crespo por duas semanas, não devia ter começado a escrever romancinhos, não devia ter saído de Miraflores, não devia ter conhecido Teresa nem amá-la.” Vallano ri, mas não consegue dissimular o desalento, a nostalgia, a amargura. De tanto em tanto fica sério e diz: “Caralho, estava apaixonado pela Eleodora. Crespo, a culpa é sua, perdi minha mulherzinha querida.” Os cadetes cantam “ai, ai, ai” e requebram como se dançassem rumba, beliscam Vallano nas bochechas e no traseiro, o Jaguar pula feito um possesso para cima do Escravo, levanta-o em peso, todos se calam e olham, ele o atira contra Vallano. Diz: “Pode ficar com essa puta de presente.” O Escravo levanta, ajeita a roupa e sai. O Jiboia vem por trás e o levanta, o esforço congestionava seu rosto e o pescoço se incha; só o mantém no alto por alguns segundos e logo o deixa cair como um fardo. O Escravo se retira, devagar, mancando. “Merda”, diz Vallano. “Juro, é de dar dó.” “E então eu disse por meio maço de cigarros eu escrevo uma história melhor que *Os prazeres de Eleodora* e nessa manhã eu soube o que tinha acontecido, transmissão de pensamento ou mão de Deus, soube e disse o que aconteceu com meu pai, mamãe, e Vallano disse escreve, é?, pegue o papel e o lápis e que os anjos o inspirem, e então ela disse coragem, filhinho, uma grande desgraça caiu sobre nós, ele se perdeu, nos abandonou e então comecei a escrever, sentado num armário, rodeado por toda a seção, como quando o negro lia.” Alberto escreve uma frase com

letra nervosa: meia dúzia de cabeças tratam de ler por cima de seus ombros. Ele para, levanta o lápis e a cabeça e lê: fazem elogios, alguns dão sugestões, que ele desdenha. À medida que avança, vai ficando mais audacioso: as palavras vulgares dão lugar a grandes alegorias eróticas, mas os fatos são escassos e cíclicos: as carícias preliminares, o amor habitual, o anal, o oral, o manual, êxtases, convulsões, batalhas sem quartel entre órgãos eriçados e, novamente, as carícias preliminares etc. Quando termina a redação — dez páginas de caderno, dos dois lados —, Alberto, subitamente inspirado, anuncia o título: *Os vícios da carne* e lê sua obra, com voz entusiasmada. O alojamento escuta respeitosamente; em alguns momentos, há erupções de humor. Depois o aplaudem e abraçam. Alguém diz: “Fernández, você é um poeta.” “Sim”, dizem outros. “Um poeta.” “E nesse mesmo dia, na hora do banho, o Jiboia veio com cara de mistério e me disse faça outro romancinho desses que eu compro, bom rapaz, grande punheteiro, foi meu primeiro cliente e sempre vou me lembrar de você, protestou quando eu disse cinquenta centavos por folha, texto corrido, mas aceitou o destino e mudamos de casa e foi então que deixei mesmo o bairro e os amigos e o verdadeiro Miraflores e comecei minha carreira de romancista, ganhei bom dinheiro, apesar dos trapaceiros.”

É um domingo em meados de junho; Alberto, sentado na grama, observa os cadetes que passeiam pela pista de desfile rodeados de familiares. A alguns metros dali, um outro rapaz, também de terceiro ano, mas de outra seção. Segura uma carta que lê e relê, com expressão preocupada. “Faxina?”, pergunta Alberto. O rapaz assente e mostra o bracelete púrpura, com uma letra F bordada. “É pior que ficar detido”, afirma Alberto. “É”, diz o outro. “E mais tarde fomos andando até a sexta seção e nos deitamos e fumamos cigarros Inca e me disse sou de Ica e meu pai me mandou para o Colégio Militar porque eu me apaixonei por uma garota de má família e me mostrou a foto e me disse assim que sair do colégio eu me caso com ela e nesse mesmo dia parou de se maquiar e usar joias e visitar as amigas e jogar canastra e a cada sábado que eu saía eu pensava envelheceu mais ainda.”



— Não gosta mais dela? — diz Alberto. — Por que fica com essa cara quando fala dela?

O rapaz baixa a voz e responde, como para si mesmo:

— Não sei como escrever.

— Por quê? — pergunta Alberto.

— Como assim, por quê? Porque não. Ela é muito inteligente. Me escreve umas cartas lindíssimas.

— Escrever uma carta é muito fácil — diz Alberto. — É a coisa mais fácil do mundo.

— Não. É fácil saber o que você quer dizer, mas dizer, não.

— Bah — diz Alberto —, eu consigo escrever dez cartas de amor em uma hora.

— Verdade? — pergunta o rapaz, fitando-o fixamente.

“E escrevi uma carta e outra e a garota me respondia e o faxineiro me pagava cigarros e refrigerante na Perlita e um dia me aparece com um *zambo* da oitava seção e me disse você pode escrever uma carta para a mulherzinha que esse aqui deixou em Iquitos? E eu disse quer que eu vá visitá-lo e fale com ele?, e ela me disse não há nada a fazer além de rezar a Deus e começou a ir à missa e às novenas e a me dar conselhos Alberto, você tem que ser piedoso e amar muito a Deus para que as tentações não o desviem quando for grande como fizeram com o seu pai e eu disse OK mas vai ter que pagar.”

Alberto pensou: “Já faz mais de dois anos. Como passa o tempo.” Fechou os olhos: evocou o rosto de Teresa e seu corpo se encheu de ansiedade. Era a primeira vez que resistia à detenção sem angústia. Nem mesmo as duas cartas que recebera da moça o incitavam a desejar a saída. Pensou: “Escreve em papel barato e tem letra ruim. Já li cartas mais bonitas que as dela.” Ele as lera várias vezes, sempre escondido. (Guardava-as no forro do quepe, como os cigarros que trazia para o colégio aos domingos.) Na primeira semana, ao receber uma carta de Teresa, dispôs-se a responder de imediato, mas, logo após escrever a data, sentiu desgosto, perturbou-se, não soube o que dizer. Toda a linguagem lhe parecia falsa e inútil. Destruiu vários rascunhos e, no fim, decidiu responder com apenas algumas linhas objetivas: “Estamos detidos

por conta de uma confusão. Não sei quando vou sair. Tive uma grande alegria ao receber sua carta. Penso sempre em você e, assim que sair, a primeira coisa que vou fazer será ver você.” O Escravo o perseguiu, oferecia cigarros, frutas, sanduíches, fazia confidências; no rancho, na fila e no cinema, dava um jeito de estar a seu lado. Recordou o rosto pálido, a expressão obsequiosa, o sorriso beatífico, e o odiou. Cada vez que via o Escravo se aproximar, sentia mal-estar. De um modo ou de outro, a conversa chegava a Teresa, e Alberto precisava dissimular, adotando um papel cínico; outras vezes, mostrava-se amistoso e dava conselhos sibilinos ao Escravo: “Não vale a pena declarar-se por carta. Você precisa fazer essas coisas cara a cara, para ver a reação. Na primeira saída, você vai até a casa dela e diz tudo.” O rosto lânguido escutava seriamente, concordava sem rebelar-se. Alberto pensou: “Vou contar tudo no primeiro dia de saída, é só cruzar o portão do colégio. Já tem a cara idiota o bastante, não preciso amargurar ainda mais a vida dele. Vou dizer: sinto muito, mas eu gosto dessa garota e eu quebro a sua cara se chegar perto dela. Há muito mais mulheres no mundo. E depois vou vê-la e vou com ela ao parque Necochea” (que fica no final do Malecón de la Reserva, por cima dos alcantilados verticais e ocres que o mar de Miraflores combate ruidosamente; da beira se contempla, no inverno, um cenário de fantasmas: a praia de pedras, solitária e profunda). Pensou: “Vou me sentar no último banco, perto do parapeito de troncos brancos.” O sol esquentara seu rosto e seu corpo; não queria abrir os olhos, para evitar que a imagem se fosse.

Quando despertou, o sol havia desaparecido; estava no meio de uma luz parda. Mexeu-se onde estava e sentiu as costas, que doíam; estava com a cabeça pesada: era incômodo dormir em cima de madeira. O cérebro estava adormecido, não conseguia levantar-se, pestanejou várias vezes, sentiu vontade de fumar. Então se levantou desajeitadamente e espiou. O jardim estava vazio e os blocos de concreto das salas de aula pareciam desertos. Que horas seriam? O apito para o rancho era às sete e meia. Inspeccionou cuidadosamente os arredores. O colégio estava morto. Desceu da estufa e cruzou rapidamente o jardim e os edifícios, sem ver ninguém. Apenas quando chegou à pista de desfile distinguiu um grupo de cadetes

correndo atrás da vicunha. Mais para o fundo da pista, a um quilômetro, pressentia outros cadetes em seus casacões verdes, caminhando em duplas pelo pátio, e o grande rumor dos alojamentos. Tinha um desejo enorme de fumar.

No pátio do quinto ano, estacou. Em vez de cruzá-lo, voltou até o posto de guarda. Era quarta-feira, podia haver cartas. Vários cadetes obstruíam a porta.

— Passagem! O oficial de guarda mandou me chamar.

Ninguém se mexeu.

— Entre na fila — disse um.

— Não vim pegar carta — afirmou Alberto. — O oficial está precisando de mim.

— Vá se ferrar. Aqui todo mundo faz fila.

Esperou. Quando um cadete saía, a fila se agitava; todos lutavam para passar primeiro. Distraidamente, Alberto lia a ordem do dia, pendurada na porta: "Quinto ano. Oficial de guarda: tenente Pedro Pitaluga. Suboficial: Joaquín Morte. Efetivos. Disponíveis: 360. Internados na enfermaria: 8. Disposição especial: suspensa a detenção às sentinelas de 13 de setembro. Assinado: capitão do ano." Voltou a ler a última parte, duas, três vezes. Soltou um palavrão em voz alta e, do fundo do posto de guarda, a voz do suboficial Pezoa protestou:

— Quem anda dizendo merda aí fora?

Alberto corria para o alojamento. O coração transbordava de impaciência. Encontrou Arróspide na porta.

— Suspenderam a detenção — gritou Alberto. — O capitão ficou maluco.

— Não — disse Arróspide. — Então você não sabe? Alguém deu com a língua nos dentes. Cava está no xadrez.

— Como é? — disse Alberto. — Alguém denunciou? Quem?

— Ah — disse Arróspide —, isso sempre se descobre.

Alberto entrou no alojamento. Como nas grandes ocasiões, o recinto havia mudado de atmosfera. O ruído dos coturnos parecia insólito no alojamento silencioso. Muitos olhos o seguiam dos beliches. Foi até sua cama. Procurou com o olhar: nem o Jaguar,

nem o Crespo, nem o Jiboia estavam presentes. No beliche ao lado, Vallano folheava umas apostilas.

— Já sabem quem foi? — perguntou Alberto.

— Vão saber — disse Vallano. — Precisam descobrir antes que expulsem Cava.

— Onde estão os outros?

Vallano indicou o banheiro com um movimento de cabeça.

— O que estão fazendo?

— Estão reunidos. Não sei o que estão fazendo.

Alberto levantou-se e foi até o beliche do Escravo. Estava vazio. Empurrou um dos batentes do banheiro; sentia nas costas os olhos de toda a seção. Estavam num canto, acocorados, o Jaguar no centro. Olhavam para ele.

— O que você quer? — disse o Jaguar.

— Mijar — respondeu Alberto. — Posso, não posso?

— Não — disse o Jaguar. — Fora.

Alberto voltou ao alojamento e se dirigiu à cama do Escravo.

— Onde ele está?

— Quem? — disse Vallano, sem tirar os olhos das apostilas.

— O Escravo.

— Saiu.

— Como assim?

— Saiu depois das aulas.

— Saiu para a rua? Tem certeza?

— E para onde ia sair? Parece que a mãe está doente.

“Dedo-duro e mentiroso, eu já sabia que com uma cara dessas, por que foi sair, vai ver que a mãe está morrendo, e se eu entrasse agora no banheiro e dissesse Jaguar o dedo-duro é o Escravo, não precisa nem levantar, ele saiu, convenceu todo mundo que a mãe está doente, não se desesperem que as horas passam rápido, deixem-me entrar no Círculo que eu também quero vingar o serrano Cava.” Mas o rosto de Cava esvaiu-se numa nebulosa que arrasta também o Círculo e os outros cadetes do alojamento e diluiu também sua indignação e o desprezo que até há pouco o tomava, mas por sua vez a nebulosa devora a própria nebulosa e em seu espírito surge esse rosto murcho que simula um sorriso. Alberto vai até o

beliche, deita-se. Procura nos bolsos, só encontra uns fiapos de fumo. Pragueja. Vallano aparta os olhos das apostilas e o observa por um segundo. Alberto deixa cair um braço sobre o rosto. Sente o coração cheio de urgência, os nervos crispados sob a pele. Obscuramente pensa que alguém pode descobrir, de algum modo, que o inferno se instalou em seu corpo, e boceja ruidosamente, para dissimular. Pensa: “Sou um imbecil.” “Hoje à noite vai vir me despertar e eu já sabia que ia fazer essa cara, estou vendo como se ele tivesse vindo, como se já tivesse dito desgraçado, quer dizer que a levou ao cinema e escreve para ela e ela escreve para você e você não me contou nada e me deixava falar nela o tempo todo, então é por isso que deixava e não queria e me dizia, mas não vai ter tempo de abrir a boca nem de me acordar, porque antes que me toque ou chegue até minha cama eu vou pular em cima dele e derrubá-lo no chão e vou dar nele sem piedade e vou gritar levantem que eu peguei pelo pescoço o dedo-duro de merda que denunciou Cava.” Mas essas sensações se enroscam em outras e é desagradável que o alojamento continue em silêncio. Abrindo os olhos, pôde ver, por uma estreita fresta entre o punho da camisa e seu corpo, um fragmento das janelas do alojamento, o teto, o céu quase negro, o brilho das luzes da pista. “E talvez já esteja lá, pode estar descendo do ônibus, caminhando por aquelas ruas de Lince, pode estar com ela, pode estar se declarando com aquela cara asquerosa, só espero que não volte nunca, mamãe, e fique abandonada na casa de Alcanfores e eu também vou abandoná-la e vou viajar, vou para os Estados Unidos, e nunca mais vão ter notícia de mim, mas antes eu juro que arrebento essa cara de verme e vou pisotear e vou dizer para todo mundo vejam só como ficou o dedo-duro, podem cheirar, tocar, apalpar, e vou até Lince e vou dizer você é uma pobre coitada de quatro *reales*, está na medida para aquele dedo-duro que eu acabei de surrar.” Está rígido sobre a estreita cama rangente, os olhos fixos no colchão da cama de cima, que parece a ponto de arrebentar os arames tecidos em losangos que o sustentam e cair em cima dele e esmagá-lo.

— Que horas são? — pergunta a Vallano.

— Sete.

Levanta-se e sai. Arróspide continua na porta, com as mãos nos bolsos; olha com curiosidade os cadetes que discutem aos berros no meio do pátio.

— Arróspide.

— Que foi?

— Vou sair?

— E eu com isso?

— Vou fugir.

— Pode ir — diz Arróspide. — Fale com as sentinelas.

— Não à noite — responde Alberto. — Quero sair agora.

Enquanto vão para o rancho.

Dessa vez, Arróspide o observa com interesse.

— Tenho que sair — diz Alberto. — É muito importante.

— Você tem algum programa ou é uma festa?

— Você me dá presença?

— Não sei — diz Arróspide. — Se te pegam, eu me ferro junto.

— Só vai ter uma formação — insiste Alberto. — É só pôr “efetivo completo” no relatório.

— Só uma vez — diz Arróspide. — Se mandarem formar de novo, não vou dar presença.

— Obrigado.

— É melhor sair pelo estádio — diz Arróspide. — Vá logo se esconder, daqui a pouco vão apitar.

— Está bem — responde Alberto. — Já sei.

Voltou ao alojamento. Abriu o armário. Tinha dois *soles*, bastava para o ônibus.

— Quem são os sentinelas dos dois primeiros turnos? — perguntou a Vallano.

— Baena e o Crespo.

Falou com Baena, que aceitou dar presença. Então foi até o banheiro. Os três continuavam acorados; ao vê-lo, o Jaguar se levantou.

— Não deu para entender?

— Tenho que trocar duas palavras com o Crespo.

— Vá falar com a sua mãe. Fora daqui.

— Vou fugir agora mesmo. Quero que o Crespo me dê presença.

— Agora mesmo? — disse o Jaguar.

— Sim.

— Está bem — disse o Jaguar. — Está sabendo da história de Cava? Quem foi?

— Se eu soubesse, já tinha dado nele. Quem você acha que eu sou? Só falta achar que eu sou um dedo-duro.

— Espero que não — disse o Jaguar. — Pelo seu próprio bem.

— Nesse aí ninguém toca — disse o Jiboia. — Esse é meu.

— Cale a boca — disse o Jaguar.

— Traga um maço de Inca, que eu dou presença.

Alberto assentiu. Ao entrar no alojamento, escutou o apito e as ordens do suboficial, chamando para a formação. Saiu correndo e passou feito uma centelha pelo pátio, entre os embriões de fileira. Avançou pela pista de desfile, cobrindo as dragonas vermelhas com as mãos, para não ser interceptado pelo oficial de algum outro ano. Nos alojamentos do terceiro ano, o batalhão estava formado e Alberto deixou de correr; caminhou a passo vivo, com naturalidade. Passou diante do oficial do ano e bateu continência: o tenente respondeu maquinalmente. No estádio, longe dos alojamentos, sentiu uma grande calma. Contornou o galpão dos soldados; ouviu vozes e grosserias. Correu rente à grade do colégio, até o fim, onde os muros se encontravam em ângulo reto. Ainda estavam ali, amontoados, as lajotas e os tijolos que já haviam servido a outras fugas. Atirou-se no chão e olhou detidamente os prédios dos alojamentos, separados dele pela mancha verde e retangular do campo de futebol. Não via quase nada, mas ouvia os apitos; os batalhões desfilavam rumo ao rancho. Sem se levantar, arrastou alguns tijolos e os empilhou ao pé do muro. E se não tivesse forças para se içar? Sempre fugia pelo outro lado, junto a La Perlita. Lançou um último olhar ao redor, levantou-se de um salto, subiu nos tijolos, ergueu as mãos.

A superfície do muro é áspera. Alberto faz uma flexão e consegue trepar até alcançar o alto com os olhos; vê o descampado, quase às escuras, e, ao longe, a harmoniosa linha de palmeiras que escolta a avenida Progreso. Alguns segundos depois, só vê o muro, mas as mãos continuam presas à borda. “Agora, sim, juro por Deus

que essa você me paga, Escravo, vai pagar na frente dela, se eu escorregar e quebrar uma perna vão ligar para casa e se meu pai vier eu digo o que foi, me expulsaram por fugir do colégio, mas você saiu de casa para andar com as putas e isso é muito pior.” Os pés e os joelhos aderem à superfície eriçada do muro, apoiam-se em gretas e saliências, trepam. No alto, Alberto se encolhe feito um macaco, só o tempo necessário para escolher um pedaço de terreno plano. Então pula: cai e roda para trás, fecha os olhos, esfrega a cabeça e os joelhos, levanta. Corre, atravessa uma granja pisoteando as plantações. Os pés se afundam numa terra fofa; sente nas canelas as espetadas das plantas. Alguns talos se partem sob seus sapatos. “E que imbecil, qualquer um pode me ver e me entregar e o gorro, e as dragonas, é um cadete fugindo, como meu pai, e se eu fosse lá com a Pezinhos-de-Ouro e dissesse, mãezinha, assim já basta, aceite, afinal você já está velha e a religião é mais que suficiente, mas os dois vão me pagar por esta, e a bruxa velha da tia, a alcaguete, a costureira, a maldita.” Na parada do ônibus não há ninguém. O ônibus chega junto com ele e Alberto tem que subir às pressas. Mais uma vez, sente uma tranquilidade profunda; vai apertado na massa de gente, e fora, do outro lado das janelas, não se vê nada, a noite caiu em poucos segundos, mas ele sabe que o veículo atravessa descampados e granjas, uma fábrica, uma favela com casas de latão e papelão, a praça de touros. “Ele entrou, disse oi com aquele sorriso de covarde, ela disse oi e pode sentar, a bruxa saiu e começou a falar e o chamou de senhor e saiu para a rua e os deixou sozinhos e ele disse vim para, porque, veja só, entende, mandei avisar, ah, Alberto, sim, me levou ao cinema, mas foi só isso e escrevi para ele, ah, eu estou louco por você, e se beijaram, estão se beijando, vão estar se beijando, meu Deus, faça que os dois estejam se beijando quando eu chegar, na boca, pelados, meu Deus.” Desce na avenida Alfonso Ugarte e caminha até a praça Bolognesi, entre empregados e funcionários que saem dos cafés ou ficam nas esquinas, formando grupos ruidosos; cruza as quatro pistas paralelas, sulcadas por rios de automóveis, e chega à praça, onde, no centro, no alto da coluna, crivado de balas chilenas, outro herói de bronze cai entre as sombras, longe das luzes. “Juramos pela



bandeira sagrada da Pátria, pelo sangue de nossos heróis, pela prainha do despenhadeiro íamos descendo quando Pluto me disse olhe para cima e lá estava Helena, juramos e desfilamos, e o ministro assoava o nariz, coçava e minha pobre mãe, acabaram-se as canastras, as festas, jantares, viagens, papai me leve ao futebol, menino, isso é esporte de negros, no próximo ano vou comprar um título do Regatas, você vai ser voga e depois foi-se embora com as franguinhas, como Teresa.” Avança pela alameda Colón, deserta como uma rua de outro mundo, tão anacrônica quanto suas casas cúbicas do século XIX que agora só abrigam simulacros de boas famílias, fachadas que brilham com os anúncios, alameda sem carros, com bancos avariados e estátuas. Então pega o ônibus para Miraflores, iluminado e reluzente como uma geladeira; está cercado de gente que não ri nem fala; desce no Colégio Raimondi e caminha pelas ruas sombrias de Lince: mercearias vazias, semáforos moribundos, casas às escuras. “Quer dizer que nunca saiu com um rapaz, essa é boa, mas afinal, com essa cara que Deus lhe meteu em cima do cangote, quer dizer que o cine Metro é muito bonito, não me diga, vamos ver se o Escravo vai levar você às matinês do Centro, a um parque, à praia, aos Estados Unidos, a Chosica todo domingo, então é assim, mamãe tenho que lhe contar uma coisa, caí de beijo por uma rapariga que me meteu chifres, como o papai fez com você mas antes do casamento, antes que eu me declarasse, antes de tudo, como é que pode.” Chegou à esquina da casa de Teresa e está colado à parede, oculto nas sombras. Olha para todos os lados, as ruas estão vazias. A suas costas, dentro da casa, ouve um ruído de objetos, alguém está arrumando um armário, ou desarrumando, sem precipitação, com método. Alisa os cabelos, ajeita-os, passa um dedo pela risca, verifica que continua reta. Tira o lenço, limpa a testa e a boca. Arruma a camisa, levanta um pé e roça a ponta do sapato na barra da calça; faz o mesmo com o outro pé. “Vou entrar, cumprimentar os dois, sorrindo, é só um segundo, perdão, Teresa, minhas duas cartas por favor, tome aqui as suas, e você quieto, Escravo, depois conversamos, isso é assunto de homem, quer começar uma confusão na frente dela?, diga, por acaso você é homem?” Alberto está diante da porta, ao pé dos três

degraus de cimento. Trata de escutar, em vão. Mas eles estão ali: um fiapo de luz ilumina o contorno da porta e, segundos antes, sentiu um roçar quase etéreo, talvez uma mão que se apoiava em alguma coisa. “Vou passar no meu conversível, com os meus sapatos americanos, minhas camisas de linho, meus cigarros importados, meu casaco de couro, meu chapéu de penacho vermelho, vou buzinar, vou dizer podem subir, cheguei ontem dos Estados Unidos, vamos dar uma volta, venham até minha casa, em Orrantia, quero que conheçam minha mulher, uma americana que foi artista de cinema, nós nos casamos em Hollywood no mesmo ano em que me formei, venham, pode subir, Escravo, pode subir, Teresa, vamos ouvindo rádio?”

Alberto bate duas vezes na porta, a segunda com mais força. Momentos depois, vê no umbral um contorno de mulher, uma silhueta sem feições, sem voz. A luz que vem do interior mal ilumina os ombros da moça e a curva do pescoço. “Quem é?”, pergunta ela. Alberto não responde. Teresa se inclina um pouco à esquerda e Alberto recebe no rosto um banho de luz tênue.

— Oi! — diz Alberto. — Queria falar um instante com ele. É urgente. Chame-o, por favor.

— Oi, Alberto — diz ela. — Não reconheci. Vamos, entre. Você me assustou.

Ele entra e faz uma expressão mais séria, enquanto examina em todas as direções o cômodo vazio; a cortina que separa os cômodos oscila e ele consegue ver uma cama larga, desarrumada, e ao lado uma outra, menor. Suaviza a expressão e se volta: Teresa está fechando a porta, de costas para ele. Alberto vê que ela, antes de se virar, passa rapidamente a mão pelos cabelos e depois corrige os vincos da saia. Agora está de frente para ele. De um só golpe, Alberto descobre que o rosto tantas vezes evocado no colégio durante as últimas semanas tinha uma firmeza que não se mostra no rosto que vê a seu lado, o mesmo que viu no cine Metro ou atrás dessa mesma porta, quando se despediram, um rosto constrangido, uns olhos tímidos, que se afastam dos seus e se abrem e fecham como se tocados pelo sol de verão. Teresa sorri e parece

perturbada: as mãos se juntam e separam, caem junto aos quadris, apoiam-se na parede.

— Fugi do colégio — diz ele. Cora e baixa a vista.

— Fugiu? — Teresa abriu os lábios, mas não diz mais nada, apenas o observa com certa ansiedade; as mãos tornaram a se juntar e estão suspensas a poucos centímetros de Alberto. — O que foi? Conte. Mas pode se sentar, não tem ninguém em casa, minha tia saiu.

Ele ergue a cabeça e diz:

— Você esteve com o Escravo?

Ela o fita com os olhos muito abertos.

— Quem?

— Quer dizer, Ricardo Arana.

— Ah — diz ela, parecendo tranquilizada; está sorrindo de novo.

— O rapaz que mora na esquina.

— Ele veio ver você? — insiste ele.

— Me ver? — diz ela. — Não. Por quê?

— Diga a verdade — diz ele, em voz alta. — Por que está mentindo para mim? Quer dizer... — ele se interrompe, balbucia alguma coisa, cala-se. Teresa olha para ele muito séria, movendo apenas a cabeça, as mãos quietas ao longo do corpo, mas em seus olhos assoma um elemento novo, ainda impreciso, uma luz maliciosa.

— Por que me pergunta isso? — Sua voz é muito suave e lenta, vagamente irônica.

— O Escravo saiu hoje à tarde — diz Alberto. — Pensei que tinha vindo ver você. Contou que a mãe estava doente.

— E por que ele viria? — diz ela.

— Porque está apaixonado por você.

Desta vez, a luz impregnou o rosto de Teresa, suas faces, seus lábios, sua testa muito lisa, sobre a qual ondulam alguns cabelos.

— Eu não sabia — diz ela. — Só conversei um pouquinho com ele. Mas...

— Foi por isso que fugi — diz Alberto; fica um instante em silêncio, com a boca aberta. Por fim, acrescenta: — Estava com ciúme. Também estou apaixonado por você.

---

## VII

Parecia sempre tão limpa, tão elegante, que eu pensava: como é que as outras nunca estão assim? E não é que trocasse muito de vestido, pelo contrário, tinha pouca roupa. Quando estávamos estudando e ela manchava as mãos de tinta, tirava os livros da mesa e ia se lavar. Se caísse no caderno uma gotinha qualquer de tinta, arrancava a folha e começava de novo. “Mas assim você perde muito tempo”, eu dizia. “É melhor apagar. Me dê uma gilete e você vai ver, não se nota nada.” Ela não aceitava. Era a única coisa que a deixava furiosa. As têmporas começavam a latejar — mexiam-se devagarinho, como um coração, sob os cabelos negros —, os lábios se franziam. Mas voltava do cano d’água e já estava sorrindo de novo. O uniforme do colégio era uma saia azul e uma camisa branca. Às vezes eu a via chegar do colégio e pensava: “Nem uma dobra, nem uma mancha.” Também tinha um vestido quadriculado que lhe cobria os ombros e se fechava no pescoço com uma fita. Não tinha mangas, e ela vestia por cima uma blusa cor de canela. Só fechava o último botão e, ao caminhar, as duas pontas da blusa esvoaçavam, e como ela ficava bem. Esse era o vestido dos domingos, com o qual ia visitar os parentes. Os domingos eram os piores dias. Eu acordava cedo e saía para a praça de Bellavista; sentava-me num banco ou via os cartazes do cinema, mas sem deixar de espiar a casa, para que não saíssem sem que eu as visse. Nos outros dias, Tere ia comprar pão na padaria do chinês Tilau, a que fica ao lado do cinema. Eu dizia: “Que coincidência, sempre nos encontramos.” Se havia muita gente, Tere ficava do lado de fora e eu abria caminho e o chinês Tilau, um bom sujeito, me atendia primeiro. Uma vez, Tilau disse, assim que nos viu entrar: “Ah, chegaram os namorados. O de sempre? Dois *chanca*y quentes para cada um?” Os clientes começaram a rir, ela ficou corada e eu disse: “Ei, Tilau, deixe de besteira e me atenda logo.” Mas aos domingos a padaria estava fechada. Do vestíbulo do cine Bellavista ou de um banco, eu ficava olhando as duas. Esperavam o ônibus que vai pela Costanera.

Algumas vezes eu fingia; metia as mãos nos bolsos e, assobiando e chutando uma pedra ou uma tampa de garrafa, passava junto a elas e, sem parar, cumprimentava: “Bom dia, senhora; oi, Tere”, e seguia adiante, entrava em casa ou ia até Sáenz Peña, assim à toa.

Também usava o vestido quadriculado e a blusa nas noites de segunda, quando a tia a levava à sessão feminina do cine Bellavista. Eu dizia para minha mãe que precisava pegar um caderno e ia até a praça, esperar que a sessão terminasse, e a via passar com a tia, comentando o filme.

Nos outros dias, usava uma saia castanha. Era uma saia velha, meio desbotada. Às vezes eu dava com a tia cerzindo a saia, e costurava bem, mal se notavam os remendos, para alguma coisa servia ser costureira. Quando era ela que costurava a saia, ficava de uniforme depois do colégio e, para não se sujar, punha um jornal em cima da cadeira. Com a saia castanha, usava uma camisa branca de três botões e só fechava os dois primeiros, o pescoço ficava livre, um pescoço moreno e esguio. No inverno, usava a blusa cor de canela por cima da camisa branca e não fechava nenhum botão. Eu pensava: “Como ela tem jeito para se arrumar.”

Só tinha dois pares de sapatos, e aí o jeito não servia para grande coisa, só um pouquinho. No colégio, usava sapatos pretos de amarrar, que pareciam de homem, mas, como tinha pés pequenos, até que passavam. Estavam sempre brilhando, sem pó nem manchas. Quando voltava para casa, com certeza ela os tirava para lustrar, eu a via entrar com os sapatos pretos e pouco depois, quando eu chegava para estudar, ela já estava com os sapatos brancos, e os pretos estavam na soleira da cozinha, parecendo espelhos. Duvido que usasse graxa todo dia, mas com certeza passava um pano.

Os sapatos brancos estavam velhos. Quando ela se distraía, cruzava as pernas e ficava com um pé levantado, eu via que as solas estavam gastas, carcomidas em várias partes, e uma vez, quando ela deu uma topada contra a mesa e soltou um grito e a tia veio e lhe tirou o sapato e começou a esfregar o pé, eu espiei e vi que dentro do sapato havia um papelão dobrado: “A sola está furada.” Uma vez, eu a vi limpar os sapatos brancos. Pintava-os inteirinhos

com um pedaço de giz, com muito cuidado, como quando fazia as lições de casa. Assim ela os mantinha novos em folha, mas só por algum tempo, porque bastava roçar em alguma coisa que o giz escorria e se sujava e o sapato se cobria de manchas. Uma vez pensei: "Se tivesse bastante giz, ficaria com os sapatos limpos o tempo todo. Podia levar um giz no bolso e, quando um pedaço do sapato ficar sujo, tirar o giz e pintar." Havia uma papelaria diante do meu colégio, e uma tarde fui até lá e perguntei quanto custava uma caixa de giz. A grande custava seis *soles*, a pequena, quatro e cinquenta. Não sabia que era tão caro. Tinha vergonha de pedir dinheiro ao Higuera, ainda nem tinha devolvido aquele *sol*. Já éramos mais amigos, mesmo que só nos víssemos de vez em quando, no boteco de sempre. Contava piadas, perguntava sobre o colégio, oferecia cigarros, me ensinava a fazer argolas de fumaça, segurar a fumaça e soprá-la pelo nariz. Um dia, tomei ânimo e pedi que me emprestasse quatro e cinquenta. "Claro, homem", ele disse, "o que você precisar", e me deu o dinheiro sem perguntar para o que era. Corri até a papelaria e comprei a caixa de giz. Tinha pensado em dizer a ela: "Trouxe este presente para você, Tere", e quando entrei em sua casa estava pronto para falar, mas assim que a vi eu me arrependi e disse apenas: "Me deram isso no colégio, mas não tenho o que fazer com tanto giz. Quer para você?" E ela me disse: "Sim, claro, obrigada."

Não acredito no diabo, mas às vezes o Jaguar me faz pensar duas vezes. Ele diz que não acredita, mas é mentira, pura pose. Se já bateu no Arróspide por falar mal de Santa Rosa. "Minha mãe era devota de Santa Rosa e falar mal dela é como falar mal da minha mãe", pura pose. O diabo deve ter a cara do Jaguar, a mesma risada, além dos chifres pontudos. Estão vindo pegar o Cava, ele disse, descobriram tudo. E começou a rir, enquanto o Crespo e eu nem conseguíamos falar e trememos nas bases. Como foi que ele adivinhou? Eu sempre sonho que vou chegando por trás e desço a mão e o derrubo no chão, pau, paf, cabum. Vamos ver o que vai fazer quando acordar. O Crespo deve pensar a mesma coisa. O

Jaguar é um animal, Jiboia, um bruto que só ele, o Crespo veio dizer hoje à tarde, você viu como adivinhou a história do serrano, como ele ria? Se eu me ferrasse, aposto que também se mijava de rir. Mas depois ficou fulo da vida, mas não por causa do serrano, por causa dele mesmo. “Essa foi comigo, não sabem com quem estão se metendo”, mas quem está no xadrez é o Cava, fico arrepiado só de pensar, e se eu tivesse perdido nos dados? Queria que ferrassem com o Jaguar, queria ver a cara que ia fazer, ninguém nunca ferra com ele, isso é o que mais me irrita, ele adivinha tudo. Dizem que os animais notam tudo pelo cheiro; farejam e pronto, sabem pelo nariz tudo que vai acontecer. Minha mãe diz: no dia do terremoto de 40 eu sabia que ia acontecer alguma coisa, de repente os cachorros do bairro ficaram doidos, corriam e uivavam como se tivessem visto o diabo, com os chifres e o peloslo de arame. Um pouquinho depois começou a tremedeira. O Jaguar é igualzinho. Fez uma cara daquelas e disse “alguém dedurou”, “juro pela Virgem que sim”, e Huarina e Morte ainda nem tinham aparecido, não dava para ouvir os passos, nada. Que vergonha, ninguém viu, nenhum oficial, nenhum suboficial, Cava já estaria preso, estaria há três semanas no olho da rua, que nojo, foi um cadete, com certeza. Quem sabe se não foi um cachorro, ou alguém do quarto ano. Os do quarto ano também são uns cachorros, maiores, mais espertos, mas no fundo são cachorros. Nós nunca fomos cachorros mesmo, graças ao Círculo, tiveram que nos respeitar, a duras penas. Quando estávamos no quarto ano, alguém do quinto inventou de nos levar para fazer a cama? Eu derrubava na hora, cuspia, Jaguar, Crespo, Cava, querem ajudar? Estou com as mãos ardendo de tanto dar neste veado. Não se metiam nem com os nanicos da décima, devem essa ao Jaguar, foi o único que não tomou batismo, deu o exemplo, um homem de peloslo no peito, sem conversa. Foram uns bons dias, melhores do que o que veio depois, mas eu não queria que o tempo voltasse atrás, ao contrário, queria já ter saído, se é que a coisa toda não vai melar por causa do serrano, eu acabo com ele se ele se apavorar e sujar a nossa barra. Ponho as mãos no fogo por ele, disse o Crespo, não vai abrir a boca, nem que metam um ferro em brasa. Seria muito azar, ferrar-se no final, logo antes das provas, por



uma porcaria de vidraça, bah. Não quero ser cachorro de novo, que merda, passar mais três anos aqui, sabendo como as coisas são, tendo experiência. Tem uns cachorros que dizem vou ser militar, vou ser aviador, vou ser marinheiro, todos os branquelos querem ser marinheiros. Deixe passar uns meses e aí a gente conversa.

O salão dava para um jardim cheio de flores, amplo, multicolorido. A janela estava aberta de par em par, e chegava até eles um cheiro de grama molhada. O Bebê pôs o mesmo disco pela quarta vez e ordenou: "Levante e deixe de moleza, é para o seu bem." Alberto despencara numa poltrona, rendido de cansaço. Pluto e Emilio assistiam às aulas como espectadores e gracejavam o tempo todo, faziam insinuações, falavam de Helena. Logo ele se veria novamente no grande espelho da sala, remexendo-se muito seriamente nos braços do Bebê, a rigidez tomaria conta de seu corpo e Pluto diria: "Lá vai, de novo dançando feito um robô."

Levantou-se. Emilio acendera um cigarro e o fumava com Pluto, alternadamente. Alberto viu os dois, sentados no sofá, discutindo sobre a superioridade do tabaco americano e do inglês. Não lhe davam atenção. "Pronto", disse o Bebê. "Agora é você quem leva." Começou a dançar, a princípio muito devagar, tratando de cumprir escrupulosamente os movimentos da valsa *criolla*, um passo para a direita, um passo para a esquerda, gira pra cá, gira pra lá. "Agora está melhor", dizia o Bebê, "mas tem que ser um pouco mais rápido, junto com a música. Escute, tá-tá, tá-tá, ratatá, tá-tá, tá-tá, ratatá." De fato, Alberto sentia-se mais solto, mais livre, deixava de pensar na dança e seus pés não se enredavam mais nos pés do Bebê.

"Está indo bem", dizia este, "mas não dance assim tão duro, não mexa só os pés. Quando fizer o giro, você tem que se dobrar assim, repare", o Bebê se inclinava, um sorriso convencional aparecia no rosto de leite, o corpo girava sobre um calcanhar e então, quando ele recobrava a posição anterior, o sorriso se esvaía. "São truques, como trocar de passada e fazer um graça, mas depois você aprende isso. Por enquanto você tem que se acostumar a levar o seu par como se deve. Não tenha medo, senão a garota percebe na hora. Vá

com a mão por cima, com força, com raça. Vou levar um pouco, assim você vê. Viu? Aperte a mão dela com a esquerda e, no meio da dança, se você notar que ela deixa, vá entrelaçando os dedos, chegando perto aos pouquinhos, segurando as costas dela, mas devagar, suavezinho. Mas para isso você tem que estar com a mão bem plantada desde o começo, não basta só com a ponta dos dedos, tem que ser a mão inteira, a mão toda apoiada perto dos ombros. Depois você vai descendo, como se fosse puro acaso, como se a mão fosse caindo sozinha. Se a garota encrencar ou recuar, você começa a falar de qualquer coisa, não pare de falar, não pare de rir, mas nada de soltar a mão. Aí você começa de novo a apertar e chegar perto. Não pare de rodopiar, sempre para o mesmo lado. Girando para a direita você não se enjoa, aguenta bem umas cinquenta voltas, mas, se ela girar para a esquerda, vai enjoar rapidinho. E aí você vai ver, assim que ficar tonta ela mesma vai se segurar em você, para ficar mais segura. Nessa hora você desce a mão até a cintura dela e cruza os dedos sem medo, até dançar com o rosto colado. Entendeu?”

A valsa terminou e o toca-discos emite um rangido monótono. O Bebê o desliga.

— Esse aí entende do riscado — diz Emilio, apontando para o Bebê. — O cara é bom!

— Está bem — diz Pluto. — Alberto já sabe dançar. Vamos jogar uma partidinha de Bairro Alegre?

O nome primitivo do bairro, abandonado porque aludia igualmente à rua Huatica, ressuscitou com a adaptação de um jogo de cassino que Tico inventou, meses antes, num salão do Clube Terrazas. Distribuem-se todas as cartas entre quatro jogadores; a banca diz quais são os curingas. Joga-se em duplas. Desde sua aparição, é o único jogo de cartas que se pratica no bairro.

— Mas você só aprendeu a valsa e o bolero — diz o Bebê. — Ainda falta o mambo.

— Tudo bem — diz Alberto. — Continuamos outro dia.

Quando entraram na casa de Emilio, às duas da tarde, Alberto estava animado e respondia aos gracejos dos outros. Quatro horas

de aula tinham-no esgotado. Só o Bebê parecia conservar o entusiasmo; os outros se aborreciam.

— Você é quem sabe — disse o Bebê. — Mas a festa é amanhã.

Alberto estremeceu. “É verdade”, disse com seus botões. “E, para piorar, na casa da Ana. Vão tocar mambo a noite inteira.” Assim como o Bebê, Ana era uma estrela da dança: fazia floreios, inventava passos, os olhos se afogavam de felicidade quando a punham no meio da roda. “Vou passar a festa inteira sentado num canto, enquanto os outros dançam com Helena? Se ao menos só fossem os do bairro!”

De fato, já faz algum tempo que o bairro deixou de ser uma ilha, um recinto entre muralhas. Forasteiros de toda índole — miraflores de 28 de Julho, de Reducto, da rua Francia, de la Quebrada, rapazes de San Isidro e até de Barranco — apareceram de repente nas ruas que constituíam o domínio do bairro. Acossavam as garotas, conversavam com elas na porta das casas, desdenhando a hostilidade masculina, desafiando-a. Eram maiores que os rapazes do bairro e às vezes os provocavam. A culpa era das mulheres; elas os atraíam, pareciam satisfeitas com essas incursões. Sara, a prima de Pluto, namorava um rapaz de San Isidro que às vezes vinha com dois amigos, e Ana e Laura iam conversar com eles. Os intrusos apareciam sobretudo nos dias de festa. Surgiam como por magia. Desde a tarde, rondavam a casa da festa, brincavam com a dona, faziam elogios. Se não conseguiam ser convidados, apareciam à noite, as caras coladas nas janelas, contemplando com ansiedade os casais que dançavam. Faziam gestos, caretas, gracinhas, valiam-se de todo tipo de artimanha para chamar a atenção das garotas e despertar sua paixão. Às vezes, uma delas (a que dançava menos) intercedia com a dona em favor do intruso. Era suficiente: logo o salão estava repleto de forasteiros, que acabavam tomando o lugar dos rapazes do bairro, apoderando-se do toca-discos e das garotas. E Ana, justamente, não se distinguia por seu zelo, seu espírito de clã era débil, quase nulo. Interessava-se mais pelos forasteiros que pelos rapazes do bairro. Deixava entrar os estranhos, se é que não os convidava.

— É — disse Alberto —, você tem razão. Então me ensine o mambo.

— Então vamos — disse o Bebê. — Mas vou fumar um cigarro primeiro. Enquanto isso, vá dançando com o Pluto.

Emilio bocejou e deu uma cotovelada em Pluto. “Vá se mostrar, mambeiro”, disse. Pluto riu. Tinha uma risada esplêndida, total; o corpo inteiro estremecia com as gargalhadas.

— Vem ou não vem? — disse Alberto, de mau humor.

— Deixe disso — disse Pluto. — Vamos lá.

Levantou-se e foi escolher um disco. O Bebê acendera um cigarro e com o pé seguia o ritmo de alguma música que recordava.

— Escute — disse Emilio. — Tem uma coisa que eu não entendo. Você era o primeiro a dançar, quer dizer, nas primeiras festas do bairro, quando a gente começou a se juntar com as meninas. Esqueceu?

— Aquilo não era dança — disse Alberto. — Eram só uns pulos.

— Todo mundo começa pulando — afirmou Emilio. — Mas depois aprendemos.

— Mas faz tempo que o sujeito aqui parou de ir às festas. Não lembram?

— É verdade — disse Alberto. — Foi isso que acabou comigo.

— Parecia até que você ia virar padre — disse Pluto; tinha escolhido um disco e o girava entre as mãos. — Quase não saía.

— Bah — disse Alberto. — A culpa não era minha. Minha mãe não deixava.

— E agora?

— Agora deixa. As coisas estão melhores com o meu pai.

— Não entendo — disse o Bebê. — O que uma coisa tem a ver com a outra?

— O pai dele é um dom-juan — disse Pluto. — Não sabia? Não viu como ele chega à noite e limpa a boca com o lenço antes de entrar em casa?

— É verdade — disse Emilio. — Uma vez nós o vimos em La Herradura. Estava de carro, com um fenômeno de mulher. O sujeito é uma fera.

— Tem boa pinta — disse Pluto. — E é muito elegante.

Alberto assentia, satisfeito.

— Mas o que isso tem a ver com não deixar você ir às festas? — disse o Bebê.

— Quando o meu pai se solta — disse Alberto —, minha mãe começa a cuidar de mim, não quer que eu seja como ele quando crescer. Tem medo que eu seja um mulherengo, um perdido.

— Formidável — disse o Bebê. — Grande mulher.

— Meu pai também não tem jeito — disse Emilio. — Às vezes não vem dormir em casa e os lenços estão sempre manchados. Mas a mamãe nem se esquentava. Ri e diz: “Velho safado.” Só a Ana dá bronca nele.

— Ei — disse Pluto. — A dança é para hoje?

— Calma, homem — replicou Emilio. — Vamos conversar um pouco. Na festa a gente dança até cansar.

— Cada vez que falamos da festa, o Alberto fica pálido — disse o Bebê. — Não seja bobo, homem. Desta vez a Helena vai dizer sim. Aposto o que você quiser.

— Você acha? — disse Alberto.

— Está caidinho até os ossos — disse Emilio. — Nunca vi ninguém tão caidinho. Eu não conseguiria.

— Conseguiria o quê? — disse Alberto.

— Declarar-me vinte vezes.

— Foram só três — disse Alberto. — Não precisa exagerar.

— Pois eu acho que fez muito bem — disse o Bebê. — Se está gostando, tem que perseguir até ela dizer sim. E depois pode fazer sofrer.

— Mas isso é falta de orgulho — disse Emilio. — Se uma garota me dá um fora, eu vou para cima da próxima na hora.

— Desta vez ela vai dar bola — disse o Bebê a Alberto. — Um dia desses, quando estávamos conversando na casa da Laura, Helena perguntou de você e ficou roxa quando o Tico disse: “Está com saudade, é?”

— Verdade? — perguntou Alberto.

— Caidinho feito um cachorro — disse Emilio. — Vejam só como os olhos brilham.

— Vai ver — disse o Bebê — que você não sabe se declarar. Você tem que impressionar. Já sabe o que vai dizer?

— Mais ou menos — disse Alberto. — Tenho uma ideia.

— Isso é o que importa — afirmou o Bebê. — Você tem que ir com todas as palavras na ponta da língua.

— Depende — disse Pluto. — Eu prefiro improvisar. Fico muito nervoso quando chego perto de uma garota, mas basta começar a falar e já vem um monte de ideias. Eu me inspiro.

— Não — disse Emilio. — O Bebê tem razão. Eu também vou com tudo preparado. Assim, na hora, você só tem que se preocupar com a maneira de dizer, o jeito de olhar, a hora de pegar na mão.

— Você tem que ir com tudo na cabeça — disse o Bebê. — E, se der, é melhor ensaiar uma vez na frente do espelho.

— Verdade — afirmou Alberto. Duvidou um instante. — Você diz o quê?

— Varia — retrucou o Bebê. — Depende da garota. — Emilio assentiu, com conhecimento de causa. — Você não pode perguntar de cara para a Helena se ela quer ficar com você. Primeiro você tem que preparar direitinho.

— Deve ser por isso que me deu um fora — confessou Alberto. — Na última vez, perguntei de repente se queria ser minha namorada.

— Você foi um imbecil — disse Emilio. — Além do mais, você se declarou de manhã. E na rua. Só um louco!

— Uma vez eu me declarei no meio da missa — disse Pluto. — E me dei bem.

— Não, não — interrompeu Emilio. E voltou-se para Alberto. — Olhe aqui. Amanhã você tira a Helena para dançar. Espere até tocarem um bolero. Não vá se declarar no meio de um mambo. Tem que ser uma música romântica.

— Não se preocupe — disse o Bebê. — Quando você estiver pronto, você me faz um sinal e eu me encarrego de pôr *Me gustas*, do Leo Marini.

— Esse é o meu bolero! — exclamou Pluto. — Sempre que eu me declaro dançando *Me gustas*, elas dizem sim. Não falha.

— Está bem — disse Alberto. — Vou fazer um sinal.

— Você tira a Helena para dançar e não larga mais dela — disse Emilio. — Você dá uma de sonso e vai levando para um canto onde os outros pares não ouçam nada. E aí você diz no ouvido dela: “Helenita, você me deixa louco.”

— Animal! — gritou Pluto. — Quer que ele leve um fora de novo?

— Por quê? — perguntou Emilio. — Eu sempre me declaro assim.

— Não — disse o Bebê. — Isso não tem graça, assim é na marra. Primeiro você fica bem sério e diz: “Helena, tenho uma coisa muito importante para dizer. Eu amo você. Estou apaixonado por você. Quer ser minha namorada?”

— E se ela ficar calada — acrescentou Pluto —, você diz: “Helenita, você não sente nada por mim?”

— E então você aperta a mão dela — disse o Bebê. — De leve, com muito carinho.

— Não fique pálido, homem — disse Emilio, dando um tapinha em Alberto. — Não se preocupe. Desta vez ela aceita.

— Aceita, sim — disse o Bebê. — Você vai ver.

— Depois que você se declarar a gente faz uma roda — disse Pluto. — E vamos cantar *Aquí hay dos enamorados*. Eu me encarrego. Palavra de honra.

Alberto sorria.

— Mas por enquanto você tem que aprender o mambo — disse o Bebê. — Pode ir, o seu par está esperando.

Pluto abriu os braços teatralmente.

Cava dizia que ia ser militar, mas não de infantaria, queria a artilharia. Já não falava disso ultimamente, mas com certeza pensava. Os serranos são cabeças-duras, quando metem alguma coisa na cabeça, não tiram mais. Quase todos os militares são serranos. Não acredito que alguém da costa pense em ser militar. Cava tem cara de serrano e de militar, e agora foderam com tudo, o colégio, a vocação, é o que deve doer mais. Os serranos são azarados, sempre acontece alguma coisa com eles. Por conta de um

dedo-duro de merda que ninguém sabe quem é, vão arrancar as insígnias dele na frente de todo mundo, dá até para ver e já me dá um arrepio, aquela noite por pouco não fui eu e agora ia sobrar para mim. Mas eu não teria quebrado a vidraça, tem que ser burro para quebrar uma vidraça. Os serranos são meio burros. Com certeza foi de medo que ele quebrou, se bem que Cava não é covarde. Mas deve ter se assustado, só assim para entender. Também por azar. Os serranos são azarados, sempre acontece o pior. Que sorte não ter nascido serrano. E o pior é que não estava esperando, ninguém estava esperando, estava feliz da vida, ferrando com o veado do Fontana, as aulas de francês são de morrer de rir, sujeitinho esquisito, o Fontana. O serrano dizia: Fontana é todo pela metade, meio baixinho, meio loiro, meio homem. Tem olhos mais azuis que o Jaguar, mas olham de outro jeito, meio a sério, meio de brincadeira. Dizem que não é francês, que é peruano e que se passa por francês, isso é que é ser filho da puta. Renegar a pátria, não tem coisa mais covarde. Mas pode ser mentira, de onde sai tanta coisa que falam do Fontana? Todo dia aparecem com uma novidade. Vai ver que nem é veado, mas e aquela vozinha, aqueles gestos que dão vontade de beliscar as bochechas dele? Se é verdade que se passa por francês, fico feliz de ter tirado sarro. Fico feliz que tirem sarro. Vou continuar tirando até o último dia de aula. Professor Fontana, como se diz monte de merda em francês? Às vezes dá pena, não é má pessoa, só é meio esquisito. Uma vez começou a chorar, acho que foi na vez das giletas, zum, zum, zum. Tragam todos uma gilete e enfiem numa fenda da carteira, basta passar o dedo mínimo que elas vibram, disse o Jaguar. Fontana mexia a boca e só se ouvia zum, zum, zum. Não comecem a rir, vão perder o compasso, o veado continuava mexendo a boquinha, zum, zum, zum, cada vez mais forte e junto, vamos ver quem cansa primeiro. Ficamos assim uns 45 minutos, quem sabe até mais. Quem vai ganhar, quem se rende primeiro? Fontana fingia que não notava, um mudo mexendo a boca, e a sinfonia cada vez mais bonita, mais igualzinha. E então fechou os olhos e, quando os abriu, estava chorando. É um veado. Mas continuava mexendo a boca, que resistência. Zum, zum, zum. Foi embora e todo mundo disse: "Foi chamar o tenente, estamos



ferrados”, mas agora vem o melhor, saiu da sala e só. Tiram sarro dele todos os dias, e nunca chama os oficiais. Deve ter medo que batam nele, e o engraçado é que não parece covarde. Às vezes até parece que gosta que tirem sarro. Os veados são muito esquisitos. É um bom sujeito, nunca puxa nas provas. É culpa dele se tiram sarro. O que foi fazer num colégio de macho com aquela voz e aquele jeito de andar? O serrano ferra com ele o tempo todo, tem ódio de verdade. É só ele entrar e já começa, como se diz veado em francês?, professor, o senhor gosta de luta livre?, o senhor deve ser artista, por que não canta alguma coisa com essa voz tão doce?, professor Fontana, seus olhos parecem os da Rita Hayworth. E o veado nunca fica quieto, responde sempre, mas responde em francês. Ouça bem, professor, não dê uma de esperto, é melhor não falar da mãe, que eu o desafio para um boxe de verdade, Jaguar, deixe de ser mal-educado. Mas ele já era, está na nossa mão. Uma vez, cuspinos nele enquanto escrevia na lousa, ficou todo sujo, que nojento, dizia Cava, podia ao menos tomar banho antes de dar aula. Ah, nesse dia ele chamou o tenente, foi a única vez, que papelão, foi por isso que nunca mais chamou os oficiais, Gamboa é formidável, foi aí que vimos como o Gamboa é formidável. Olhou para ele dos pés à cabeça, que suspense, ninguém respirava. O que quer que eu faça, professor? É o senhor quem manda na aula. É fácil se dar ao respeito. Veja só. Olhou um instante para nós e disse: sentido!, caralho, em menos de um segundo estávamos em forma. De cócoras!, caralho, em menos de um segundo estávamos no chão. Passo de ganso sem sair do lugar!, e ali mesmo nós começamos a pular com as pernas abertas. Mais de dez minutos, acho eu. Parecia que tinham batido nos meus joelhos com uma corda, um, dois, um, dois, muito sérios, feito gansos, até que Gamboa disse: alto!, e perguntou: alguém quer alguma coisa comigo, de homem para homem?, não se ouvia nem uma mosca. Fontana olhava e não acreditava. “O senhor tem que se dar ao respeito, professor, esses aí não querem saber de boas maneiras, com eles é só ferro. Quer que ponha todos em detenção?” “Não se incomode”, disse Fontana, que resposta é essa, não se incomode, tenente. E começamos a dizer vea-di-nho com a boca do estômago, o Cava conseguia, era meio

ventríloquo. Não mexe nada, nem o focinho nem a cara de serrano, e lá de dentro sai uma voz bem clara, é ver para crer. E nisso o Jaguar diz: “Estão vindo pegar o Cava, descobriram tudo.” E começou a rir, e o Cava olhava para todos os lados, e o Crespo e eu: “Que foi, irmão”, e Huarina apareceu na porta e disse: “Cava, venha conosco, perdoe, professor Fontana, é um assunto importante.” O serrano é macho, levantou sem olhar para ninguém e o Jaguar, “não sabem com quem estão se metendo”, e começou a falar horrores do Cava, serrano de merda, se ferrou de burro que é, e tudo era o serrano, até parece que ele tinha culpa de ser expulso.

Esqueceu os fatos minúsculos, idênticos, que constituíam sua vida, os dias seguintes à revelação de que também não podia confiar na mãe, mas não esqueceu o desânimo, a amargura, o rancor, o medo que reinavam em seu coração e ocupavam suas noites. O pior era fingir. Antes, esperava para se levantar até que ele tivesse saído. Mas certa manhã alguém tirou os lençóis da cama enquanto ele ainda dormia; sentiu frio, a luz clara do amanhecer forçou-o a abrir os olhos. O coração parou: o pai estava a seu lado e tinha as pupilas em chamas, como naquela noite. Ouviu:

— Quantos anos você tem?

— Dez anos — disse.

— Você é homem? Responda.

— Sou — balbuciou.

— Então, fora da cama — disse a voz. — Só as mulheres passam o dia largadas, não têm o que fazer e têm direito de ser assim, são mulheres. Criaram você feito uma mulherzinha. Mas vou transformar você em homem.

Já estava fora da cama, vestindo-se, mas a precipitação era fatal: trocava os sapatos, punha a camisa do avesso, errava os botões, não encontrava o cinto, as mãos tremiam e não conseguia amarrar os cadarços.

— Todo dia, quando eu descer para tomar café, quero ver você na mesa, esperando. Lavado e penteado. Ouviu?

Tomava café com ele e adotava atitudes diferentes, conforme o humor do pai. Se parecia sorridente, a testa lisa, os olhos sossegados, fazia perguntas que pudessem agradá-lo, escutava com atenção profunda, concordava, abria bem os olhos e perguntava se queria que desse um trato no carro. Por outro lado, se estava de rosto sério e não respondia ao bom dia, ficava em silêncio e escutava cabisbaixo suas ameaças, como se estivesse arrependido. Na hora do almoço, a tensão era menor, a mãe servia de elemento de diversão. Os pais conversavam entre si, ele podia passar despercebido. À noite, o suplício terminava. O pai voltava tarde. Ele jantava antes. A partir das sete, começava a rondar a mãe, confessava que estava morto de cansaço, de sono, de dor de cabeça. Jantava velozmente e corria para o quarto. Às vezes, quando estava se despindo, ouvia a freada do carro. Apagava a luz e se metia na cama. Uma hora mais tarde, levantava-se na ponta dos pés, terminava de se despir, vestia o pijama.

Certas manhãs, saía para dar uma volta. Às dez, a avenida Salaverry estava solitária, de tanto em tanto passava um bonde barulhento, cheio pela metade. Descia a avenida Brasil e parava na esquina. Não cruzava a pista larga e brilhante, a mãe proibira. Contemplava os carros que se perdiam ao longe, rumo ao Centro, e evocava a praça Bolognesi, no final da avenida, tal como a via quando seus pais o levavam para passear: buliçosa, um formigueiro de carros e bondes, uma multidão nas calçadas, as capotas dos carros semelhantes a espelhos que absorviam os luminosos, listras e letras de cor vivíssima, incompreensíveis. Lima dava medo, era grande demais, ele podia se perder e nunca mais voltar para casa, a gente que andava pela rua era desconhecida. Em Chiclayo, saía para andar sozinho; os transeuntes passavam a mão por sua cabeça, chamavam-no pelo nome e ele sorria para todo mundo: já os vira muitas vezes, em casa, na praça de Armas nos dias de desfile, na missa de domingo, na praia de Eten.

Então descia a avenida Brasil e se sentava num dos bancos do parquinho semicircular no fim da avenida, junto ao alcantilado acima do mar cinzento de Magdalena. Os parques de Chiclayo — muito poucos, ele conhecia todos de memória — também eram antigos

como este, mas os bancos não tinham essa ferrugem, esse musgo, essa tristeza que lhe inspiravam a solidão, a atmosfera escura, o murmúrio melancólico do oceano. Às vezes, sentado de costas para o mar, enquanto observava a avenida Brasil, que se abria à sua frente como a estrada do norte quando se vêm para Lima, tinha vontade de chorar aos berros. Lembrava a tia Adela, voltando das compras, achegando-se com o rosto risonho para perguntar: "Adivinhe só o que eu encontrei?", e tirando da bolsa um pacote de caramelos, um chocolate que ele arrebatava de suas mãos. Evocava o sol, a luz branca que banhava as ruas da cidade o ano inteiro e as mantinha cálidas, acolhedoras, a excitação dos domingos, os passeios a Eten, a areia amarela que queimava, o puríssimo céu azul. Erguia a vista: nuvens cinzentas por toda parte, nem um ponto claro. Voltava para casa, andando devagar, arrastando os pés feito um velho. Pensava: "Quando eu crescer, volto para Chiclayo. E nunca mais venho para Lima."

---

## VIII

O tenente Gamboa abriu os olhos: à janela de seu quarto chegava apenas a luz incerta dos postes distantes da pista de desfile; o céu estava negro. Alguns segundos depois, soou o despertador. Levantou-se, esfregou os olhos e, às apalpadelas, procurou a toalha, o sabão, o aparelho de barbear e a escova de dentes. O corredor e o banheiro estavam às escuras. Dos quartos vizinhos não vinha ruído nenhum; como sempre, era o primeiro a acordar. Quinze minutos depois, ao voltar ao quarto, penteado e barbeado, escutou o retinir dos outros despertadores. Começava a ficar claro; ao longe, além do brilho amarelento dos postes, crescia uma luz azul, ainda fraca. Vestiu o uniforme de campanha, sem pressa. Então saiu. Em vez de atravessar os alojamentos dos cadetes, foi pelo descampado até o posto de guarda. Fazia um pouco de frio e ele não vestira o casaco. Quando o viram, os soldados de guarda bateram continência, ele respondeu. O tenente de serviço, Pedro Pitaluga, descansava encolhido numa poltrona, a cabeça entre as mãos.

— Atenção! — gritou Gamboa.

O oficial se aprumou num pulo, os olhos ainda fechados. Gamboa soltou uma risada.

— Não comece, homem — disse Pitaluga, voltando a se sentar. Coçava a cabeça. — Achei que era o Piranha. Estou moído. Que horas são?

— Quase cinco. Você ainda tem quarenta minutos. Não dá para grande coisa. Mas por que você dorme? É o pior.

— Eu sei — disse Pitaluga, bocejando. — Violei o regulamento.

— É verdade — disse Gamboa, sorrindo. — Mas não quis dizer isso. Dormir sentado desmonta o corpo. É melhor fazer alguma coisa, assim o tempo passa sem você notar.

— Fazer alguma coisa? Conversar com os soldados? Sim, meu tenente, não, meu tenente. Bela diversão. Basta dirigir a palavra a eles que já pedem licença.

— Quando estou de serviço, eu aproveito para estudar — disse Gamboa. — A noite é a melhor hora para estudar. De dia eu não consigo.

— Claro — disse Pitaluga. — Você é o oficial modelo. Falando nisso, o que você está fazendo em pé?

— Hoje é sábado. Esqueceu?

— Exercício de campanha — recordou Pitaluga. Ofereceu um cigarro a Gamboa, que o recusou. — Ao menos a noite me livrou dessa.

Gamboa recordou a Escola Militar. Pitaluga era seu companheiro de seção; não estudava muito, mas tinha excelente pontaria. Uma vez, durante as manobras anuais, lançou-se ao rio com seu cavalo. A água lhe chegava até os ombros; o animal relinchava de susto e os cadetes o exortavam a voltar, mas Pitaluga conseguiu vencer a corrente e alcançar a outra margem, empapado e feliz. O capitão felicitou-o diante dos cadetes e disse: “Você é muito macho.” Agora Pitaluga se queixava do serviço, dos exercícios de campanha. À maneira dos soldados e cadetes, só pensava nas folgas. Os outros pelo menos tinham uma desculpa: estavam no Exército de passagem; alguns tinham sido arrancados à força de suas aldeias e metidos nas fileiras; outros eram mandados pela família, que queria se livrar deles. Mas Pitaluga havia escolhido a carreira. E não era o único: Huarina inventava doenças da mulher a cada duas semanas para sair à rua, Martínez bebia às escondidas durante o serviço e todos sabiam que sua garrafa térmica de café estava cheia de pisco. Por que não pediam baixa? Pitaluga engordara, não estudava nunca e voltava bêbado da rua. “Vai ficar muito tempo como tenente”, pensou Gamboa. Mas retificou: “A não ser que tenha um pistolão.” Ele amava a vida militar precisamente por causa do que os outros odiavam: a disciplina, a hierarquia, os exercícios de campanha.

— Vou dar um telefonema.

— A esta hora?

— Sim — disse Gamboa. — Minha mulher deve estar acordada. Viaja às seis.

Pitaluga fez um gesto vago. Como uma tartaruga que se afunda de novo sob a casca, meteu novamente a cabeça entre as mãos. A

voz de Gamboa ao telefone era baixa e suave, fazia perguntas, aludia a pílulas contra enjojo, falava do frio, insistia que lhe mandassem um telegrama de algum lugar, várias vezes repetia: você está bem e finalmente se despedia com uma frase breve, rápida. Pitaluga abriu automaticamente os braços, e a cabeça pendeu feito um sino. Pestanejou antes de abrir os olhos. Sorriu sem entusiasmo. Disse:

— Até parece lua de mel. Você fala com a sua mulher como se tivesse acabado de casar.

— Faz três meses que me casei — disse Gamboa.

— Eu, faz um ano. E maldita a hora em que eu resolvo falar com ela. É um monstro, igualzinha à mãe. Se eu ligasse a uma hora dessas, começaria a gritar e a me chamar de merda para baixo.

Gamboa sorriu.

— A minha mulher é muito jovem — disse. — Só tem 18 anos. Vamos ter um filho.

— Que pena — disse Pitaluga. — Não estava sabendo. É preciso tomar cuidado.

— Eu quero ter um filho.

— Ah, claro — retrucou Pitaluga. — Agora entendi. Mais um militar na família.

Gamboa pareceu surpreso.

— Não sei se gostaria que fosse militar — murmurou. Olhou Pitaluga dos pés à cabeça. — Em todo caso, não queria que fosse um militar feito você.

Pitaluga levantou-se.

— Que história é essa? — disse, a voz azeda.

— Bah — disse Gamboa —, deixe para lá.

Deu meia-volta e saiu do posto de guarda. As sentinelas voltaram a bater continência. Um estava com o gorro caído por cima da orelha, e Gamboa esteve a ponto de chamar a atenção, mas se conteve; não valia a pena criar caso com Pitaluga. Este sepultou de novo a cabeça entre as mãos, mas a letargia não veio mais. Soltou um palavrão e chamou aos berros um soldado, para que lhe servisse uma xícara de café.



Quando Gamboa chegou ao pátio do quinto ano, o corneteiro já havia tocado a alvorada no terceiro e no quarto e agora se dispunha a fazê-lo diante dos alojamentos do último ano. Viu Gamboa, baixou a corneta que levava aos lábios, entrou em forma e bateu continência. Os soldados e os cadetes do colégio notavam que Gamboa era o único oficial do Leoncio Prado que respondia militarmente à saudação dos subordinados; os outros limitavam-se a fazer uma vênia, às vezes nem isso. Gamboa cruzou os braços sobre o peito e esperou que o corneteiro terminasse de tocar a alvorada. Olhou para o relógio. Nas portas dos alojamentos havia algumas sentinelas. Foi observando-os um por um: quando se viam diante dele, os cadetes entravam em forma, aprumavam o gorro e ajeitavam as calças e a gravata antes de levar a mão às têmporas. Em seguida, davam meia-volta e desapareciam no interior dos alojamentos. O murmúrio habitual começara. Um momento depois, apareceu o suboficial Pezoa. Chegou correndo.

— Bom dia, meu tenente.

— Bom dia. O que houve?

— Nada, meu tenente. Por quê?

— Você deveria estar no pátio junto com o corneteiro. Sua obrigação é andar pelos alojamentos e apressar essa gente. Não sabia?

— Sim, meu tenente.

— O que está fazendo aqui, então? Vá voando para os alojamentos. Se a turma não estiver em formação em sete minutos, o responsável vai ser você.

— Sim, meu tenente.

Pezoa saiu correndo rumo às primeiras seções. Gamboa continuava em pé no centro do pátio, volta e meia consultava o relógio, sentia o rumor maciço e vital que brotava de todo o perímetro do pátio e convergia para ele como os filamentos da lona de um circo convergem para o mastro central. Não precisava ir até os alojamentos para apalpar a fúria dos cadetes com o sono interrompido, sua exasperação com o prazo mínimo que tinham para fazer as camas e se vestir, a impaciência e a excitação dos que adoravam disparar e simular uma guerra, o desgosto

dos preguiçosos que se arrastariam pelo campo sem entusiasmo, por obrigação, a subterrânea alegria de todos os que, terminado o exercício, cruzariam o estádio para tomar uma ducha nos banheiros coletivos, voltariam apressados para vestir o uniforme azul e negro e sairiam para a rua.

Às cinco horas e sete minutos, Gamboa apitou longamente. No ato, sentiu os protestos e as maldições, mas quase ao mesmo tempo abriram-se as portas dos alojamentos e as bocas escuras começavam a cuspir uma massa esverdeada de cadetes que se empurravam, ajeitavam os uniformes sem deixar de correr, com uma das mãos apenas, pois a outra segurava o fuzil, e as fileiras da formação iam surgindo a seu redor, entre palavrões e safanões, ruidosamente, no amanhecer ainda impreciso desse segundo sábado de outubro, igual até esse momento a tantos outros amanheceres, a outros sábados, a outros dias de exercício de campanha. Então escutou o baque metálico e um “caralho!”.

— Venha aqui quem deixou cair o fuzil! — gritou.

O murmúrio silenciou instantaneamente. Todos olhavam para a frente e mantinham os fuzis colados ao corpo. O suboficial Pezoa, andando na ponta dos pés, avançou até onde estava o tenente e se pôs a seu lado.

— Disse que venha aqui o cadete que deixou cair o fuzil — repetiu Gamboa.

O silêncio foi rompido por um ruído de coturnos. Os olhos de todo o batalhão voltaram-se para Gamboa. O tenente encarou o cadete bem nos olhos.

— Nome.

O rapaz balbuciou o nome, a companhia, a seção.

— Examine o fuzil, Pezoa — disse o tenente.

O suboficial precipitou-se para o cadete e examinou a arma com estardalhaço: passava os olhos lentamente, virava-a, levantava-a como se fosse disparar pela culatra, abria a câmara, verificava a posição da alça de mira, puxava o gatilho.

— Arranhões na culatra, meu tenente — disse. — E está mal engraxada.

— Há quanto tempo está no Colégio Militar, cadete?

— Três anos, meu tenente.

— E ainda não aprendeu a segurar o fuzil? A arma não pode cair no chão, nunca. É melhor rachar o crânio que soltar o fuzil. Para o soldado, a arma é tão importante quanto os bagos. Sabe cuidar dos bagos, cadete?

— Sim, meu tenente.

— Muito bem — disse Gamboa. — Cuide do fuzil do mesmo jeito. Volte à seção. Pezoa, marque seis pontos negativos para ele.

O suboficial tirou uma caderneta do bolso e escreveu, molhando a ponta do lápis na língua.

Gamboa deu ordem de marcha.

Quando a última seção do quinto ano entrou no rancho, Gamboa dirigiu-se à cantina dos oficiais. Não havia ninguém. Pouco depois, começaram a chegar os tenentes e capitães. Os chefes de companhia do quinto ano — Huarina, Pitaluga e Calzada — sentaram-se junto a Gamboa.

— Rápido, índio — disse Pitaluga. — O café da manhã tem que ser servido na hora que o oficial entra no rancho.

O soldado que servia a mesa murmurou uma desculpa, que Gamboa não ouviu: o motor de um avião feria o amanhecer e os olhos do tenente exploravam o céu uniforme, a atmosfera úmida. Baixou os olhos para o descampado. Perfeitamente alinhados em grupos de quatro, sustentando-se mutuamente pelo cano, os 1.500 fuzis dos cadetes esperavam em meio à neblina; a vicunha circulava entre as pirâmides paralelas e as farejava.

— O Conselho de Oficiais já decidiu? — perguntou Calzada. Era o mais gordo dos quatro. Mordiscava um pedaço de pão e falava com a boca cheia.

— Ontem — disse Huarina. — Terminamos tarde, depois das dez. O coronel estava furioso.

— Está sempre furioso — disse Pitaluga. — Com o que se descobre, com o que não se descobre. — Deu uma cotovelada em Huarina. — Mas você não tem do que se queixar. Teve sorte desta vez. Vai para a sua folha de serviços.

— É verdade — disse Huarina. — Não foi fácil.

— Quando é que vão arrancar as insígnias? — disse Calzada. — É divertido.

— Segunda-feira, às 11.

— São uns delinquentes de nascença — disse Pitaluga. — Não se abalam com nada. Já imaginaram? Furto com arrombamento, nem mais nem menos. Desde que eu estou aqui, já expulsaram bem meia dúzia.

— Não entram para o colégio por vontade própria — disse Gamboa. — O problema está aí.

— É verdade — disse Calzada. — Pensam que são paisanos.

— E às vezes pensam que somos padres — afirmou Huarina. — Um cadete queria se confessar comigo, queria que eu desse conselhos. Parece mentira!

— Metade, os pais mandam para que não virem bandidos — disse Gamboa. — A outra metade, para que não virem veados.

— Pensam que o colégio é um reformatório — disse Pitaluga, dando um murro na mesa. — No Peru, tudo se faz pela metade e por isso tudo vai de mal a pior. Os soldados que chegam ao quartel são sujos, piolhentos e ladrões. Mas vão se civilizando à base de cacete. Um ano de quartel e, de índio, só ficam os cabelos. Mas aqui é o contrário, esses aí vão piorando conforme crescem. Os de quinto ano são piores que os cachorros.

— Sem sangue, a letra não é lei — disse Calzada. — É uma pena que não se possa nem tocar nesses meninos. Basta levantar a mão, e o escândalo está armado.

— O Piranha vem aí — murmurou Huarina.

Os quatro tenentes se levantaram. O capitão Garrido saudou-os com uma inclinação de cabeça. Era um homem alto, de pele pálida, meio esverdeada nos pômulos. Chamavam-no de Piranha porque, como esses animais carnívoros dos rios amazônicos, sua dupla fileira de dentes enormes e branquíssimos aparecia por baixo dos lábios, e as mandíbulas não paravam de bater. Entregou um papel para cada um.

— As instruções para o exercício — disse a eles. — O quinto ano irá por trás do terreno semeado, rumo a esse descampado ao pé do morro. É melhor acelerar. Temos mais de 45 minutos de marcha.

— Mandamos entrar em formação ou esperamos o senhor, meu capitão? — perguntou Gamboa.

— Podem ir logo — retrucou o capitão. — Eu alcanço vocês.

Os quatro tenentes saíram do rancho, juntos, e, ao chegar ao descampado, tomaram distância um do outro, em linha reta. Tocaram os apitos. O alarido que vinha do rancho cresceu e, um momento depois, os cadetes começaram a sair a toda. Chegavam a seus lugares, pegavam os fuzis, marchavam para a pista e se dividiam por seções.

Pouco depois, o batalhão cruzava o portão principal do colégio, diante das sentinelas em posição de sentido, e invadia a Costanera. O asfalto estava limpo e resplandecia. Os cadetes, em coluna por três, abriam as fileiras de modo que as laterais iam pela beira da pista, e a central, pelo meio.

O batalhão avançou até a avenida de las Palmeras, e Gamboa deu a ordem de virar rumo a Bellavista. À medida que desciam a ladeira, sob as árvores de grandes folhas recurvas, os cadetes viam, do outro lado, uma imprecisa aglomeração: os prédios do Arsenal Naval e do porto de Callao. Dos dois lados, as velhas casas de La Perla, altas, com as paredes cobertas de trepadeiras e as grades enferrujadas que protegiam jardins de todas as dimensões. Quando o batalhão se aproximou da avenida Progreso, a manhã começou a se animar: surgiam mulheres descalças com cestos e sacos de verduras que se detinham para contemplar os cadetes esfarrapados; um monte de cachorros assediava o batalhão, pulando e latindo; moleques sujos e magricelas escoltavam-nos como os peixes fazem com os barcos em alto-mar.

Na avenida Progreso, o batalhão se deteve: os automóveis e ônibus formavam um fluxo incessante. A um sinal de Gamboa, os suboficiais Morte e Pezoa puseram-se no meio da pista e seguraram a hemorragia de veículos, enquanto o batalhão atravessava. Alguns motoristas, indignados, buzonavam; os cadetes os insultavam. À frente do batalhão, Gamboa indicou, levantando a mão, que, em vez de tomar a direção do porto, cortariam por um campo ralo, ladeando uma plantação de algodão ainda jovem. Quando todo o batalhão chegou à terra baldia, Gamboa chamou os suboficiais.

— Estão vendo o morro? — Assinalava com o dedo uma elevação escura, ao final da plantação.

— Sim, meu tenente — disseram Morte e Pezoa em coro.

— É o objetivo. Pezoa, adiante-se com meia dúzia de cadetes. Faça a volta completa e, se houver gente por ali, mande passear. Não quero ninguém no morro nem nas proximidades. Entendido?

Pezoa assentiu e deu meia-volta. Encarou a primeira seção:

— Seis voluntários.

Ninguém se moveu e os cadetes olharam para todos os lados, menos para a frente. Gamboa aproximou-se.

— Os seis primeiros da formação, fora! — disse. — Vão já com o suboficial.

Subindo e descendo o braço direito com o punho cerrado para indicar aos cadetes que acelerassem a marcha, Pezoa saiu correndo pela plantação. Gamboa retrocedeu alguns passos para reunir-se aos outros tenentes.

— Mandei Pezoa limpar o terreno.

— Muito bem — retrucou Calzada. — Acho que não há problema. Eu fico deste lado com os meus.

— Eu ataco pelo norte — disse Huarina. — Eu me ferro sempre, ainda tenho 4 quilômetros para andar.

— Uma hora para chegar até o cume não é muito — disse Gamboa. — Eles vão ter que subir rápido.

— Espero que os alvos estejam bem marcados — disse Calzada. — Mês passado, o vento arrancou todos e ficamos fazendo mira nas nuvens.

— Não precisa se preocupar — disse Gamboa. — Agora não são alvos de papelão, são telas de um metro de diâmetro. Os soldados puseram ontem. Não comecem a disparar antes de 200 metros.

— Sim, meu general — disse Calzada. — Agora vai nos ensinar isso também?

— De que adianta gastar pólvora matando galinhas? — disse Gamboa. — De qualquer maneira, a sua companhia não vai acertar nem um tiro.

— Vamos apostar, general? — disse Calzada.

— Cinco libras.<sup>2</sup>

— Eu sirvo de caixa — propôs Huarina.

— Está bem — disse Calzada. — Todo mundo quieto, lá vem o Piranha.

O capitão se aproximou.

— O que estão esperando?

— Estamos prontos — disse Calzada. — Estávamos esperando o senhor, meu capitão.

— Localizaram as posições?

— Sim, meu capitão.

— Mandaram verificar se o terreno está livre?

— Sim, meu capitão. Mandamos o suboficial Pezoa.

— Muito bem. Vamos acertar os relógios — disse o capitão. — Começamos às nove. Abram fogo às nove e meia. Os tiros devem parar assim que começar o ataque. Entendido?

— Sim, meu capitão.

— Às dez, todo mundo no cume; há lugar para todos. Levem as companhias às posições em marcha acelerada, assim os rapazes entram no clima.

Os oficiais se afastaram. O capitão ficou onde estava. Escutou as vozes de comando dos tenentes; a de Gamboa era a mais alta, a mais enérgica. Pouco depois, estava sozinho. O batalhão cindira-se em três corpos, que se distanciavam em direções opostas para cercar o morro. Os cadetes corriam sem deixar de falar: o capitão distinguia algumas frases soltas no meio do barulho. Os tenentes iam à frente das seções, e os suboficiais, nos flancos. O capitão Garrido levantou o binóculo. Na metade da encosta, separados por 4 ou 5 metros, divisavam-se os alvos: círculos perfeitos. Também ele gostaria de disparar contra eles. Mas agora isso era tarefa para os cadetes; para ele, o exercício era tedioso, consistia apenas em observar. Abriu um maço de cigarros e tirou um. Riscou vários fósforos antes de conseguir acendê-lo, pois ventava muito. Depois, caminhou a passos largos atrás da primeira companhia. Era divertido ver a atuação de Gamboa, que levava o exercício a sério.

Quando chegaram ao pé do morro, Gamboa percebeu que os cadetes estavam cansados de verdade; alguns corriam de boca aberta e rosto lívido, e todos tinham os olhos cravados nele; em suas expressões, Gamboa via a angústia com que esperavam a ordem de alto. Mas ele não deu a ordem; olhou para as circunferências brancas, a encosta nua, ocre, que descia até se fundir no algodoal, e, para lá dos alvos, muitos metros acima, ao cume do morro, uma grande crista maciça que os esperava. E continuou correndo, primeiro junto à encosta, depois em campo aberto, a toda velocidade, lutando para não abrir a boca, muito embora também sentisse que o coração e os pulmões reclamavam uma boa dose de ar puro; as veias da garganta inchavam-se, e a pele, dos pés à cabeça, umedecia-se de suor frio. Virou-se mais uma vez, para calcular se já estavam a uns mil metros do objetivo, e então, fechando os olhos, conseguiu apressar a corrida, dando saltos mais largos e açoitando o ar com os braços; assim chegou às moitas que eriçavam a terra selvagem, mais além da plantação, junto ao canal de água indicado nas instruções como marco de posição para a primeira companhia. Deteve-se ali e só então abriu a boca e respirou, os braços largados. Antes de dar meia-volta, limpou o suor do rosto, para que os cadetes não soubessem que também estava esgotado. Os primeiros a chegar às moitas foram os suboficiais e o chefe de turma Arróspide. Logo depois chegaram os outros, em completa desordem: as colunas haviam desaparecido, restavam apenas cachos, grupos dispersos. Pouco depois, as três seções reagrupavam-se, formando uma ferradura ao redor de Gamboa. Este escutava a respiração animal dos 120 cadetes, que haviam apoiado os fuzis no chão.

— Chefes de turma, venham aqui! — disse Gamboa. Arróspide e outros dois cadetes abandonaram a formação. — Companhia, descansar!

O tenente afastou-se alguns passos, seguido pelos suboficiais e os três chefes de turma. Então, traçando cruces e riscos na terra, explicou detalhadamente os diferentes movimentos do ataque.

— Entenderam a disposição dos corpos? — disse Gamboa, e os cinco ouvintes assentiram. — Muito bem. Os grupos de combate vão



começar a se abrir em leque assim que eu der ordem de marcha; abrir significa não andar feito carneiros, mas separados, mesmo que na mesma linha. Entendido? Muito bem. A missão da companhia é atacar o fronte sul, esse aqui adiante. Viram?

Os suboficiais e chefes de turma olharam para o morro e disseram: “Vimos.”

— E quais são as instruções para o avanço, meu tenente? — murmurou Morte. Os chefes de turma viraram-se para ele e o suboficial corou.

— Já chegamos lá — disse Gamboa. — De 10 em 10 metros. Avanço intermitente. Os cadetes percorrem essa distância a toda velocidade e se atiram no chão; quem sujar o fuzil vai tomar no rabo até morrer. Quando todos os homens da vanguarda estiverem deitados, eu toco o apito e a segunda linha dispara. Só um tiro. Entendido? Os atiradores correm, progridem 10 metros, atiram-se no chão. A terceira linha dispara e avança. Depois recomeçamos do princípio. Todos os movimentos têm que esperar pelas minhas ordens. Assim chegamos a 100 metros do objetivo. Aí os grupos se fecham um pouco, para não invadir o terreno onde operam as outras companhias. No ataque final, as três seções vão de uma vez, porque o morro já vai estar quase limpo, afora um ou outro foco inimigo.

— Quanto tempo temos para ocupar o objetivo? — perguntou Morte.

— Uma hora — disse Gamboa. — Mas isso é assunto meu. Os suboficiais e chefes de turma devem cuidar que os homens não se abram nem se juntem demais, que ninguém fique para trás, e devem estar sempre em contato comigo, caso eu precise de alguma coisa.

— Vamos na frente ou na retaguarda, meu tenente? — perguntou Arróspide.

— Vocês com a primeira linha, os suboficiais vão atrás. Alguma pergunta? Bem, vão explicar a operação aos chefes de grupo. Começamos em 15 minutos.

Os suboficiais e chefes de turma afastaram-se a passo ligeiro. Gamboa viu chegar o capitão Garrido e quis tomar posição de sentido, mas o Piranha acenou com a mão e fez que continuasse

como estava, de cócoras. Os dois ficaram olhando as seções, que se repartiam em grupos de 12 homens. Os cadetes apertavam os cinturões, amarravam os cadarços dos coturnos, ajeitavam os gorros, tiravam o pé dos fuzis, verificavam a bandoleira.

— Disso eles gostam — disse o capitão. — Ah, esses pentelhos. Olhe só, parece até que vão para um baile.

— É verdade — disse Gamboa. — Pensam que estão numa guerra.

— Se algum dia tivessem que lutar de verdade — disse o capitão —, esses aí seriam desertores ou covardes. Eles têm sorte, aqui os militares só disparam em exercícios. Duvido que o Peru algum dia entre numa guerra de verdade.

— Mas, meu capitão — retrucou Gamboa —, estamos cercados de inimigos. O senhor sabe que o Equador e a Colômbia estão esperando a hora certa de levar um pedaço da nossa floresta. E o Chile ainda não levou o que merece por Arica e Tarapacá.

— Conversa fiada — disse o capitão, com um gesto cético. — Agora são os grandes que decidem tudo. Em 41, eu estive na campanha do Equador. Teríamos chegado até Quito. Mas aí os grandes se meteram e encontraram uma solução diplomática, bando de sem-vergonhas. Os civis acabam resolvendo tudo. No Peru, militar está abaixo de penico.

— Não era assim antes — disse Gamboa.

O suboficial Pezoa e os seis cadetes que o acompanhavam voltaram correndo. O capitão chamou-o.

— Fez a volta completa no morro?

— Sim, meu capitão. Completamente desimpedido.

— São quase nove horas, meu capitão — disse Gamboa. — Vou começar.

— Comece — disse o capitão. E acrescentou, com repentino mau humor: — E tire o sangue desses vadios.

Gamboa aproximou-se da companhia. Observou-a longamente, de um extremo ao outro, como se medisse suas possibilidades ocultas, o limite de sua resistência, seu coeficiente de bravura. Mantinha a cabeça meio inclinada para trás; o vento agitava sua

camisa de comando e os cabelos negros que escapavam por baixo do gorro.

— Mais abertos, caralho! — gritou. — Querem ser aniquilados? Cinco metros de distância de um para o outro, no mínimo. Estão achando que vão à missa?

As três colunas estremeçeram. Os chefes de grupo, abandonando a formação, ordenavam aos berros que os cadetes se separassem. As três fileiras se alargaram elasticamente e ficaram mais ralas.

— O avanço vai ser em ziguezague — disse Gamboa; falava muito alto, para que os extremos pudessem ouvi-lo. — Isso vocês já sabem há três anos, não inventem de avançar um atrás do outro, feito uma procissão. Quando eu der uma ordem, quem ficar em pé, avançar ou ficar para trás é homem morto. E os mortos ficam na detenção, sábado e domingo. Deu para entender?

Virou-se para o capitão Garrido, mas este parecia distraído. Contemplava o horizonte, com olhos vagabundos. Gamboa levou o apito aos lábios. Houve um ligeiro tremor nas fileiras.

— Primeira linha de ataque. Pronta para entrar em ação. Os chefes de turma à frente, os suboficiais na retaguarda.

Olhou para o relógio de pulso. Eram nove em ponto. Deu um apito longo. O som penetrante feriu os ouvidos do capitão, que fez um gesto de surpresa. Percebeu que, por alguns segundos, esquecera o exercício de campanha e sentiu-se em falta. Correu na direção das moitas, atrás da companhia, para acompanhar a operação.

Antes que cessasse o som metálico, o capitão Garrido viu que a primeira linha de ataque, dividida em três corpos, lançava-se adiante num movimento simultâneo: os três grupos se abriam em leque, avançavam a toda velocidade para a frente e para os lados, como um pavão abrindo sua poderosa plumagem. Precedidos pelos chefes de turma, os cadetes corriam agachados, a mão direita agarrada ao fuzil na perpendicular, o cano apontado para o céu, a culatra a poucos centímetros do chão. Então escutou um segundo apito, menos prolongado mas mais agudo que o primeiro, mais distante — pois o tenente Gamboa também corria, meio de lado, para controlar

os detalhes do avanço —, e a linha de ataque, como que pulverizada por uma rajada invisível, desaparecia entre as moitas: o capitão pensou nos soldados de latão das barracas de feira quando o chumbinho os derruba. E, no ato, os rugidos de Gamboa povoavam a manhã como seres elétricos — “quem mandou correr na frente do grupo? Rospigliosi, seu jumento, quer perder o pescoço? Não meta o fuzil no barro!”; e novamente se ouvia o apito e a linha vibrante surgia entre as moitas e se afastava a toda velocidade e, pouco depois, ao chamado de mais um apito, voltava a sumir de vista, e a voz de Gamboa se distanciava e se perdia: o capitão escutava palavrões insólitos, nomes desconhecidos, via avançar a vanguarda, volta e meia distraía-se, enquanto as colunas do centro e da retaguarda começavam a ferver. Os cadetes, esquecendo a presença do capitão, falavam em falsete, zombavam dos que avançavam com Gamboa: “O Vallano se joga feito uma saca, o negro deve ter esqueleto de borracha; e esse merda do Escravo tem medo de arranhar a carinha da mamãe.”

De repente, Gamboa surgiu diante do capitão Garrido, gritando: “Segunda linha de ataque, pronta para entrar em ação.” Os chefes de grupo levantaram o braço direito, 36 cadetes ficaram imóveis. O capitão olhou para Gamboa: tinha o rosto sereno, os punhos apertados, e o único traço excepcional era seu olhar imóvel, que brincava de um lado para o outro, animava-se, exasperava-se, sorria. A segunda linha espalhava-se pelo campo. Os cadetes iam diminuindo, o tenente corria de novo, o apito na mão, sem perder de vista a formação.

Agora o capitão via duas linhas estendidas pelo campo, sumindo na terra e ressurgindo, alternadamente, enchendo de vida o campo desolado. Já não conseguia ver se os cadetes executavam o salto conforme prescreviam os manuais, deixando-se cair sobre a perna, o flanco e o braço esquerdo, girando o corpo de tal forma que o fuzil, em vez de cair no chão, batesse nas costelas, nem via se as linhas de ataque conservavam os intervalos e os grupos de combate mantinham a coesão, nem se os chefes de turma continuavam à frente, como pontas de lança e sem perder de vista o tenente. O front compreendia uns 100 metros e uma profundidade cada vez

maior. Subitamente, Gamboa reapareceu diante dele, o rosto sempre sereno, os olhos febris, tocou o apito e a retaguarda, enquadrada pelos suboficiais, disparou rumo ao morro. Agora eram as três colunas que avançavam, longe dele, que ficara sozinho junto às moitas espinhosas. Ficou ali mais alguns minutos, pensando como eram lentos e desajeitados os cadetes, se comparados a soldados ou alunos da Escola Militar.

Foi atrás da companhia; de tanto em tanto, observava com o binóculo. De longe, a progressão sugeria um movimento simultâneo de retrocesso e avanço: quando a linha dianteira estava no chão, a segunda coluna progredia a toda velocidade, superava a posição da primeira e passava à vanguarda; a terceira coluna avançava até a posição abandonada pela segunda linha. No avanço seguinte, as três colunas voltavam à ordem inicial, segundos depois se desarticulavam, se igualavam. Gamboa agitava os braços, parecia apontar e disparar com o dedo contra certos cadetes, e, mesmo que não pudesse ouvi-lo, o capitão Garrido adivinhava suas ordens, suas observações.

E subitamente ouviu os disparos. Consultou o relógio. “Bem na hora”, pensou. “Nove e meia em ponto.” Observou com o binóculo; com efeito, a vanguarda encontrava-se a distância prevista. Mirou os alvos, mas não conseguiu distinguir os tiros certos. Correu mais 20 metros e dessa vez comprovou que as circunferências tinham uma dúzia de perfurações. “Os soldados são melhores”, pensou, “e esses aqui saem com patente de oficiais da reserva. É um escândalo.” Continuou avançando, quase sem tirar o binóculo dos olhos. Os avanços eram mais curtos: as colunas progrediam de 10 em 10 metros. A segunda linha disparou e, assim que o eco morreu, o apito indicou que as colunas da frente e de trás podiam avançar. Os cadetes pareciam diminutos contra o horizonte, pareciam brincar no mesmo lugar, caíam. Um novo apito e a coluna que estava no chão disparava. A cada nova rajada, o capitão examinava os alvos e calculava os impactos. À medida que a companhia se aproximava do morro, os tiros eram melhores: as circunferências estavam crivadas. Observava a cara dos atiradores: rostos congestionados, infantis, imberbes, um olho fechado e o outro fixo na ranhura da alça de

mira. O recuo da culatra chacoalhava esses corpos jovens que, o ombro ainda dolorido, tinham que se levantar, correr meio agachados, voltar a se jogar no chão e disparar, envoltos por uma atmosfera de violência que era apenas simulacro. Pois o capitão Garrido sabia que a guerra não era assim.

Foi nesse instante que viu a silhueta verde, na qual teria pisado se não a tivesse notado a tempo, e o fuzil com o cano monstruosamente afundado no chão, contra todas as instruções sobre os cuidados com a arma. Não atinava o que podiam significar esse corpo e esse fuzil caídos por terra. Inclinou-se. O rapaz tinha o rosto contraído pela dor, os olhos e a boca muito abertos. A bala atingira-o na cabeça: um fio de sangue escorria pelo pescoço.

O capitão deixou cair o binóculo, carregou o cadete, passando um braço pelas pernas e o outro pelas costas, e saiu correndo, atordoado, rumo ao morro, gritando: “Tenente Gamboa, tenente Gamboa!” Mas teve que correr muitos metros até que o ouvissem. A primeira companhia — escaravelhos idênticos que escalavam a encosta rumo aos alvos — devia estar muito absorta nos gritos de Gamboa e no esforço que a subida íngreme exigia para olhar para trás. O capitão tratava de localizar o uniforme claro de Gamboa ou os suboficiais. De repente, os escaravelhos pararam, viraram, e o capitão sentiu-se observado por dezenas de cadetes. “Gamboa, suboficiais”, gritou. “Venham cá, rápido!” Agora os cadetes despencavam a toda, ladeira abaixo, e ele se sentiu ridículo com o rapaz nos ombros. “Mas que sorte de merda eu tenho”, pensou. “O coronel vai pôr esta na minha folha de serviço.”

O primeiro a chegar a seu lado foi Gamboa. Olhou assombrado para o cadete e inclinou-se para observá-lo, mas o capitão gritou:

— Rápido, para a enfermaria! O mais rápido que puder.

Os suboficiais Morte e Pezoa carregaram o rapaz e lançaram-se campo afora, velozmente, seguidos pelo capitão, pelo tenente e pelos cadetes, que, de todas as direções, olhavam com espanto o rosto que a corrida balançava de um lado para o outro: um rosto pálido, mortício, que todos conheciam.

— Rápido — dizia o capitão. — Mais rápido.

Imediatamente, Gamboa arrebatou o cadete aos suboficiais, jogou-o por cima dos ombros e acelerou a corrida; em poucos segundos, abriu uma distância de vários metros.

— Cadetes! — gritou o capitão. — Parem o primeiro carro que passar.

Os cadetes separaram-se dos suboficiais e cortaram caminho transversalmente. O capitão ficou para trás, junto a Morte e Pezoa.

— É da primeira companhia? — perguntou.

— Sim, meu capitão — disse Pezoa. — Da primeira seção.

— Qual é o nome dele?

— Ricardo Arana, meu capitão — vacilou um instante e acrescentou: — Um que eles chamam de Escravo.

<sup>2</sup> Cinco libras equivaliam a 45 *soles*. (N. do T.)

# Segunda parte



---

*Je ne laisserai personne dire*

*que c'est le plus bel âge de la vie.*

Paul Nizan

---

# I

Fiquei com pena da Malparada, que passou a noite choramingando. Eu a enrolava no cobertor e depois cobria com o travesseiro, mas mesmo assim dava para ouvir os ganidos compridos. De tanto em tanto parecia que sufocava e engasgava e era terrível, os ganidos despertaram o alojamento inteiro. Em outra época, tudo bem. Mas, como todo mundo anda nervoso, começaram a xingar e soltar o verbo e dizer “pra fora ou vai ter”, e eu tinha que peitar todo mundo sem sair do beliche, até que, lá pela meia-noite, não teve mais jeito. Eu também estava com sono e a Malparada chorava cada vez mais forte. Vários se levantaram e vieram até a minha cama com os coturnos em punho. Não valia a pena criar caso com a seção toda, agora que estamos tão por baixo. Então eu a peguei e levei até o pátio e larguei por ali, mas assim que dei as costas eu senti que estava me seguindo e disse bem grosso: “Parada aí, sua cadela, fique onde eu mandei, sua chorona”, mas a Malparada não largava de mim, a pata encolhida sem tocar o chão, e dava pena ver o esforço que fazia para me seguir. Então eu a peguei no colo e a levei até o descampado e a deixei em cima da grama e cocei um pouquinho o cangote dela e então vim embora e dessa vez ela não me seguiu. Mas dormi mal, quer dizer, não dormi. O sono vinha chegando e zás, os olhos se abriam sozinhos e eu pensava na cadela e ainda por cima comecei a espirrar, porque não calcei os sapatos quando fui com ela até o pátio e meu pijama está todo esburacado e acho que estava ventando muito, se não estava chovendo. Coitada da Malparada, congelando lá fora, ela que é tão friorenta. Quantas vezes eu não a peguei no meio da noite, furiosa da vida quando eu me mexo e a descubro. Tesa de ódio, ela se levanta, resmungando, e puxa o cobertor com os dentes até se cobrir de novo ou então se mete sem mais nem menos no fundo da cama para aproveitar o calorzinho dos meus pés. Os cachorros são bem fiéis, mais que os parentes, fazer o quê? A Malparada é vira-lata, uma mistura de tudo quanto é cachorro, mas tem coração de ouro. Não lembro mais

quando foi que apareceu no colégio. Trazida é que não foi, devia estar passando e resolveu entrar para ver, gostou e ficou. Acho que já estava no colégio quando entramos. Quem sabe não nasceu aqui e é leoncio-pradina? Era uma nanica, eu reparei, metia-se na seção desde a época do batismo, parecia que estava em casa, cada vez que um do quarto ano entrava, ela avançava e latia e queria morder. Era boa de briga: tomava uns chutes de voar longe e voltava à carga, latindo e arreganhando os dentes, uns dentinhos de filhote ainda jovem. Agora já está crescida, deve ter mais de três anos, já está velha para uma cadela, os bichos não vivem muito, ainda mais quando são vira-latas e comem pouco. Não me lembro de ver a Malparada comendo muito. Às vezes atiro alguma casca, e aí ela faz a festa. Porque a grama ela só mastiga: chupa o suco e cospe fora. Põe um pouco de grama na boca e fica horas num masca-que-masca, feito um índio mascando coca. Está sempre aqui pela seção, diziam que ela trazia pulgas e a punham para fora, mas a Malparada sempre voltava, expulsavam mil vezes e logo depois a porta começava a ranger e aparecia bem embaixo, rente ao chão, o focinho da cadela, e nós ríamos da teimosia e às vezes a deixávamos entrar e brincávamos com ela. Não sei quem teve a ideia do nome, Malparada. Nunca se sabe de onde vêm os apelidos. Eu ria quando começaram a me chamar de Jiboia, depois me esquentei e perguntava quem tinha inventado essa história e todo mundo dizia fulano ou sicrano, mas agora não há maneira de me livrar do apelido, até no bairro me chamam assim. Acho que foi o Vallano. Ele sempre dizia: “Dê uma demonstração, mije por cima do cinturão, mostre essa pomba aí, está batendo nos joelhos.” Mas vá saber.

Alberto sentiu que o seguravam pelo braço. Viu um rosto sinuoso, que não recordava. Entretanto, o rapaz sorria, como se os dois se conhecessem. Atrás dele estava outro cadete, mais baixinho, duro e teso. Não os via muito bem; ainda eram seis da tarde, mas a neblina caíra antes da hora. Estavam no pátio do quinto ano, perto da pista. Grupos de cadetes circulavam de um lado para o outro.

— Espere aí, poeta — disse o rapaz. — Você, que é sabido: não é verdade que ovário é a mesma coisa que colhão, só que feminino?

— Me solte — disse Alberto. — Estou com pressa.

— Deixe de história, homem — insistiu o outro. — É rápido, fizemos uma aposta.

— Por conta de uma música — disse o mais baixo, aproximando-se. — Uma música boliviana. Este aqui é meio boliviano e sabe umas músicas de lá. Bem esquisitas. Cante uma, para ele ver.

— Já disse, me solte — disse Alberto. — Tenho que ir.

Em vez de soltá-lo, o cadete apertou-lhe o braço com mais força. E cantou:

*Sinto no ovário  
um tremor profundo:  
é mais um fedelho  
que já vem ao mundo.*

O mais baixinho deu uma risada.

— Vai me soltar?

— Não. Primeiro me diga se é tudo a mesma coisa.

— Assim não vale, você está soprando.

— É, sim, é a mesma coisa — gritou Alberto e livrou-se com um safanão. Afastou-se dali. Os dois ficaram discutindo. Caminhou bem rápido até o alojamento dos oficiais e o contornou por trás; estava a apenas 10 metros da enfermaria e mal distinguia as paredes: a neblina apagara portas e janelas. No corredor, não havia ninguém; tampouco no cubículo da guarda. Subiu ao segundo andar, vencendo os degraus de dois em dois. Junto à entrada, havia um homem de avental branco. Estava com um jornal nas mãos, mas não lia: observava a parede com ar sinistro. Quando deu por Alberto, levantou-se.

— Fora daqui, cadete — disse. — É proibido entrar.

— Vim ver o cadete Arana.

— Não — disse o homem, sem modos. — Fora daqui. Ninguém pode visitar o cadete Arana. Está em isolamento.

— É uma urgência — insistiu Alberto. — Por favor. Quero ao menos falar com o médico de plantão.

— Eu sou o médico de plantão.

— Mentira. Você é o enfermeiro. Quero falar com o médico.

— Não estou achando graça — disse o homem. Largara o jornal no chão.

— Se não for chamar o médico, vou eu atrás dele — disse Alberto. — E vou acabar entrando, queira ou não.

— Que diabo é isso, cadete? Ficou maluco?

— Vá chamar o médico, porra! — gritou Alberto. — Caralho, vá chamar o médico.

— Neste colégio são todos uns selvagens — disse o homem. Levantou-se e afastou-se pelo corredor. As paredes tinham sido pintadas de branco, talvez até recentemente, mas a umidade as marcara com chagas cinzentas. Momentos mais tarde, o enfermeiro apareceu, seguido de um homem alto, de óculos.

— O que deseja, cadete?

— Gostaria de ver o cadete Arana, doutor.

— Não é possível — retrucou o médico, fazendo um gesto de impotência. — O soldado não lhe disse que é proibido subir até aqui? Poderiam castigá-lo, rapaz.

— Ontem eu vim três vezes — disse Alberto. — E o soldado não me deixou passar. Mas hoje ele não estava lá embaixo. Por favor, doutor, gostaria de ver o cadete, nem que seja por um minuto.

— Sinto muitíssimo. Mas não depende de mim. Você sabe como é o regulamento. O cadete Arana está em isolamento. Ninguém pode visitar. Você é parente dele?

— Não — disse Alberto. — Mas tenho que falar com ele. É urgente.

O médico pôs-lhe a mão em cima do ombro e o observou com compaixão.

— O cadete Arana não pode falar com ninguém — disse. — Está inconsciente. Logo vai melhorar. E agora saia daqui. Não me obrigue a chamar um oficial.

— Posso visitá-lo com uma ordem do major?

— Não — disse o médico. — Só com uma ordem do coronel.



Ia esperá-la na saída do colégio, duas ou três vezes por semana, mas nem sempre me aproximava. Minha mãe se acostumara a almoçar sozinha, só não sei se acreditava mesmo que eu ia à casa de um amigo. De todo modo, não tinha do que reclamar, assim gastava menos com comida. Às vezes, quando me via chegar em casa ao meio-dia, me olhava aborrecida e dizia: "Não foi hoje para Chucuito?" Por mim, iria todo dia buscá-la no colégio, mas no Dos de Mayo não me deixavam sair antes da hora. Às segundas-feiras era fácil, pois tínhamos educação física; no recreio, eu me escondia atrás das colunas até que o professor Zapata levasse a classe para a rua; então eu escapulia pela porta principal. O professor Zapata fora campeão de boxe, mas já estava velho e não queria saber de trabalhar; nunca fazia chamada. Levava a turma até o campo e dizia: "Joguem futebol, que é um bom exercício para as pernas; mas não vão muito longe." E se sentava no gramado para ler jornal. Às terças-feiras, era impossível sair mais cedo; o professor de matemática sabia o nome de todo mundo. Em revanche, às quartas-feiras tínhamos desenho e música, e o dr. Cigueña vivia no mundo da lua; depois do recreio das 11, eu saía pela garagem e tomava o bonde a meia quadra do colégio.

O magro Higuera continuava me dando dinheiro. Sempre esperava na praça de Bellavista para me oferecer uma bebida, um cigarro, e para falar do meu irmão, das mulheres, de muitas coisas. "Você já é homem-feito", me dizia. "Sem tirar nem pôr." Às vezes me oferecia dinheiro sem que eu pedisse. Não me dava muito, cinquenta centavos ou um *sol*, mas bastava para o bilhete. Eu ia até a praça Dos de Mayo, seguia a avenida Afonso Ugarte até o colégio dela e parava sempre na loja da esquina. De vez em quando eu me aproximava e ela me dizia: "Oi, saiu mais cedo também?", e então falava de alguma outra coisa e eu também. "Ela é muito inteligente", eu pensava, "muda de assunto para não me deixar em apuros." Caminhávamos até a casa dos tios, uns oito quarteirões, e eu tentava ir bem devagar, dando passinhos curtos ou parando para espiar as vitrines, mas nunca demoramos mais de meia hora. Conversávamos sobre as mesmas coisas, ela me contava o que acontecia no colégio e eu também, o que estudaríamos mais tarde,

quando seriam as provas e se passaríamos de ano. Eu conhecia de nome todas as meninas da classe dela, ela sabia os apelidos dos meus colegas e professores e as piadas que corriam entre os rapazes mais sabidos do Dos de Mayo. Uma vez, pensei que diria a ela: "Ontem à noite sonhei que éramos adultos e nos casávamos." Tinha certeza de que ela faria perguntas e ensaiei muitas frases, para não ficar calado na hora. No dia seguinte, enquanto andávamos pela avenida Arica, disse de repente: "Escute, ontem à noite sonhei..." "O que, o que você sonhou?", ela me perguntou. "Que nós dois passávamos de ano." "Queira Deus que seja verdade", respondeu.

Quando eu a acompanhava, cruzávamos sempre com os alunos do La Salle, de uniforme café com leite, e esse era outro tema de conversa. "São uns veadinhos", eu dizia, "não dão nem para o começo com o Dos de Mayo. Esse branquelos parecem os do colégio marista de Callao, que jogam futebol feito mulher; tomam um chute e já chamam a mamãe; é só olhar a cara deles." Ela ria e eu continuava falando a mesma coisa, mas afinal o tema se esgotava e eu pensava: "Já estamos chegando." O que me deixava mais nervoso era a ideia de que cansasse de me ouvir contar sempre as mesmas histórias, mas eu me consolava, pensando que ela também repetia as mesmas coisas sem que eu me cansasse de ouvir. Contava duas, três vezes o filme que via com a tia na sessão feminina de segunda-feira. Justamente a propósito de cinema, uma vez me atrevi a dizer uma coisa. Ela me perguntou se eu tinha visto não sei qual filme, e eu disse que não. "Você não vai nunca ao cinema?", ela me perguntou. "Agora não vou muito", respondi, "mas ano passado eu ia. Ia com dois colegas do Dos de Mayo e filava a matinê de quarta-feira no Sáenz Peña; o primo de um dos meus amigos é guarda municipal e, quando estava de serviço, deixava a gente subir para a galeria superior. Assim que as luzes se apagavam, nós descíamos para a plateia elevada; estão separadas por uma madeira fácil de pular." "E nunca pegaram vocês?", ela perguntou, e respondi: "Quem ia pegar a gente, se o guarda era primo do meu amigo?", e ela me disse: "E por que não fazem a mesma coisa agora?" "Agora eles vão toda quinta-feira", respondi, "mudaram o dia

de serviço do guarda." "E você não vai?", perguntou. E eu, sem me dar conta, disse: "Prefiro ir para a sua casa e ficar com você." E logo me dei conta e calei a boca. Foi pior, porque ela começou a me olhar, muito séria, e pensei: "Ela não gostou." E então eu disse: "Mas quem sabe eu vá com eles, um dia desses. Se bem que, para falar a verdade, não gosto muito de cinema." E falei de outra coisa, mas sem deixar de pensar na cara que ela fizera, uma expressão diferente da de sempre, como se, ao me ouvir, tivesse notado tudo o que eu não me atrevia a lhe dizer.

Uma vez, Higuera me deu um *sol* e cinquenta. "Para comprar cigarro", me disse, "ou encher a cara, se estiver sofrendo por amor." No dia seguinte, íamos caminhando pela avenida Arica, pela calçada diante do cine Breña, e por acaso paramos na frente de uma padaria. Havia uns pastéis de chocolate e ela disse: "Que cara boa!" Lembrei-me do dinheiro que tinha no bolso, poucas vezes senti tanta felicidade. Disse a ela: "Espere, tenho um *sol* e vou comprar um", e ela disse: "Não, não vá gastar, eu disse de brincadeira", mas eu entrei e pedi um pastel ao chinês. Estava tão atordoado que saí sem esperar o troco, mas o chinês, muito honesto, me alcançou e disse: "Eu lhe devo uma peseta, aqui está." Ofereci o pastel e ela me disse: "Mas não pode ser tudo para mim, vamos dividir." Eu não queria e assegurava que não estava com vontade, mas ela insistia e finalmente disse: "Ao menos uma mordidinha", estendeu a mão e me pôs o pastel na boca. Mordi um pedacinho e ela deu uma risada. "Ficou com a cara toda suja", me disse, "eu sou um desastre, a culpa é minha, vou limpar." E então levantou a outra mão e a aproximou do meu rosto. Fiquei imóvel, e o meu sorriso se congelou quando senti que ela me tocava, e não me atrevi a respirar enquanto ela passava os dedos pela minha boca, não movi os lábios, ela notaria a vontade que eu tinha de beijar sua mão. "Pronto", ela disse depois, e continuamos rumo ao La Salle, sem falar palavra, eu estava bestificado com o que acabara de acontecer, tinha certeza de que ela se demorara ao passar a mão pela minha boca, ou que a passara várias vezes, e dizia comigo mesmo: "Quem sabe foi de propósito."

Além do mais, não era a Malparada que trazia as pulgas; eu acho que foi o colégio que contagiou a cadela com as pulgas, as pulgas dos serranos. Uma vez o Jaguar e o Crespo jogaram piolhos nela, aqueles desgraçados. O Jaguar tinha se metido sei lá onde, deve ter sido lá naquelas pocilgas do primeiro quarteirão de Huatica, e voltou com uns piolhos enormes. Ele soltava os piolhos pelo banheiro, corriam pelos ladrilhos, grandes feito formigas. O Crespo disse: "Vamos jogar em alguém?", e a Malparada estava olhando. Foi puro azar, a coisa sobrou para ela. O Crespo a levantava pelo pescoço, ela esperneava e o Jaguar espalhava aqueles bichos com as duas mãos, e então os dois se empolgaram e o Jaguar gritou: "Ainda tenho umas toneladas, vamos batizar alguém!", e o Crespo gritou: "O Escravo!" Eu fui junto. Ele estava dormindo; lembro que segurei a cabeça e tapei os olhos, e o Crespo prendeu as pernas. O Jaguar incrustava os piolhos entre os cabelos e eu gritava: "Cuidado, cacete, estão me entrando pela camisa." Se eu soubesse que ia acontecer o que aconteceu, não teria segurado a cabeça daquele jeito, não teria abusado tanto. Mas acho que nele os piolhos não fizeram grande estrago; em compensação, acabaram com a Malparada. Perdeu quase todo o peloslo e andava se esfregando nas paredes e ficou com uma pinta de cachorro vagabundo e leproso, o corpo era uma chaga só. Devia coçar muito, ela não parava de se esfregar, principalmente na parede do alojamento, que é toda desigual. O lombo parecia uma bandeira peruana, vermelho e branco, branco e vermelho, gesso e sangue. Então o Jaguar disse: "Se a gente passar pimenta, garanto que sai falando feito gente", e me ordenou: "Jiboia, vá roubar um pouco de pimenta da cozinha." Fui, e o cozinheiro me deu várias pimentas de presente. Moemos com uma pedra, em cima dos ladrilhos, e o serrano Cava dizia "rápido, rápido". Depois o Jaguar disse: "Pode trazer e segurar, que eu aplico o remédio aqui." É verdade, por pouco ela não fala. Dava pulos da altura dos armários, se retorcia feito uma cobra, e como gania! Veio o suboficial Morte, assustado com a barulheira, e quando viu os pulos da Malparada começou a chorar de tanto rir, e dizia: "Que filhos da puta, que filhos da puta!" Mas o mais esquisito da história é que a cadela se curou. O peloslo nasceu de novo, parece

até que engordou. Com certeza achou que eu tinha posto a pimenta para curá-la, os animais não são inteligentes, e quem vai saber o que passou pela cabeça dela. Mas, desse dia em diante, andava o tempo todo atrás de mim. Na formação, ela se metia entre os meus pés e não me deixava marchar; no rancho, instalava-se embaixo da minha cadeira e mexia o rabo, pedindo que eu jogasse algum resto; me esperava na porta da sala de aula e, nos recreios, quando me via sair, começava a me fazer festa com o focinho e as orelhas; e à noite subia na minha cama e queria me lambe a cara. E fazia isso para eu dar um safanão nela. Recuava, mas voltava, me media com os olhos, e então, vai me pegar ou não vai, um pouco mais perto, um pouco mais longe, aposto que agora não me pega, ah, que sabida. E todos começaram a rir de mim e a dizer "você anda comendo essa aí, seu bandido", mas não era verdade, não tinha nem me passado pela cabeça isso de traçar uma cadela. No começo, eu ficava furioso com aquele bicho grudado em mim, se bem que às vezes, como se fosse por acaso, eu coçava a cabeça dela e via como ela gostava. À noite, ela vinha por cima de mim e se remexia, não me deixava dormir enquanto eu não metesse os dedos no cangote e coçasse um pouquinho. Então se aquietava. Essa história à noite era pura esperteza da cadela. Quando ouviam, todos começavam a tirar sarro de mim, "ei, Boa, deixe o bicho em paz, vai acabar estrangulando", ah, bandida, disse você gosta, não gosta?, assim na cabeça e na barriguinha. E no ato ela ficava quieta feito pedra, mas eu sentia na mão que ela estava tremendo de gosto, e basta eu parar de coçar um segundo que ela dá um pulo e eu vejo no escuro como ela arreganha o focinho e mostra os dentes tão brancos. Não sei por que os cachorros têm os dentes tão brancos, mas são todos assim, nunca vi um cachorro com dente preto, nem me lembro de ouvir falar de cachorro que perdeu dente, teve cárie ou teve que arrancar. É esquisito, e isso de cachorro não dormir é esquisito também. Eu achava que só a Malparada não dormia, mas depois me contaram que todos os cachorros são assim, insones. No começo me dava receio, eu ficava meio assustado. Bastava abrir um olho e lá estava ela, me espiando, e às vezes eu não conseguia dormir só de pensar que a cadela passava a noite do meu lado sem abaixar as pálpebras,

qualquer um fica nervoso só de pensar que estão olhando, mesmo que seja uma cadela que não compreende as coisas, mas às vezes parece que sim.

Alberto deu meia-volta e desceu. Quando chegava aos primeiros degraus da escada, cruzou com um senhor já de idade. Tinha o rosto mortiço e os olhos aflitos.

— Senhor — disse Alberto.

O homem já subira alguns degraus; parou e se virou.

— Perdão — disse Alberto. — O senhor é parente do cadete Ricardo Arana?

O homem observou-o detidamente, como se tentasse reconhecê-lo.

— Sou o pai dele — disse. — Por quê?

Alberto subiu dois degraus; seus olhos estavam à mesma altura. O pai de Arana olhava-o fixamente. Manchas azuis tingiam as pálpebras; as pupilas demonstravam inquietação, insônia.

— O senhor pode me dizer como está Arana? — perguntou Alberto.

— Está em isolamento — retrucou o homem, com voz enrouquecida. — Não deixam vê-lo. Nem os pais podem vê-lo. Não têm esse direito. Você é amigo dele?

— Somos da mesma seção — disse Alberto. — Também não me deixaram entrar.

O homem assentiu. Parecia devastado. Uma barba rala sombreava as faces e o queixo; a gola da camisa estava amassada e manchada, e a gravata, meio caída, exibia um laço ridiculamente pequeno.

— Só pude vê-lo por um segundo — disse o homem. — Da porta. Não deviam fazer uma coisa dessas.

— Como ele está? — perguntou Alberto. — O que o médico disse?

O homem levou as mãos ao rosto e limpou a boca com o nó dos dedos.

— Não sei — disse. — Operaram duas vezes. A mãe está meio louca. Não consigo entender como é que uma coisa dessas foi acontecer. Justamente quando o ano estava para acabar. É melhor nem pensar nisso, é tolice. O melhor é rezar. Deus tem que tirá-lo são e salvo desta provação. A mãe está na capela. O doutor disse que talvez possamos vê-lo hoje à noite.

— Ele vai se salvar — disse Alberto. — Os médicos do colégio são os melhores.

— Claro, claro — disse o homem. — O capitão nos deu muita esperança. É um homem muito amável. Capitão Garrido, eu acho. Trouxe os cumprimentos do coronel, sabe?

O homem voltou a passar a mão pelo rosto. Remexeu num dos bolsos e extraiu um maço de cigarros. Ofereceu um a Alberto, que recusou. O homem voltou a meter a mão no bolso. Não encontrava os fósforos.

— Espere um segundo — disse Alberto. — Vou conseguir um fogo.

— Vou com você — disse o homem. — Não é por gosto que eu fico aqui, sentado no corredor, sem ter com quem falar. Passei dois dias assim. Estou com os nervos em frangalhos. Queira Deus que não aconteça nada de irremediável.

Saíram da enfermaria. No cubículo da entrada estava o soldado de guarda. Olhou surpreso para Alberto e espichou um pouco a cabeça, mas não disse nada. Estava escuro. Alberto foi pelo descampado na direção da Perlita. Ao longe, distinguiam-se as luzes dos alojamentos. O prédio das salas de aula estava às escuras. Não se ouvia nenhum ruído.

— Você estava com ele quando aconteceu? — perguntou o homem.

— Estava — disse Alberto. — Mas não estava perto. Ia pelo outro lado. Foi o capitão quem viu, quando nós já estávamos no morro.

— Isso é injusto — disse o homem. — Um castigo injusto. Somos gente de bem. Vamos à igreja todo domingo, não fizemos mal a ninguém. A mãe sempre faz obras de caridade. Por que Deus nos manda esta desgraça?

— Todo mundo na seção está muito preocupado — disse Alberto. Houve um silêncio, e por fim ele acrescentou: — Gostamos muito dele. É um grande companheiro.

— Sim — disse o homem. — Não é um mau rapaz. A culpa é minha, sabe? Às vezes tive que ser um pouco duro com ele. Mas era pelo bem dele. Tive que lutar para fazer dele um homem. É meu único filho, tudo o que faço é para o bem dele. Pelo futuro. Pode me falar dele? Da vida no colégio. Ricardo é muito reservado. Não nos contava nada. Mas às vezes parecia que não estava feliz.

— A vida militar é um pouco dura — disse Alberto. — Leva tempo para a gente se acostumar. Ninguém fica muito feliz no começo.

— Mas fez bem a ele — disse o homem, com veemência. — Transformou Ricardo, fez dele um outro homem. Isso ninguém pode negar, ninguém. Você não sabe como ele era, quando era menino. Aqui ficou mais rijo, mais responsável. Era isso que eu queria, que fosse mais viril, que tivesse mais personalidade. Além disso, se quisesse sair, ele poderia me dizer. Eu disse que devia entrar e ele aceitou. A culpa não é minha. Fiz tudo pensando no futuro dele.

— Acalme-se, senhor Arana — disse Alberto. — Não se preocupe. Tenho certeza de que o pior já passou.

— A mãe põe a culpa em mim — disse o homem, como se não o escutasse. — As mulheres são assim, injustas, não entendem as coisas. Mas eu estou com a consciência tranquila. Eu o pus aqui para fazer dele um ser forte, um homem de proveito. Não sou adivinho. Você acha que podem me culpar, assim, sem mais nem menos?

— Não sei — disse Alberto, confuso. — Quer dizer, claro que não. O principal é que Arana se cure.

— Estou muito nervoso — disse o homem. — Não preste atenção. De vez em quando, perco o controle.

Haviam chegado a La Perlita. Paulino estava no balcão, a cabeça entre as mãos. Olhou Alberto como se o visse pela primeira vez.

— Uma caixa de fósforos — disse Alberto.

Paulino olhou o pai de Arana com desconfiança.

— Não tenho — disse.

— Não é para mim, é para este senhor.



Sem dizer nada, Paulino tirou uma caixa de fósforos da parte de baixo do balcão. O homem queimou três palitos tentando acender o cigarro. À luz instantânea, Alberto viu que as mãos do homem tremiam.

— Me dê um café — disse o pai de Arana. — Quer tomar alguma coisa?

— Café eu não tenho — disse Paulino, com voz aborrecida. — Um refrigerante, se quiser.

— Está bem — disse o homem. — Um refrigerante, qualquer coisa.

Esqueceu esse meio-dia claro, sem chuvisco e sem sol. Desceu do bonde Lima-San Miguel na parada do cine Brasil, uma antes de sua casa. Sempre descia ali, preferia caminhar as dez quadras inúteis, mesmo quando chovia, para prolongar a distância que o separava do encontro inevitável. Era a última vez que percorria esse caminho; as provas tinham terminado na semana anterior, tinham acabado de lhes entregar os boletins, o colégio estava morto, ressuscitaria três meses depois. Os colegas estavam alegres com a perspectiva das férias; ele, por sua vez, sentia medo. O colégio constituía seu único refúgio. O verão o mergulharia numa inércia perigosa, à mercê deles.

Em vez de entrar pela avenida Salaverry, continuou pela avenida Brasil até o parque. Sentou-se num banco, meteu as mãos nos bolsos, encolheu-se um pouco e ficou imóvel. Sentiu-se velho; a vida era monótona, sem estímulos, um fardo pesado. Nas aulas, os colegas começavam a aprontar assim que o professor lhes dava as costas: trocavam caretas, bolinhas de papel, sorrisos. Ele os observava, muito sério e desconcertado: por que não podia ser como eles, viver sem preocupações, ter amigos, parentes atenciosos? Fechou os olhos e continuou assim por um bom tempo, pensando em Chiclayo, na tia Adelina, na impaciência feliz com que esperava, ainda menino, a chegada do verão. Então se levantou e tomou o rumo de casa, passo a passo.

Uma quadra antes de chegar, o coração quase parou: o carro azul estava estacionado à porta. Tinha perdido a noção do tempo? Perguntou a hora a um passante. Eram 11 da manhã. O pai nunca voltava antes de uma da tarde. Apressou o passo. Ao chegar à soleira, escutou as vozes dos pais; discutiam. “Vou dizer que um bonde descarrilou, que tive de vir a pé desde Magdalena Vieja”, pensou, com a mão na campainha.

O pai abriu a porta. Estava sorridente e em seus olhos não havia o menor sinal de cólera. Estranhamente, deu um tapinha cordial em seu braço e disse, quase com alegria:

— Ah, você chegou. Estávamos justamente falando de você com a sua mãe. Entre, entre.

Tranquilizou-se; o rosto logo se descompôs no sorriso estúpido, desarmado e impessoal que era seu melhor escudo. A mãe estava na sala. Abraçou-o com ternura e ele se inquietou: essas efusões podiam modificar o bom humor do pai. Nos últimos meses, ele o obrigava a intervir como árbitro ou testemunha nas discussões familiares. Era humilhante e atroz: tinha de responder “sim, sim” a todas as perguntas-afirmações que o pai fazia e que constituíam graves acusações contra a mãe: desperdício, desordem, descaso, putaria. O que teria de testemunhar dessa vez?

— Olhe — disse o pai, amavelmente. — Ali em cima da mesa, é para você.

Olhou para a mesa: na capa, viu a fachada esmaecida de uma grande construção e, ao pé, uma inscrição em letras maiúsculas: “O Colégio Leoncio Prado não é um vestíbulo da carreira militar.” Estendeu a mão, pegou o folheto, aproximou-o do rosto e começou a examiná-lo sobressaltado: viu campos de futebol, uma piscina límpida, cantinas, dormitórios desertos, limpos e arrumados. Nas páginas centrais, uma fotografia colorida mostrava uma formação de linhas perfeitas, desfilando diante de uma tribuna; os cadetes levavam fuzis e baionetas. Os quepes eram brancos, e as insígnias, douradas. No alto de um mastro, ondulava uma bandeira.

— Não é formidável? — perguntou o pai. A voz continuava cordial, mas ele já a conhecia bem para notar, na levíssima mudança de entonação, que havia ali uma advertência.

— É, sim — disse ele imediatamente. — Parece formidável.

— Claro! — disse o pai. Fez uma pausa e virou-se para a mãe:  
— Está vendo? Não disse que ele seria o primeiro a se entusiasmar?

— Eu não acho formidável — retrucou a mãe, debilmente e sem olhar para ele. — Se você quer que ele entre, faça o que achar melhor. Mas não peça a minha opinião. Não estou de acordo com essa história de aluno interno num colégio militar.

Ele levantou a vista.

— Interno num colégio militar? — Suas pupilas ardiam. — Seria formidável, mamãe, eu adoraria.

— Ah, as mulheres — disse o pai com compaixão. — Todas iguais. Tolas e sentimentais. Nunca entendem nada. Vamos, garoto, explique a essa mulher que entrar no Colégio Militar é o melhor para você.

— Ele nem sabe o que é — balbuciou a mãe.

— Sei, sim — ele replicou com fervor. — É o melhor para mim, mamãe. Sempre disse que queria ser interno. O papai tem razão.

— Garoto — disse o pai. — A sua mãe acha que você é um imbecil, incapaz de pensar. Você vê agora todo o mal que ela lhe fez?

— Deve ser magnífico — repetiu ele. — Magnífico.

— Bem — disse a mãe. — Como não há nada a dizer, vou ficar calada. Mas conste que sou contra.

— Não pedi a sua opinião — disse o pai. — Essas coisas eu resolvo. Estava simplesmente comunicando uma decisão.

A mulher se levantou e saiu da sala. O homem se acalmou no mesmo instante.

— Você tem dois meses para se preparar — disse. — As provas devem ser difíceis, mas você não é burro, vai passar sem dificuldade. Não vai?

— Vou estudar bastante — prometeu ele. — Vou fazer todo o possível para entrar.

— Isso mesmo — disse o pai. — Vou inscrever você num cursinho e vou comprar as provas resolvidas. Mesmo que custe muito, vale a pena. É pelo seu bem. Vão transformar você num homem. Você ainda tem tempo para se corrigir.

— Tenho certeza de que vou passar — disse ele. — Certeza.

— Bem, nem uma palavra mais. Está feliz? Três anos de vida militar vão transformar você em outra pessoa. Os militares sabem o que fazem. Vão enrijecer seu corpo e seu espírito. Se ao menos eu tivesse tido alguém que se preocupasse com o meu futuro como eu me preocupo com o seu!

— É verdade. Obrigado, muito obrigado — disse ele. E, depois de um segundo, acrescentou, pela primeira vez: — Papai.

— Hoje você pode ir ao cinema depois do almoço — disse o pai.  
— Vou dar dez *soles* de mesada.

Todo sábado a Malparada fica macambúzia. Antes era diferente. Era o contrário, vinha conosco para os exercícios de campanha, corria e dava pulinhos quando ouvia os disparos que passavam zumbindo, estava em todo canto e ficava mais acesa que nos outros dias. Mas depois virou minha sombra e mudou de hábitos. Aos sábados, ficava meio esquisita e se prendia em mim feito uma sanguessuga e andava colada aos meus pés, me lambendo e espiando com aqueles olhos remelentos. Faz tempo que notei, sempre que voltamos da campanha e vamos para os banheiros, ou então depois, quando voltamos ao alojamento para vestir o uniforme de saída, ela se mete embaixo da cama ou se esconde no armário e começa a choramingar, sentida, porque eu vou sair. E continua choramingando quando entramos em formação e me segue, caminhando de cabeça baixa, como uma alma penada. Para no portão do colégio, levanta o focinho e fica me olhando, eu sinto até de longe, até quando estou chegando à avenida de las Palmeras, sinto que a Malparada continua no portão do colégio, na frente do posto da guarda, olhando a estrada por onde eu fui e me esperando. Agora, nunca tentou me seguir fora do colégio, ninguém disse para ficar dentro, era coisa dela, uma espécie de penitência, mais uma coisa esquisita. Mas quando volto, domingo à noite, lá está a cadela no portão, toda nervosa, correndo entre os cadetes que entram, e o focinho não para, ela se mexe e fareja e eu sei que ela me sente de longe porque vem latindo e, mal me vê, dá um pulo, estica o rabo e

se retorce todinha de puro gosto. É um animal bem leal, me arrependo de ter batido nela. Nem sempre a tratei bem, muitas vezes eu dei nela só porque estava triste ou estava brincando. E a Malparada não ficava fula, parecia até que gostava, com certeza achava que eram carinhos. “Pula, Malparada, não tenha medo!”, e a cadela, em cima do armário, rosando e latindo, olhando assustada, feito o cachorro no alto da escadaria. “Pula, Malparada, pula!”, e ela não se decidia, até que eu chegava por trás e um empurrãozinho e a cadela despencando de peloslo em pé e rolando no chão. Mas era brincadeira. Nem eu ficava com pena, nem a Malparada se importava, apesar de doer. Mas hoje foi diferente, fiz por mal, fiz de propósito. Não dá para dizer que a culpa é toda minha. Aconteceu muita coisa. O pobre do índio, o Cava, qualquer um fica com os nervos à flor da pele, e o Escravo com um pedaço de chumbo na cabeça, é natural que todo mundo esteja uma pilha. Além disso, não sei por que mandaram vestir o uniforme azul, logo agora com este sol de verão, e todos estávamos transpirando, de estômago virado. A que horas vão trazer, como será que ele está, será que mudou com tantos dias de prisão, deve estar mais magro, vai ver que o mantinham a pão e água, metido num quarto o dia inteiro, com aqueles bonecos do Conselho de Oficiais, sair só para se perfilar diante do coronel e dos capitães, até imagino as perguntas, os berros, devem ter tirado o couro. Que nada, apesar de serrano, ele se comportou feito homem, nem uma palavra para acusar ninguém, segurou a barra sozinho, eu fui, eu roubei a prova de Química, eu sozinho, ninguém sabia, quebrei o vidro e ainda arranhei as mãos, podem olhar os rasgos. E de novo para o posto da guarda, esperar que o soldado passe a comida pela janelinha — até imagino a comida, lá da tropa — e pensar no que vai dizer o pai quando ele voltar para a serra e disser: “Me expulsaram.” O pai deve ser um bruto, todos os serranos são uns brutos, no colégio eu tinha um amigo que era de Puno e o pai de vez em quando o mandava para o colégio com umas tremendas cicatrizes das surras de cinto que levava. O serrano Cava deve ter passado uns dias bem negros, tenho pena dele. Com certeza nunca mais vou vê-lo. A vida é assim, ficamos três anos juntos e agora ele vai para a serra e não vai voltar

a estudar, vai ficar morando com os índios e as lhamas, vai ser um granjeiro imbecil. Essa é a pior parte do colégio, quem é expulso não ganha crédito pelos anos que já cumpriram, esses bandidos pensaram direitinho em como foder com a gente. O serrano deve ter passado um mau bocado, e toda a seção ficou pensando nisso, eu também, enquanto nos deixaram ali de uniforme azul, plantados no meio do pátio, com esse sol forte, esperando que o trouxessem. Não dava para levantar a cabeça, os olhos começavam a lacrimejar. E nos deixaram esperando um bom tempo, sem que nada acontecesse. Depois chegaram os tenentes em uniforme de parada e o major e de repente chegou o coronel e então entramos em posição de sentido. Os tenentes foram fazer o informe, que calafrios que nós tínhamos. Quando o coronel falou, o silêncio era tão grande que dava medo de tossir. Mas não estávamos apenas assustados. Tristes também, sobretudo os da primeira seção, não era para menos, sabendo que dali a pouco iam nos pôr na frente de alguém que tinha vivido tanto tempo conosco, um sujeito que nós vimos pelado tantas vezes, que fez tanta coisa com a gente, só mesmo sendo de pedra para não sentir um aperto no coração. O coronel já tinha começado a falar com aquela vozinha de veado. Estava lívido de raiva e dizia coisas terríveis contra o serrano, contra a seção, contra o ano, contra todo mundo e foi aí que vi a Malparada aprontando com o meu sapato. Fora, Malparada, xô daqui, cadela sarnenta, vá morder o cadarço do coronel, fique quieta, não vá se aproveitar da hora para me torrar a paciência. E sem nem ao menos poder dar um chutezinho de leve, para me largar. O tenente Huarina e o suboficial Morte estão em sentido a menos de um metro e, se eu respirar, eles me pressentem, cadela, não abuse da circunstância. Aquiete-se, animal feroz, que o filho de Deus nasceu antes de você. Nem assim, nunca a vi tão ousada, puxou e puxou até que o cadarço se rompeu e senti o pé dançando dentro do sapato. Mas eu disse, pronto, está satisfeita, agora vai se embora, fora daqui, Malparada, a culpa é toda sua. Em vez de ficar quieta, tome a foder com o outro sapato, como se tivesse notado que eu não podia me mover nem um milímetro, nem olhar para ela, nem soltar um palavrão. E nisso trouxeram o serrano Cava. Vinha entre dois soldados, como se fossem fuzilá-lo, e estava

bem pálido. Senti que o estômago virava do avesso, que me subia uma coisa pela garganta, bem dolorida. O serrano, amarelo, marcava o passo entre os dois soldados, serranos também, os três tinham a mesma cara, pareciam trigêmeos, mas o Cava estava amarelo. Vinha pela pista de desfile e todos olhavam para ele. Fizeram a volta e ficaram marcando passo diante do batalhão, a poucos metros do coronel e dos tenentes. Eu dizia "por que ficam marcando o passo" e percebi que nem ele nem os soldados sabiam o que fazer diante dos oficiais e que ninguém pensava em dizer "sentido!". Até que Gamboa se adiantou, fez um gesto e os três entraram em posição de sentido. Os soldados recuaram e o deixaram sozinho no matadouro e ele não se atrevia a olhar para nenhum lado, força, irmãozinho, o Círculo está com você de coração, um dia nos vingamos. Eu disse "agora ele vai começar a chorar", não vá chorar, serrano, não faça o gosto desses merdas, aguente firme, bem perfilado e sem tremer, vamos ver se eles aprendem. Fique quieto e tranquilo, acaba rápido, se der, dê um sorriso e vai ver como dói neles. Eu sentia que a seção inteira parecia um vulcão e que tínhamos vontade de explodir. O coronel recomeçara a falar e dizia coisas para derrubar o moral do serrano, vá ser perverso para torturar um rapaz que já ferraram até cansar. Dava conselhos que todos nós ouvíamos, dizia que aproveitasse a lição, contava a vida de Leoncio Prado, que disse aos chilenos que o fuzilaram "quero comandar eu mesmo o pelotão de fuzilamento", aquela besta. Depois tocaram a corneta e o Piranha, as mandíbulas fazendo taque-taque, foi até o serrano Cava, e eu pensava "vou chorar de pura raiva" e a maldita Malparada não parava de morder o sapato e até as calças, você me paga, mal-agra-decida, vai se arrepender do que está fazendo. Aguente, serrano, agora vem o pior, depois você sai tranquilo pela rua e basta de militares, basta de detenções, basta de sentinela. O serrano estava imóvel mas ficava cada vez mais pálido, a cara, que é tão escura, estava esbranquiçada, de longe se notava que o queixo tremia. Mas aguentou. Não recuou nem chorou quando o Piranha arrancou a insígnia do gorro e as dragonas e depois o emblema do bolso, e o deixou esfarrapado, o uniforme rasgado, e outra vez tocaram a corneta e os dois soldados se postaram dos dois

lados e começaram a marcar passo. O serrano quase não levantava os pés. Depois foram até a pista de desfile. Eu tinha que apertar os olhos para vê-lo ir embora. O coitado não conseguia acompanhar o passo, tropeçava e, volta e meia, baixava a cabeça, com certeza para ver como estava o uniforme todo fodido. Mas os soldados levantavam bem as pernas, para que o coronel visse. Depois o muro os encobriu e eu pensei, espere só, Malparada, pode morder as calças, agora é a sua vez, vai pagar caro, e ainda não nos deixaram desfazer as fileiras porque o coronel voltou a falar dos próceres. Você já deve estar na rua, serrano, esperando o ônibus, olhando o posto da guarda pela última vez, não se esqueça da gente e, mesmo que esqueça, continuam aqui os seus amigos do Círculo para cuidar da revanche. Você já não é cadete, é um civil qualquer, pode chegar perto de um tenente ou de um capitão sem bater continência nem ceder o assento ou a passagem. Malparada, por que não dá logo um pulo e me arranca a gravata ou o nariz, pode fazer o que quiser, a casa é sua. Fazia um calor terrível e o coronel continuava falando.

Começava a escurecer quando Alberto saiu de casa, embora fossem apenas seis da tarde. Havia demorado pelo menos meia hora para se arrumar, polir os sapatos, dominar o impetuoso redemoinho sobre o crânio, armar o topete. Tinha até raspado com a navalha do pai a penugem rala que assomava sobre o lábio superior e abaixo das suíças. Foi até a esquina de Ocharán com Juan Fanning e assobiou. Segundos depois, Emilio aparecia à janela; também estava apumado.

— São seis da tarde — disse Alberto. — Pode descer voando.

— Dois minutos.

Alberto olhou para o relógio, ajeitou a prega da calça, puxou o lenço do paletó alguns milímetros para fora, contemplou-se dissimuladamente na vidraça de uma janela: a brilhantina dava conta do recado, o penteado se conservava intacto. Emilio saiu pela porta de serviço.

— Tem gente na sala — disse a Alberto. — Fizeram um almoço. Ui, que nojo. Estão acabados e a casa fede a uísque de cima a



baixo. E, com a bebedeira, meu pai me ferrou. Quer se fazer de importante e não me deu a mesada.

— Eu tenho dinheiro — disse Alberto. — Quer um pouco emprestado?

— Se a gente for a algum lugar, sim. Mas, se ficarmos no parque Salazar, não vale a pena. E você, o que fez para eles soltarem dinheiro? O seu pai não viu o boletim?

— Ainda não. Só a minha mãe. O velho vai rebentar de raiva. É a primeira vez que eu tomo pau em três matérias. Vou ter que estudar o verão inteiro. Mal vai dar para ir à praia. Bah, melhor nem pensar nisso. E quem sabe ele nem se importa. Minha casa está uma confusão.

— Por quê?

— Ontem à noite meu pai não veio dormir em casa. Apareceu hoje de manhã, lavado e barbeado. É um safado que só ele.

— É, um bárbaro — assentiu Emilio. — Tem montes de mulheres. E o que a sua mãe disse?

— Atirou um cinzeiro nele. E depois começou a chorar aos berros. A vizinhança toda deve ter ouvido.

Caminhavam rumo à Larco, pela rua Juan Fanning. Quando os viu passar, o japonês da banquinha de suco de fruta onde havia anos se refugiavam depois dos jogos de futebol cumprimentou-os com um aceno. Os postes da rua acabavam de se acender, mas as calçadas continuavam na sombra, as folhas e galhos das árvores retinham a luz. Ao cruzar a rua Colón, espriaram a casa de Laura. Era ali que as moças do bairro costumavam se reunir, antes de ir para o parque Salazar; mas ainda não haviam chegado, as janelas do salão estavam às escuras.

— Acho que foram visitar a Matilde — disse Emilio. — O Bebê e o Pluto foram lá depois do almoço — riu-se. — O Bebê está meio maluco. Ir para a Quinta de los Pinos em pleno domingo. Se os pais da Matilde não o virem, deve ter tomado aquela surra dos valentões de lá. E o Pluto também, que não tem nada a ver com a história.

Alberto deu uma risada.

— Está maluco pela menina — disse. — Gamado, caidinho.

A Quinta de los Pinos fica longe do bairro, do outro lado da avenida Larco, para lá do parque Central, perto dos trilhos do bonde de Chorrillos. Há alguns anos, essa quinta pertencia a território inimigo, mas os tempos mudaram, os bairros já não são domínios intocáveis. Os forasteiros perambulam por Colón, Ocharán e a rua Porta, visitam as garotas, comparecem às festas, as namoram, convidam-nas para o cinema. Por sua vez, os rapazes tiveram que emigrar. No começo, iam, em grupos de oito ou dez, percorrer outros bairros mirafloresinos, os mais próximos, como o 28 de Julho e a rua França, e depois os mais distantes, como Angamos e a avenida Grau, onde mora Susuki, a filha do contra-almirante. Alguns encontraram namoradas nesses bairros estrangeiros e se incorporaram a eles, ainda que sem renunciar à morada solar, Diego Ferré. Encontraram resistência em alguns bairros: piadas e sarcasmos dos homens, desdém das mulheres. Mas na Quinta de los Pinos a hostilidade dos rapazes locais se traduzia em violência. Uma noite, quando o Bebê estava começando a rondar Matilde, eles o seguraram e lhe jogaram um balde d'água em cima. Mesmo assim, o Bebê continua assediando a quinta e com ele outros rapazes do bairro, pois ali não vive apenas Matilde, mas também Graciela e Molly, que não têm namorado.

— Não são elas? — disse Emilio.

— Não! Está cego? São as Garcia.

Estavam na avenida Larco, a 20 metros do parque Salazar. Uma serpente avança, devagar, pela pista, enrosca-se sobre si mesma diante da esplanada, perde-se na mancha de veículos estacionados à beira do parque e logo reaparece no outro extremo, diminuída: gira e toma de novo a avenida Larco, em sentido contrário. Alguns automóveis seguem com o rádio ligado: Alberto e Emilio escutam músicas de dança e uma torrente de vozes jovens, risadas. Diferentemente de qualquer outro dia da semana, hoje as calçadas da Larco que margeiam o parque Salazar estão cobertas de gente. Mas nada disso chama a atenção dos dois: o ímã que, todas as tardes de domingo, atrai os mirafloresinos menores de vinte anos para o parque Salazar há muito que exerce seu poder sobre eles. Não são estranhos a essa multidão, mas parte dela: vão bem-vestidos,

perfumados, o espírito em paz; sentem-se em família. Olham ao redor e encontram rostos que lhes sorriem, vozes que lhes falam numa língua que é a sua. São os mesmos rostos que viram mil vezes na piscina do Terrazas, na praia de Miraflores, em La Herradura, no Clube Regatas, nos cines Ricardo Palma, Leuro ou Montecarlo, os mesmos que os recebem nas festas de sábado. Mas não apenas conhecem as feições, a pele, os gestos desses jovens que avançam como eles para o encontro dominical no parque Salazar; também estão a par de sua vida, de seus problemas e suas ambições; sabem que Tony não é feliz, apesar do carro esporte que o pai lhe deu no Natal, pois Anita Mendizábal, a garota que ele ama, é arisca e coquete: toda Miraflores já se contemplou em seus olhos verdes, sombreados por pestanas compridas e sedosas; sabem que Vicky e Manolo, que acabam de passar perto deles de mãos dadas, não começaram há muito tempo, só há uma semana, e que Paquito sofre porque é motivo de riso de Miraflores por conta dos furúnculos e da corcunda; sabem que Sonia partirá amanhã para o estrangeiro, talvez por muito tempo, porque o pai foi nomeado embaixador, e que ela está triste com a perspectiva de abandonar o colégio, as amigas e as aulas de equitação. Mas, além disso, Alberto e Emilio sabem que estão unidos a essa multidão por sentimentos recíprocos: os outros também os conhecem. Quando estão ausentes, os outros evocam suas proezas ou seus fracassos sentimentais, analisam seus romances, ponderam-nos ao fazer listas de convidados para as festas. Vicky e Manolo, justamente, devem estar falando neles agora: "Viu o Alberto? Helena deu bola para ele depois de dar um fora cinco vezes. Aceitou na semana passada e agora vai dar um fora de novo. Pobrezinho."

O parque Salazar está cheio de gente. Assim que passam a cerca que contorna os limpos quadriláteros de grama, que por sua vez circundam um chafariz com peixes vermelhos e amarelos e um monumento ocre, Alberto e Emilio mudam de expressão: as bocas se soltam ligeiramente, os pômulos se recolhem, as pupilas faíscam, se inquietam, num meio sorriso idêntico ao que aparece nos rostos que vão encontrando. Grupos de rapazes permanecem imóveis, apoiados na murada do Malecón, e contemplam a roda humana que

gira à beira dos quadriláteros, dividida em fileiras que circulam em direções opostas. Os casais se cumprimentam com uma saudação que não altera o meio sorriso fixo, apenas a posição de sobrancelhas e pálpebras, um movimento rápido e mecânico que enruga momentaneamente a testa, um reconhecimento, mais que uma saudação, uma espécie de senha. Alberto e Emilio dão duas voltas no parque, reconhecem os amigos, os conhecidos, os intrusos que vêm de Lima, Magdalena ou Chorrillos para contemplar essas meninas que devem lhes parecer atrizes de cinema. De seus postos de observação, os intrusos lançam frases para a roda humana, anzóis que ficam boiando entre os bancos de garotas.

— Não vieram — disse Emilio. — Que horas são?

— Sete. Mas devem estar por aí e não estamos vendo. Laura me disse hoje de manhã que viria de qualquer jeito. Ia passar para buscar a Helena.

— Você vai ficar plantado aí. Não vai ser a primeira vez. A Helena vive fazendo cachorrada com você.

— Agora não é assim — disse Alberto. — Isso foi antes. Mas agora está comigo. É diferente.

Deram mais voltas, olhando ansiosamente para todos os lados, sem encontrá-las. Em compensação, divisaram alguns casais do bairro: o Bebê e Matilde, Tico e Graciela, Pluto e Molly.

— Aconteceu alguma coisa — disse Alberto. — Já deviam estar por aqui.

— Se elas vierem, você vai sozinho — retrucou Emilio, de mau humor. — Eu não aceito essas coisas, sou orgulhoso demais.

— Pode não ser culpa delas. Pode ser que não as tenham deixado sair.

— Conversa fiada. Quando uma garota quer sair, o mundo pode acabar, mas ela sai.

Continuaram dando voltas, sem falar, fumando. Meia hora mais tarde, Pluto acenou para eles. “Estão ali”, disse ele, apontando para uma esquina. “Estão esperando o quê?” Alberto lançou-se naquela direção, atropelando os casais. Emilio seguiu atrás; resmungava entre dentes. É claro que não estavam sozinhas; estavam cercadas por um círculo de intrusos. “Com licença”, disse Alberto, e os

sitiantes retiraram-se sem protestar. Momentos depois, Emilio e Laura, Alberto e Helena giravam também, lentamente, de mãos dadas.

— Achei que você não vinha.

— Não deu para sair antes. Minha mãe estava sozinha e tive que esperar minha irmã, que tinha ido ao cinema. E não posso ficar muito tempo. Tenho que voltar às oito.

— Só até as oito? Mas são quase sete e meia.

— Ainda não. São sete e 15.

— Dá na mesma.

— O que foi? Está de mau humor?

— Não, mas veja se me entende, Helena. Isso é terrível.

— O que é terrível? Não entendi.

— Essa nossa situação. A gente não se vê nunca.

— Está vendo só? Eu sabia que isso ia acontecer. Por isso não queria começar.

— Mas uma coisa não tem nada a ver com a outra. Se estamos juntos, a gente tem que se ver, é natural. Quando você não era minha namorada, deixavam você sair com as outras garotas. Mas agora você fica trancada feito criança. Para mim, a culpa é da Inês.

— Não fale mal da minha irmã, não gosto que se metam com a minha família.

— Eu não me meto com a sua família, mas a sua irmã é uma antipática. Ela me odeia.

— Você? Ela nem sabe o seu nome.

— É o que você pensa. Sempre que a encontro no Terrazas, eu dou um alô e ela nem responde. Mas já a peguei várias vezes me espiando escondida.

— Quem sabe ela foi com a sua cara.

— Está querendo rir de mim? Que foi?

— Nada.

Alberto aperta levemente a mão de Helena e a olha bem nos olhos; está muito séria.

— Tente me entender, Helena. Por que você faz isso?

— Faço o quê? — responde ela, com segura.

— Não sei, de vez em quando você parece incomodada por estar comigo. E eu cada vez mais apaixonado. É por isso que fico desesperado de não ver você.

— Eu avisei. Não ponha a culpa em mim.

— Fiquei mais de dois anos atrás de você. E, cada vez que você me dava um fora, eu pensava: “Mas um dia ela me dá bola e eu esqueço tudo isto.” Mas parece que ficou pior agora. Antes, eu via você o tempo todo.

— Quer saber de uma coisa? Não gosto que você fale desse jeito comigo.

— Que jeito?

— Que me diga tudo isso. Tem que ser mais orgulhoso. Não fique implorando.

— Não estou implorando nada. Estou dizendo a verdade. Você não é minha namorada? E por que vai querer que eu seja orgulhoso?

— Não estou dizendo por mim, é por você. Não pega bem.

— Eu sou como eu sou.

— Pronto, vai começar de novo.

Alberto volta a apertar a mão de Helena e procura seus olhos, mas desta vez ela se esquivava ao olhar. Está ainda mais séria, grave.

— Não vamos brigar — diz Alberto. — Temos tão pouco tempo juntos.

— Tenho que falar com você — diz ela, bruscamente.

— O que foi?

— Andei pensando.

— Pensando em quê, Helena?

— Que seria melhor nós dois ficarmos só como amigos.

— Amigos? Quer terminar comigo? Por causa do que eu disse? Deixe de bobagem, deixe para lá.

— Não, não é por isso. Eu já pensava antes. Acho que a gente estava melhor como estava antes. Somos muito diferentes.

— Mas isso não me incomoda. Eu estou apaixonado por você, não importa o resto.

— Mas eu não estou. Pensei melhor, não estou apaixonada por você.

— Ah — diz Alberto. — Ah, então...

Continuam na roda, avançando lentamente; esqueceram que estão de mãos dadas. Ainda percorrem uns 20 metros, mudos e sem se olhar. Perto do laguinho, ela abre os dedos de leve, sem nenhuma violência, como se sugerisse alguma coisa, ele compreende e solta a mão. Mas não param. Assim, um junto ao outro e sempre calados, dão uma volta completa no parque, observando os casais que vêm na direção oposta, sorrindo para os conhecidos. Quando chegam à avenida Larco, os dois param e se olham.

— Tem certeza? — diz Alberto.

— Tenho — responde ela. — Acho que tenho.

— Está bem. Se é assim, é melhor não dizer nada.

Ela concorda e sorri por um segundo, mas logo volta a assumir uma expressão de cerimônia. Ele estende a mão. Helena estende a sua e diz, com voz muito amável e aliviada:

— Mas continuamos como amigos, não é?

— Claro — responde ele. — Claro que sim.

Alberto se afasta pela avenida, penetra no dédalo de carros estacionados com os para-choques encostados na cerca do parque. Vai até a Diego Ferré e vira. A rua está vazia. Caminha pelo meio da pista, a passadas largas. Antes de chegar à Colón, escuta passos precipitados, e uma voz o chama pelo nome. Vira-se. É o Bebê.

— Oi — diz Alberto. — Você por aqui? E a Matilde?

— Já foi. Tinha que voltar cedo.

O Bebê se aproxima e dá um tapinha no ombro de Alberto. Tem uma expressão amistosa, fraternal.

— Sinto muito pela história da Helena — diz ele. — Mas acho que é melhor assim. Essa garota não é para você.

— Como é que você está sabendo? Terminamos agorinha.

— Eu sabia desde ontem à noite. Todo mundo sabia. Mas não dissemos nada, para não chatear.

— Não estou entendendo, Bebê. Fale de uma vez, por favor.

— Não vai ficar chateado?

— Não, homem, diga logo o que está acontecendo.

— Helena está gamada no Richard.

— Richard?

— Sim, o de San Isidro.

— Quem contou?

— Ninguém. Mas todo mundo percebeu. Ontem à noite ficaram juntos na casa da Nati.

— Na festa da Nati? Mentira, a Helena não foi.

— Foi, sim, e era isso que a gente não queria contar.

— Ela me disse que não ia.

— Foi por isso que disse que ela não é para você.

— Você viu?

— Vi. Dançou a noite inteira com o Richard. E a Ana foi perguntar: já terminou com o Alberto? E ela disse que não, mas amanhã termino de qualquer jeito. Só não vá ficar chateado com a história.

— Bah — diz Alberto. — Não quero nem saber. Já estava me cansando da Helena, palavra.

— Assim, homem — diz o Bebê e dá mais um tapinha. — É assim que eu gosto. Vá para cima de outra, é a melhor vingança, a mais dolorida, a mais doce. Por que não dá em cima da Nati? Está linda. E está sozinha.

— É — diz Alberto —, pode ser. Não é má ideia.

Percorrem a segunda quadra da Diego Ferré e se despedem diante da porta da casa de Alberto. O Bebê lhe dá mais dois ou três tapinhas, em sinal de solidariedade. Alberto entrou e subiu direto para o quarto. A luz estava acesa. Abriu a porta; o pai, em pé, estava com o boletim nas mãos; a mãe, sentada na cama, parecia pensativa.

— Boa noite — disse Alberto.

— Olá, rapaz — disse o pai.

Usava terno escuro, como de hábito, e parecia recém-barbeado. Os cabelos brilhavam. Tinha uma expressão aparentemente dura, mas por instantes seus olhos perdiam a gravidade e, ansiosos, projetavam-se sobre os sapatos reluzentes, a gravata de pontinhos cinzentos, o lenço branco no bolso, as mãos impecáveis, os punhos da camisa, o vinco das calças. Examinava-se com um olhar ambíguo, inquieto e satisfeito, e então os olhos recuperavam a suposta dureza.



— Vim mais cedo — disse Alberto. — Estava com um pouco de dor de cabeça.

— Deve ser a gripe — disse a mãe. — Deite aqui, Albertito.

— Mas primeiro vamos conversar um pouco, rapaz — disse o pai, agitando o boletim. — Acabei de ver isto aqui.

— Não fui bem em algumas matérias — disse Alberto. — Mas o importante é que eu não perdi o ano.

— Cale a boca — disse o pai. — Não diga bobagem. — A mãe o olhou, contrariada. — Isso nunca aconteceu na minha família. Isto aqui é uma vergonha para mim. Sabe há quanto tempo nós ficamos em primeiro lugar no colégio, na universidade, em todo lugar? Faz dois séculos. Se o seu avô visse um boletim desses, morreria no ato.

— Minha família também — protestou a mãe. — Está pensando o quê? Meu pai foi ministro duas vezes.

— Foi por isso que se acabou — disse o pai, sem dar atenção à mãe. — Isto aqui é um escândalo. Não vou deixar você jogar meu nome no chão. Amanhã você começa as aulas com um professor particular, vai se preparar para a admissão.

— Admissão? — perguntou Alberto.

— Ao Leoncio Prado. O internato vai fazer bem para você.

— Internato? — Alberto olhou assombrado.

— Esse colégio ainda não me convenceu — disse a mãe. — Pode ficar doente. O clima de La Perla é muito úmido.

— Quer dizer que eu vou para um colégio de índios?

— Isso mesmo, se for o único jeito para você se emendar — disse o pai. — Com os padres você pode até brincar, mas com os militares, não. Além do mais, na minha família, sempre fomos muito democratas. Além do mais, quem é homem é homem em qualquer lugar. Agora vá se deitar e, amanhã, toque a estudar. Boa noite.

— Aonde você vai? — exclamou a mãe.

— Tenho um compromisso urgente. Não se preocupe. Volto cedo.

— Pobre de mim — suspirou a mãe, inclinando a cabeça.

Mas quando saímos da formação eu me fiz de desentendido. Venha cá, Malparada, cachorrinha bonitinha, vem cá, vira-latinha. E ela veio. É tudo culpa dela, quem mandou confiar, se ao menos tivesse fugido, tudo teria sido diferente. Tenho pena dela. Mas no caminho do rancho eu ainda estava furioso, não queria nem saber se a Malparada estava no descampado com a pata encolhida. Vai ficar manca, tenho quase certeza. Se ao menos tivesse sangrado, essas feridas têm cura, a pele se fecha e só fica uma cicatriz. Mas não sangrou nem latiu. É verdade que eu tinha tapado o focinho com uma das mãos e com a outra eu torcia a pata como se fosse o pescoço daquela galinha que o coitado do Cava enrabou. Estava doendo, os olhos dela diziam que estava doendo, tome, cadela, isso é para aprender a me ferrar quando eu estou em forma, aprenda direitinho, que eu não sou sua negra, não invente de me morder com um oficial por perto. A cadela tremia caladinha, mas foi só quando soltei que percebi que tinha ferrado com ela, não se aguentava em pé, caía e a pata estava torta, levantava e caía, levantava e caía e começou a ganir baixinho e de novo me deu uma vontade de dar nela. Mas à tarde fiquei com dó, voltei das aulas e vi a cachorra quietinha na grama, no mesmo lugar. Eu disse: “Venha cá, sua malcriada, venha pedir desculpas.” Ela levantou e caiu, duas ou três vezes levantou e caiu e finalmente conseguiu se mexer, mas só com três patas, e como gania, com certeza doía muito. Ferrei com ela, vai ficar manca para sempre. Me deu pena e a peguei no colo e quis apalpar a pata, ela soltou um gemido e eu pensei quebrei alguma coisa, é melhor nem tocar. A Malparada não é rancorosa, ainda me lambia a mão e largava a cabeça entre os meus braços, comecei a coçar o pescoço e a barriga. Mas assim que eu a punha no chão para andar ela caía ou dava um pulinho e não conseguia se equilibrar em três patas e gania, dá para ver que sente a pata machucada quando faz qualquer esforço. O Cava não gostava da Malparada, detestava a cadela. Várias vezes eu o peguei atirando pedras, chutando quando eu não estava vendo. Os serranos são bem hipócritas, e nisso o Cava é bem serrano. Meu irmão sempre diz: se você quer saber se um sujeito é serrano, olhe bem nos olhos e vai ver que ele não se aguenta e desvia. Meu irmão conhece bem

essa gente, não foi caminhoneiro à toa. Quando eu era menino, queria ser caminhoneiro como ele. Subia a serra até Ayacucho duas vezes por semana, para voltar no dia seguinte, e foram anos disso, e não me lembro de uma vez que não chegasse dizendo horrores dos serranos. Tomava umas e outras e saía atrás de um serrano qualquer, para arranjar confusão. Diz ele que o pegaram numa hora dessas e deve ser a pura verdade, se estivesse sóbrio não teria tomado uma surra feito aquela. Um dia eu vou até Huancayo e vou saber quem foi e vão pagar caro pelo que fizeram. Ei, o policial disse, a família Valdivieso mora aqui? Isso mesmo, respondi, se está procurando a família de Ricardo Valdivieso, e lembro que a minha mãe me puxou pelos cabelos e me pôs para dentro e saiu assustada, desconfiando do meganha, e disse: "Tem muito Ricardo Valdivieso por aí e além do mais nós não temos que pagar a conta de ninguém. Somos pobres mas somos honestos, seu guarda, o senhor não preste atenção no menino." Mas eu já tinha mais de dez anos, não era menino nenhum. O meganha riu e disse: "Esse tal de Ricardo Valdivieso não fez nada de mais, só está no pronto-socorro, mais cortado que uma lombriga. Está furado da cabeça aos pés e pediu para avisarem a família." "Vá contar o dinheiro que sobrou na garrafa", minha mãe me disse. "Vamos ter que levar umas laranjas." Compramos as frutas à toa, nem pudemos dar para ele, estava todo vendado, só se viam os olhos. O tal do meganha ficou conversando com a gente e dizia, que tal, a senhora sabe onde foi que fizeram isso? Em Huancayo. E sabe onde o encontraram? Perto de Chosica, que tal. Subiu no caminhão e veio para Lima como se nada. Quando o encontraram, fora da estrada, estava dormindo em cima do volante, acho que mais de bêbado que de ferido. E se a senhora visse como está o caminhão, todo grudento com o sangue que esse animal veio espirrando pelo caminho, a senhora me perdoe, é um animal como poucos. Sabe o que o doutor disse para ele? Homem, você ainda está bêbado, como é que você veio de Huancayo nesse estado, era para ter morrido no meio do caminho, com trinta facadas. E minha mãe dizia: sim, seu guarda, o pai igualzinho, uma vez o trouxeram meio-morto, quase não conseguia falar e queria que eu fosse comprar mais bebida, e, como não conseguia levantar

os braços de tanto que doíam, eu mesma tinha que virar a garrafa de pisco na boca dele, por aí o senhor tira a família. O Ricardo puxou ao pai, para minha desgraça. Um dia vai embora feito o pai e não vamos mais saber por onde anda e o que faz da vida. Em compensação, o pai deste (e me deu um tapa) era tranquilo, era um homem caseiro, o contrário do outro. Do trabalho para casa, e no fim da semana me entregava o envelope com o dinheiro e eu separava para ele o do cigarro e da condução e ficava com o resto. Era um homem muito diferente do outro, seu guarda, e quase não tocava em bebida. Mas o mais velho, esse aí todo vendado, tinha pinimba com ele. E dava trabalho. Quando o Ricardo, ainda rapaz, chegava tarde, o coitado do meu companheiro começava a tremer, já sabia que o animal vinha bêbado e ia começar a perguntar onde é que está, queria falar um pouquinho com esse senhor que diz que é meu padrasto? E o coitado do meu companheiro ia se esconder na cozinha, até que o Ricardo o encontrava e o punha para correr pela casa. E tanto atazanou que ele foi embora também. Mas com razão. E o meganha ria com gosto e o Ricardo se remexia na cama, furioso de não poder abrir a boca para dizer à mãe que se calasse e não sujasse a barra dele. Minha mãe deu uma laranja ao meganha e as outras nós levamos para casa. E, quando o Ricardo se curou, ele me disse: "Cuidado com os serranos, sempre, porque são a coisa mais traiçoeira do mundo. Nunca olham de frente, sempre fazem as coisas de caso pensado, pelas costas. Ficaram esperando até eu ficar bem de porre com o pisco que eles me deram, e aí caíram em cima. E agora fiquei sem a carteira de motorista, não posso ir até Huancayo acertar as contas." Deve ser por isso que os serranos sempre me caíram mal. Mas no colégio eram poucos, só dois ou três. E meio misturados. Mas quando entrei aqui, em compensação, fiquei chocado com a quantidade de serranos. São a maioria. Até parece que a puna inteira desceu a serra, de Ayacucho, Puno, Ancash, Cuzco, Huancayo, caralho, e são serranos da gema, feito o coitado do Cava. Na seção há vários, mas ele chamava a atenção. Que cabeleira! Não dá para entender como é que um sujeito pode ter os cabelos tão duros. Ele se envergonhava, disso eu sei. Queria controlar os cabelos e comprava sei lá que brilhantina e empapava a

cabeça com aquilo para segurar os cabelos e devia ter dor no braço de tanto que passava o pente e umas outras porcarias. Até parecia que estavam se assentando quando, pumba, um cabelo se arrepiava e depois outro e depois cinquenta e mil, principalmente nas suíças, é aí que o cabelo dos serranos parece feito de agulha, aí e atrás, por cima do cangote. O Cava já estava meio doido de tanto que ouvia por conta da cabeleira e da brilhantina, que soltava um cheiro horrórico de coisa podre. Não dá para esquecer como tiravam sarro dele quando aparecia com a cabeça brilhando e todo mundo fazia uma rodinha e começava a contar, um, dois, três, quatro, aos berros, e antes do dez os cabelos já estavam arrepiados, e ele aguentando firme e os peloslos pulando um atrás do outro e antes do cinquenta a cabeleira toda parecia um chapéu de espinhos. Isso é o que mais ferra com eles, a cabeleira. Mas o Cava sofria mais que os outros, que cabelo era aquele, quase não se via a testa, crescia por cima das sobrancelhas, uma peruca daquelas não devia ser confortável, ser um homem sem testa, essa era outra coisa que acabava com ele. Uma vez pegaram o Cava passando navalha na testa, acho que foi o negro, o Vallano. Entrou no alojamento e disse: "Corram que o Cava está tirando os cabelos da testa, vocês têm que ver." Fomos correndo até o banheiro do prédio das salas de aula, ele tinha ido até lá para ninguém ver, e lá estava o serrano com a testa ensaboada como se fosse a barba e passava a navalha com muito cuidadinho para não se cortar e que sarro que foi. Ficou fulo da vida e foi nesse dia que partiu para cima do Vallano, ali mesmo, no banheiro. Veio com tudo, mas o negro era mais forte, deu nele sem dó. E o Jaguar disse: "Ei, se ele quer tanto tirar os peloslos, vamos dar uma mãozinha." Não achei certo, o serrano era do Círculo, mas o Jaguar não perde uma chance de ferrar com os outros. E o Vallano, que estava inteirinho, apesar da briga, foi o primeiro que pulou em cima do serrano e depois eu e, quando estava bem seguro, o Jaguar jogou o resto da espuma, lambuzou a testa peluda e quase metade da cabeça e começou a raspar. Quietos, serrano, senão a navalha vai entrar até o crânio. O Cava inchava os músculos debaixo de mim, mas não tinha como se mexer e olhava enfurecido para o Jaguar. E o Jaguar raspava que raspava, tirou meia cachola, que sarro. E depois

o serrano ficou quieto e o Jaguar tirou a espuma misturada com os pelos e, de repente, meteu a mão na cara do outro: "Coma, serrano, coma, não precisa ter nojo, olhe que espuminha mais gostosa, coma." E como rimos quando ele se levantou e se olhou no espelho. Acho que nunca ri tanto na vida, o Cava andando pela pista de desfile, com metade da cabeça raspada e a outra metade com os cabelos arrepiados, e o poeta pulava e gritava: "O último dos moicanos, pode chamar a tropa", e todo mundo vinha ver e o serrano ia rodeado por cadetes que o apontavam com o dedo e no pátio os suboficiais viram e também começaram a rir e então o serrano viu que não tinha remédio e começou a rir. E depois, na formação, o tenente Huarina disse: "O que aconteceu, seus merdas, que estão rindo feito umas loucas? Chefes de turma, já para cá." E os chefes de turma nada, meu tenente, efetivo completo, e os suboficiais disseram: "Um cadete da primeira seção apareceu com a cabeça meio pelada", e o Huarina disse: "Tragam aqui o cadete." Ninguém se segurou quando o serrano bateu continência e o Huarina disse: "Tire o gorro", e ele tirou. "Silêncio", disse o Huarina, "que história é essa de rir em formação?", mas ele também olhava a cabeça do serrano e contorcia a boca. "O que houve?", e o serrano: "Nada, meu tenente", "como, nada, por acaso está achando que o Colégio Militar é um circo?", "não, meu tenente", "que aconteceu com a sua cabeça?", "cortei o cabelo por causa do calor, meu tenente", e Huarina então deu uma risada e disse ao Cava: "Você é uma perdida, mas isto aqui não é um colégio de loucas, vá raspar isso na barbearia, quem sabe assim o calor passa, e nada de sair enquanto o cabelo não estiver como manda o regulamento." Coitado do serrano, era boa gente, depois nos demos bem. No começo ele me caía mal, só porque era serrano, por causa do que fizeram com o Ricardo. Eu sempre tirava sarro. Quando o Círculo se reunia para ver quem ia dar num do quarto ano e o sorteado era o serrano, eu dizia é melhor escolher outro, vão pegar esse aí e vão cair em cima da gente. E o Cava ficava quieto, aguentando. E depois, quando o Círculo acabou e o Jaguar propôs: "O Círculo já era, mas se vocês quiserem nós quatro começamos outro", eu disse: "Nada de serranos, são uns covardes", e o Jaguar disse: "É melhor acertar as

contas de uma vez, nada de papo furado entre a gente.” Chamou o Cava e disse: “O Jiboia disse que você é um covarde, que não merece entrar para o Círculo, vai ter que mostrar que ele está enganado.” E o serrano disse: “Está bem.” Nessa noite, nós quatro fomos até o estádio e tiramos as dragonas antes de passar pelo quarto e pelo quinto ano, se vissem que éramos cachorros iam nos levar para fazer as camas. E conseguimos passar e chegamos ao estádio e o Jaguar disse: “Podem lutar, mas nada de palavrão, que a essa hora os alojamentos do quarto e do quinto estão cheios de filhos da puta.” E o Crespo disse: “É melhor tirar as camisas, vão rasgar tudo e amanhã é dia de revista.” E então tiramos as camisas e o Jaguar disse: “Podem começar.” Eu sabia que o serrano não podia comigo, mas não fazia ideia que fosse resistir tanto. Isso é verdade, os serranos são duros na queda, mesmo sendo nanicos. E o Cava é baixo, mas todo rijo. Não tem corpo, é todo quadrado, eu já tinha notado. E, quando eu batia nele, parecia que não acontecia nada, ele nem piscava. Mas é muito burro, muito serrano, me prendia pelo pescoço e pela cintura e não havia jeito de me livrar, eu surrava as costas e a cabeça para ele se soltar, mas ele logo voltava feito um touro, que resistência. E dava pena ver como não tinha agilidade. Isso eu também sabia, os serranos não sabem usar os pés. Só em Callao sabem usar os pés como se deve, melhor que as mãos, mas não é fácil, não é qualquer um que levanta os dois pés de uma vez e mete na cara do inimigo. Os serranos brigam só com as mãos. Não sabem usar a cabeça feito os mestiços, e olhe que têm a cabeça dura. Eu acho que o pessoal de Callao é quem melhor briga no mundo. O Jaguar diz que é de Bellavista, mas eu acho que ele é de Callao, de qualquer jeito é bem pertinho. Não conheço ninguém que use a cabeça e os pés como ele. Quase não usa as mãos para brigar, é chute e cabeçada o tempo todo, eu prefiro não brigar com o Jaguar. “Acho melhor parar, serrano”, eu disse. “Você é quem sabe”, ele respondeu, “mas nunca mais me chame de covarde.” “Ponham a camisa”, disse o Crespo, “e limpem a cara, vem vindo alguém, acho que são suboficiais.” Mas não eram suboficiais, eram cadetes de quinto ano. E eram cinco. “Por que estão sem gorro?”, disse um. “Em forma, e podem ir tirando o dinheiro e os

cigarros.” Eu estava muito cansado, fiquei quieto enquanto o sujeito me revistava os bolsos. Mas o que estava revistando o Crespo disse: “Este aqui está cheio de grana e cigarros, que tesouro.” E aí o Jaguar disse, com aquele risinho dele: “Vocês são muito machos porque estão no quinto ano, não é?” E um perguntou: “O que foi que o cachorro disse?” Eu não via as caras porque estava muito escuro. E um outro sujeito disse: “O que foi que você disse, cachorro? Repita.” E o Jaguar disse: “Se não estivesse no quinto ano, meu cadete, você não se atreveria a tirar da gente o dinheiro e os cigarros.” E os cadetes riram. Perguntaram ao Jaguar: “Quer dizer então que você é muito macho?” “Sou, sim”, respondeu o Jaguar. “Muito macho. E também acho que na rua vocês não se atrevem a meter a mão no nosso bolso.” “Calma aí, calma aí”, disse um outro, “vocês estão ouvindo a mesma coisa que eu?” E um outro disse: “E por que não me tira as insígnias e joga tudo no chão, cadete? Aí nós vamos ver se eu não lhe meto a mão onde bem quiser.” “Não, meu cadete”, respondeu o Jaguar, “duvido que se atreva.” “Vamos ver”, disse o cadete. E tirou o casaco e as insígnias e um segundo depois estava no chão e o Jaguar batia com ele no chão, e então o sujeito começou a gritar: “Estão esperando o quê?” E os outros caíram em cima do Jaguar e o Crespo disse: “Isso eu não deixo!” E eu me meti no bolo, que briga mais esquisita, ninguém via ninguém, de vez em quando eu levava uma pedrada e pensava: “Essa foi do Jaguar.” E ficamos naquela confusão até que tocaram o apito e todo mundo saiu correndo. Ficamos moídos de um jeito! No alojamento, quando tiramos a camisa, os quatro estávamos inchados da cabeça aos pés e morremos de rir. Todo mundo se amontoou no banheiro e dizia: “Contem.” E o poeta passou pasta de dente na nossa cara para abaixar o inchaço. E à noite o Jaguar disse: “Foi o batismo do novo Círculo.” E depois eu fui até a cama do coitado do Cava e disse: “Amigos, hein?” E ele me disse: “Claro.”

Beberam os refrigerantes sem falar. Paulino observava descaradamente, com seus olhos malignos. O pai de Arana bebia da boca da garrafa, em goles curtos; às vezes, ficava com a garrafa



suspensa na beira da boca, os olhos ausentes. Fazia uma careta e voltava a tomar um gole. Alberto bebia sem vontade, o gás lhe dava cócegas no estômago. Tentava não falar, temia que o homem começasse de novo com as confidências. Olhava para um lado e para o outro. Não via a vicunha, provavelmente estava no estádio. O animal fugia para o outro lado do colégio quando os cadetes estavam desocupados. Durante as aulas, em compensação, andava pelo gramado em passadas lentas e elásticas. O pai de Arana pagou as bebidas e deu uma gorjeta a Paulino. Não se via o prédio das salas de aula, as luzes da pista de desfile ainda não estavam acesas e a neblina descera até o chão.

— Ele estava com muita dor? — perguntou o homem. — No sábado, quando o trouxeram. Estava com muita dor?

— Não, senhor. Estava desmaiado. Pararam um carro na avenida Progreso. E trouxeram direto para a enfermaria.

— Só nos avisaram no sábado à tarde — disse o homem, com a voz cansada. — Por volta das cinco. Fazia um mês que ele não saía e a mãe queria vir visitá-lo. Sempre ficava de castigo, por uma coisa ou outra. Eu achava que isso o obrigava a estudar mais. Quem ligou foi o capitão Garrido. Foi algo duro para nós dois, rapaz. Viemos na hora, quase bati o carro na Costanera. E nem nos deixaram ficar com ele. Isso não aconteceria numa clínica.

— Se quiserem, vocês podem levá-lo para uma clínica. Isso eles não podem proibir.

— O médico disse que agora ele não deve ser removido. É muito grave, a verdade é essa, não adianta tentar se enganar. A mãe vai enlouquecer. Está furiosa comigo, sabe, isso é o mais injusto, por conta de quinta-feira. As mulheres são assim, distorcem tudo. Eu fui severo com o rapaz, mas foi para o bem dele. Mas na quinta-feira não aconteceu nada, uma bobagem. E ela me joga na cara o tempo todo.

— Arana não me contou nada — disse Alberto. — E olhe que sempre me contava as coisas.

— Estou dizendo, não foi nada. Foi até em casa por algumas horas, tinham dado uma permissão para ele, não sei por quê. Fazia um mês que não saía. Mal chegou e já quis ir para a rua. Era uma

falta de consideração, não estava certo, que história é essa de chegar em casa e sair disparado. Mandei ficar com a mãe, que fica desesperada quando ele não vem. Só isso, veja se não é uma bobagem. E agora ela me diz que eu o torturei até o final, não é uma injustiça, um absurdo?

— A sua senhora deve estar nervosa — disse Alberto. — É natural. Uma coisa dessas...

— Sim, sim — disse o homem. — Não há quem a convença a descansar. Passa o dia inteiro na enfermaria, esperando o médico. E para nada. Mal fala conosco, imagine. Calma, um pouco de paciência, senhores, estamos fazendo todo o possível, daqui a pouco falamos. O capitão pode até ser amável, quer nos tranquilizar, mas ele tem que se pôr no nosso lugar. Parece tão inacreditável, depois de três anos, como pode acontecer um acidente assim?

— Quer dizer — disse Alberto —, ninguém sabe. Ou melhor...

— O capitão explicou — disse o homem. — Eu sei de tudo. Você sabe como é, os militares são partidários da franqueza. Pão, pão, queijo, queijo. Não são de falar com rodeios.

— Contou todos os detalhes?

— Sim — disse o pai. — Fiquei de cabelo em pé. Parece que o fuzil bateu em alguma coisa bem na hora que ele puxou o gatilho. Você imagina? Em parte, a culpa é do colégio. Que tipo de instrução vocês recebem?

— Disseram que ele disparou em si mesmo? — interrompeu Alberto.

— Ele foi um pouco brusco nessa hora — disse o homem. — Não devia ter dito na frente da mãe. As mulheres são fracas. Mas os militares não têm papas na língua. Eu queria que meu filho fosse assim, de pedra. Sabe o que ele disse? Que no Exército os erros custam caro, assim mesmo. E explicou tudo, que os peritos examinaram a arma, que tudo funciona perfeitamente, que a culpa foi só do garoto. Mas eu tenho minhas dúvidas. Acho que a bala saiu por acidente. No fim, não há como saber. Os militares sabem dessas coisas melhor que eu. E o que importa agora?

— O capitão disse tudo isso?

O pai de Arana olhou para Alberto.

— Sim, por quê?

— Por nada — respondeu Alberto. — Nós não vimos. Estávamos no morro.

— Me perdoem — disse Paulino. — Tenho que fechar.

— É melhor eu voltar para a enfermaria — disse o homem. — Quem sabe conseguimos vê-lo um instante.

Levantaram-se e Paulino despediu-se com um aceno de mão. Voltaram pelo gramado. O pai de Arana caminhava com as mãos cruzadas nas costas; tinha puxado as lapelas do paletó. “O Escravo nunca me falou dele”, pensou Alberto. “Nem da mãe.”

— Posso lhe pedir um favor? — disse. — Gostaria de ver Arana, só um instante. Não digo agora. Amanhã ou depois de amanhã, quando ele estiver melhor. O senhor podia me fazer entrar no quarto, dizendo que sou parente ou amigo da família.

— Está bem — disse o homem —, vamos ver. Vou falar com o capitão Garrido. Parece muito correto. Um pouco rígido, como todos os militares. Afinal de contas, é o trabalho dele.

— Sim — disse Alberto. — Os militares são assim.

— Sabe de uma coisa? — disse o homem. — O garoto está muito ressentido comigo. Eu sei disso. Vou falar com ele e, se não for burro, vai perceber que fiz tudo pelo bem dele. Vai ver que as responsáveis são a mãe e a velha louca da Adelina.

— É uma tia dele, não é? — disse Alberto.

— É, sim — afirmou o homem, enfurecido. — Uma histérica. Criou o menino feito uma mulherzinha. Dava bonecas e fazia cachinhos. Mas não me enganam. Vi umas fotos que tiraram em Chiclayo. Vestiam o menino com saias e faziam cachinhos no meu filho, está me ouvindo? Aproveitaram que eu estava longe. Mas não iam ganhar fácil assim.

— O senhor viaja muito?

— Não — respondeu brutalmente o homem. — Nunca saí de Lima. Nem me interessa. Mas, quando ele voltou para mim, estava estragado, não prestava para nada, um inútil. E agora querem me culpar porque tentei fazer dele um homem? Querem que eu me envergonhe disso?

— Tenho certeza de que logo estará curado — disse Alberto. — Tenho certeza.

— Talvez eu tenha sido um pouco duro — prosseguiu o homem. — Por excesso de carinho. Carinho no bom sentido. A mãe e aquela louca da Adelina não querem entender. Quer um conselho? Quando tiver filhos, tire logo de perto da mãe. Não há nada pior que uma mulher para estragar um garoto.

— Bem — disse Alberto. — Já chegamos.

— E o que está acontecendo ali? — perguntou o homem. — Por que estão correndo?

— É o apito — respondeu Alberto. — Para entrar em formação. Tenho que ir.

— Até logo — disse o homem. — Obrigado pela companhia.

Alberto saiu correndo. Logo alcançou um dos cadetes que iam na frente. Era Urioste.

— Ainda não são sete horas — disse Alberto.

— O Escravo morreu — disse Urioste, ofegante. — Vamos dar a notícia.

---

## II

Dessa vez, meu aniversário caiu num feriado. Minha mãe me disse: "Vá de manhã bem cedo ver o seu padrinho, que às vezes ele sai para o campo." E me deu um *sol* para a passagem. Fui até a casa do meu padrinho, que morava muito longe, Bajo el Puente, mas ele já não estava lá. Quem atendeu foi a mulher, que não gostava da gente. Fez uma cara feia e disse: "Meu marido não está. E acho que só volta à noite, é melhor nem esperar." Voltei a Bellavista de mau humor, tinha a ilusão de que o meu padrinho me daria cinco *soles*, como todos os anos. Pensava em comprar uma caixa de giz para Tere, mas agora como presente de verdade, e também um caderno quadriculado de cem páginas, o caderno de álgebra estava no fim. Ou convidá-la para ir ao cinema, claro que com a tia também. Cheguei a fazer contas e com cinco *soles* podia comprar três entradas no Bellavista e ainda me sobravam uns *reales*. Quando cheguei em casa, minha mãe me disse: "O seu padrinho é um desgraçado, igualzinho à mulher. Com certeza o mesquinho fez que não estava." E eu pensei que ela estava certa. Então minha mãe me disse: "Ah, Tere falou para você ir lá. Veio atrás de você." "Ah, é?", disse eu. "Que engraçado, o que será que ela quer?" E não sabia mesmo porque viera me procurar, era a primeira vez e suspeitei de alguma coisa. Mas não do que veio depois. "Ficou sabendo do meu aniversário e quer me cumprimentar", dizia eu. Corri para a casa dela. Bati na porta e a tia atendeu. Disse bom dia, mas ela mal me viu, deu meia-volta e foi para a cozinha. A tia sempre me tratava assim, como se eu fosse uma coisa. Fiquei um instante na porta aberta, sem me atrever a entrar, mas logo ela apareceu, e vinha com um sorriso diferente. "Oi", disse ela. "Entre." Eu só disse: "Oi", e comecei a sorrir sem jeito. "Venha", ela disse. "Vamos para o meu quarto." Eu fui atrás, muito curioso e sem dizer nada. No quarto, abriu uma gaveta e se virou com um embrulho nas mãos e me disse: "Tome, é pelo seu aniversário." Eu disse: "Como você ficou sabendo?" E ela respondeu: "Eu sei desde o ano passado." Eu não

sabia o que fazer com o embrulho, que era bem grande. Por fim, resolvi abrir. Só tive de desenrolar, não estava amarrado. Era um papel marrom, o mesmo que usavam na padaria da esquina, e pensei que ela devia ter ido pedir especialmente para o embrulho. Era um colete, quase da mesma cor do papel, e na hora entendi que ela havia pensado nisso, tinha tanto gosto que queria que o colete e o embrulho combinassem. Larguei o papel no chão e, enquanto olhava o colete, dizia: "Ah, mas é muito bonito. Ah, muito obrigado. Ah, que beleza." Tere fazia que sim com a cabeça e parecia ainda mais feliz do que eu. "Fiz no colégio", me disse, "nas aulas de trabalhos manuais. Disse que era para o meu irmão." E deu uma gargalhada. Queria dizer que vinha planejando o presente havia tempo e que ela também pensava em mim quando eu não estava por perto, e o presente mostrava que me via como mais que um amigo. Eu continuava a dizer "obrigado, obrigado", e ela ria e dizia: "Gostou? Mesmo? Mas prove primeiro." Eu vesti o colete, que ficou um pouco curto, mas eu puxei rápido, para ela não notar, e ela não notou, estava tão feliz que elogiava a si mesma: "Caiu muito bem, caiu muito bem, e olhe que eu não sabia as suas medidas, fiz de olho." Tirei o colete e o embrulhei de novo, mas não acertava a fazer o pacote, ela se aproximou e disse: "Deixe, olhe como ficou feio, deixe comigo." E ela mesmo refez o embrulho sem amassar nada, entregou-o para mim e disse: "Tenho que lhe dar um abraço pelo aniversário." E me abraçou e eu também a abracei e durante alguns segundos senti seu corpo e seus cabelos me roçarem o rosto e outra vez ouvi aquela risada tão alegre. "Não está feliz? Que cara é essa?", ela perguntou e eu fiz um esforço para sorrir.

O primeiro a entrar foi o tenente Gamboa. Tirara o gorro no corredor, de modo que apenas tomou posição de sentido e bateu os calcanhares. O coronel estava sentado junto à escrivaninha. Atrás dele, Gamboa adivinhava, em meio às trevas que se estendiam além da ampla janela, a cerca exterior do colégio, a estrada e o mar. Alguns segundos depois, ouviram passos. Gamboa saiu da frente da porta e continuou em posição de sentido. Entraram o capitão Garrido

e o tenente Huarina. Este também levava o gorro metido no cinto, entre o primeiro e o segundo passador. O coronel continuava à escrivaninha e não levantava a vista. A sala era elegante, muito limpa, os móveis pareciam envernizados. O capitão Garrido virou-se para Gamboa; seus maxilares latiam harmoniosamente.

— E os outros tenentes?

— Não sei, meu capitão. Disse que estivessem aqui.

Momentos depois, entraram Calzada e Pitaluga. O coronel levantou-se. Era bem mais baixo que todos os presentes e exageradamente gordo; tinha os cabelos quase brancos e usava óculos; atrás das lentes, viam-se uns olhos cinzentos, fundos e desconfiados. Observou-os um a um; os oficiais continuavam em forma.

— Descansar — disse o coronel. — Sentem-se.

Os tenentes esperaram que o capitão Garrido escolhesse um assento. Havia várias poltronas de couro, dispostas em círculo; o capitão ocupou a que estava junto a um abajur de pé. Os tenentes sentaram-se ao redor. O coronel aproximou-se. Os oficiais olhavam, um pouco inclinados para ele, atentos, sérios, respeitosos.

— Tudo em ordem? — disse o coronel.

— Sim, meu coronel — respondeu o capitão. — Já está na capela. Vieram alguns familiares. A primeira seção cuida da guarda de honra. Às 12, a segunda toma o lugar. Depois as outras. Já trouxeram as coroas.

— Todas?

— Sim, meu coronel. Eu mesmo pus seu cartão na maior. Também trouxeram a dos oficiais e a da Associação de Pais. E uma coroa por ano. Os familiares também mandaram coroas e flores.

— Falou com o presidente da associação sobre o enterro?

— Sim, meu coronel. Duas vezes. Disse que toda a diretoria compareceria.

— Fez perguntas? — o coronel enrugou a testa. — Esse Juanes está sempre metendo o bedelho em tudo. O que você disse?

— Não dei detalhes. Expliquei que um cadete havia morrido, sem indicar as circunstâncias. E disse que havíamos encomendado



uma coroa de flores em nome da associação e que deviam pagá-la com a verba deles.

— Logo, logo ele começa a fazer perguntas. Nessas horas sempre aparecem os intrigantes e curiosos. Tenho certeza de que isso vai chegar até o ministro.

O capitão e os tenentes escutavam sem piscar. O coronel ia levantando a voz; pronunciou as últimas palavras aos berros.

— Tudo isso pode ser terrivelmente prejudicial — acrescentou. — O colégio tem lá seus inimigos. É a grande chance deles. Podem aproveitar uma estupidez feita esta para lançar mil calúnias contra a instituição e, é claro, contra mim. É preciso tomar precauções. Foi para isso que reuni vocês aqui.

Os oficiais acentuaram a expressão de gravidade e assentiram com movimentos de cabeça.

— Quem está de serviço amanhã?

— Eu, meu coronel — disse o tenente Pitaluga.

— Muito bem. Na primeira formação, vai ler uma ordem do dia. Anote. Os oficiais e o corpo discente lamentam profundamente o acidente que custou a vida ao cadete. Especifique que tudo foi causado por um erro dele mesmo. Que não fique a menor dúvida. Que sirva de advertência, para um cumprimento mais estrito do regulamento e das instruções et cetera e tal. Redija hoje à noite e me traga o rascunho. Eu mesmo quero corrigir. Quem é o tenente da companhia do cadete?

— Eu, meu coronel — disse Gamboa. — Primeira companhia.

— Reúna as seções antes do enterro. Dê uma palestrinha. Lamentamos profundamente o acontecido, mas no Exército não se pode cometer erros. Todo sentimentalismo é um crime. Quero que fique para falar comigo a esse respeito. Vamos primeiro resolver os detalhes do enterro. Esteve com a família, Garrido?

— Sim, meu coronel. Aceitam que seja às seis da tarde. Falei com o pai. A mãe está muito abalada.

— Só irá o quinto ano — interrompeu o coronel. — Recomendem disciplina absoluta aos cadetes. Roupa suja se lava em casa. Depois de amanhã, vou reuni-los no salão nobre e falar para eles. Uma bobagem qualquer pode desencadear um escândalo. O

ministro não vai gostar quando souber, não vai faltar quem conte, vocês sabem muito bem que estou cercado de inimigos. Bem, vamos por partes. Tenente Huarina, encarregue-se de pedir caminhões à Escola Militar. Você vai cuidar do deslocamento. E da devolução dos caminhões na hora devida. Entendido?

— Sim, meu coronel.

— Pitaluga, vá à capela. Seja amável com os familiares. Vou cumprimentá-los daqui a pouco. Que os cadetes da guarda de honra observem a máxima disciplina. Não vou tolerar a menor infração durante o velório e o enterro. A responsabilidade é sua. Quero que o quinto ano dê a impressão de lamentar muito a morte do cadete. É sempre um ponto positivo.

— Com isso o senhor não precisa se preocupar, meu coronel — disse Gamboa. — Os cadetes da companhia estão muito impressionados.

— Ah é? — disse o coronel, olhando surpreso para Gamboa. — E por quê?

— São muito jovens, meu coronel — disse Gamboa. — Os mais velhos têm 16, só uns poucos 17. Conviveram com ele quase três anos. É natural que estejam impressionados.

— Como assim? — insistiu o coronel. — Disseram alguma coisa? Fizeram alguma coisa? Como sabe que estão impressionados?

— Não conseguem dormir, meu coronel. Percorri todas as seções. Os cadetes ficam acordados na cama e falam de Arana.

— É proibido falar nos alojamentos depois do toque de silêncio! — gritou o coronel. — Como é que você não sabe disso, Gamboa?

— Mandei calarem a boca, meu coronel. Não estão fazendo confusão, falam em voz baixa. Só se ouve um murmúrio. Mandei que os suboficiais percorram os alojamentos.

— Não me estranha que aconteçam acidentes assim no quinto ano — disse o coronel, o punho novamente em riste; mas o punho era branco e pequenino, não inspirava respeito. — Os próprios oficiais fomentam a indisciplina.

Gamboa não respondeu.

— Podem se retirar — disse o coronel, dirigindo-se a Calzada, Pitaluga e Huarina. — Mais uma vez, recomendo discricção absoluta.

Os oficiais se levantaram, bateram os calcanhares e saíram. Os passos se perderam no corredor. O coronel sentou-se na poltrona que antes ocupava Huarina, mas imediatamente se levantou e começou a andar pela sala.

— Muito bem — disse de repente, detendo-se. — Agora quero saber o que aconteceu. Como foi?

O capitão Garrido olhou para Gamboa e, com um aceno de cabeça, indicou que falasse. O tenente virou-se para o coronel.

— Na verdade, meu coronel, tudo o que eu sei consta do relatório. Eu dirigia o avanço do outro lado, no flanco direito. Não vi nem ouvi nada, até que chegamos perto do cume. E então vi o capitão carregando o cadete.

— E os suboficiais? — perguntou o coronel. — O que estavam fazendo enquanto você dirigia o avanço. São cegos e surdos?

— Vinham na retaguarda, meu coronel, conforme as instruções. Mas também não notaram nada. — Fez uma pausa e acrescentou, respeitosamente: — Também está assinalado no relatório.

— Não pode ser! — gritou o coronel; as mãos se ergueram no ar e caíram sobre a pança proeminente; ficaram ali, metidas por baixo do cinto. Fez um esforço para se acalmar. — Como você pode me dizer que ninguém viu um homem cair ferido? Deve ter gritado. Havia dezenas de cadetes ao redor. Alguém tem de saber...

— Não, meu coronel — disse Gamboa. — A distância de homem a homem era grande. E os avanços eram feitos a toda velocidade. Com certeza o cadete caiu durante os disparos, e os tiros devem ter abafado seus gritos, se é que gritou. Nesse terreno o mato está alto, e, quando ele caiu, ficou meio escondido. Os que vinham atrás não viram. Interroguei toda a companhia.

O coronel virou-se para o capitão.

— E você, também estava no mundo da lua?

— Eu controlava o avanço de trás, meu coronel — disse o capitão Garrido, piscando os olhos; as mandíbulas trituravam as palavras como duas pedras de moer. Fazia gestos largos. — Os grupos avançavam alternadamente. O cadete deve ter caído ferido no momento em que sua linha se jogava no chão. No apito seguinte, já não pôde se levantar e ficou meio enterrado no mato.

Provavelmente estava um pouco atrasado em relação à coluna e por isso a retaguarda, no avanço seguinte, deixou-o para trás.

— Tudo isso está ótimo — disse o coronel. — Agora me digam o que pensam de verdade.

O capitão e Gamboa entreolharam-se. Houve um silêncio constrangido, que ninguém se atrevia a quebrar. Finalmente, o capitão falou, em voz baixa:

— Talvez tenha disparado o próprio fuzil. — Olhou para o coronel. — Quer dizer, pode ter puxado o gatilho quando caiu no chão.

— Não — disse o coronel. — Acabo de falar com o médico. Não resta dúvida, a bala veio de trás. Levou a bala na nuca. Você sabe muito bem que os fuzis não disparam sozinhos. Podemos dizer isso para os familiares e evitar complicações. Mas os verdadeiros responsáveis são vocês. — O capitão e o tenente remexeram-se de leve nos assentos. — Como disparavam?

— Segundo as instruções, meu coronel — disse Gamboa. — Fogo de apoio, alternado. Os grupos de assalto se cobriam mutuamente. O fogo estava perfeitamente sincronizado. Antes de dar ordem de disparar, eu verificava se a vanguarda estava protegida, se todos os cadetes estavam no chão. Por isso dirigia o avanço do flanco direito, para ter mais visibilidade. Não havia nenhum obstáculo natural. Durante todo o tempo, eu pude ver todo o terreno em que operava a companhia. Não creio ter cometido nenhum erro, meu coronel.

— Fizemos o mesmo exercício mais de cinco vezes este ano, meu coronel — disse o capitão. — E os de quinto ano já o fizeram mais de 15 vezes desde que entraram no colégio. Além do mais, fizeram exercícios mais complexos, com mais riscos. Eu determino os exercícios conforme o programa elaborado pelo major. Nunca ordenei manobras que não figuram no programa.

— Pouco importa — disse o coronel, lentamente. — O que interessa é saber qual erro, qual engano causou a morte do cadete. Isto aqui não é um quartel, meus senhores! — Levantou o punho branquiço. — Se um soldado toma um tiro, nós enterramos e pronto. Mas estes aqui são alunos, filhos de boas famílias, uma coisa dessas

pode acabar numa tremenda confusão. E se o cadete fosse filho de general?

— Tenho uma hipótese, meu coronel — disse Gamboa. O capitão virou-se para olhá-lo com inveja. — Hoje à tarde, repassei cuidadosamente os fuzis. Quase todos são velhos e pouco seguros, meu coronel, isso o senhor já sabia. Alguns estão com a alça de mira meio torta, outros estão com o interior do cano ligeiramente danificado. Isso não explica nada, é claro. Mas é possível que um cadete tenha mexido na posição da alça sem notar o que estava fazendo e feito má pontaria. A bala pode ter seguido uma trajetória descendente. E o cadete Arana, por uma infeliz coincidência, talvez estivesse fora de posição, mal protegido. Enfim, é apenas uma hipótese, meu coronel.

— A bala não caiu do céu — disse o coronel, mais tranquilo, como se tivessem solucionado alguma coisa. — Você não está me dizendo nada de novo, a bala escapou de alguém na retaguarda. Mas um acidente desses não pode acontecer aqui! Amanhã mesmo leve todos os fuzis ao arsenal. Troquem os imprestáveis. Capitão, mande repassar os fuzis nas outras companhias. Mas não agora; vamos deixar passar uns dias. E com muita prudência: não devemos deixar transpirar nenhuma palavra a respeito. Está em jogo o prestígio do colégio e até do Exército. Felizmente, os médicos foram muito compreensivos. Vão fazer um relatório técnico, sem hipóteses. O mais sensato é insistir na tese do erro cometido pelo próprio cadete. Temos que cortar pela raiz qualquer rumor, qualquer comentário. Entendido?

— Meu coronel — disse o capitão. — Permita-me observar que essa tese me parece bem mais verossímil que a de um tiro da retaguarda.

— Por quê? — disse o coronel. — Por que mais verossímil?

— Mais ainda, meu coronel. Eu me atreveria a afirmar que a bala saiu do fuzil do próprio cadete. É impossível que, com alvos a vários metros de altura sobre o terreno, a trajetória de uma bala seja descendente. O cadete pode ter acionado o gatilho inconscientemente, ao cair sobre o fuzil. Vi com meus próprios olhos que os cadetes se lançavam no chão de modo defeituoso, sem

nenhuma técnica. E o cadete Arana jamais se distinguiu nas campanhas.

— Pode até ser — disse o coronel, muito calmo. — Tudo é possível neste mundo. E você, está rindo do quê, Gamboa?

— Não estou rindo, meu coronel. Me perdoe, mas acho que o senhor se confundiu.

— Espero que sim — disse o coronel, dando palmadinhas na pança e sorrindo pela primeira vez. — E que isto sirva de lição. O quinto ano, sobretudo a primeira companhia, já nos fez passar maus bocados, meus senhores. Alguns dias atrás, expulsamos um cadete que roubava provas entrando pela janela, como um gângster de cinema. E agora mais esta. Pensem bem no futuro. Não estou fazendo ameaças, senhores, entendam bem. Mas tenho uma missão a cumprir por aqui. E vocês também. Devemos cumpri-la como militares, como peruanos. Sem contemplações nem sentimentalismos. Vencendo todos os obstáculos. Podem se retirar, senhores.

O capitão Garrido e o tenente Gamboa saíram. O coronel ficou observando, com expressão solene, até que a porta se fechou depois deles. Então coçou a barriga.

Uma tarde, quando eu voltava do colégio, Higuera me disse: “Podemos ir a um outro lugar? Prefiro não entrar nesse botequim.” Eu disse que não me importava e ele me levou a um bar da avenida Sáenz Peña, escuro e sujo. Por uma porta muito baixa, junto ao balcão, passava-se a um salão grande. Higuera conversou um instante com o chinês que atendia; pareciam se conhecer bem. O magro pediu dois tragos, e, quando terminamos, ele me perguntou, muito sério, se eu era tão macho quanto o meu irmão. “Não sei”, respondi, “acho que sim. Por quê?” “Você me deve uns vinte *soles*”, ele respondeu. “Não é isso?” Senti um arrepio nas costas, já não lembrava que o dinheiro era emprestado e pensei: “Vai pedir que eu pague e o que é que eu vou fazer.” Mas o magro me disse: “Não é para cobrar. Mas você já é homem e precisa de dinheiro. Eu posso emprestar quanto você quiser. Mas para isso eu preciso ter o

dinheiro. Quer me ajudar a conseguir mais dinheiro?" Perguntei o que devia fazer, e ele respondeu: "É perigoso, e, se você ficar com receio, fica o dito pelo não dito. Eu conheço uma casa que está vazia. É de gente rica, eles têm o suficiente para encher não sei quantos quartos com dinheiro, feito Atahualpa, sabe?" "Você quer dizer roubar?", perguntei. "Sim", respondeu o magro, "se bem que eu não gosto da palavra. Essa gente é podre de rica, e nem eu nem você temos onde cair mortos. Está com medo? Não quero obrigar ninguém. Como você acha que o seu irmão arranjava tanto dinheiro? O que você tem de fazer é bem fácil." "Não", eu disse, "me desculpe, mas não quero." Não estava com medo, mas fora pego de surpresa e só pensava em como nunca tinha percebido que meu irmão e Higuera eram ladrões. O magro não me falou mais do assunto, pediu mais dois copos e me ofereceu um cigarro. Como sempre, contou piadas. Era muito engraçado, sempre sabia alguma piada nova e contava muito bem, fazendo caretas e mudando de voz. Ria com a boca tão aberta que eu via os molares e a garganta. Eu escutava e ria também, mas com certeza ele notou pela minha cara que eu pensava em outra coisa, pois me disse: "O que foi? Ficou triste pela proposta que eu fiz? Esqueça." Eu perguntei: "E se um dia pegarem você?" Ele ficou sério. "A polícia é muito burra", respondeu. "Além do mais, são os mais ladrões. Agora, se me pegam, estou frito. A vida é assim." Eu queria falar mais do assunto e perguntei: "E se pegarem, quanto tempo você fica na prisão?" "Não sei", disse ele. "Isso depende do dinheiro que eu tiver na hora." E me contou que uma vez pegaram meu irmão entrando numa casa em La Perla. Um meganha que ia passando sacou a pistola, apontou contra ele e dizia: "Vamos para a delegacia, você vai cinco metros na frente, senão vai levar chumbo, seu ladrão." E meu irmão começou a rir com gosto e disse: "Você bebeu, homem? Estou entrando porque a cozinheira está me esperando na sua cama. Se quiser ver, meta a mão aqui no meu bolso e você vai ver." E parece que o meganha vacilou um instante, mas ficou curioso e se aproximou. Encostou a pistola num olho do meu irmão e, enquanto apalpava o bolso, dizia: "Se você mexer um milímetro, eu acabo com esse olho. Você morre ou fica caolho. Quietos aí." E quando tirou a mão, segurava um maço

de notas. Meu irmão começou a rir e disse: "Você é índio e eu sou índio, meu irmão. Pode ficar com o dinheiro e me deixe ir embora. Outro dia eu visito a cozinheira." E o meganha respondeu: "Vou mijar ali atrás do muro. Se você estiver aqui quando eu voltar, vai direto para a delegacia por tentativa de corrupção." E o magro também me contou que uma vez quase pegaram os dois, Deus o livre. Estavam saindo de uma casa e um meganha começou a apitar e eles corriam pelos telhados. No final, pularam para um jardim, meu irmão torceu um pé e gritou para ele: "Dê o fora, que eu já era." Mas o magro não quis fugir sozinho e foi arrastando o meu irmão até uma boca de esgoto. Os dois se meteram e se apertaram ali, quase sem respirar, por não sei quantas horas, e depois tomaram um táxi e voltaram para Callao.

Depois disso, passei vários dias sem ver Higueras e pensei: "Pegaram o sujeito." Mas voltei a vê-lo uma semana depois, na praça de Bellavista, e voltamos ao chinês, para beber, fumar e conversar. Não tocou no tema nesse dia, nem no seguinte, nem mais tarde. Eu ia estudar com Tere todas as tardes, mas não a esperava mais na saída do colégio porque não tinha dinheiro. Não me atrevia a pedir a Higueras e passava muitas horas imaginando como conseguir alguns *soles*. Uma vez, no colégio, pediram-nos para comprar um livro, e eu contei para a minha mãe. Ficou furiosa, berrou que fazia milagres para a gente comer e que no ano seguinte eu não voltaria ao colégio, teria 13 anos e já poderia trabalhar. Lembro que, um domingo, fui visitar meu padrinho, sem falar nada para a minha mãe. Levei mais de três horas, tive que atravessar Lima inteira a pé. Antes de bater na porta, espiei pela janela, queria saber se o meu padrinho estava; tinha medo que a mulher atendesse de novo e não quisesse conversa. Não veio a mulher, veio a filha, uma magricela desdentada. Disse que o pai estava na serra e que só voltaria dali a dez dias. Não comprei o livro, mas meus colegas o emprestaram e eu fazia as lições. Grave mesmo era não poder esperar Tere no colégio, isso me deixava triste da vida. Uma tarde, quando estávamos estudando e a tia passou um instante para o outro cômodo, ela me disse: "Nunca mais foi me esperar." Eu fiquei roxo e disse: "Estava pensando em ir amanhã. Você sai sempre ao meio-



dia, não é?" E nessa noite fui até a praça de Bellavista procurar Higuerras, que não estava por lá. Pensei que podia estar naquele bar da avenida Sáenz Peña e fui até lá. O bar estava cheio de gente e de fumaça e de bêbados que berravam. Quando me viu entrar, o chinês gritou para mim: "Fora daqui, moleque." E eu disse: "Tenho que ver o Higuerras, é urgente." Então o chinês me reconheceu e me mostrou a porta dos fundos. O salão grande estava ainda mais cheio que o primeiro, com tanta fumaça que quase não se via nada, e havia mulheres sentadas nas mesas ou nos joelhos dos sujeitos, que as bolinavam e beijavam. Uma delas me agarrou pelo rosto e disse: "O que você está fazendo aqui, pirralho?" E eu respondi: "Cale a boca, sua puta." Ela deu uma risada, mas o bêbado que a abraçava me disse: "Quem mandou xingar uma senhora, quer apanhar?" E nisso apareceu Higuerras. Segurou o bêbado pelo braço e o acalmou: "Ele é meu primo, e quem mexer com ele vai ter que se ver comigo." "Está bem, magrão", disse o sujeito, "mas nada de ficar chamando minhas mulheres de puta. O menino está precisando de educação." Higuerras me pôs uma mão em cima do ombro e me levou até uma mesa com mais três homens. Eu não conhecia nenhum; dois eram mestiços, e o outro, serrano. Higuerras me apresentou como amigo, mandou me servirem um trago. Eu lhe disse que queria conversar a sós. Fomos ao banheiro e eu disse: "Preciso de dinheiro; pelo amor de Deus, me empreste dois *soles*." Ele riu e me deu o dinheiro. Mas em seguida me disse: "Escute, lembra o que falamos outro dia? Bem, eu também quero que você me faça um favor. Preciso de você. Somos amigos, um ajuda o outro. É só uma vez. Está certo?" "Está certo", respondi. "Só uma vez e em troca de tudo que eu devo." "Está bem", ele disse. "E, se tudo der certo, você não vai se arrepender." Voltamos à mesa e ele disse aos três sujeitos: "Quero apresentar um novo colega." Os três riram, me abraçaram e começaram a tirar sarro. Então vieram duas mulheres e uma delas começou a mexer com o magro. Queria beijá-lo, mas o serrano disse: "Deixe o homem em paz. Por que não dá uns beijos nesta criatura aqui?" E ela disse: "Com muito gosto." E me beijou na boca, enquanto os outros riam. Higuerras a apartou e me disse: "Já está bom, vá-se embora. Não volte aqui. Me espere amanhã, às oito da

noite, na praça de Bellavista, perto do cinema.” Fui embora e tratei de só pensar que, no dia seguinte, iria esperar Tere, mas não conseguia, estava muito excitado com a história do magro. Só pensava no pior, que os meganhas iam nos pegar e me mandar para o reformatório de La Perla por ser menor de idade e que Tere ia saber de tudo e não ia querer mais saber de mim.

Era pior do que se a capela estivesse às escuras. A meia-luz intermitente projetava sombras, ressaltava cada movimento e o repetia sobre as paredes e as lajotas, divulgava-o aos olhos dos presentes e mantinha os rostos numa penumbra lúgubre que os tornava mais sérios, mais hostis, quase sinistros. Além disso, havia aquele murmúrio lamuriento, constante (uma voz que balbucia uma única palavra, com a mesma entonação, a última sílaba encadeada à primeira), que chegava até eles por trás, penetrava seus ouvidos como um fiapo finíssimo e os exasperava. Teriam suportado melhor se a mulher gritasse, proferisse grandes exclamações, invocasse Deus e a Virgem, arrancasse os cabelos ou chorasse, mas desde a hora em que entraram, conduzidos pelo suboficial Pezoa, que os distribuiu em duas colunas, rente às paredes da capela, dos dois lados do caixão, tinham escutado esse mesmo murmúrio de mulher que brotava de trás, do setor junto à porta, onde estavam os bancos e o confessionário. Muito depois que Pezoa ordenou que apresentassem armas — obedeceram sem marcialidade e sem barulho, mas com precisão —, distinguiram, por trás do murmúrio, algum movimento, vozes efêmeras, a presença de mais gente na capela além da mulher que se lamentava. Não podiam ver as horas: estavam em posição de sentido, a meio metro de distância um do outro, em silêncio. No máximo, viravam de leve a cabeça para observar o caixão, mas só conseguiam ver a superfície negra e polida e as coroas de flores brancas. Nenhuma das pessoas que estavam junto à entrada da capela havia se aproximado do caixão. Provavelmente tinham feito isso antes que eles chegassem e agora tratavam de consolar a mulher. O capelão do colégio, com um insólito rosto contrito, havia passado várias vezes rumo ao altar;

voltava até a porta, certamente se misturava por alguns momentos ao grupo de pessoas e então tornava a percorrer a nave, de olhos baixos, o rosto jovem e esportivo contraído numa expressão adequada à atmosfera. Mas, apesar de ter passado tantas vezes junto ao caixão, não parara para olhar nem uma única vez. Fazia um bom tempo que estavam ali; alguns sentiam dor no braço, por causa do peso do fuzil. Além do mais, sentiam calor: o recinto era estreito, todos os círios do altar estavam acesos e eles vestiam uniformes de lona. Muitos transpiravam. Mas continuavam imóveis, os calcanhares unidos, a mão esquerda junto à coxa, a direita na culatra do fuzil, o corpo aprumado. Mas essa gravidade era recente. Quando, um segundo depois de escancarar a porta do alojamento, Urioste deu a notícia (um só grito sufocado: "O Escravo morreu!") e viram seu rosto congestionado pela corrida, o nariz e a boca que tremiam, o rosto e a testa empapados de suor e, atrás dele, por cima do ombro, o rosto do poeta, lívido, as pupilas dilatadas, eles chegaram a troçar. A voz inconfundível do Crespo clamou, logo depois da batida na porta: "Esse aí foi para o inferno, ui, mamãezinha." E alguns soltaram uma gargalhada. Mas não eram as risadas selvagememente sarcásticas de costume — uivos verticais que ascendiam, se congelavam e, por alguns segundos, viviam por conta própria, emancipados dos corpos que os expeliam —, mas umas risadas curtas e impessoais, sem nuances, defensivas. E, quando Alberto gritou: "Se alguém contar mais uma, eu mando para a puta que o pariu", suas palavras soaram nitidamente: um silêncio maciço tomara o lugar das risadas. Ninguém respondeu. Os cadetes continuavam nos beliches ou diante dos armários, olhavam as paredes estragadas pela umidade, as lajotas vermelhas, o céu sem estrelas que se via pelas janelas, os batentes oscilantes do banheiro. Não diziam nada, apenas se entreolhavam. Então continuaram a arrumar os armários, fazendo as camas, acendendo cigarros, folheando apostilas, cerzindo os uniformes de campanha. Lentamente, as conversas recomeçaram, que também não eram as mesmas: desaparecera o humor, a ferocidade e mesmo as alusões escabrosas, os palavrões. Curiosamente, falavam em voz baixa, como depois do toque de silêncio, com frases medidas e lacônicas, sobre todos os assuntos,

menos a morte do Escravo: pediam linha preta, retalhos de pano, cigarros, anotações de aula, papel de carta, provas corrigidas. Depois, fazendo rodeios, tomando todo tipo de precaução, evitando tocar o essencial, trocaram perguntas — “a que horas foi?” — e fizeram comentários laterais — “o tenente Huarina disse que iam operar de novo, deve ter sido no meio da operação”, “vão nos levar para o enterro?”. Então despontaram as primeiras manifestações emotivas, cautelosas: “O cara vai se foder jovem assim, que azar”; “era melhor ter morrido na hora, no meio do exercício; que merda, ficar três dias morrendo”; “só faltavam dois meses para terminar, vá ser azarado assim”. Eram homenagens indiretas, variações sobre o mesmo tema e grandes intervalos de silêncio. Alguns cadetes permaneciam calados e se contentavam em concordar. Depois soou o apito e saíram do alojamento sem precipitação, em ordem. Cruzaram o pátio e se puseram calmamente em fila; não brigavam para formar, cediam o lugar um ao outro, alinhavam-se com máximo cuidado e, por último, tomaram posição de sentido sem esperar pela voz do chefe de turma. E assim jantaram, quase sem falar: sentiam que no amplíssimo rancho os olhos de centenas de cadetes voltavam-se para eles e escutavam de vez em quando as vozes que vinham das mesas dos cachorros — “aqueles são da primeira, da seção dele” — e havia dedos que apontavam para eles. Mastigavam a comida sem gana, nem nojo, nem prazer. E, na saída, responderam com monossílabos ou grosserias cortantes às perguntas dos cadetes das outras seções ou dos outros anos, irritados com essa curiosidade invasiva. Mais tarde, no alojamento, rodearam Arróspide, e o negro Vallano disse o que todos sentiam: “Vá dizer ao tenente que nós queremos fazer a vigília.” E se virou para os outros e acrescentou: “É o que eu acho; como ele era da seção, acho que devíamos.” E ninguém zombou, alguns assentiram com a cabeça, outros disseram: “Claro, claro.” E o chefe de turma foi falar com o tenente e voltou para dizer que vestissem os uniformes de saída, inclusive as luvas, e polissem os sapatos e formassem dali a meia hora com fuzis e baionetas, mas sem as alças brancas. Todos insistiram para que Arróspide voltasse a falar com o tenente e dissesse que queriam velar a noite inteira, mas o tenente não

aceitou. E agora estavam ali havia uma hora, na indecisa penumbra da capela, escutando o lamento monótono da mulher, olhando de esguelha para o caixão, solitário no centro da nave e parecendo vazio.

Mas ele estava ali. Souberam-no definitivamente quando o tenente Pitaluga entrou na capela, precedido pelo ranger de seus sapatos, que se sobrepôs ao lamento da mulher e captou todas as atenções, enquanto sentiam que se aproximava por trás e o viam aparecer, dois a dois, à medida que avançava, passava por eles e os deixava para trás. Ficaram fascinados quando viram que ia direto para o caixão. Com os olhos cravados em sua nuca, viram-no parar quase em cima de uma das coroas, inclinar um pouco a cabeça para ver melhor e ficar um instante assim, meio arqueado sobre si mesmo, e tiveram um calafrio fugaz quando viram que movia uma das mãos, tirava o gorro e se persignava rapidamente, endireitava o corpo, dava para ver o rosto inchado e os olhos inexpressivos, e voltava pelo mesmo caminho, na direção contrária. De dois em dois, viram-no desaparecer, escutaram seus passos, que se afastavam, e logo surgiu novamente o murmúrio lamuriento da mulher invisível.

Momentos depois, o tenente Pitaluga voltou a se aproximar dos cadetes e foi lhes dizendo ao pé do ouvido que podiam baixar a arma e ficar em posição de descanso. Assim fizeram; logo começou um movimento em surdina: os cadetes esfregavam o ombro e lenta, imperceptivelmente, encurtavam a distância que os separava. As fileiras iam se apertando com um rumor suave e respeitoso, que não destruía a severidade do ambiente, mas a acentuava. Logo ouviram a voz do tenente Pitaluga. Entenderam imediatamente que falava com a mulher. Com certeza estava se esforçando para falar em voz baixa, devia estar pensando para conseguir. Como era rouco e se deixava trair por uma antiga convicção, que associava a virilidade à violência da voz humana, suas palavras eram um jorro de bruscos vaivéns, do qual os cadetes só captavam fragmentos inteligíveis, o nome de Arana, por exemplo, que ouviram várias vezes e que no começo mal reconheceram, porque para eles o morto se chamava Escravo. A mulher não parecia prestar atenção; continuava a se

lamentar, e isso devia desconcertar o tenente Pitaluga, que às vezes se calava e só depois de uma longa pausa recomeçava o concerto.

“O que o Pitaluga está dizendo?”, perguntou Arróspide, apertando os dentes, sem mover os lábios. Estava à frente de uma das colunas. Vallano, logo atrás do chefe de turma, repetiu, e o Jiboia fez a mesma coisa, e assim a pergunta chegou ao fim da fila. O último cadete, o mais próximo dos bancos onde o tenente Pitaluga falava com a mulher, disse: “Está contando histórias do Escravo.” E continuou repetindo as frases que escutava, sem agregar nem suprimir nada, transmitindo até as interjeições. Mas era fácil reconstruir o monólogo do tenente: “Um cadete brilhante, estimado pelos oficiais e suboficiais, um colega modelo, um aluno aplicado e reconhecido pelos professores; todos deploram o falecimento; o vazio e o peso que reina nos alojamentos; era dos primeiros a chegar à formação; era disciplinado, marcial, tinha porte, seria um excelente oficial; leal e valente; buscava o perigo nos exercícios de campanha, confiavam a ele missões difíceis, que executava sem vacilar nem reclamar; a vida tem dessas desgraças, é preciso vencer a dor; oficiais, professores e cadetes compartilham o sofrimento da família; o coronel virá pessoalmente dar seus pelossames sinceros aos pais; será enterrado com honras; os colegas de turma irão com uniforme de gala e armas; os da primeira seção querem carregar o caixão; é como se a Pátria tivesse perdido um de seus filhos; paciência e resignação; sua memória será parte da história do colégio; viverá nos corações das próximas turmas; a família não precisa se preocupar com nada, a administração do colégio cobrirá todos os gastos do funeral; assim que aconteceu a desgraça, encomendaram as coroas de flores, a do coronel é a maior.” Por meio da improvisada cadeia de transmissão, os cadetes seguiram as palavras do tenente Pitaluga, sem deixar de escutar o interminável murmúrio da mulher; de vez em quando, vozes masculinas interrompiam brevemente Pitaluga.

Depois chegou o coronel. Reconheceram seus passos de gaivota, rápidos e muito curtos; Pitaluga e os outros se calam, o lamento da mulher tornou-se mais suave, mais longínquo. Sem que ninguém ordenasse, perfilaram-se novamente. Não levantaram as

armas, mas bateram os calcanhares, enrijeceram os músculos, encostaram as mãos no corpo sobre a tarja negra das calças. Em forma, escutaram a vozinha aguda do coronel. Falava mais baixo que Pitaluga e o telefone sem fio fora interrompido: apenas os que estavam no fim da fila conseguiam entender o que dizia. Não o viam, mas era fácil imaginá-lo, como nas solenidades, espichando-se diante do microfone com um olhar soberbo e satisfeito, erguendo as mãos para mostrar que não trazia nada escrito. Agora também certamente falava dos sagrados valores do espírito, da vida militar, que torna os homens sadios e eficientes, da disciplina, que é a base da ordem. Não o viam, mas adivinhavam seu rosto cerimonioso, as mãozinhas fofas evoluindo diante dos olhos avermelhados da mulher e apoiando-se por instantes na fivela do cinto que rodeava sua pança magnífica, as pernas entreabertas para sustentar melhor o peso do corpo. E adivinhavam também os exemplos e lições de moral que expunha, o desfile dos próceres epônimos, dos mártires da Independência e da guerra com o Chile, os heróis imarcescíveis que haviam derramado seu sangue generoso pela Pátria em perigo. Quando o coronel se calou, a mulher parara de se lamentar. Foi um momento insólito: a capela parecia transformada. Alguns cadetes se entreolharam, constrangidos. Mas o silêncio não durou muito tempo. Logo o coronel, seguido pelo tenente Pitaluga e por um civil de terno escuro, avançou rumo ao caixão, e os três o contemplaram por um momento. O coronel cruzara as mãos por cima da pança; o lábio inferior protuberante ocultava o lábio superior, e as pálpebras pareciam entrecerradas: era a expressão reservada aos acontecimentos graves. O tenente e o civil permaneciam a seu lado, este último segurava um lenço branco na mão. O coronel voltou-se para Pitaluga, disse-lhe alguma coisa ao ouvido e ambos se aproximaram do civil, que assentiu duas ou três vezes. Regressaram à entrada da capela. Então, a mulher retomou o murmúrio. Mesmo depois que o tenente ordenou que saíssem para o pátio, onde a segunda seção esperava para substituí-los na guarda, continuaram a escutar o lamento da mulher.

Saíram um por um. Giravam no lugar e, na ponta dos pés, avançavam para a porta. Olhavam furtivamente para os bancos, na

esperança de descobrir onde estava a mulher, mas eram impedidos por um grupo de homens — havia três, além de Pitaluga e do coronel — que estavam em pé, muito sérios. Na pista de desfile, diante da capela, encontravam-se os cadetes da segunda seção, também em uniforme e com os fuzis. Os da primeira entraram em formação alguns metros atrás, à beira do descampado. O chefe de turma, metendo a cabeça entre os dois primeiros da fila, observava se o alinhamento estava certo. Então recuou para a esquerda, para contar o efetivo. Eles esperavam, sem se mover, falando em voz baixa da mulher, do coronel, do enterro. Depois de alguns minutos, começaram a se perguntar se o tenente Pitaluga teria se esquecido deles. Arróspide continuava andando de um lado para o outro.

Quando o oficial saiu da capela, o chefe de turma deu ordem de sentido e foi a seu encontro. O tenente mandou que levasse a seção ao alojamento, e Arróspide já se virava para dar a ordem de marcha quando uma voz brotou do fim da fila: “Falta um.” O tenente, o chefe de turma e vários cadetes viraram-se; outras vozes repetiam: “É verdade, falta um.” O tenente se aproximou. Arróspide percorria as colunas a toda velocidade e, para ter mais certeza, contava os efetivos com o dedo. “Sim, meu tenente, éramos 29 e agora somos 28.” Então alguém gritou: “É o poeta.” “Falta o cadete Fernández, meu tenente”, disse Arróspide. “Entrou na capela?”, perguntou Pitaluga. “Sim, meu tenente. Estava atrás de mim.” “Contanto que não tenha morrido também”, murmurou Pitaluga, fazendo um gesto para que o chefe de turma o seguisse.

Viram-no assim que chegaram à porta. Estava no centro da nave — o corpo ocultava o caixão, mas não as coroas —, o fuzil meio de lado, a cabeça baixa. O tenente e o chefe de turma detiveram-se na soleira. “O que esse imbecil está fazendo?”, disse o oficial. “Tire-o dali agora mesmo.” Arróspide avançou e, ao passar junto ao grupo de civis, seu olhar cruzou com o do coronel. Fez uma vênia, mas não soube se o coronel respondeu, pois virou o rosto imediatamente. Alberto não se moveu quando Arróspide o segurou pelo braço. Por um momento, o chefe de turma deixou a missão de lado para espiar o caixão: também por cima estava coberto por uma madeira negra e lisa, rematada por um cristal embaciado, através do qual se



distinguiam nebulosamente um rosto e um quepe. A cara do Escravo, envolta numa venda branca, parecia inchada e escarlate. Arróspide sacudiu Alberto. "Estão todos formados", disse, "e o tenente está esperando na porta. Quer ficar detido?" Alberto não respondeu; seguiu Arróspide como um sonâmbulo. Na pista de desfile, o tenente Pitaluga se aproximou. "Sua besta", disse a Alberto, "quer dizer que gosta de olhar cara de morto?" Alberto também não respondeu e continuou andando para a formação, onde ocupou seu posto, docilmente, sob o olhar dos colegas. Vários perguntaram o que havia acontecido. Mas ele não deu atenção, nem pareceu notar, minutos mais tarde, quando Vallano, que marchava a seu lado, disse em voz alta o bastante para que toda a seção escutasse: "O poeta está chorando."

---

### III

Já sarou, mas vai ficar manca o resto da vida. Deve ter torcido alguma coisa lá dentro, um ossinho, uma cartilagem, um músculo, tentei endireitar a pata e não tive como, está dura feito um gancho de ferro, eu puxava e ela não se mexia nem um tantinho assim. E a Malparada começava a ganhar e espernear, então deixei para lá. Ela está quase acostumada. Caminha de um jeito meio esquisito, descambando para a direita, e não corre como antes, dá uns pulinhos e para. É natural que canse logo, só tem três patas para se sustentar, ficou aleijada. Para piorar, foi a da frente, onde apoiava a cabecinha, nunca mais vai ser a cadela de antes. Na seção, trocaram o nome dela para Malpatinha. Acho que foi o Vallano que inventou, o negro vive pondo apelido em todo mundo. As coisas estão mudando, feito a Malparada, desde que estou aqui é a primeira vez que acontece tanta coisa em tão poucos dias. Apanham o Cava roubando a prova de Química, reúnem um Conselho de Oficiais e arrancam as dragonas dele. Já deve estar na terra dele, o coitado, no meio dos guanacos. Nunca tinham expulsado ninguém da seção, mas o azar bateu e parou, quando começa não há quem segure, minha mãe sempre diz, e agora estou vendo que tinha razão. Depois, o Escravo. Que fria, primeiro toma uma bala na cabeça, depois é operado não sei quantas vezes, e ainda por cima acaba morrendo, acho que ninguém se deu tão mal. Podem fingir, mas todo mundo mudou com a desgraça, eu não sou cego, não. Talvez as coisas voltem a ser como eram, mas nestes últimos dias a seção está outra coisa, até a cara dos rapazes está diferente. Por exemplo, o poeta é outra pessoa, ninguém tira sarro nem diz nada, como se fosse normal aquela cara de tonto. Não fala mais. Faz mais de quatro dias que enterraram o cupincha dele, já podia ter reagido, mas está pior. No dia que ficou pregado do lado do caixão, eu pensei: "Esse aí se acabou." É verdade que os dois eram amigos. Acho que era o único amigo do Escravo, quer dizer, do Arana, aqui no colégio. Mas só nos últimos tempos, antes o poeta também caçoava e tirava sarro dele,

ele e todo mundo. O que aconteceu para os dois andarem feito unha e carne? Todo mundo ria dos dois, o Crespo dizia para o Escravo: "Arranjou marido, foi?" E parecia mesmo. Andava grudado, seguia o poeta para todo canto, ficava de olho, conversava baixinho para ninguém ouvir. Iam conversar sossegados no descampado. E o poeta começou a defender o Escravo quando tiravam sarro dele. Não fazia assim na cara, porque é muito esperto. Alguém começava a falar do Escravo e logo o poeta estava tirando sarro do outro e quase sempre levava a melhor, o poeta tem a língua afiada, pelo menos tinha. Agora não se junta com ninguém, nem brinca, anda sozinho e meio dormindo. Ele mudou muito, antes ficava só esperando a hora de foder com todo mundo. Dava gosto ver o poeta se defendendo quando vinham para cima dele. "Poeta, escreva aí um poema para isto aqui", o negro Vallano disse e segurou os colhões. "É para já", o poeta disse, "só preciso de uma inspiração." E logo depois recitava: "A puta piroca que o negão segura na mão é dura feito minhoca." Ele era fodido, fazia todo mundo rir, tirou sarro de mim muitas vezes e eu ficava doido para dar nele. Fez uns poemas bonitos para a Malparada, ainda tenho um copiado no caderno de literatura: "Meu amor, minha cadela, como não esticas a canela, quando o Jiboia soca o nabo da goela ao rabo?" E eu quase acabo com ele na noite em que acordou a seção inteira e entrou no banheiro gritando: "Olhem só o que o Jiboia faz com a Malparada quando está de sentinela." E era respondão também. Só não brigava bem, ele se deu mal quando foi se meter com o Galo. Deve ser meio mestiço também, como todo mundo aqui da costa, e é tão magro que me dá pena quando tenta dar umas cabeçadas. O colégio não tem muitos branquelos, o poeta é dos mais razoáveis. Os outros morrem de medo, fora, fora daqui, branquelo de merda, cuidado com os índios. São dois na seção, e Arróspide também não é mau, só que é puxa-saco, três anos como chefe de turma, esse é esperto. Uma vez vi Arróspide na rua, num carrão vermelho, de camisa amarela, fiquei besta de ver o sujeito tão bem-vestido, caralho, esse é branquelo de verdade, aposto que mora em Miraflores. É engraçado, mas os dois branquelos da seção mal se falam, o poeta e o Arróspide nunca andaram juntos, cada um por si, será que um tem medo que o outro

conte alguma coisa? Se eu tivesse uma grana preta e um carrão vermelho, nem morto eu entrava no Colégio Militar. O que adianta o dinheiro, se aqui ele se ferra que nem todo mundo? Uma vez o Crespo disse ao poeta: "E você, o que você veio fazer aqui? Devia estar num colégio de padre." O Crespo tem alguma coisa com o poeta, deve ser inveja, no fundo queria ser poeta feito ele. Hoje me disse: "Você viu como o poeta ficou meio lelé?" É pura verdade. Não é que faça nada de maluco, o estranho é que não faz nada. Fica o dia inteiro deitado na cama, fingindo que dorme ou dormindo de verdade. O Crespo resolveu testar e foi pedir um romancinho, e ele disse: "Parei de fazer romancinho, me deixe em paz." Pelo que eu sei, também não escreveu mais cartas, antes corria atrás de clientes, deve estar com dinheiro sobrando agora. De manhã, quando nos levantamos, o poeta já foi para a formação. Terça, quarta, quinta, hoje de manhã, ele é sempre o primeiro no pátio, de cara emburrada e olhando sabe Deus o quê, sonhando de olhos abertos. E os da mesa dele dizem que nem come. "O poeta está acabado", o Vallano contou ao Mendoza, "deixa no prato metade da comida e não quer nem cobrar, quem quiser que pegue, e não solta um pio." A morte do cupincha acabou com ele. Os branquelos são pura pose, cara de homem e alma de mulher, falta firmeza; esse aí adoeceu, é o que mais sentiu a morte do outro, do Arana.

Viria no sábado? O Colégio Militar, o uniforme, tudo era uma beleza, mas que terrível essa história de nunca saber quando ele sairia. Teresa atravessava as arcadas da praça San Martín; os cafés e os bares fervilhavam de gente, a atmosfera estava tomada de brindes, risadas e cervejas, e sobre as mesas na calçada flutuavam pequenas nuvens de fumaça. "Disse que não vai ser militar", pensou Teresa. "E se mudar de ideia e entrar para a escola de Chorrillos?" Quem vai querer casar com um militar, passam a vida no quartel e, em caso de guerra, são os primeiros a morrer. Ainda por cima são transferidos o tempo todo, e que horror, viver na província ou até na selva, com tanto mosquito e selvagem solto. Ao passar pelo bar Zela, ouviu cantadas alarmantes, um grupo de homens maduros

levantou uma meia dúzia de copos como se fossem um feixe de espadas, um rapaz deu um aceno e ela teve que se esquivar de um bêbado que queria agarrá-la. “Mas não”, pensou Teresa. “Não vai ser militar, vai ser engenheiro. Só vou ter que esperar cinco anos. É um tempão. E se depois ele não quiser mais se casar, eu vou estar velha, e ninguém se apaixona pelas velhas.” Nos outros dias da semana, as arcadas ficavam semidesertas. Quando passava ao meio-dia junto às mesas solitárias e às bancas de revista, via apenas os engraxates das esquinas e os fugazes jornalheiros. Ela ia apressada, para tomar o bonde, almoçar bem rápido e voltar a tempo para o escritório. Aos sábados, em compensação, percorria as arcadas apinhadas e ruidosas mais devagar, olhando sempre para a frente, secretamente satisfeita: era agradável ouvir os elogios dos homens, era agradável não ter que voltar ao trabalho à tarde. Poucos anos antes, os sábados eram dias terríveis. A mãe se queixava e praguejava mais que nos outros dias, porque o pai só voltava tarde da noite. Chegava como um furacão, cheio de álcool e de ira. Os olhos em chamas, a voz trovejante, as mãos descomunais em punho cerrado, percorria a casa como uma fera atrás das grades, cambaleando, blasfemando contra a miséria, derrubando cadeiras e batendo nas portas, até cair pelo chão, apaziguado e exausto. Então as duas o despiam e jogavam um cobertor por cima: não davam conta de levá-lo para a cama, era grandalhão demais. Outras vezes, chegava acompanhado. A mãe precipitava-se como uma fúria sobre a intrusa, as mãos magras tentavam arranhar o rosto da outra. O pai sentava Teresa em cima dos joelhos e dizia, com uma alegria selvagem: “Veja só isso, é melhor que luta livre.” Até que, um dia, uma mulher abriu a testa da mãe com uma garrafada, e tiveram que levá-la para o pronto-socorro. Desde então, transformou-se num ser resignado e pacífico. Quando o pai chegava com outra mulher, ela dava de ombros e, arrastando Teresa pela mão, saía de casa. Iam para Bellavista, para a casa da tia, e voltavam na segunda-feira. A casa era um cemitério hediondo de garrafas e o pai dormia fundo num charco de vômito, falando em sonhos contra os ricos e as injustiças da vida. “Era um bom homem”, pensou Teresa. “Trabalhava a semana inteira feito um animal. Bebia para esquecer

que era pobre. Mas gostava de mim e não teria me abandonado." O bonde Lima-Chorrillos passava diante da fachada avermelhada da Penitenciária, a grande massa esbranquiçada do Palácio da Justiça, e, de repente, surgia uma paisagem refrescante, altas árvores de penachos imóveis, tanques de águas tranquilas, caminhos tortuosos margeados de flores e, no meio de uma clareira coberta de relva, uma casa encantadora de paredes brancas, altos-relevos, persianas e muitas portas com aldravas de bronze com a forma de cabeças humanas: o parque Los Garifos. "Minha mãe também não era má", pensou Teresa. "Mas sofreu muito." Quando o pai morreu, depois de uma laboriosa agonia num hospital beneficente, a mãe a levou uma noite até a porta da casa da tia, abraçou-a e disse: "Só toque a campainha quando eu for embora. Estou cansada desta vida de cachorro. Agora vou viver para mim, e que Deus me perdoe. A sua tia vai cuidar de você." O bonde a deixava mais perto de casa que o ônibus. Mas, da parada do bonde, tinha que atravessar uma série de terrenos baldios que metiam medo, um criadouro de homens desgrenhados e maltrapilhos que lhe diziam frases insolentes e às vezes queriam agarrá-la. Dessa vez, ninguém a molestou. Viu apenas duas mulheres e um cachorro: os três escarafunchavam com empenho umas latas de lixo, entre enxames de moscas. Os terrenos baldios pareciam desertos. "Vou limpar tudo antes do almoço", pensou. Agora já estava em Lince, entre casas baixas e velhas. "Para ficar com a tarde livre."

Da esquina de casa viu, a meia quadra de distância, a silhueta em uniforme escuro, o quepe branco e, na beira da calçada, uma maleta de couro. Surpreendeu-se com aquela imobilidade de manequim, pensou nas sentinelas plantadas junto às cercas do Palácio do Governo. Mas aqueles eram garbosos, estufavam o peito e esticavam o pescoço, orgulhosos das botas compridas e dos capacetes de crina; Alberto, ao contrário, estava de ombros caídos, cabeça baixa e corpo meio largado. Teresa acenou, mas ele não a viu. "O uniforme cai bem nele", pensou Teresa. "E como brilham os botões. Parece um cadete da Escola Naval." Alberto levantou a cabeça quando ela chegou mais perto. Teresa sorriu e estendeu a mão. "O que aconteceu com ele?", pensou Teresa. Alberto estava

irreconhecível, envelhecido. O rosto exibia um vinco profundo entre as sobrancelhas, as pálpebras pareciam duas luas negras e os ossos da face pareciam a ponto de rasgar a pele, muito pálida. Tinha o olhar perdido e os lábios exangues.

— Já saiu? — disse Teresa, esquadrinhando o rosto de Alberto.  
— Pensei que só viria hoje à tarde.

Ele não respondeu. Fitava-a com os olhos vazios, derrotados.

— Você fica bem de uniforme — disse Teresa, em voz baixa, depois de alguns segundos.

— Não gosto de usar uniforme — disse ele, com um sorriso furtivo. — Tiro assim que chego em casa. Mas hoje não fui para Miraflores.

Falava sem mover os lábios, e sua voz era branca, oca.

— O que aconteceu? — perguntou Teresa. — Por que está assim? Está se sentindo mal? Diga, Alberto.

— Não — disse Alberto, desviando o olhar. — Não tenho nada. Mas não quero ir para casa agora. Queria ver você. — Passou a mão pela testa e o vinco se apagou, mas só por um instante. — Estou com um problema.

Teresa aguardava, levemente inclinada, e olhava para ele com ternura, para animá-lo a continuar falando, mas Alberto havia fechado os lábios e esfregava as mãos, suavemente. Ela sentiu uma angústia súbita. O que dizer, o que fazer para que ele se mostrasse confiante, como alentá-lo, o que ele pensaria dela mais tarde? O coração batia muito rápido. Ainda vacilou um momento. De repente, deu um passo na direção de Alberto e segurou sua mão.

— Venha para casa — disse. — Fique para almoçar conosco.

— Almoçar? — disse Alberto, desconcertado; novamente passou a mão pela testa. — Não, não incomode a sua tia. Vou comer alguma coisa por aí e depois volto para buscar você.

— Venha, venha — insistiu ela, pegando a maleta do chão. — Não seja bobo. Minha tia não vai se incomodar. Venha comigo.

Alberto a seguiu. À porta, Teresa soltou sua mão; mordeu os lábios e disse num sussurro: “Não gosto de ver você triste.” Os olhos dele pareceram se humanizar, agora o rosto sorria agradecido e inclinava-se para ela. Beijaram-se na boca, muito rápido. Teresa



bateu na porta. A tia não reconheceu Alberto; os olhinhos observaram-no com desconfiança, percorreram intrigados o uniforme, iluminaram-se ao encontrar o rosto. A cara gorda se abriu num sorriso. Limpou a mão na saia e a estendeu, enquanto a boca lançava um jorro de cumprimentos:

— Como está, como está, senhor Alberto? Que prazer! Entre, entre. É um prazer vê-lo. Não o reconheci nesse uniforme tão bonito. Eu estava pensando quem é?, quem é?, e não percebia. O senhor sabe, estou ficando cega com a fumaça da cozinha, e também por causa da velhice. Entre, senhor Alberto, que prazer vê-lo.

Mal entraram, Teresa dirigiu-se à tia:

— Alberto vai ficar para almoçar conosco.

— Ah? — exclamou a tia, como fulminada. — Como?

— Vai ficar para almoçar conosco — repetiu Teresa.

Seus olhos imploravam à mulher que não demonstrasse aquele assombro desmedido, que fizesse um gesto de concordância. Mas a tia não saía do pasmo: os olhos esbugalhados, o lábio inferior caído, a testa constelada de rugas, parecia em êxtase. Por fim, reagiu e, com um trejeito azedo, ordenou a Teresa:

— Venha cá.

Deu meia-volta e, retorcendo o corpo ao andar, como um pesado camelo, entrou na cozinha. Teresa foi atrás, fechou a cortina e imediatamente levou um dedo à boca, mas era inútil: a tia não dizia nada, apenas a encarava, furiosa, e mostrava as garras. Teresa disse-lhe ao pé do ouvido:

— O chinês vende fiado até terça-feira. Não diga nada, não quero que ele ouça nada, depois explico. Tem que ficar conosco. Não se irrite, por favor, tia. Vá, tenho certeza de que vai vender fiado.

— Idiota — bramiu a tia, mas no ato baixou a voz e levou um dedo à boca. Murmurou: — Idiota. Ficou maluca, quer me matar de nervoso? Faz anos que o chinês não me vende nada fiado. Devemos dinheiro a ele e eu não posso aparecer por lá. Idiota.

— Peça a ele — disse Teresa. — Faça qualquer coisa.

— Idiota — exclamou a tia e voltou a baixar a voz. — Só temos dois pratos. Quer servir só uma sopa? Não temos nem pão.

— Vamos, tia — insistiu Teresa. — Pelo amor de Deus.

E, sem esperar a resposta, voltou à sala. Alberto estava sentado. Pusera a maleta no chão, com o quepe por cima. Teresa sentou-se ao lado dele. Viu que estava de cabelos sujos e alvoroçados como uma crista. A cortina voltou a se abrir e a tia apareceu. O rosto, ainda rubro de cólera, desfraldava um sorriso amarelo.

— Volto já, senhor Alberto. Volto logo. Tenho que sair um instante — encarou Teresa com olhos fulminantes. — Preste atenção na cozinha.

Saiu batendo a porta.

— O que aconteceu no sábado? — perguntou Teresa. — Por que você não saiu?

— O Arana morreu — disse Alberto. — Foi enterrado na terça-feira.

— Como? — ela exclamou. — O Arana da esquina? Morreu? Mas não pode ser. Ricardo Arana?

— Foi velado no colégio — disse Alberto; a voz não expressava nenhuma emoção, apenas algum cansaço; os olhos pareciam ausentes de novo. — Não o trouxeram para casa. Foi no sábado passado. No exercício de campanha. Fazíamos prática de tiro. Levou uma bala na cabeça.

— Mas... — disse Teresa quando ele se calou; via-se que estava confusa. — Eu mal o conhecia. Mas que pena, é horrível! — Pôs a mão sobre o ombro dele. — Ele era da sua seção, não era? É por isso que você está triste?

— Em parte, sim — disse ele, lentamente. — Era meu amigo. E, além do mais...

— Sei, sei... — disse Teresa. — Mas por que você está tão mudado? Aconteceu mais alguma coisa? — aproximou-se e lhe deu um beijo no rosto; Alberto não se moveu, e ela se endireitou, roxa de vergonha.

— E você acha que não basta? — disse Alberto. — Não basta morrer assim? E nem me deixaram falar com ele. Ele achava que eu era amigo dele, e eu... Não basta?

— Por que está falando comigo assim? — disse Teresa. — Diga a verdade, Alberto. Por que está irritado comigo? Falaram alguma coisa de mim?

— Você não se importa que tenham matado o Arana? — disse ele. — Não vê que estou falando do Escravo? Por que você mudou de assunto? Só pensa em si mesma... — Não prosseguiu porque, ao ouvi-lo gritar, os olhos de Teresa encheram-se de lágrimas; os lábios tremiam. — Perdão... Estou dizendo tolices. Não queria gritar. Mas aconteceram tantas coisas, estou tão nervoso. Não chore, por favor, Teresita.

Puxou-a para si, Teresa apoiou a cabeça no ombro dele e assim ficaram por um momento. Então Alberto a beijou nas faces, nos olhos e, longamente, na boca.

— É claro que me dá muita pena — disse Teresa. — Coitadinho. Mas vi você tão preocupado que fiquei com medo, achei que estava aborrecido comigo. E, quando você gritou, foi terrível, nunca vi você furioso. Os seus olhos ficaram de um jeito.

— Teresa — disse ele. — Quero lhe contar uma coisa.

— Sim — disse ela; sentia as faces ardentes e sorria muito alegre. — Conte, quero saber de todas as suas coisas.

Ele fechou a boca rapidamente e a aflição de seu rosto dissolveu-se num sorriso desalentado.

— O que é? — perguntou ela. — Conte, Alberto.

— Que eu gosto muito de você — disse ele.

Quando a porta se abriu, os dois se separaram com precipitação: a maleta de couro tombou, o quepe rodou pelo chão e Alberto se inclinou para recolhê-lo. A tia sorria beatificamente. Trazia um pacote nas mãos. Enquanto preparava a comida, auxiliada por Teresa, esta mandava beijos roubados para Alberto, pelas costas da tia. Então falaram do tempo, do verão que vinha chegando e de bons filmes. Foi só quando já comiam que Teresa revelou à tia a morte de Arana. A mulher lamentou a tragédia, fez um estardalhaço, persignou-se muitas vezes, compadeceu-se dos pais, sobretudo da pobre mãe, e afirmou que Deus sempre manda as piores desgraças às melhores famílias, ninguém sabia por quê. Pareceu que também ia chorar, mas limitou-se a esfregar os olhos secos e espirrar.

Terminado o almoço, Alberto anunciou que ia embora. Na porta da rua, Teresa voltou a perguntar:

— Verdade que não está aborrecido comigo?

— Não, juro que não. Como ia me aborrecer com você? Mas talvez não nos vejamos por um tempo. Escreva para o colégio todas as semanas. Depois eu explico tudo.

Mais tarde, quando já havia perdido Alberto de vista, Teresa ficou perplexa. O que significava aquela advertência, por que fora embora assim? E então teve uma revelação: "Apaixonou-se por outra garota e não se atreveu a contar porque eu o convidei para o almoço."

A primeira vez foi em La Perla. Higuera me perguntou se podíamos andar ou se eu preferia tomar o ônibus. Descemos pela avenida Progreso, falando de tudo, menos do que íamos fazer. O magro não parecia nervoso, pelo contrário, estava muito mais tranquilo do que de costume e eu pensei que ele queria me animar, eu estava doente de medo. O magro tirou a malha, disse que estava quente. Eu estava com muito frio, meu corpo tremia e parei três vezes para urinar. Quando chegamos ao hospital Carrión, um homem saiu do meio das árvores. Dei um pulo e gritei: "A polícia!" Era um dos sujeitos que estavam com Higuera na véspera, no inferninho da Sáenz Peña. Esse, sim, estava muito sério e parecia nervoso. Falava com o magro em gíria, eu não entendia muito bem. Seguimos em frente e, depois de algum tempo, o magro disse: "Vamos cortar por aqui." Saímos do asfalto e entramos por um descampado. Estava escuro e eu tropeçava o tempo todo. Antes de chegar à avenida de las Palmeras, o magro disse: "Vamos dar uma paradinha para combinar a coisa." Nós nos sentamos e o magro me explicou o que eu tinha de fazer. Disse que a casa estava vazia e que eles me ajudariam a subir no telhado. Eu tinha que pular para o jardim e entrar por uma janela bem pequena, sem vidraça. Depois, era abrir uma das janelas que davam para a rua, sair e voltar para o lugar onde estávamos. Devia esperar por eles ali. O magro repetiu as instruções várias vezes e me indicou bem direitinho onde se

encontrava a janela sem vidraça. Parecia conhecer a casa perfeitamente, descreveu os cômodos em detalhe. Eu não perguntava nada sobre o que tinha de fazer, só queria saber o que podia acontecer comigo: "Tem certeza de que não tem ninguém? Nem cachorro? E se me pegam?" Com muita paciência, o magro me tranquilizava. Depois virou-se para o outro e disse: "Pode ir, Cagão." O Cagão foi para os lados da avenida de las Palmeras e logo o perdemos de vista. Então o magro me perguntou: "Está com medo?" "Sim", respondi, "um pouco." "Eu também", ele respondeu. "Não se preocupe, todo mundo tem medo." Um momento depois, alguém assobiou. O magro se levantou e me disse: "Vamos. O assobio quer dizer que não tem ninguém por perto." Comecei a tremer e disse: "Acho melhor eu voltar para Bellavista." "Deixe de bobagem", ele respondeu. "Em meia hora está acabado." Fomos até a avenida e o Cagão apareceu de novo. "Está um cemitério", ele disse. "Não tem nem gato." A casa era grande feito um castelo, às escuras. Margeamos os muros e, na parte de trás, o magro e o Cagão me levantaram até que eu conseguisse me segurar e trepar no telhado. Quando cheguei lá em cima, o medo acabou. Queria fazer tudo bem rápido. Fui até o outro lado e vi que a árvore do jardim ficava bem perto da parede, como o magro me dissera. Desci sem fazer barulho nem me arranhar. A janelinha sem vidraça era bem pequena e me assustei quando vi que tinha um arame farpado. "Ele me enganou", pensei. Mas o arame estava enferrujado, virou pó assim que eu puxei. Não foi fácil passar, esfolei as costas e as pernas, e a certa altura pensei que ia ficar entalado. Dentro da casa não se via nada. Eu dava encontrões nos móveis e nas paredes. Cada vez que entrava num cômodo, achava que ia ver as janelas que davam para a rua, e só havia escuridão. Estava com os nervos à flor da pele, fazia muito barulho e não conseguia me orientar. Passavam os minutos e eu não encontrava as janelas. Numa dessas, bati contra uma mesa e derrubei um vaso de flores ou alguma outra coisa que se fez em pedaços. Quase chorei quando vi, num canto, uns risquinhos de luz, não tinha visto as janelas porque as cortinas eram muito grossas. Espiei e ali estava a avenida de las Palmeras, mas não vi nem o magro nem o Cagão e tive um susto terrível. Pensei: "A

polícia veio e eles me deixaram para trás.” Fiquei de olho, para ver se eles apareciam. Senti uma decepção enorme e pensei, e daí, afinal de contas eu sou menor de idade e no máximo eles me levam para o reformatório. Abri a janela e pulei para a rua. Assim que toquei no chão, ouvi uns passos e a voz do magro, que me dizia: “Beleza, garoto. Agora vá para o campinho e fique quieto.” Saí correndo, cruzei a pista e me escondi. Comecei a pensar no que faria se de repente chegassem os meganhas. De tanto em tanto, esquecia que estava ali e tudo parecia um sonho, eu estava na minha cama e aparecia o rosto de Tere e me dava uma vontade de vê-la e falar com ela. Estava tão distraído que não percebi quando o magro e o Cagão voltaram. Voltamos para Bellavista pelo descampado, sem subir a avenida Progreso. O magro tinha levado muita coisa da casa. Paramos no meio das árvores em frente ao hospital Carrión; o magro e o Cagão fizeram vários embrulhos. Despediram-se antes de entrar na cidade. O Cagão me disse: “Passou na prova de fogo, camarada.” O magro me deu uns embrulhos, que eu escondi por baixo da roupa, e sacudimos as calças e limpamos os sapatos, que estavam cobertos de barro. Depois fomos até a praça, caminhando tranquilamente. O magro contava piadas e eu gargalhava. Me acompanhou até a porta de casa e aí me disse: “Você se comportou feito um bom camarada. Amanhã nos vemos e eu entrego a sua parte.” Eu disse que precisava de dinheiro com urgência, mesmo que fosse só um pouquinho. Ele me deu uma nota de dez *soles*. “Isto é só uma parte. Amanhã eu dou o resto, quer dizer, se vender agora à noite o que tiramos de lá.” Eu nunca tinha tido tanto dinheiro. Pensava em tudo que podia fazer com dez *soles* e me lembrava de várias, mas não me decidia por nenhuma; só tinha certeza de que, no dia seguinte, gastaria dez *reales* para ir a Lima. Pensei: “Vou levar um presente para ela.” Fiquei horas tratando de encontrar a coisa mais conveniente. Pensava nas coisas mais esquisitas, de cadernos e caixas de giz a caramelos ou um canário. Na manhã seguinte, quando saí do colégio, ainda não tinha escolhido. E então lembrei que, uma vez, ela pegara emprestado do padeiro uma revista de histórias. Fui até uma banca e comprei três revistas: duas de

aventuras e outra romântica. No bonde, eu me sentia feliz da vida e me vinham muitas ideias. Eu a esperei, como sempre, na loja da Alfonso Ugarte e, quando saiu, eu me aproximei imediatamente. Nos cumprimentamos e começamos a falar do colégio dela. Eu estava com as revistas embaixo do braço. Quando cruzamos a praça Bolognesi, ela, que já vinha me olhando de esguelha, perguntou: "São revistas? Que bom. Você me empresta depois que ler?" E eu respondi: "Comprei para lhe dar de presente." E ela: "Verdade?" "Claro", respondi. "Tome, são para você." Ela disse: "Obrigada", e começou a folheá-las enquanto caminhávamos. Percebi que a primeira que ela parou para ver foi a romântica. Pensei: "Devia ter comprado três românticas, ela não vai dar a mínima para as aventuras." E, na avenida Arica, ela me disse: "Quando terminar de ler, eu empresto para você." Respondi que muito bem. Não falamos por algum tempo. De repente, ela me disse: "Você é muito bonzinho." Eu ri e só respondi: "Quem dera."

"Eu devia ter contado, quem sabe ela não me dava um conselho, você acha que eu vou fazer besteira e vou ser o único a se ferrar? Por acaso eu tenho certeza? A mim você não engana, filho da puta, eu via a sua cara, juro que vai pagar caro. Mas será que é a coisa certa?" Alberto olha e, surpreso, vê à sua frente a vasta esplanada coberta de relva onde os cadetes do Leoncio Prado tomam posição para o desfile de 28 de julho. Como chegou ao Campo de Marte? A esplanada deserta, o frio suave, a brisa, a luz do crepúsculo que cai sobre a cidade como uma chuva pardacenta fazem-no pensar no colégio. Olha o relógio: faz três horas que caminha sem rumo. "Ir para casa, deitar na cama, chamar o médico, tomar um remédio, dormir um mês, me esquecer de tudo, do meu nome, de Teresa, do colégio, ficar doente a vida inteira, contanto que eu não acorde." Dá meia-volta e refaz o caminho por onde veio. Para diante do monumento a Jorge Chávez; na penumbra, o triângulo compacto e suas estátuas aladas parecem de breu. Um rio de automóveis sufoca a avenida, e ele espera na esquina, junto aos

outros pedestres. Mas, quando o rio se detém e as pessoas que o rodeiam cruzam a pista diante de uma muralha de para-choques, ele fica onde está, olhando estupidamente a luz vermelha do semáforo. “Se eu pudesse voltar atrás e fazer as coisas de novo e, por exemplo, naquela noite, dizer-lhe onde está o Jaguar, não sei, tchau, e que me interessa se roubaram ou não roubaram o casaco dele, cada um se vira como pode e ponto, eu estaria sossegado, sem problemas, ouvindo a mamãe, Albertito, esse seu pai não tem jeito, noite e dia com as vadias, noite e dia com as quengas dele, não tem jeito.” Agora está na parada do ônibus, na avenida 28 de Julho, e deixou o bar para trás. Quando passou, só o viu de relance, mas ainda se lembra do barulho, da luz ofuscante, da fumaça que chegavam até a rua. Vem um Expresso, as pessoas sobem, o motorista pergunta: “Você não vem?” e, como o outro parece indiferente, ele dá de ombros e fecha a porta. Alberto gira nos próprios pés e, pela terceira vez, percorre o mesmo trecho da avenida. Chega à porta do bar e entra. O ruído o ameaça de todos os lados, a luz o cega e ele pisca os olhos várias vezes. Consegue chegar ao balcão entre corpos que cheiram a álcool e a tabaco. Pede um guia telefônico. “Já devem estar comendo aos pouquinhos, começaram pelos olhos, que são macios, já devem estar no pescoço, já traçaram o nariz, as orelhas, meteram-se por baixo das unhas feito micuim e estão devorando a carne, que banquete deve ser. Eu devia ter telefonado antes que comessem a comer, antes que o enterrassem, antes que morresse, antes.” O alarido é um martírio, impede que ele se concentre para localizar, entre as colunas, o sobrenome que procura. Finalmente o encontra. Na hora tira o fone do gancho, mas, quando vai discar o número, a mão fica suspensa a alguns milímetros do mostrador; em seus ouvidos ressoa um apito estridente. Seus olhos percebem a um metro, junto ao mostrador, um paletó branco de lapelas enrugadas. Disca o número e escuta o sinal: um silêncio, um espasmo sonoro, um silêncio. Dá uma olhada ao redor. Alguém, num canto do bar, faz um brinde a uma mulher: outros o acompanham e repetem um nome. O sinal continua soando, a intervalos idênticos. “Quem fala?”, diz uma voz. Fica mudo; a garganta parece uma pedra de gelo. A sombra branca à sua



frente se move, se aproxima. "O tenente Gamboa, por favor", diz Alberto. "Uísque americano", diz a sombra, "bela merda. Uísque inglês é do bom." "Um segundo", diz a voz. "Vou chamar." Atrás dele, o homem que brindava começou um discurso. "O nome dela é Leticia e não tenho vergonha de dizer que estou apaixonado, rapaziada. Casar é coisa séria. Mas estou apaixonado e é por isso que vou me casar com a moça, rapaziada." "Uísque", insiste a sombra. "Scotch. Bom uísque. Escocês, inglês, dá na mesma. Americano não, só escocês ou inglês." "Alô", ele escuta. Estremece e afasta ligeiramente o fone do rosto. "Sim", diz o tenente Gamboa. "Quem é?" "A malandragem acabou, rapaziada. Agora vou ser homem sério da cabeça aos pés. E toca a trabalhar duro para ganhar dinheiro e deixar a moça feliz." "Tenente Gamboa?", pergunta Alberto. "Pisco Montesierpe", afirma a sombra, "não presta. Pisco Motocachy, esse sim." "Sou eu. Quem fala?" "Um cadete", responde Alberto, "um cadete de quinto ano." "Viva a moça e vivam os meus amigos." "O que você quer?" "O melhor pisco do mundo, na minha opinião", assegura a sombra. Mas retifica: "Ou um dos melhores, meu senhor. Pisco Motocachy". "Seu nome", diz Gamboa. "Vou ter dez filhos. Todos homens, para pôr neles o nome de cada um dos meus amigos, rapaziada. O meu, não, só os nomes de vocês." "O cadete Arana foi morto", diz Alberto. "Eu sei quem foi. Posso ir à sua casa?" "Seu nome", diz Gamboa. "Quer matar uma baleia? Dê um pisco Motocachy, meu senhor." "Cadete Alberto Fernández, meu tenente. Primeira seção. Posso ir?" "Venha imediatamente", diz Gamboa. "Rua Bolognesi, 327, Barranco." Alberto desliga.

Todo mundo está mudado, eu também devo estar, só não percebo. O Jaguar mudou muito, é de assustar. Anda furioso, ninguém pode falar com ele, alguém chega para fazer uma pergunta, pedir um cigarro, e na hora parece que lhe puxaram as calças e ele começa a dizer brutalidades. Não se aguenta, por qualquer coisa, bum, lá vem com aquele risinho das brigas, e eu preciso acalmar a fera, que é isso, Jaguar, o que deu em você, não quero nada, não precisa ficar puto, não precisa brigar. E mesmo com

as desculpas ele desce a mão por qualquer coisa, vi muita gente surrada estes dias. Não é só com os da seção, com o Crespo e comigo também, parece mentira que se comporte assim conosco, que somos do Círculo. Mas o Jaguar mudou por conta da história do serrano, eu pego tudo. Ele riu e quis dizer que não dava a mínima, mas a expulsão do Cava transformou o Jaguar. Nunca vi esses ataques de raiva, o jeito que a cara treme, os palavrões, vou queimar tudo, vou matar todo mundo, uma noite nós incendiamos o prédio dos oficiais, eu queria cortar a pança do coronel e usar as tripas de gravata. Parece que faz séculos que nós três do Círculo não nos reunimos, desde que prenderam o serrano e nós tratamos de descobrir o dedo-duro. Isso não é justo, o serrano lá com as alpacas, ferrado até a alma, e o dedo-duro todo feliz da vida, não vai ser fácil descobrir quem foi. Quem sabe os oficiais pagaram para que falasse. O Jaguar dizia: "Em duas horas vamos saber quem é, até menos; basta abrir o nariz para descobrir o dedo-duro." Conversa fiada, um serrano é o máximo que você descobre abrindo os olhos ou o nariz, quem é filho da puta sabe dissimular. Deve ser isso que deixou o Jaguar desmoralizado. Mas ao menos ele devia se juntar com nós dois, que sempre fomos cupinchas dele. Não entendo por que anda sozinho. Basta chegar perto, e ele já põe aquela cara de ódio, parece que vai pular e morder, merece o apelido que tem, não podia ser melhor. Não vou mais chegar perto, vai achar que eu sou um puxa-saco, e eu querendo conversar por amizade. Foi por pouco que não saímos no pau ontem, não sei por que me segurei, eu devia dar um chega para lá, pôr o Jaguar na linha, não tenho medo de ninguém. Quando o capitão levou a gente para o salão nobre e começou a falar do Escravo, que os erros custam caro no Exército, metam na cabeça que estão nas Forças Armadas, isto aqui não é um jardim zoológico, se não querem que aconteça a mesma coisa com vocês, se estivéssemos em guerra esse cadete seria um traidor da pátria, um irresponsável, caralho, qualquer um fica de sangue fervendo quando falam mal de um morto, Piranha, seu merda, você é que merece uma bala na cabeça. Mas eu não era o único que estava furioso, todo mundo estava, era só olhar para as caras. E eu disse: "Jaguar, não está certo falar mal assim de um morto, vamos

puxar uma vaia?” E ele me respondeu: “Cale a boca, você é muito burro, só sabe dizer besteira. E cuidado com esse papo de me dirigir a palavra quando eu não perguntei nada.” Deve estar doente, isso não é coisa de gente normal, está lelé da cabeça, louco de quatro cruces. Não vá pensando que eu preciso de você, Jaguar, fiquei na sua cola para matar o tempo, mas agora não preciso mais, daqui a pouco termina esta porcaria e não nos vemos mais. Quando eu sair do colégio, não quero saber de ninguém daqui, só da Malparada, acho que vou roubar e adotar.

Alberto caminha pelas ruas serenas de Barranco, entre casarões descoloridos do começo do século, separados da rua por jardins profundos. As árvores, altas e frondosas, projetam sobre o pavimento sombras que parecem aranhas. De vez em quando passa um bonde apinhado; as pessoas olham pelas janelas com ar entediado. “Devia ter contado tudo, veja bem o que aconteceu, eu estava apaixonado por você, meu pai dia e noite com as franguinhas dele, minha mãe carregando a cruz nas costas e desfiando o rosário, confessando-se com o jesuíta, Pluto e o Bebê conversando na casa de, ouvindo discos na sala de, dançando no, sua tia fula da vida na cozinha e os vermes comendo o corpo porque ele queria sair e ver você e o pai não deixou, é pouco ou você quer mais?” Descera do bonde na parada de Laguna. No gramado, ao pé das árvores, casais ou famílias inteiras tomam a fresca e os mosquitos zumbem à beira do laguinho, junto aos botes imóveis. Alberto atravessa o parque, a quadra de esportes: a luz da avenida revela os balanços e a barra; as paralelas, o escorregador, os trapézios e a escada giratória jazem nas sombras. Caminha até a praça iluminada e a evita: vira para o Malecón, que entrevê ao fundo, não muito longe, atrás de uma mansão de paredes cor de creme, mais alta que as outras e banhada pela luz oblíqua de um farol. No Malecón, aproxima-se de um parapeito e olha: o mar de Barranco não é o mar de La Perla, que sempre dá sinal de vida e à noite murmura encolerizado; é um mar silencioso, sem ondas, um lago. “Você também é culpada e quando eu disse ele morreu você não chorou nem teve pena. Você

também é culpada e se eu dissesse foi o Jaguar que matou você teria dito coitado, foi um jaguar de verdade, não teria chorado e ele estava louco por você. Também era culpada e só queria saber da minha cara séria. A culpa e a cara, a Pezinhos-de-Ouro é quenga e tem mais coração que você.”

É uma casa velha, um sobrado com sacadas que dão para um jardim sem flores. Um caminho reto une a cerca enferrujada à porta de entrada, uma porta antiga, lavrada com desenhos apagados que parecem hieróglifos. Alberto bate na porta com o nó dos dedos. Espera alguns segundos, vê a campainha, aperta o botão e o solta imediatamente. Ouve passos. Toma posição de sentido.

— Entre — diz Gamboa e se retira da soleira.

Alberto entra, ouve o barulho da porta que se fecha. O tenente passa a seu lado e avança por um corredor comprido, que está na penumbra. Alberto vai atrás, na ponta dos pés. As costas de Gamboa quase tocam seu rosto; se o oficial parasse de repente, os dois dariam um encontrão. Mas o tenente não para; no final do corredor, estende um braço, abre uma porta e entra num cômodo. Alberto espera no corredor. Gamboa acende a luz. Estão numa sala. As paredes são verdes e há quadros com molduras douradas. De uma mesa, um homem fita Alberto obstinadamente: é uma velha foto, o papel está amarelo e o homem exhibe costeletas, uma barba patriarcal e bigodes pontudos.

— Sente-se — diz Gamboa, indicando uma poltrona.

Alberto senta-se e seu corpo se afunda como em sonho. Nesse momento, recorda que ainda está de quepe. Tira-o e pede desculpas, entre dentes. Mas o tenente não escuta, está de costas, fechando a porta. Dá meia-volta, senta-se diante dele numa cadeira de pés finos e o observa.

— Alberto Fernández — diz Gamboa. — Da primeira seção, é isso?

— Sim, meu tenente. — Alberto se inclina um pouco e as molas da poltrona rangem, brevemente.

— Muito bem — diz Gamboa. — Pode falar.

Alberto olha para o chão: o tapete tem padrões em azul e creme, uma circunferência envolve outra menor, que, por sua vez,

envolve mais uma. Ele conta: 12 circunferências e um ponto final, cinzento. Ergue a vista; atrás do tenente há uma cômoda, a superfície é de mármore e os puxadores são de metal.

— Estou esperando, cadete — diz Gamboa.

Alberto volta a olhar para o tapete.

— A morte do cadete Arana não foi acidental — diz. — Foi morto. Foi uma vingança, meu tenente.

Levantou os olhos. Gamboa não se moveu; o rosto continua impassível, não revela surpresa nem curiosidade. Não faz nenhuma pergunta. Está com as mãos apoiadas nos joelhos, os pés separados. Alberto percebe que a cadeira ocupada pelo tenente tem extremidades de animal: pés chatos e garras carniceras.

— Foi assassinado — acrescenta. — Foi o Círculo. Tinham ódio dele. Toda a seção o odiava, não tinham por quê, ele não se metia com ninguém. Mas tinham ódio porque ele não gostava nem das brincadeiras nem das brigas. Deixavam-no feito louco, riam dele o tempo todo e agora o mataram.

— Acalme-se — diz Gamboa. — Vá por partes. Pode falar com toda a confiança.

— Sim, meu tenente. — diz Alberto. — Os oficiais não fazem ideia do que acontece nos alojamentos. Todo mundo fazia gato e sapato do cadete Arana, faziam que ficasse detido, não o deixavam em paz um instante. Agora estão tranquilos. Foi o Círculo, meu tenente.

— Um momento — diz Gamboa, e Alberto olha para ele. Agora o tenente adiantou-se até a beira da cadeira e apoia o queixo na palma da mão. — Você está dizendo que um cadete da seção disparou deliberadamente contra o cadete Arana? É isso que você está dizendo?

— Sim, meu tenente.

— Antes que me diga o nome dessa pessoa — acrescenta Gamboa, suavemente —, tenho que adverti-lo de uma coisa. Uma acusação dessa natureza é muito grave. Estou supondo que você se dá conta de todas as consequências que o assunto pode ter. E estou supondo também que você não tem a menor dúvida sobre o que

está para fazer. Uma denúncia assim não é uma brincadeira. Está me entendendo?

— Sim, meu tenente — diz Alberto. — Já pensei nisso. Não vim falar antes porque tinha medo. Mas não tenho mais. — Abre a boca para continuar, mas não continua. O rosto de Gamboa, que Alberto observa sem baixar a vista, é de linhas marcadas e revela altivez. Em poucos segundos, os traços precisos desse rosto se dissolvem, a pele morena do tenente se branqueia. Alberto fecha os olhos, vê por um átimo a cara pálida e amarelada do Escravo, o olhar esquivo, os lábios tímidos. Só vê o seu rosto e então, quando volta a abrir os olhos e reconhece novamente o tenente Gamboa, cruzam sua memória o descampado, a vicunha, a capela, o beliche vazio no alojamento.

— Sim, meu tenente — diz. — Eu me responsabilizo. O Jaguar o matou para vingar o Cava.

— Como? — diz Gamboa. Deixou cair a mão e agora seus olhos parecem intrigados.

— Tudo aconteceu por causa da detenção, meu tenente. A história da vidraça. Para ele foi horrível, pior que para os outros. Fazia um mês que não saía. Primeiro, roubaram o pijama dele. E na semana seguinte o senhor o deixou de detenção por me passar cola na prova de Química. Estava desesperado, tinha de sair, o senhor entende, meu tenente?

— Não — diz Gamboa. — Nem uma palavra.

— Estou querendo dizer que ele estava apaixonado, meu tenente. Gostava de uma moça. O Escravo não tinha amigos, é bom lembrar, não se juntava com ninguém. Passou sozinho os três anos do colégio, sem falar com ninguém. Todos ferravam com ele. E ele queria sair para ver essa moça. O senhor não consegue imaginar como tiravam sarro dele, o tempo todo. Roubavam as coisas dele, tiravam os cigarros.

— Cigarros? — disse Gamboa.

— Todo mundo fuma no colégio — diz Alberto, agressivo. — Um maço diário por cabeça. Ou mais. Os oficiais não fazem ideia do que acontece. Todos ferravam com o Escravo, eu também. Mas depois fiquei amigo dele, o único. Me contava as coisas dele. Tiravam sarro

dele porque tinha medo de apanhar. Não era brincadeira, meu tenente. Mijavam em cima dele enquanto dormia, retalhavam o uniforme para que ele ficasse detido, cuspiam na comida dele, obrigavam-no a ir para o fim da fila, mesmo que tivesse chegado em primeiro lugar.

— Quem? — perguntou Gamboa.

— Todo mundo, meu tenente.

— Acalme-se, cadete. Conte tudo em ordem.

— Ele não era mau — interrompe Alberto. — Só odiava a detenção. Quando o deixavam preso, ficava feito louco. Fazia um mês que não saía. E a moça não escrevia para ele. Eu também me comportei muito mal com ele, meu tenente. Muito mal.

— Fale mais devagar — diz Gamboa. — Controle os nervos, cadete.

— Sim, meu tenente. O senhor se lembra de quando o deixou de detenção por me passar cola na prova? Tinha que ir com a moça ao cinema. Me deu uma tarefa. Eu o traí. Agora a menina é minha namorada.

— Ah — disse Gamboa. — Agora estou entendendo alguma coisa.

— Ele não sabia de nada — diz Alberto. — Mas estava louco para vê-la. Queria saber por que a moça não escrevia. A detenção por conta da tal vidraça podia durar meses. Não iam nunca descobrir o Cava, os oficiais não descobrem nada do que acontece nos alojamentos se nós não queremos, meu tenente. E ele não era como os outros, não se atrevia a fugir.

— Fugir?

— Todo mundo foge, até os cachorros do primeiro ano. Toda noite alguém sai para a rua. Menos ele, tenente. Nunca fugiu. Por isso foi lá com o Huarina, quer dizer, foi ver o tenente Huarina e denunciou o Cava. Não era dedo-duro. Foi só para sair para a rua. E o Círculo ficou sabendo, tenho certeza de que descobriu.

— Que história é essa de Círculo?

— São quatro cadetes da seção, meu tenente. Ou melhor, são três, porque o Cava já saiu. Roubam provas, uniformes, e vendem

tudo. Fazem negócios. E vendem tudo mais caro, os cigarros, a bebida.

— Você está delirando?

— Pisco e cerveja, meu tenente. Não disse que os oficiais não sabem de nada? No colégio se bebe mais que na rua. À noite. E às vezes até nos recreios. Quando souberam que tinham pegado o Cava, ficaram furiosos. Mas Arana não era dedo-duro, nunca houve dedo-duro no alojamento. Por isso o mataram, para se vingar.

— Quem matou?

— O Jaguar, meu tenente. Os outros dois, o Jiboia e o Crespo, são um par de brutos, mas não teriam disparado. Foi o Jaguar.

— Quem é o Jaguar? — perguntou Gamboa. — Eu não conheço os apelidos dos cadetes. Diga os nomes.

Alberto disse os nomes e continuou falando, de tanto em tanto interrompido por Gamboa, que pedia explicações, nomes, datas. Muito depois, Alberto se calou e ficou cabisbaixo. O tenente indicou onde ficava o banheiro. Foi e voltou com a cara e os cabelos úmidos. Gamboa continuava sentado na cadeira de patas de fera e tinha uma expressão meditativa. Alberto ficou em pé.

— Vá para sua casa, agora mesmo — disse Gamboa. — Amanhã estarei no posto da guarda. Não entre no alojamento, venha me ver diretamente. E me dê sua palavra de que, por agora, não falará com mais ninguém sobre esse assunto.

— Sim, meu tenente — respondeu Alberto. — Dou minha palavra.



---

## IV

Disse que ia vir mas não veio, fiquei com vontade de matar. Depois do rancho, subi para a estufa como a gente tinha combinado e esperei até cansar. Fiquei fumando e pensando nem sei quanto tempo, às vezes me levantava para espiar pela vidraça, e o pátio sempre vazio. A Malparada também não foi, fica atrás de mim o tempo todo, mas justamente não na hora em que eu queria estar com ela ali na estufa, para espantar o medo: late, cadela, afugenta o fantasma. Então pensei: o Crespo me traiu. Mas não era isso, depois entendi. Já estava escuro e eu continuava num canto da estufa, cheio de minhoca na cabeça, então descí e voltei para o alojamento, quase correndo. Cheguei ao pátio na hora do apito, se eu esperasse mais um minuto perdia seis pontos e ele nem para pensar nisso, que vontade de dar nele. Ele era o primeiro da fila e torceu a vista para não me ver. Estava de boca aberta, parecia um desses idiotas que andam pela rua falando com as moscas. Vi na hora que o Crespo não foi até a estufa porque ficou com medo. “Desta vez nos ferramos de verdade”, pensei, “é melhor ir fazendo as malas, vou ganhar a vida do jeito que der, vou fugir pelo estádio antes que me arranquem as insígnias, e vou roubar a Malparada, ninguém vai nem perceber.” O chefe de turma estava lendo os nomes e todos diziam presente. Quando chamou o Jaguar, ainda me dá um frio na espinha, ainda me dá uma tremedeira nas pernas, olhei para o Crespo e ele se virou com os olhos arregalados assim para mim e todo mundo se virou e eu não sei onde encontrei forças para me segurar. E o chefe de turma tossiu e continuou com a lista. Depois, foi aquele bafafá; assim que entramos no alojamento, a seção inteirinha veio para cima de mim e do Crespo, gritando: “O que aconteceu? Contem, contem.” E ninguém queria acreditar que não sabíamos de nada e o Crespo fazia bico: “Não temos nada a ver, é verdade, e deixem de ser intrometidos.” Venha cá, não vá fugir agora, não se faça de difícil. Eu estou triste e preciso de companhia. Depois, quando foram se deitar, cheguei perto do Crespo e disse:

“Seu traidor, por que você não foi até a estufa? Fiquei horas esperando.” Estava morrendo de medo, dava pena ver, e o pior é que era um medo contagioso. Vão nos ver juntos, Jiboia, espere até todo mundo dormir, Jiboia, daqui a uma hora eu levanto e conto tudo, Jiboia, vá logo para a cama e fora daqui, Jiboia. Eu soltei um palavrão e disse: “Se vier com trapaga, eu acabo com você.” Mas fui me deitar e logo depois apagaram a luz e eu vi o negro Vallano descendo da cama e vindo para o meu lado. Estava todo meloso, o espertinho, todo amiguinho. Sou amigo de vocês, Jiboia, me conte o que aconteceu, todo lambisgoia com aqueles dentes de rato. Triste como eu estava, tive vontade de rir: foi só mostrar o punho, foi só fazer cara feia e ele saiu correndo. Venha aqui, cadelinha, seja boazinha, estou passando um mau bocado, não fuja de mim. Eu dizia comigo mesmo: se não vier, vou lá e acabo com ele. Mas ele veio, quando todo mundo estava roncando. Chegou devagarinho e me disse: “Vamos até o banheiro para conversar melhor.” A cadela me seguiu, passando a língua nos meus pés, tem uma língua que sempre está quente. O Crespo estava mijando e não terminava nunca, eu achei que era de propósito, agarrei o pescoço dele, sacudi e disse: “Fale de uma vez o que foi que aconteceu.”

Não me estranha nada o Jaguar, eu já sabia que ele não tem sentimentos, ninguém vai se espantar se ele jogar todo mundo na lama. O Crespo diz que ele disse: “Se me ferrarem, todo mundo se ferra junto”, não me estranha. Mas o Crespo também não sabe grande coisa, não se mexa tanto, vai me arranhar a barriga, eu achava que ia me dizer mais coisa, isso que ele contou eu podia até adivinhar. Diz ele que estavam treinando pontaria com o gorro de um cachorro e que o Jaguar acertava todas as pedras a 20 metros e o cachorro dizia: “Não vai sobrar nada do gorro, meus cadetes.” Lembro que vi os dois no descampado e achei que os dois iam fumar, senão teria chegado perto, gosto de treinar pontaria e tenho mais vista que o Crespo e o Jaguar. Diz ele que o cachorro não parava de protestar e que o Jaguar disse: “Se não calar a boca, vou fazer pontaria na sua braguilha, é melhor ficar calado.” E diz ele que então o Jaguar se virou e, sem mais nem menos, disse para o Crespo: “Acho que o poeta não voltou para o colégio porque está

morto. Este é o ano das mortes, e eu sonhei que vão aparecer mais corpos na seção antes que o ano termine.” Diz o Crespo que ficou nervoso quando ouviu o Jaguar falando assim e que estava fazendo o sinal da cruz quando viu o Gamboa. Nem lhe passou pela cabeça que vinha atrás do Jaguar, eu também não teria pensado. Mas o Crespo arregalava os olhos e dizia: “Nem pensei que ia chegar perto, Jiboia, nem por sombra. Só pensava naquela história dos corpos e do poeta, quando vi que ele vinha direto para nós dois, olhando firme, Jiboia.” Cadela, como é que essa língua está sempre tão quente? Essa língua me lembra as ventosas que minha mãe me aplicava quando eu estava doente, para tirar o sangue ruim. Diz o Crespo que, quando o tenente estava a uns 10 metros, o cachorro se levantou e que o Jaguar também se levantou e entrou em forma. “Vi na hora, Jiboia, não era por causa do cachorro sem gorro, estava na cara, ele só olhava para nós dois, não tirava os olhos, Jiboia.” E diz que ele disse: “Bom dia, cadetes”, mas já não olhava para o Crespo, só para o Jaguar, e que este soltou a pedra que tinha na mão. “Vá para o posto de guarda”, ele disse; “apresente-se ao oficial de serviço. E leve o pijama, a escova de dentes, uma toalha e sabão.” Diz o Crespo que ele ficou pálido e que o Jaguar estava tranquilo e ainda perguntou ao Gamboa, com a maior cara de pau: “Eu, meu tenente? Por que, meu tenente?”, e que o cachorro ria, ainda pego esse cachorro. E que o Gamboa não respondeu, só disse: “Vá imediatamente.” Pena que o Crespo não se lembre da cara, o cachorro aproveitou que o tenente estava ali, pegou o gorro e fugiu correndo. Não me estranha que o Jaguar tenha dito ao Crespo: “Putá que pariu, se for por causa das provas, juro que muita gente vai se arrepender de ter nascido”, é bem capaz. E o Crespo diz que disse para ele: “Não vai achar agora que eu sou dedo-duro ou que o Jiboia é dedo-duro, vai?” E o Jaguar respondeu: “Só espero que não tenham a língua solta, pelo bem de vocês. Não esqueça que está todo mundo metido na história. Avise o Jiboia. E a todo mundo que andou comprando prova. Todo mundo.” O resto eu já sei, eu o vi sair do alojamento, segurava o pijama por uma das mangas e o arrastava pelo chão e levava a escova de dentes como se fosse um cachimbo. Fiquei surpreso, porque achei que ia tomar banho, e o

Jaguar não é como o Vallano, que vai para o chuveiro toda semana, no terceiro ano chamavam o negro de "submarino". Que língua mais quente, Malparada, que língua comprida e quente.

Quando minha mãe me disse "basta de colégio, agora vamos ver se o seu padrinho consegue um emprego para você", eu respondi: "Já sei como ganhar dinheiro sem ter que largar o colégio, não se preocupe." "Que história é essa?", ela quis saber. Minha língua emperrou e eu fiquei de boca aberta. Depois perguntei se conhecia Higueras. Ela me olhou de um jeito muito esquisito e perguntou: "E você, de onde conhece esse sujeito?" "Somos muito amigos", eu disse. "E às vezes eu faço uns trabalhos para ele." Ela deu de ombros. "Você já está crescendo", ela disse. "Faça o que bem entender, não quero saber de nada. Mas, se você não trouxer dinheiro, vai direto para o trabalho." Vi que minha mãe sabia o que faziam Higueras e meu irmão. Eu já tinha ido com o magro a outras casas, sempre à noite, e ganhei uns vinte *soles* por vez. O magro dizia: "Comigo você vai ficar rico." Eu guardava todo o dinheiro entre meus cadernos e perguntei a minha mãe: "Você precisa de dinheiro agora?" "Preciso sempre", ela respondeu. "Me dê o que você tiver." Dei todo o dinheiro, menos dois *soles*. Eu só gastava para ir todos os dias esperar Tere na porta do colégio e também com os cigarros, pois nessa época eu comecei a fumar do meu próprio bolso. Um maço de Inca durava três ou quatro dias. Uma vez, acendi um cigarro na praça de Bellavista e Tere me viu da porta de casa. Aproximou-se e conversamos, sentados num banco. Ela me disse: "Me ensine a fumar." Acendi um cigarro, dei algumas pitadas. Ela não conseguia tragar e se engasgava. No dia seguinte me contou que tivera náuseas a noite inteira e que não voltaria a fumar. Lembro bem esses dias, foram os melhores do ano. Estávamos quase no fim do semestre, as provas tinham começado, estudávamos ainda mais que antes e éramos inseparáveis. Quando a tia não estava ou estava dormindo, nós brincávamos de nos despentear e eu ficava muito nervoso cada vez que ela me tocava. Eu a via duas vezes por dia, estava feliz. Como tinha dinheiro, sempre levava alguma surpresa

para ela. À noite, ia à praça de Bellavista para me encontrar com o magro e ele me dizia: "Fique pronto para o dia tal. Temos uma coisa que é papa fina."

Nas primeiras vezes, fomos os três: o magro, eu e o serrano Cagão. Numa outra vez, quando demos um golpe numa casa de gente rica em Orrantia, juntaram-se dois desconhecidos. Mas em geral íamos sozinhos. "Quanto menos, melhor", dizia o magro. "Por causa da divisão e por causa dos dedos-duros. Mas às vezes não dá, quando a boia é boa, você precisa chamar mais bocas." Quase sempre entrávamos em casas vazias. O magro já conhecia todas, não sei como, e me explicava como entrar, pelo teto, pela chaminé ou por uma janela. No começo, tive medo, depois fazia tudo bem tranquilo. Uma vez, entramos numa casa em Chorrillos. Eu me meti por uma vidraça da garagem que o magro cortara com um diamante. Cruzei meia casa para abrir a porta da rua, saí e esperei na esquina. Logo depois, vi que acendiam a luz do andar de cima e que o magro saía em disparada. Quando passou por mim, me agarrou pela mão e disse: "Corra, senão nos pegam." Corremos umas três quadras, não sei se estavam nos perseguindo, mas eu estava morto de medo e, quando o magro me disse: "Vá por esse lado e, assim que dobrar a esquina, comece a caminhar bem tranquilo", achei que estava frito. Fiz o que ele disse e tive sorte. Voltei para casa a pé, o caminho inteiro. Cheguei morto de frio e cansaço, tremendo, achando que tinham prendido o magro. Mas no dia seguinte ele estava me esperando na praça, morrendo de tanto rir. "Que fiasco!", ele dizia. "Eu estava abrindo uma cômoda e de repente foi aquele clarão, fiquei tonto de tanta luz. Caramba, só nos safamos porque Deus é grande."

— E aí? — perguntou Alberto.

— Foi só isso — retrucou o cabo. — Ele começou a sangrar e eu disse: "Deixe de onda." E o animal me respondeu: "Não é onda, não, meu cabo, é só que está doendo." E então, como todos eles são cupinchas, os soldados começaram a resmungar: "Está doendo, está doendo." Eu não acreditei, mas quem sabe era verdade. Sabe por

quê, cadete? Porque os cabelos dele estavam mudando de cor. Disse para ele ir se limpar, para não sujar o chão do alojamento. Mas o metido não quis, é um veado, essa é a verdade. Ficou sentado na cama, e eu dei um empurrão nele, só para levantar, cadete, e os outros começaram a berrar: “Não maltrate o homem, cabo, não vê que está doendo?”

— E então? — perguntou Alberto.

— Foi só, cadete, foi só isso. Entrou o sargento e perguntou: “O que aconteceu com este aqui?” Eu disse: “Levou um tombo, meu sargento. Não é verdade que você levou um tombo?” E o veado disse: “Não, meu cabo, o senhor me arrebentou a cabeça a pauladas.” Os veados! O sargento me trouxe para o posto da guarda e mandou o animal para a enfermaria. Estou aqui há quatro dias. A pão e água. Estou morrendo de fome, cadete.

— E por que você quebrou a cabeça dele?

— Bah — disse o cabo, com um trejeito desdenhoso. — Eu só queria que ele tirasse logo o lixo. Quer saber de uma coisa? Fazem muitas injustiças por aqui. Se o tenente encontra lixo no alojamento, fico três dias sem sair ou apanho até cansar. Mas, se eu cair de cacete num soldado, vou em cana na hora. Quer saber de uma coisa, cadete? Ser cabo é a pior coisa que há. Os soldados apanham dos oficiais, mas lá entre eles são todos cupinchas, estão sempre se ajudando. Em compensação, os cabos tomam de todos os lados. Os oficiais nos tratam a pontapés e os soldados nos odeiam, infernizam a nossa vida. Eu estava melhor quando era soldado, cadete.

As duas celas ficam nos fundos do posto de guarda. São quartos escuros e altos, que se comunicam por uma grade, através da qual Alberto e o cabo podem conversar à vontade. Em cada cela há uma janelinha rente ao teto, que deixa passar feixes de luz, um catre raquítico, um colchão de palha e um cobertor cáqui.

— Quanto tempo vai ficar aqui, cadete?

— Não sei — respondeu Alberto. Gamboa não lhe dera nenhuma explicação na noite anterior, limitou-se a dizer secamente: “Você vai dormir por lá; prefiro que você não volte para o alojamento.” Ainda eram dez horas, a Costanera e os pátios estavam desertos, varridos por um vento silencioso; os detidos estavam nos alojamentos e os

cadetes só voltavam às 11. Amontoados no banco do posto de guarda, os soldados conversavam entre dentes, nem olharam quando Alberto entrou no xadrez. Ficou cego por alguns segundos, depois distinguiu, num canto, a sombra compacta do catre. Largou a maleta no chão, tirou a túnica, os sapatos, o quepe e puxou o cobertor. Chegavam até ele uns roncoss de animal. Adormeceu quase imediatamente, mas acordou várias vezes, e os roncoss prosseguiram, inalteráveis, poderosos. Só com a luz do amanhecer conseguiu distinguir o cabo na cela vizinha: um homem alto, de rosto seco e afilado como uma faca, que dormia de polainas e gorro. Pouco depois, um soldado trouxe café quente. O cabo acordou e, do catre, deu um aceno amistoso. Estavam conversando quando soou a alvorada.

Alberto se afasta da grade e se aproxima da porta da cela, que dá para a sala da guarda: o tenente Gamboa está inclinado sobre o tenente Ferrero e fala com ele em voz baixa. Os soldados esfregam os olhos, se espreguiçam, pegam os fuzis, aprontam-se para abandonar o posto da guarda. Pela porta, vê-se o começo do pátio e a mureta de pedras brancas que circunda o monumento ao herói. Devem estar ali os soldados que vão entrar em serviço junto com o tenente Ferrero. Gamboa sai do posto sem olhar para a cela. Alberto escuta apitos sucessivos e compreende que, nos pátios de cada ano, as formações vão se organizando. O cabo continua na cama e voltou a fechar os olhos, mas já não ronca. Quando se ouve o desfile dos batalhões rumo ao rancho, o cabo assobia devagarinho, no compasso da marcha. Alberto consulta o relógio. "Já deve estar com o Piranha, Teresita, já falou com ele, já estão falando com o major, já entraram na sala do comandante, estão indo falar com o coronel, Teresita, os cinco estão falando de mim, vão chamar os jornalistas e vão tirar fotos e no primeiro dia de saída vou ser linchado e minha mãe vai ficar louca de vez e já não vou poder andar por Miraflores sem que apontem com o dedo e vou ter que ir para fora do país e mudar de nome, Teresita." Depois de alguns minutos, voltam a ouvir os apitos. O passo dos cadetes que abandonam o rancho e atravessam o descampado para formar na pista de desfile chega até o posto da guarda como um sussurro longínquo. A marcha rumo às



salas de aula, em compensação, é um grande ruído marcial, equilibrado e exato, que vai diminuindo lentamente, até desaparecer. “Já notaram, Teresita, já notaram que o poeta não veio, Arróspide escreveu meu nome na lista de ausentes, quando souberem vão sortear para ver quem vai me surrar, vão passar bilhetes entre si e meu pai vai dizer meu nome na lama, na página policial dos jornais, o seu avô e o seu bisavô morreriam de ver, nós sempre fomos os melhores em tudo, e você apodrecendo no lodo, Teresita, vamos fugir para Nova York e nunca mais voltamos para o Peru, agora já começaram as aulas e devem estar olhando para a minha carteira.” Alberto dá um passo atrás quando vê o tenente Ferrero aproximar-se da cela. A porta metálica se abre silenciosamente.

— Cadete Fernández. — Era um tenente muito jovem, que tinha sob seu comando uma companhia de terceiro ano.

— Sim, meu tenente.

— Vá à secretaria do seu ano e apresente-se ao capitão Garrido.

Alberto vestiu a túnica e o quepe. Era uma manhã clara, o vento arrastava um sabor a peixe e sal. Não ouvira chover durante a noite, entretanto o pátio estava molhado. A estátua do herói parecia uma planta lúgubre, impregnada de orvalho. Não viu ninguém na pista nem no pátio. A porta da secretaria estava aberta. Ajeitou o cinto da túnica e passou a mão pelas pálpebras. O tenente Gamboa, em pé, e o capitão Garrido, sentado na beira da escrivaninha, olhavam para ele. O capitão indicou com um gesto que entrasse. Alberto avançou alguns passos e tomou posição de sentido. O capitão examinou-o da cabeça aos pés, detidamente. Encolhidas como dois abscessos sob as orelhas, as mandíbulas proeminentes estavam em repouso. Estava de boca fechada, mas sua dentição de piranha assomava entre os lábios, branquíssima. O capitão moveu levemente a cabeça.

— Muito bem — disse ele. — Vamos ver, cadete. O que significa essa história toda?

Alberto abriu a boca e seu corpo se dilatou por dentro, como se o ar, ao invadi-lo, tivesse dissolvido seus órgãos. O que ia dizer? O capitão Garrido mantinha as mãos sobre a escrivaninha, e seus dedos, muito nervosos, brincavam com alguns papéis. Olhava Alberto bem nos olhos. O tenente Gamboa estava a seu lado e

Alberto não conseguia vê-lo. Seu rosto ardia, com certeza havia enrubescido.

— Está esperando o quê? — disse o capitão. — Cortaram a sua língua?

Alberto baixou a cabeça. Sentia um cansaço intenso e uma súbita desconfiança; enganosas e frágeis, as palavras avançavam até a beira dos lábios e ali retrocediam ou morriam como se fossem de fumaça. A voz de Gamboa interrompeu seu murmúrio.

— Vamos, cadete — escutou. — Faça um esforço e se acalme. O capitão está esperando. Repita o que me contou no sábado. Fale sem temor.

— Sim, meu capitão — disse Alberto. — O cadete Arana foi morto porque denunciou o Círculo.

— Você viu isso com os seus próprios olhos? — exclamou furioso o capitão Garrido. Alberto levantou a vista: as mandíbulas haviam entrado em atividade, moviam-se sincronicamente sob a pele esverdeada.

— Não, meu capitão — disse. — Mas...

— Mas o quê? — gritou o capitão. — Como se atreve a fazer uma afirmação semelhante sem provas concretas? Sabe o que significa acusar alguém de assassinato? Por que inventou essa história imbecil?

A testa do capitão Garrido estava úmida e em cada um de seus olhos ardia uma pequena chama amarela. As mãos se abatiam, coléricas, sobre a tampa da escrivaninha; as têmporas latejavam. Alberto logo recuperou a altivez: teve a sensação de que seu corpo se enchia novamente. Sustentou, sem pestanejar, o olhar do capitão e, ao cabo de alguns segundos, percebeu que o oficial desviava a vista.

— Não inventei nada, meu capitão — disse ele, e sua voz soou convincente a seus próprios ouvidos. Repetiu: — Nada, meu capitão. O Círculo estava atrás do culpado pela expulsão de Cava. O Jaguar queria se vingar a todo custo, o que ele mais odeia são os dedos-duros. E todos odiavam o cadete Arana, que era tratado feito escravo. Tenho certeza de que foi o Jaguar, meu capitão. Se não tivesse certeza, não teria dito nada.

— Um momento, Fernández — disse Gamboa. — Explique tudo em ordem. Aproxime-se. Pode se sentar.

— Não — disse o capitão, cortante, e Gamboa virou-se para ele. Mas o capitão Garrido estava de olhos fixos em Alberto. — Fique onde está. E continue.

Alberto tossiu e limpou a testa com um lenço. Começou a falar com voz contida e vacilante, silenciada por longas pausas, mas, à medida que contava os feitos do Círculo e a história do Escravo e, insensivelmente, introduzia outros cadetes para o relato e descrevia a estratégia utilizada para contrabandear os cigarros e a bebida, os roubos e a venda de provas, as noitadas com Paulino, as fugas pelo estádio e La Perlita, as partidas de pôquer nos banheiros, os concursos, as vinganças, as apostas, e a vida secreta da sua seção ia surgindo como um personagem de pesadelo diante do capitão, que empalidecia sem parar, a voz de Alberto ganhava desenvoltura, firmeza, e chegava mesmo, por instantes, a ser agressiva.

— E o que interessa tudo isso? — interrompeu-o, uma única vez, o capitão.

— É para que o senhor acredite em mim, meu capitão — disse Alberto. — Os oficiais não fazem ideia do que acontece nos alojamentos. É como se fosse outro mundo. É para que o senhor acredite no que eu disse sobre o Escravo.

Mais tarde, quando Alberto se calou, o capitão Garrido ficou alguns segundos em silêncio, examinando com atenção excessiva todos os objetos da escrivaninha, um depois do outro. Suas mãos agora brincavam com os botões da camisa.

— Muito bem — disse de repente. — Quer dizer que a seção inteira deve ser expulsa. Uns pela ladroagem, outros pela bebedeira, outros pela jogatina. Todos são culpados de alguma coisa, muito bem. E você, o que fazia?

— Nós todos éramos tudo — disse Alberto. — Só Arana era diferente. Por isso ninguém se juntava com ele. — A voz se alquebrou: — O senhor tem que acreditar, meu capitão. O Círculo estava atrás dele. Queriam de todo jeito encontrar o delator do cadete Cava. Queriam se vingar, meu capitão.

— Alto lá — disse o capitão, desconcertado. — Essa sua história não se aguenta em pé. Que maluquice é essa? Ninguém denunciou o cadete Cava.

— Não é maluquice, meu capitão — disse Alberto. — Pergunte ao tenente Huarina se não foi o Escravo que denunciou o cadete Cava. Ele foi o único que o viu sair do alojamento para roubar a prova; estava de sentinela. Pergunte ao tenente Huarina.

— O que você está dizendo não tem pé nem cabeça — disse o capitão. Mas Alberto notou que já não parecia tão seguro de si; uma das mãos estava inutilmente suspensa no ar e os dentes pareciam maiores. — Nem pé nem cabeça.

— Para o Jaguar, era como se tivessem acusado a ele mesmo, meu capitão — disse Alberto. — Estava enfurecido com a expulsão do Cava. O Círculo se reunia o tempo todo. Foi uma vingança. Eu conheço o Jaguar, é capaz...

— Basta — disse o capitão. — O que você está dizendo é infantil. Está acusando um companheiro de assassinato, sem prova nenhuma. Não ficaria surpreso se quem quisesse se vingar agora fosse você. No Exército não se admite esse tipo de brincadeira, cadete. Pode lhe custar caro.

— Meu capitão — disse Alberto. — O Jaguar estava atrás de Arana no ataque ao morro.

Calou-se. Falara sem pensar e agora tinha dúvidas. Febrilmente, tratava de reconstituir em imagens o descampado de La Perla, a colina rodeada de plantações, aquela manhã de sábado, a formação.

— Tem certeza? — perguntou Gamboa.

— Sim, meu tenente. Estava atrás de Arana. Tenho certeza.

O capitão Garrido observava os dois, os olhos saltavam de um para o outro, desconfiados, iracundos. As mãos tinham se juntado; uma estava fechada e a outra a envolvia e lhe dava calor.

— Isso não quer dizer nada — disse. — Absolutamente nada.

Ficaram em silêncio, os três. De repente, o capitão levantou-se e começou a passear pela sala com as mãos cruzadas às costas. Gamboa sentou-se no lugar antes ocupado pelo capitão e fitava a parede. Parecia refletir.

— Cadete Fernández — disse o capitão. Estava parado no meio da sala e sua voz era mais suave. — Vou falar de homem para homem. Você é jovem e impulsivo. Isso não é ruim, pode até ser uma virtude. Um décimo do que você acaba de dizer já lhe valeria a expulsão do colégio. Seria a sua ruína e um golpe terrível para os seus pais. Não é verdade?

— Sim, meu capitão — disse Alberto. O tenente Gamboa balançava um dos pés no ar e olhava para o chão.

— A morte do cadete mexeu com você — prosseguiu o capitão. — Eu entendo, era seu amigo. Mas, mesmo que a história que você me contou seja parcialmente verdadeira, seria impossível provar. Impossível, porque tudo depende de uma hipótese. No máximo, encontraríamos algumas violações do regulamento. Haveria algumas expulsões. Você seria um dos primeiros, é claro. Estou disposto a esquecer tudo, se você me prometer que não vai nunca mais dizer uma palavra sobre tudo isso. — Levou rapidamente uma das mãos ao rosto e voltou a baixá-la, sem se tocar. — É a melhor coisa a fazer. Enterrar todas essas fantasias.

O tenente Gamboa continuava de olhos baixos e balançava o pé no mesmo ritmo, mas agora a ponta do sapato roçava o chão.

— Estamos de acordo? — disse o capitão, e seu rosto insinuou um sorriso.

— Não, meu capitão — disse Alberto.

— Não entendeu o que eu disse, cadete?

— Não posso lhe prometer uma coisa dessas — disse Alberto. — Arana foi morto.

— Se é assim — disse o capitão, com rudeza —, eu lhe ordeno que se cale e não volte a falar imbecilidades. E, caso não me obedeça, vai ver com quem está falando.

— Com licença, meu capitão — disse Gamboa.

— Estou falando, não me interrompa, Gamboa.

— Sinto muito, meu capitão — disse o tenente, levantando-se. Era mais alto que o capitão, que teve de erguer um pouco a cabeça para poder encará-lo.

— O cadete Fernández tem o direito de apresentar a denúncia, meu capitão. Não estou dizendo que seja verdadeira. Mas ele tem

direito a pedir uma investigação. O regulamento é claro.

— Agora você quer me ensinar o regulamento, Gamboa?

— Não, claro que não, meu capitão. Mas, se o senhor não quiser intervir, eu mesmo entregarei o relatório ao major. O assunto é grave e é preciso abrir um inquérito.

Pouco depois da última prova, vi Teresa com duas garotas na avenida Sáenz Peña. Levavam toalhas, e eu perguntei, de longe, para onde ia. Ela respondeu: "Para a praia." Nesse dia, fiquei de mau humor e, quando minha mãe me pediu dinheiro, respondi com uma grosseria. Ela tirou o cinto que guardava embaixo da cama. Fazia muito tempo que não me batia, e eu a ameacei: "Se você tocar em mim, nunca mais dou um centavo." Era apenas uma advertência, e nunca pensei que teria efeito. Senti o sangue gelar quando vi que baixava o cinto já levantado, jogava-o no chão e soltava um palavrão entre dentes. Meteu-se na cozinha sem dizer nada. No dia seguinte, Teresita voltou à praia com as duas garotas, e fez o mesmo nos outros dias. Um dia, eu as segui. Iam a Chucuito. Iam com o maiô por baixo e se despiam na praia. Havia três ou quatro rapazes esperando por elas. Eu só olhava para o que estava conversando com Teresa. Fiquei vigiando a manhã inteira, lá do parapeito. Depois, vestiram-se por cima do maiô e voltaram para Bellavista. Fiquei esperando os rapazes. Dois deles foram embora logo depois, mas o que estava com Teresa e um outro mais ficaram até as três. Iam para La Punta, andavam no meio da rua, um puxando a toalha e o calção do outro. Quando chegaram a uma rua vazia, comecei a atirar pedras. Acertei nos dois, o amigo de Teresa levou uma no meio da cara. Ele se agachou, disse "ai", e nessa hora uma outra pedra o acertou no meio das costas. Os dois me olhavam espantados; eu corri na direção deles, não tiveram tempo de reagir. Um fugiu gritando: "Um louco!" O outro ficou parado e eu parti para cima. Já tinha criado confusão no colégio e era bom de briga; quando eu era menino, meu irmão tinha me ensinado a usar os pés e a cabeça. "Quem perde a cabeça está morto", me dizia. "Brigar na marra só funciona quando você é muito forte, consegue

encurrular o adversário e quebrar a guarda de uma vez só. Se não, adeus. Os braços e as pernas se cansam de tanto bater no vazio, você fica de saco cheio, a raiva some e daqui a pouco você só quer terminar. Nessa hora, se o outro é esperto e está só medindo você, ele aproveita e vem para cima.” Meu irmão me ensinou a cansar e esgotar quem briga na marra, manter o sujeito a distância com os pés, até ele se descuidar e deixar você segurar a camisa e cravar uma cabeçada. Meu irmão também me ensinou a usar a cabeça como se faz em Callao, não com a testa nem com o crânio, mas com o osso que fica onde começam os cabelos, um osso duríssimo, e baixar as mãos na hora da cabeçada, para evitar que o outro levante o joelho e acerte o estômago. “Não tem coisa melhor que uma cabeçada”, dizia meu irmão; “basta uma, bem certa, para deixar o adversário tonto.” Mas dessa vez eu avancei na marra contra os dois e ganhei. O que estava com Teresa nem se defendeu, caiu no chão, chorando. O amigo estava a uns 10 metros e gritava: “Para com isso, seu veado, para com isso”, mas eu continuei batendo no que estava no chão. Depois corri para o outro, que saiu em disparada; mas eu corri mais, bati e ele caiu. Não queria brigar: assim que eu soltava, ele corria. Voltei ao primeiro, que estava limpando o rosto. Queria falar com ele, mas fiquei enfurecido na hora que o vi e dei mais um murro. Ele começou a berrar feito um periquito. Agarrei-o pela camisa e disse: “Se você chegar perto da Teresa outra vez, a surra vai ser pior.” Xinguei a mãe dele, dei um pontapé e acho que teria continuado a bater, mas senti que me puxavam a orelha. Era uma mulher, que começou a me dar cascudos e a gritar: “Animal, covarde!”, e o outro se aproveitou para fugir. Por fim, a mulher me largou e eu voltei para Bellavista. Estava como antes da briga, como se não tivesse me vingado. Era a primeira vez que me sentia assim. Outras vezes, quando não via Teresa, ficava amuado ou queria ficar sozinho, mas agora eu sentia raiva e tristeza ao mesmo tempo. Estava desconsolado, tinha certeza de que, quando soubesse, Teresa me odiaria. Fui até a praça de Bellavista, mas não entrei em casa. Dei meia-volta, fui até o bar na Sáenz Peña e encontrei Higuera sentado junto ao balcão, conversando com o chinês. “O que foi?”, ele perguntou. Eu não falava de Tere com ninguém, mas dessa vez

eu precisava desabafar com alguém. Conteí tudo para o magro, desde quando conheci Teresa, quatro anos antes, quando veio morar ao lado de casa. O magro me escutou, muito sério, não riu nem uma vez. Só dizia, de tanto em tanto: "que diabo, homem", "caramba", "que coisa". Depois, ele me disse: "Você está apaixonado até a alma. Quando eu me apaixonei pela primeira vez, eu tinha a sua idade, mais ou menos, mas não foi forte assim. O amor é a pior coisa que existe. Você anda feito um idiota e deixa de cuidar da vida. As coisas mudam de significado e você é capaz de fazer as maiores loucuras e de se ferrar para sempre num segundo. Quer dizer, os homens. As mulheres, não, essas são muito espertas, só se apaixonam quando vale a pena. Se o homem não dá a mínima, elas se desapaixenam e vão atrás de outro. Como se nada tivesse acontecido. Mas não se preocupe. Deus é testemunha que hoje mesmo eu curo você. Eu conheço um bom remédio para esse resfriado." Me fez tomar pisco e cerveja até que anoiteceu e depois me fez vomitar: apertava o meu estômago para ajudar. Depois, me levou a um botequim no porto, me meteu embaixo de um chuveiro no pátio e me fez comer conservas picantes num salão cheio de gente. Tomamos um táxi, ele deu o endereço e me perguntou: "Nunca foi a um bordel?" Disse que não. "Vai curar você", ele me disse. "Você vai ver. Mas vão querer barrar você na porta." Quando chegamos, uma velha que conhecia o magro veio abrir a porta e ficou mesmo furiosa quando me viu. "Seu maluco, você acha que eu vou deixar esse moleque entrar? Isto aqui está cheio de dedo-duro querendo filar cerveja." Começaram a discutir aos berros. No final, a velha deixou que eu entrasse. "Agora, direto para o quarto, e não me apareçam até amanhã." O magro me fez passar tão rápido pelo salão do térreo que não vi a cara de ninguém. Subimos por uma escada e a velha abriu um quarto para nós. Entramos e, antes que o magro acendesse a luz, a velha disse: "Vou mandar uma dúzia de cervejas. Pode entrar com o bebê, mas vai ter que consumir bastante. As meninas sobem já. Vou mandar a Sandra, que gosta de moleque." O quarto era grande e sujo. Havia uma cama bem no centro, com uma colcha vermelha, uma bacia e dois espelhos, um no teto, sobre a cama, e o outro ao lado. Havia desenhos de homens e mulheres pelados em todo canto, a lápis e a



canivete. Depois entraram duas mulheres, trazendo muitas garrafas de cerveja. Eram amigas do magro e o beijaram; davam beliscões, sentavam-se nas pernas dele e soltavam palavrões: rabo, puta, pica, saco. Uma era magra, uma mulata alta com um dente de ouro, a outra era branquela e mais gorda. A mulata era a melhor. As duas riam de mim e chamavam o magro de “corruptor de menores”. Começaram a tomar cerveja e depois abriram um pouco a porta para ouvir a música do térreo e dançar. No começo, fiquei calado, mas, depois de beber, eu me animei. Quando dançamos, a branca me esmagava a cabeça contra os seios, que saltavam para fora do vestido. O magro ficou de porre e mandou que a mulata desse um show: dançou um mambo, só de calcinha, e de repente o magro foi para cima e a derrubou na cama. A branca me pegou pela mão e me levou para outro quarto. “É a primeira vez?”, ela me perguntou. Eu disse que não, mas ela viu que era mentira. Ficou toda feliz e, enquanto se achegava, peladinha, ela me dizia: “Tomara que você me dê sorte.”

O tenente Gamboa saiu e percorreu a pista de desfile a grandes passadas. Chegou ao prédio das salas de aula quando Pitaluga, o oficial de serviço, tocava o apito: acabava de terminar a primeira aula da manhã. Os cadetes estavam nas salas: um rugido sísmico denunciava sua presença através dos muros cinzentos, um monstro sonoro e circular que flutuava sobre o pátio. Gamboa parou um momento ao pé da escadaria e então subiu para a sala dos professores. O suboficial Pezoa estava ali, farejando um caderno com o focinho pontudo e os olhinhos desconfiados.

— Venha, Pezoa.

O suboficial o seguiu, alisando o bigode ralo com um dedo. Caminhava com as pernas muito abertas, como se fosse da cavalaria. Gamboa gostava dele: era vivo, obediente e muito eficaz nas campanhas.

— Depois das aulas, reúna a primeira seção. Quero que levem os fuzis. Leve os cadetes para o estádio.

— Revista de armas, meu tenente?

— Não. Quero que formem quatro grupos de combate. Me diga, Pezoa, não mudamos nada na formação para a última campanha, mudamos? O ataque foi na ordem normal, o grupo um na frente, o dois no meio e o três no final, não foi?

— Não, meu tenente — disse o suboficial. — Foi o contrário. Nas instruções, o capitão mandou pôr os mais baixos na vanguarda.

— É verdade — disse Gamboa. — Bem, estou esperando no estádio.

O suboficial bateu continência e foi embora. Gamboa voltou aos alojamentos. A manhã continuava muito clara e havia pouca umidade. A brisa mal agitava a relva do descampado; a vicunha executava manobras velozes em círculo. Logo chegaria o verão; o colégio ficaria deserto, a vida se tornaria frouxa e tediosa; o serviço seria mais curto, menos rígido, ele poderia ir à praia três vezes por semana. Sua mulher já estaria bem; passeariam de carro com o bebê. Além do mais, teria tempo para estudar. Oito meses não eram muito tempo para se preparar para as provas. Diziam que só haveria vinte vagas para capitão. E os candidatos eram duzentos.

Chegou à secretaria. O capitão estava sentado à escrivaninha e não levantou a cabeça quando ele entrou. Um pouco depois, enquanto relia os relatórios da campanha, Gamboa escutou:

— Me diga uma coisa, tenente.

— Sim, meu capitão.

— O que você acha? — O capitão Garrido olhava-o com o cenho franzido. Gamboa hesitou antes de responder.

— Não sei, meu capitão — disse. — É muito difícil saber. Já comecei a investigar. Quem sabe alguma coisa se esclareça.

— Não é disso que estou falando — disse o capitão. — É das consequências. Já pensou nisso?

— Sim — respondeu Gamboa. — A coisa pode ser grave.

— Grave? — O capitão sorriu. — Esqueceu que este batalhão está sob o meu comando, que a primeira companhia está sob as suas ordens? Aconteça o que acontecer, somos eu e você que vamos nos ferrar.

— Também pensei nisso, meu capitão — disse Gamboa. — O senhor tem razão. E não pense que eu estou achando graça.

— Para quando é a sua promoção?

— Ano que vem.

— A minha também — disse o capitão. — As provas vão ser difíceis, há cada vez menos vagas. Vamos falar claro, Gamboa. Você e eu temos folhas de serviço excelentes. Nem uma única mancha. E vão nos responsabilizar por tudo. Esse cadete sente que tem o seu apoio. Converse com ele. Convença-o. O melhor é esquecer esse assunto.

Gamboa encarou o capitão Garrido.

— Posso falar com franqueza, meu capitão?

— É o que estou fazendo, Gamboa. Estou falando como a um amigo, não a um subordinado.

Gamboa deixou de lado os relatórios de campanha e deu alguns passos na direção da escrivaninha.

— Estou tão interessado na promoção quanto o senhor, meu capitão. Farei todo o possível para conseguir os galões. Não queria ser destacado para cá, sabe? No meio desses garotos eu não me sinto de verdade no Exército. Mas, se há alguma coisa que eu aprendi na Escola Militar, é a importância da disciplina. Sem disciplina, tudo se corrompe, tudo se perde. Nosso país está como está porque não existe disciplina, nem ordem. A única instituição que continua forte e sadia é o Exército, graças à estrutura, à organização. Se é verdade que mataram esse garoto, se é verdade essa história de bebida, de comércio de provas e todo o resto, eu me sinto responsável, meu capitão. Creio que é minha obrigação descobrir o que há de verdade em tudo isso.

— Você está exagerando, Gamboa — disse o capitão, um tanto surpreso. Começara a passear pela sala, como durante a entrevista com Alberto. — Não estou falando em enterrar tudo. O comércio de provas e a bebedeira têm que ser castigados, naturalmente. Mas não esqueça que a primeira coisa que se aprende no Exército é a ser homem. Os homens fumam, bebem, fogem, trepam. Os cadetes sabem que podem ser expulsos. Vários já voltaram para casa. Os que escapam são os espertos. Para virar homem, você precisa correr risco, ter ousadia. O Exército é isso também, Gamboa, não é só a disciplina. Também é ousadia, engenho. Bem, podemos falar disso

mais tarde. O que me preocupa agora é outra coisa. É um assunto completamente imbecil. Mesmo assim, se chegar aos ouvidos do coronel, pode nos causar sérios prejuízos.

— Perdoe, meu capitão — disse Gamboa. — Enquanto eu não souber de nada, os cadetes da minha companhia podem fazer o que bem quiserem, concordo com o senhor. Mas agora já não posso me fazer de desentendido, eu me sentiria cúmplice. Agora já sei que alguma coisa está fora do lugar. O cadete Fernández veio me contar, nada mais, nada menos, que as três seções estão rindo da minha cara o tempo todo, que fizeram pouco de mim até cansar.

— Viraram homens, Gamboa — disse o capitão. — Entraram aqui adolescentes, efeminados. E, agora, olhe só para eles.

— Pois vão ficar mais homens ainda — disse Gamboa. — Quando terminar a investigação, vou levar todos os cadetes da minha companhia ao Conselho de Oficiais, se preciso for.

O capitão estacou.

— Você está parecendo um desses padres fanáticos — disse ele, levantando a voz. — Quer arruinar a sua carreira?

— Um militar não arruína sua carreira cumprindo o dever, meu capitão.

— Bem — disse o capitão, retomando o vaivém. — Faça o que quiser. Mas posso lhe assegurar que vai se dar mal. E, naturalmente, não conte com o meu apoio para nada.

— Naturalmente, meu capitão. Com licença.

Gamboa bateu continência e saiu. Foi para seu quarto. Sobre a mesa de cabeceira havia uma foto de mulher. Era de antes do casamento. Ele a conhecera numa festa, quando ainda estava na Escola Militar. A foto fora tirada no campo, Gamboa não sabia em que lugar. Era mais magra naquela época e usava os cabelos soltos. Sorria sob uma árvore, e ao fundo se via um rio. Gamboa contemplou-a por alguns segundos e então continuou a examinar os relatórios e punições. Depois revisou cuidadosamente os boletins. Pouco antes do meio-dia, voltou ao pátio. Dois soldados varriam o alojamento da primeira seção. Perfilaram-se assim que o viram entrar.

— Descansar — disse Gamboa. — Vocês varrem o alojamento todos os dias?

— Eu, sim, meu tenente — disse um dos soldados. Apontou para o outro: — Ele varre a segunda seção.

— Venha comigo.

No pátio, o tenente se virou para o soldado e, olhando-o bem nos olhos, disse:

— Você está fodido, seu animal.

O soldado entrou em forma automaticamente. Abriu um pouco os olhos. Tinha a cara tosca e imberbe. Não perguntou nada, parecia aceitar a possibilidade de um erro.

— Por que não fez um relatório?

— Fiz, sim, meu tenente — disse. — Trinta e duas camas. Trinta e dois armários. Só que entreguei o relatório ao sargento.

— Não estou falando disso. E não se faça de imbecil. Por que não fez um relatório sobre as garrafas de bebida, os cigarros, os dados, as cartas?

O soldado abriu um pouco mais os olhos, mas continuou em silêncio.

— Em quais armários? — perguntou Gamboa.

— O quê, meu tenente?

— Em quais armários estão a bebida e as cartas?

— Não sei, meu tenente. Deve ser em outra seção.

— Se você mentir, pega 15 dias no xadrez — disse Gamboa. — Em quais armários estão os cigarros?

— Não sei, meu tenente — mas acrescentou, baixando os olhos: — Acho que em todos.

— E a bebida?

— Acho que só em alguns.

— E os dados?

— Também em alguns, eu acho.

— Por que não fez um relatório?

— Não vi nada, meu tenente. Eu não posso abrir os armários. Estão fechados e os cadetes levam as chaves. Só acho, mas não vi.

— E nas outras seções, é a mesma coisa?

— Acho que sim, meu tenente. Só que não tanto quanto na primeira.

— Muito bem — disse Gamboa. — Hoje à tarde eu estou de serviço. Você e os outros soldados da faxina devem se apresentar às três no posto da guarda.

— Sim, meu tenente — disse o soldado.

---

Estava na cara que ninguém ia se salvar, até parecia coisa de bruxaria. Mandaram todo mundo ficar parado e depois nos levaram ao alojamento e então eu disse, algum passarinho resolveu cantar, prefiro nem acreditar mas é claro feito água, o Jaguar denunciou todo mundo. Mandaram-nos abrir os armários, senti o saco subir até a boca, "segure a barra, compadre", disse Vallano, "que agora vai tudo ladeira abaixo", e tinha razão. "Revista de roupa, meu suboficial?", disse Arróspide, o coitado estava com cara de morto. "Não se faça de desentendido", disse Pezoa, "fique quieto e faça o favor de meter a língua no cu." Que arrepio que me deu, eu estava com os nervos à flor da pele e os rapazes pareciam sonâmbulos. E era tudo tão esquisito, Gamboa encostado num armário e o Rato também, e o tenente gritava: "Devagar, abram os armários e só, ninguém mandou meter a mão." E quem ia se atrever, já foderam com a gente, pelo menos ele se fodeu antes. Quem, além dele, para contar das garrafas e dos baralhos? Mas tudo isso é misterioso demais, ainda não entendi a história do estádio e dos fuzis. Gamboa estava de mau humor e quis se aliviar em cima da gente? E alguns até riam, me dói no coração ver gente assim, uns sujeitos que não sabem o que é desgraça. Mas a verdade é que era para morrer de rir, o Rato começou a remexer nos armários, ele se metia inteirinho e, como é tão nanico, era engolido pela roupa. Ficava de quatro, o puxa-saco, para que Gamboa visse que procurava para valer e apalpava os bolsos e abria e cheirava tudo e com que gosto ia cantando: "Caramba, aqui tem um maço de Inca, uau, este aqui é metido a fino, fuma Chesterfield, onde é que é a festa?, e que garrafão!", e nós lívidos, menos mal que acharam coisa em todos os armários, menos mal. Está na cara, quem tinha garrafa está mais ferrado que os outros, a minha estava quase vazia, e eu pedi para ele anotar e o descarado disse "cale a boca, animal". Quem estava achando graça era o Gamboa, dava para ver só pelo jeito de perguntar: "Quantos mesmo?" "Dois maços de Inca, duas caixas de



fósforo, meu tenente”, e Gamboa anotava na caderneta, devagar, para desfrutar mais. “Uma garrafa pela metade do quê?” “De pisco, meu tenente, pisco Soldeica.” Cada vez que olhava para mim, o Crespo engolia em seco, pois é, camarada, estamos ferrados até o pescoço. E dava pena ver a cara dos outros, por que diabos resolveram revistar os armários. E, depois que o Gamboa e o Rato foram embora, o Crespo disse: “Foi o Jaguar, com certeza. Jurou que ia acabar com todo mundo se ferrassem com ele. Veado, traidor.” Não devia falar assim, sem provas, e desse jeito, se bem que deve ser verdade.

Só não sei por que nos levaram ao estádio, a culpa deve ser do Jaguar também, com certeza contou para o Gamboa “de vez em quando nós enrabamos as galinhas” e o tenente disse “os espertinhos vão ver o que é bom para a tosse”. O Rato entrou na sala de aula e disse “já para a formação, que eu tenho uma surpresinha para vocês”. E nós gritamos: “Rato.” E ele disse: “Ordens do tenente. Já para a formação e direto para o estádio, em marcha acelerada. Ou preferem que ele venha aqui?” Entramos em formação e ele nos levou ao alojamento e, na hora de entrar, ele disse: “Peguem os fuzis, têm um minuto, chefe de turma, anote os três últimos”, xingamos a mãe até cansar, mas ninguém entendia o que estava acontecendo. No pátio, os cadetes das outras seções tiravam sarro da gente. Onde já se viu, andar de fuzil ao meio-dia e fazer campanha no estádio, será que o Gamboa está com um parafuso a menos? Ele estava esperando no campo de futebol e nos olhava com uma cara daquelas. “Alto!”, disse o Rato. “Formem os grupos de campanha.” Todo mundo protestava, parecia um pesadelo, que história é essa de campanha em uniforme diário e logo antes do almoço? Por que não manda a mãe se revirar na grama molhada, logo agora, com o corpo cansado depois de três horas de aula. E então o Gamboa entrou na dança com aquele vozeirão e gritou: “Formem em linha de três. O terceiro grupo na frente, o primeiro no fim.” O Rato, tremendo puxa-saco, nos apressava: “Rápido, seus frouxos, rápido.” E então Gamboa disse: “Separem-se de 10 em 10 metros, como para um ataque.” Quem sabe vamos ter guerra e o ministro decidiu que acelerem a nossa instrução militar. Nós vamos

como suboficiais ou oficiais, eu bem que gostaria de entrar em Arica a ferro e fogo, cravar bandeiras peruanas em todo canto, nos telhados, nas janelas, nas ruas, nos carros, dizem que as chilenas são as mulheres mais bonitas do mundo, será que é verdade? Mas não deve haver risco de guerra, teriam treinado todo mundo, não apenas a primeira seção. "O que foi?", gritou Gamboa. "Grupos um e dois, são surdos ou são burros? Eu disse 10 metros, não 20. Qual é o nome do negro ali?" "Vallano, meu tenente", e era para morrer de rir só de ver a cara do Vallano quando o Gamboa disse "negro". "Muito bem", disse o tenente. "E por que andou 20 metros, se eu disse 10?" "É que está faltando um, meu tenente." Pezoa é um animal sem remédio, quem é que ia dizer uma coisa dessas. "Aha", disse Gamboa, "tire seis pontos do ausente." "Não vai ser possível, meu tenente, o ausente já está morto. É o cadete Arana", só um animal mesmo. Nada dava certo, Gamboa estava furioso. "Muito bem", disse. "Passe para a frente o cadete da segunda linha." E, um momento depois, gritou: "Por que caralho não cumprem a ordem?" E nos viramos para olhar e então Arróspide se perfilou e disse: "É que o cadete também não está. É o Jaguar." "Tome você o lugar, e nada de protestos", disse Gamboa. "As ordens devem ser cumpridas sem demora nem reclamação." E então nos fez avançar de um gol até o outro, para o chão assim que ouvirem o apito, levantar, correr, para o chão, a gente perde a noção do tempo e do corpo num exercício assim e, quando estávamos quase aquecidos, o Gamboa mandou formar em colunas de três e nos trouxe para o alojamento e subiu num armário e o Rato subiu em outro, o nanico suou para trepar, e mandaram: "Sentido, nos seus lugares!", e nessa hora eu adivinhei, o Jaguar vendeu a gente para salvar o couro, ninguém presta neste mundo, quem diria que ele faria uma coisa dessas. "Abram os armários, e um passo à frente! O primeiro que meter a mão está frito", como se alguém fosse mágico para esconder uma garrafa bem nas barbas do tenente. Depois que levaram num saco tudo que encontraram, ficamos calados e eu me deitei na cama. A Malparada não estava por perto, era hora da boia e com certeza ela estava na cozinha, atrás de alguma sobra. Pena que a cadela não está aqui, eu podia ficar coçando a cabeça dela, isso me relaxa e me

deixa bem tranquilo, até parece que ela é uma menininha. Deve ser assim quando a gente se casa. Eu estou ali, abatido, e a mulherzinha vem se deitar ao meu lado e fica calada e quietinha, eu não digo nada, passo a mão, aliso, faço cócegas e ela ri, eu belisco e ela dá um gritinho, eu provoco, brinco com a carinha, faço cachinhos no cabelo, tampo o nariz, solto quando ela fica sem ar, agarro o pescoço e os peitinhos, as costas, os ombros, o rabinho, as pernas, o umbigo, beijo de repente e digo umas gracinhas: "coisinha, bichinha, mulherzinha, putinha." E então alguém gritou: "A culpa é de vocês." E eu gritei: "Vocês, quem?" "O Jaguar e vocês", disse Arróspide. E eu fui para cima dele, mas me pararam no caminho. "Vocês, disse e repito", gritou o sujeito, estava furioso, espumava de tanta raiva e nem notava. E dizia "podem soltar, que eu não tenho medo, eu acabo com esse aí a pontapé", e me seguraram até eu me acalmar. "É melhor não brigar agora", disse o Vallano. "É melhor a gente ficar unido para o que vier." "Arróspide", eu disse, "veado feito você eu nunca vi. É só a coisa ficar preta que você já sai caluniando os colegas." "Mentira", disse o Arróspide. "Estou com vocês contra os tenentes e, se precisar ajudar, eu ajudo. Mas a culpa de tudo isso é dos três, Jaguar, Crespo e você, os três jogam sujo. Essa história está mal contada. Que coincidência, não é?, bastou meter o Jaguar em cana, e o Gamboa de repente fica sabendo que tem coisa nos armários." Eu não sabia o que dizer, e o Crespo estava com eles. Todo mundo dizia, "é isso aí, o Jaguar entregou todo mundo" e "vingança é prato que se come pelas bordas". Depois tocaram o apito para o almoço, acho que foi a primeira vez, desde que entrei para o colégio, que eu não comi quase nada, a comida parava na goela.

Quando viu que Gamboa se aproximava, o soldado se levantou e sacou a chave; girou sobre o próprio corpo para abrir a porta, mas o tenente o deteve com um gesto, tirou-lhe a chave das mãos e disse: "Vá para o posto da guarda e me deixe a sós com o cadete." A prisão dos soldados fica atrás do galinheiro, entre o estádio e o muro do colégio. É uma construção de tijolos, estreita e baixa. Na

porta, há sempre um soldado de guarda, mesmo quando as celas estão vazias. Gamboa esperou que o soldado se distanciasse pelo campo de futebol, rumo aos alojamentos. Abriu a porta. O quarto estava quase às escuras: começava a anoitecer, e a única janela parecia uma fresta. De início, não viu ninguém e então pensou: o cadete fugiu. Mas logo o viu, estendido no catre. Aproximou-se; os olhos estavam fechados; dormia. Examinou as feições imóveis, tratou de recordar; inútil, o rosto se confundia com outros, muito embora lhe parecesse vagamente familiar, não pelos traços, mas pela expressão antecipadamente madura: tinha as mandíbulas cerradas, o cenho grave, o queixo fendido. Quando se achavam diante de um superior, os soldados e cadetes endureciam o rosto; mas esse cadete não sabia que ele estava ali. Além disso, o rosto escapava ao costumeiro: a maioria dos cadetes tinha a pele escura e as feições angulosas. Gamboa via uma cara branca, os cabelos e as pestanas pareciam loiros. Esticou a mão e tocou o ombro do Jaguar. Ficou surpreso consigo mesmo: o gesto carecia de energia; tocara-o suavemente, como quem desperta um colega. Sentiu que o corpo do Jaguar se contraía sob sua mão, seu braço recuou diante da violência com que o cadete se levantava, mas logo escutou a batida dos calcanhares: fora reconhecido e tudo voltava ao normal.

— Sente-se — disse Gamboa. — Temos muito a conversar.

O Jaguar se sentou. Agora o tenente via seus olhos em meio à penumbra, não muito grandes, mas brilhantes e incisivos. O cadete não se mexia nem falava, mas em sua rigidez e em seu silêncio havia alguma coisa de indócil que incomodou Gamboa.

— Por que entrou no Colégio Militar?

Não obteve resposta. As mãos do Jaguar apertavam o travesseiro sobre a cama; o rosto não se alterara, mostrava-se severo e tranquilo.

— Foi posto aqui à força, não foi? — disse Gamboa.

— Por quê, meu tenente?

A voz correspondia exatamente aos olhos. As palavras eram respeitadas e ele as pronunciava devagar, articulando-as com uma certa sensualidade; mas o tom deixava entrever uma secreta arrogância.

— Quero saber — disse Gamboa. — Por que entrou no Colégio Militar?

— Queria ser militar.

— Queria? — perguntou Gamboa. — Mudou de ideia?

Agora sentiu que o outro vacilava. Quando um oficial os interrogava sobre seus planos, todos os cadetes afirmavam que queriam ser militares. Gamboa sabia, entretanto, que apenas alguns se inscreveriam nas provas de admissão a Chorrillos.

— Ainda não sei, meu tenente — retrucou o Jaguar, após alguns segundos. Vacilou novamente: — Talvez eu me inscreva na Escola de Aviação.

Passaram-se alguns instantes. Os dois se encaravam e pareciam esperar alguma coisa um do outro. Então Gamboa perguntou bruscamente:

— Você sabe por que está preso, não sabe?

— Não, meu tenente.

— Verdade? Acha que não há razão?

— Não fiz nada — afirmou o Jaguar.

— Já bastaria o armário — disse Gamboa, lentamente. — Cigarros, duas garrafas de pisco, uma coleção de pés de cabra. Não basta?

O tenente observou-o detidamente, mas em vão; o Jaguar continuava quieto e calado. Não parecia surpreso nem atemorizado.

— Os cigarros até passariam — acrescentou Gamboa. — Uma detenção, e pronto. Mas a bebida, não. Os cadetes podem até se embebedar na rua, em casa. Mas aqui não se bebe uma gota de álcool. — Fez uma pausa. — E os dados? A primeira seção parece um cassino. E os pés de cabra? O que significam? Isso é roubo. Quantos armários já forçou, há quanto tempo rouba dos colegas?

— Eu? — Gamboa desconcertou-se por um momento: o Jaguar fitava-o com ironia. Repetiu, sem baixar a vista: — Eu?

— Sim — disse Gamboa; sentia que a cólera o dominava. — Quem, caralho, além de você?

— Todo mundo — disse o Jaguar. — O colégio inteiro.

— Mentira — respondeu Gamboa. — Você é um covarde.

— Não sou covarde — disse o Jaguar. — Está enganado, meu tenente.

— Ladrão — continuou Gamboa. — Bêbado, jogador e ainda por cima covarde. Quem dera que nós dois fôssemos civis.

— Quer bater em mim? — perguntou o Jaguar.

— Não — disse Gamboa. — Para pegar você pela orelha e levar para o reformatório. É lá que os seus pais deviam ter metido você. Agora é tarde, você se ferrou sozinho. Está lembrado de três anos atrás? Mandei que acabassem com o Círculo, que deixassem de brincar de bandido. Está lembrado do que eu disse naquela noite?

— Não — disse o Jaguar. — Não lembro.

— Lembra, sim — disse Gamboa. — Mas não interessa. Achou que era muito esperto, não foi? No Exército, os espertos como você acabam se estrepando, cedo ou tarde. Você até que durou. Mas agora chegou a sua hora.

— Por quê? — disse o Jaguar. — Não fiz nada.

— O Círculo — disse Gamboa. — Roubo de provas, roubo de roupas, emboscadas contra os superiores, abuso de autoridade com os cadetes de terceiro ano. Sabe o que você é? Um delinquente.

— Não é verdade — disse o Jaguar. — Não fiz nada. Fiz o que todo mundo faz.

— Quem? — perguntou Gamboa. — Quem mais roubou provas?

— Todo mundo — respondeu o Jaguar. — Só não rouba quem tem dinheiro para comprar. Mas todo mundo está metido nessa história.

— Nomes — disse Gamboa. — Me dê alguns nomes. Quem da primeira seção?

— Vão me expulsar?

— Vão. E talvez até coisa pior.

— Está bem — disse o Jaguar, sem que a voz se alterasse. — Toda a primeira seção comprou provas.

— Verdade? — disse Gamboa. — O cadete Arana também?

— Como, meu tenente?

— Arana — repetiu Gamboa. — O cadete Ricardo Arana.

— Não — disse o Jaguar. — Acho que ele não comprou nunca. Era um puxa-saco. Mas todos os outros compraram.

— Por que você matou Arana? — disse Gamboa. — Responda. Todo mundo já sabe. Por quê?

— Que conversa é essa? — disse o Jaguar. Piscou os olhos uma única vez.

— Responda à minha pergunta.

— Você é muito macho? — disse o Jaguar. Levantara-se. A voz tremia. — Se é macho mesmo, tire os galões, que eu não tenho medo.

Gamboa, rápido como um relâmpago, esticou o braço e segurou o Jaguar pelo colarinho, ao mesmo tempo que, com a outra mão, encurralava-o contra a parede. Antes que o Jaguar começasse a tossir, Gamboa sentiu uma ferroadada no ombro; ao tentar esmurrá-lo, o Jaguar acertara seu cotovelo e o golpe ficou a meio caminho. Gamboa o soltou e retrocedeu um passo.

— Podia matar você — disse. — Estaria no meu direito. Sou seu superior e você tentou me agredir. Mas o Conselho de Oficiais vai se encarregar de você.

— Tire os galões — disse o Jaguar. — Você pode até ser mais forte, mas medo eu não tenho.

— Por que matou Arana? — disse Gamboa. — Deixe de se fazer de maluco e responda.

— Não matei ninguém. Que história é essa? Acha que eu sou assassino? Por que mataria o Escravo?

— Você foi denunciado — disse Gamboa. — Está ferrado.

— Quem? — levantou-se num pulo; os olhos brilhavam como duas velas.

— Está vendo? — disse Gamboa. — Está se delatando.

— Quem disse isso? — repetiu o Jaguar. — Esse, sim, eu vou matar.

— Pelas costas — disse Gamboa. — Estava à sua frente, a 20 metros. Você matou à traição. Sabe qual é o castigo?

— Não matei ninguém. Juro que não, meu tenente.

— É o que nós vamos ver — disse Gamboa. — É melhor você confessar tudo.

— Não tenho nada para confessar — gritou o Jaguar. — As provas, os roubos, tudo isso é verdade. Mas eu não sou o único.

Todos fazem a mesma coisa. Só que os veados pagam para que roubem por eles. Mas não matei ninguém. Quero saber quem foi que disse isso.

— Vai saber já — disse Gamboa. — Ele mesmo vai dizer na sua cara.

No dia seguinte, cheguei em casa às nove da manhã. Minha mãe estava sentada na porta. Ela me viu chegar sem se mexer. Eu disse: "Fiquei com o meu amigo de Chucuito." Não respondeu nada. Me olhava de um jeito esquisito, com um pouco de medo, como se eu fosse fazer alguma coisa. Os olhos dela me esquadrihavam todo o corpo e me deixavam constrangido. Minha cabeça doía e minha garganta estava seca, mas não me atrevia a me deitar para dormir na frente dela. Não sabia o que fazer, abria os cadernos e os livros do colégio, à toa, já não serviam para nada, remexia na gaveta de cacarecos, e ela o tempo todo atrás de mim, observando. Eu me virei e disse: "O que foi, por que está me olhando assim?" E então ela me disse: "Você está perdido. Tomara que morra." E foi para a porta da rua. Ficou muito tempo sentada no degrau, os cotovelos sobre os joelhos, a cabeça entre as mãos. Do quarto, eu a espiava e via sua camisa cheia de buracos e remendos, o pescoço tomado de rugas, a cabeça despenteada. Eu me aproximei devagarinho e disse: "Você está zangada com alguma coisa, me perdoe." Ela me olhou de novo: o rosto também estava cheio de rugas, de um dos buracos do nariz saíam uns peloslos brancos, pela boca aberta se via que lhe faltavam muitos dentes. "É melhor você pedir perdão a Deus", ela me disse. "Só não sei se vale a pena. Você já está condenado." "Quer que eu lhe faça uma promessa?", perguntei. E ela me respondeu. "Para quê? Você tem a perdição na cara. É melhor você ir se deitar e curar a bebedeira."

Não me deitei, tinha perdido o sono. Dali a pouco saí e fui até a praia de Chucuito. Da amurada, vi os rapazes do dia anterior, estirados numas pedras, fumando. Tinham feito dois montes de roupa para apoiar a cabeça. Havia muitas crianças na praia; alguns, parados à beira, atiravam pedras chatas, que ricocheteavam na



água. Um pouco depois, chegaram Teresa e suas amigas. Aproximaram-se dos rapazes e lhes deram a mão. Tiraram a roupa, sentaram-se em roda e ele, como se eu não tivesse feito nada, ficou o tempo todo junto a Tere. No fim, entraram na água. Teresa gritava: "Estou congelando, vou morrer de frio", o rapaz encheu as duas mãos de água e começou a molhá-la. Ela gritava mais forte, mas não se zangava. Depois foram além da rebentação. Teresa nadava melhor que ele, muito suave, como um peixinho, ele fazia muito alvoroço e afundava. Saíram e se sentaram nas pedras. Teresa se deitou, ele fez uma almofada de roupa para ela e se pôs ao lado, meio de viés, para vê-la inteirinha. Eu só via os braços de Tere, levantados para fazer sombra. Dele, em compensação, eu via as costas magras, as costelas saltadas e as pernas tortas. Por volta do meio-dia, voltaram para a água. O rapaz se fazia de veado, ela jogava água e ele gritava. Depois nadaram. Já no fundo, começaram a fingir que se afogavam: ele afundava e Teresa mexia os braços e pedia socorro, mas se notava que era de brincadeira. Ele aparecia de repente, feito cortiça, os cabelos cobrindo a cara, e soltava o grito do Tarzan. Eu conseguia ouvir suas risadas, que eram muito fortes. Quando saíram, eu estava esperando pelos dois junto aos montes de roupa. Não sabia para onde tinham ido as amigas de Teresa e o outro rapaz, nem queria saber. Era como se todo mundo tivesse desaparecido. Aproximaram-se e Tere me viu primeiro; ele vinha atrás, dava pulos e se fazia de maluco. Ela não mudou a expressão, não ficou mais contente nem mais triste que antes. Não me deu a mão, só disse: "Oi. Você também estava na praia?" Nisso, o rapaz olhou para mim e me reconheceu, porque parou na hora, retrocedeu, se agachou, pegou uma pedra e fez mira. "Você conhece?", perguntou Teresa, rindo. "É meu vizinho." "Ele se acha valentão", disse o rapaz. "Vou acabar com ele, para deixar de ser valentão." Medi mal, me esqueci das pedras. Dei um salto e meus pés se afundaram na areia e não avancei nem a metade, caí a um metro dele e então o sujeito deu um passo adiante e me deu uma pedrada bem na cara. Foi como se o sol entrasse na minha cabeça, vi tudo branco e tive a sensação de estar flutuando. Acho que não durou muito tempo. Quando abri os olhos, Teresa parecia

aterrorizada e o rapaz estava boquiaberto. Foi um bobo, se tivesse aproveitado, teria feito gato e sapato de mim, mas a pedrada me fez sangrar e ele ficou quieto, para ver o que tinha acontecido, e eu parti para cima, saltando sobre Teresa. No corpo a corpo, ele estava perdido, vi assim que caímos no chão, ele parecia de pano e não me encaixava nem um murro. Nem nos reviramos, montei nele e batia na cara, que ele tapava com as duas mãos. Eu tinha juntado umas pedrinhas, que agora esfregava na cabeça e na testa e, quando ele levantava as mãos, metia na boca e nos olhos dele. Só nos separaram quando chegou o meganha. Me segurou pela camisa e me puxou e eu senti que alguma coisa se rasgava. Me deu uma bofetada, e então eu bati com uma pedra no peito dele. Ele disse: "Cacete, agora eu te pego", me levantou como uma pluma e me deu meia dúzia de sapatos. Depois me disse: "Olhe só o que você fez, desgraçado." O garoto estava estendido no chão e se lamuriava. Umhas mulheres e uns sujeitos tentavam consolá-lo. Todos, furiosíssimos, diziam ao meganha: "Quebrou a cabeça deste, é um selvagem, leve logo para o juizado." Eu não queria nem saber o que diziam as mulheres, mas então vi Teresa. Estava de cara afogueada e me olhava com ódio. "Como você é mau, como você é bruto", ela me disse. E eu respondi: "A culpa é sua, quem mandou ser tão puta." O meganha me deu um murro na boca e gritou: "Não diga palavrões para a menina, seu safado!" Ela me olhava muito assustada; eu lhe dei as costas e o meganha me disse: "Quietos aí, aonde pensa que vai?" E eu comecei a chutar e esmurrar como podia, enquanto ele me arrastava para fora da praia. Na delegacia, um tenente ordenou: "Dê uma bela surra e depois solte. Logo, logo ele volta por alguma coisa maior. Tem toda a pinta de quem vai acabar na cadeia." O meganha me levou a um pátio, tirou o cinturão e começou a me dar chibatadas. Eu corria e os outros meganhas morriam de rir, vendo como ele suava em bicas, sem me alcançar. Depois deixou de lado a correia e me encurralou. Outros guardas se aproximaram e disseram: "Solte, solte. Você não vai sair no braço com um bebê, vai?" Fui-me embora dali e já não voltei para casa. Fui morar com o magro Higuerras.

— Não entendo uma palavra — disse o major. — Nem uma.

Era um homem gordo e corado, com um bigodezinho meio ruivo, que não chegava às comissuras dos lábios. Lera o relatório cuidadosamente, do começo ao fim, sem parar de piscar os olhos. Antes de erguer a vista para o capitão Garrido, que estava em pé, diante da escrivaninha, de costas para a janela que dava para o mar cinzento e para as planícies pardas de La Perla, voltou a ler alguns parágrafos das dez folhas datilografadas.

— Não entendo — repetiu. — Faça o favor de me explicar, capitão. Alguém aqui ficou maluco, e acho que não sou eu. O que deu no tenente Gamboa?

— Não sei, meu major. Estou tão surpreso quanto o senhor. Falei várias vezes com ele sobre o assunto. Tentei mostrar que um relatório como este é um despropósito...

— Despropósito? — disse o major. — Você não devia ter permitido que metessem os rapazes na prisão, nem que o relatório fosse redigido nestes termos. Temos que dar fim a essa confusão, e já. Não podemos perder um minuto.

— Ninguém está sabendo de nada, meu major. Os dois cadetes estão isolados.

— Chame Gamboa — disse o major. — Que venha agora mesmo.

O capitão saiu precipitadamente. O major voltou a pegar o relatório. Enquanto o relia, tratava de morder os pelosos ruivos do bigode, mas seus dentes eram pequenos demais e só conseguiam arranhar e machucar os lábios. Um dos pés batia no chão, nervoso. Minutos depois, o capitão voltou, seguido do tenente.

— Bom dia — disse o major, com uma voz que a irritação fazia tremular. — Estou muito surpreso, Gamboa. Vamos ver, você é um oficial destacado, conta com a estima de seus superiores. O que lhe deu na cabeça para escrever um relatório assim? Você perdeu o juízo, homem, isto aqui é uma bomba. Uma verdadeira bomba.

— É verdade, meu major — disse Gamboa. O capitão o observava, mastigando furiosamente. — Mas o assunto vai além das minhas atribuições. Averigui tudo que podia. Agora só o Conselho de Oficiais...

— Como é? — interrompeu o major. — Você acha que o Conselho de Oficiais vai se reunir para examinar uma coisa dessas? Não diga bobagem, homem. O Leoncio Prado é um colégio, não vamos permitir um escândalo assim. Acho até que você não está bem da cabeça, Gamboa. Acha mesmo que eu vou permitir que um relatório destes chegue ao Ministério?

— Foi o que eu disse ao tenente, meu major — insinuou o capitão. — Mas ele insistiu.

— Vamos ver — disse o major. — Não vamos perder a cabeça, a serenidade é crucial numa hora assim. Vamos ver. Quem é o rapaz que fez a denúncia?

— Fernández, meu major. Um cadete da primeira seção.

— E por que você meteu o outro no xadrez sem esperar ordens?

— Tinha que começar a investigação, meu major. Para interrogá-lo, era imprescindível separá-lo dos outros cadetes. De outro modo, a notícia se espalharia por todo o quinto ano. Por prudência, não quis fazer uma acareação entre os dois.

— A acusação é imbecil, absurda — explodiu o major. — Você não devia ter prestado a menor atenção. Isso é coisa de garotos, e só. Como foi dar crédito a uma história fantástica dessas? Nunca pensei que fosse tão ingênuo, Gamboa.

— É possível que o senhor tenha razão, meu major. Mas permita-me uma observação. Eu também não acreditava que houvesse roubo de provas, bandos de ladrões, carteados e bebedeiras. E comprovei tudo pessoalmente, meu major.

— Isso é outra coisa — disse o major. — É óbvio que o quinto ano burla a disciplina. Não há a menor dúvida. Mas, no caso, os responsáveis são vocês. Capitão Garrido, você e o tenente Gamboa vão ficar em apuros. Os rapazes passaram a perna em vocês. Quero só ver a cara do coronel quando souber o que acontece nos alojamentos. Não posso fazer nada, tenho que entregar o relatório e pôr ordem nas coisas. Mas — o major tentou novamente morder o bigode — o outro negócio é inadmissível e absurdo. Aquele rapaz se matou por acidente. O assunto está liquidado.

— Perdão, meu major — disse Gamboa. — Não ficou comprovado que ele mesmo se matou.

— Ah, não? — O major fulminou Gamboa com os olhos. — Quer que eu lhe mostre o relatório sobre o acidente?

— O coronel nos explicou a razão de ser desse relatório, meu major. Era para evitar complicações.

— Ah! — disse o major, com um gesto de triunfo. — Justamente. E, para evitar complicações, você resolve redigir um informe cheio de horrores?

— É outra coisa, meu major — disse Gamboa, imperturbável. — Tudo mudou. Antes, a hipótese do acidente era a mais verossímil ou, melhor dizendo, a única. Os médicos disseram que a bala veio de trás. Mas eu e os demais oficiais pensávamos que se tratava de uma bala perdida, de um acidente. Nessas condições, não fazia diferença atribuir o erro à própria vítima, para não prejudicar a instituição. Na verdade, meu major, eu pensei que o cadete Arana fosse o culpado, ao menos parcialmente, por estar mal posicionado, por ter demorado a saltar adiante. Podia até ser que a bala tivesse saído do fuzil dele. Mas tudo muda quando alguém afirma que se trata de um crime. A acusação não é inteiramente absurda, meu major. A disposição dos cadetes...

— Bobagem — disse o major, encolerizado. — Acho que você anda lendo romances, Gamboa. Vamos acabar com essa história de uma vez, e basta de discussões inúteis. Vá até o posto da guarda e mande os cadetes de volta para o alojamento. Diga aos dois que, se tocarem no assunto, vão ser expulsos, sem nenhum diploma. E faça um novo relatório, omitindo tudo o que diz respeito à morte do cadete Arana.

— Não tenho como fazer isso, meu major — respondeu Gamboa. — O cadete Fernández mantém as acusações que fez. Até onde pude comprovar, tudo o que ele disse é verdade. O acusado estava atrás da vítima durante o exercício. Não estou afirmando nada, meu major. Quero apenas dizer que, tecnicamente, a denúncia é aceitável. Apenas o Conselho pode se pronunciar a respeito.

— Sua opinião não me interessa — disse o major, com desdém. — Estou dando uma ordem. Pode ficar com essa fábula toda, mas obedeça. Ou quer que eu o leve ao Conselho? Ordem não se discute, tenente.

— O senhor tem toda a liberdade de me levar ao Conselho, meu major — disse Gamboa, suavemente. — Mas não vou refazer o relatório. Sinto muito. E devo lembrar que o senhor tem a obrigação de encaminhá-lo ao comandante.

O major empalideceu de chofre. Deixando a formalidade de lado, tentava agora a todo custo alcançar os bigodes com os dentes e fazia caretas surpreendentes. Levantara-se. Tinha os olhos injetados.

— Muito bem — disse. — Você não me conhece, Gamboa. Sou manso quando se comportam bem comigo. Mas sou um inimigo perigoso, você vai ver já. Isso vai lhe custar caro. Juro que vai se lembrar de mim. Por agora, não poderá sair do colégio até que tudo se esclareça. Vou encaminhar o relatório, mas também mandarei um relatório sobre o seu comportamento diante de superiores. Pode ir.

— Com licença, meu major — disse Gamboa e saiu, sem se apressar.

— Está doido — disse o major. — Está completamente doido. Mas pode deixar que eu o curo.

— Vai encaminhar o relatório, meu major? — perguntou o capitão.

— Não tenho escolha. — O major olhou para o capitão e pareceu surpreso de vê-lo ali. — E você se ferrou também, Garrido. Sua folha de serviços vai ficar imunda.

— Meu major — balbuciou o capitão. — A culpa não é minha. Tudo aconteceu na primeira companhia, a companhia de Gamboa. As outras caminham perfeitamente, como se tivessem rodas, meu major. Sempre cumpri as instruções ao pé da letra.

— O tenente Gamboa é seu subordinado — retrucou o major, secamente. — Se um cadete vem contar o que acontece no batalhão, isso quer dizer que você estava o tempo todo no mundo da lua. Que tipo de oficiais são vocês? Não conseguem impor a disciplina num colégio de meninos. Aconselho que ponha alguma ordem no quinto ano. Pode se retirar.

O capitão deu meia-volta e só quando chegou à porta percebeu que não havia prestado continência. Deu um giro e bateu os calcanhares: o major relia o relatório, mexia os lábios, sua testa se

contraía. O capitão Garrido seguiu em passo ligeiro, quase trotando, para a secretaria do quinto ano. No pátio, tocou o apito com toda a força. Momentos depois, o suboficial Morte entrava no gabinete.

— Chame todos os oficiais e suboficiais do quinto ano — disse o capitão. Passou a mão pelas mandíbulas frenéticas. — Vocês são os verdadeiros responsáveis e vão me pagar caro, caralho. A culpa é de vocês e de ninguém mais. O que está fazendo aí de boca aberta? Vá logo e faça o que estou mandando.

---



Gamboa hesitou, sem se decidir a abrir a porta. Estava preocupado. “Será que é por conta dessa confusão toda”, pensou, “ou por causa da carta?” Ele a recebera algumas horas antes: “Sinto muito a sua falta. Não devia ter feito esta viagem. Não disse que era melhor ficar em Lima? No avião, não consegui segurar o enjoo, todo mundo me olhava e eu me sentia pior ainda. No aeroporto estavam Cristina e o marido, que é muito simpático e boa pessoa, mais tarde eu conto tudo. Me levaram na hora para casa e chamaram o médico. Ele disse que a viagem tinha me feito mal, mas que todo o resto estava bem. Mesmo assim, como a dor de cabeça e o mal-estar persistiram, eles voltaram a chamar o médico, e então ele disse que era melhor me internar no hospital. Estou em observação. Me deram muitas injeções e estou imóvel, sem travesseiro, o que me incomoda muito, você sabe que eu gosto de dormir quase sentada. Minha mãe e Cristina passam o dia ao meu lado, e o meu cunhado vem me ver assim que sai do trabalho. São todos muito bondosos, mas eu queria que você estivesse aqui, só assim eu me sentiria tranquila de verdade. Agora estou um pouco melhor, mas tenho muito medo de perder o bebê. O médico diz que a primeira vez é complicada, mas que tudo vai correr bem. Estou muito nervosa e penso o tempo todo em você. Cuide-se bem, viu? Está sentindo a minha falta? Mas com certeza não tanto quanto eu.” Começou a se sentir abatido enquanto a lia. Na metade da carta, o capitão apareceu em seu quarto com o rosto azedo, para dizer: “O coronel já sabe de tudo. Está satisfeito agora? O comandante mandou que você vá agora mesmo tirar o Fernández do xadrez e o leve ao escritório do coronel. Agora mesmo.” Gamboa não estava alarmado, mas sentia uma completa falta de entusiasmo, como se de repente todo o assunto tivesse deixado de lhe dizer respeito. Não era de se deixar vencer pelo desânimo. Estava de mau humor. Dobrou a carta em quatro, guardou-a na carteira e abriu a porta. Com certeza Alberto o vira chegar através das grades, pois o esperava em posição de sentido. A

cela era mais clara que a do Jaguar, e Gamboa observou que as calças cáqui de Alberto eram ridiculamente curtas: cingiam-se a suas pernas como a malha de um bailarino, e apenas metade dos botões da braguilha estavam abotoados. A camisa, por sua vez, era larga demais: as ombreiras descaíam e uma grande corcunda formava-se às costas.

— Me diga uma coisa — disse Gamboa. — Onde você tirou o uniforme de saída?

— Aqui mesmo, meu tenente. O uniforme diário estava na minha maleta. Eu o levo para lavar em casa todos os sábados.

Gamboa viu sobre o catre uma esfera branca — o quepe — e alguns pontos luminosos — os botões da túnica.

— Não conhece o regulamento? — disse bruscamente. — Os uniformes diários devem ser lavados no colégio, não podem sair daqui. E o que aconteceu com esse uniforme? Você parece um palhaço.

O rosto de Alberto se encheu de angústia. Com uma das mãos, tratou de abotoar a parte superior das calças, mas, por mais que encolhesse o estômago, não conseguiu.

— As calças encolheram e a camisa cresceu — disse Gamboa, com sarcasmo. — Qual das duas é roubada?

— As duas, meu tenente.

Gamboa sentiu um pequeno choque; de fato, o capitão estava certo, o cadete o considerava um aliado.

— Merda — disse, como se falasse consigo mesmo. — Sabe que nem o Cristo salva você? Está sujo até o pescoço. Vou lhe dizer uma coisa: que belo serviço você me fez, vindo me contar os seus problemas. Por que não foi falar com Huarina ou Pitaluga?

— Não sei, meu tenente — disse Alberto. Mas acrescentou depressa: — Só tenho confiança no senhor.

— Eu não sou seu amigo — disse Gamboa —, nem cupincha, nem protetor. Fiz a minha obrigação. Agora tudo está nas mãos do coronel e do Conselho de Oficiais. Eles vão saber o que fazer com você. Venha comigo, o coronel quer ver você.

Alberto empalideceu, as pupilas se dilataram.

— Está com medo? — perguntou Gamboa.

Alberto não respondeu. Estava em forma e piscava os olhos.

— Venha — disse Gamboa.

Atravessaram a pista de cimento e Alberto surpreendeu-se ao notar que Gamboa não respondia à continência dos soldados de guarda. Era a primeira vez que entrava no prédio. Apenas pelo exterior — paredes altas, cinzentas e mofadas — ele se parecia às outras partes do colégio. Dentro, tudo era diferente. O saguão, com um grosso tapete que silenciava os passos, era iluminado por uma luz artificial muito forte, e Alberto fechou os olhos várias vezes, ofuscado. Havia quadros nas paredes; julgava reconhecer, de relance, os personagens que ilustravam o livro de História, captados no instante supremo: Bolognesi disparando o último cartucho, San Martín hasteando uma bandeira, Alfonso Ugarte precipitando-se no abismo, o presidente da República recebendo uma medalha. Depois do vestíbulo, havia uma sala deserta, grande, muito iluminada: nas paredes, abundavam os troféus esportivos e os diplomas. Gamboa rumou para um canto. Pegaram o elevador. O tenente apertou o botão do quarto andar, com certeza o último. Alberto pensou como era absurdo que, em três anos, não tivesse percebido quantos andares tinha o prédio. Vedado aos cadetes, monstro cinzento e um tanto satânico, pois ali se faziam as listas de detidos e se entocavam as autoridades do colégio, o prédio da administração ficava, no espírito dos cadetes, tão longe dos alojamentos quanto o palácio do arcebispo ou a praia de Ancón.

— Passe — disse Gamboa.

Era um corredor estreito; as paredes reluziam. Gamboa empurrou uma porta. Alberto viu uma escrivaninha e, atrás dela, junto a um retrato do coronel, um homem vestido à paisana.

— O coronel está esperando — disse ele a Gamboa. — Pode entrar, tenente.

— Sente-se aí — disse Gamboa a Alberto. — Daqui a pouco chamam você.

Alberto sentou-se diante do paisano. O homem revisava uns papéis; empunhava um lápis e o movia no ar, como se seguisse compassos secretos. Era baixinho, de rosto anônimo, bem-vestido; o colarinho engomado parecia incomodá-lo, a cada instante mexia a

cabeça e o pomo de adão deslocava-se sob a pele da garganta como um animalzinho aturdido. Alberto tentou escutar o que acontecia do outro lado, mas não ouviu nada. Distraiu-se: Teresa sorria para ele, da parada de ônibus do colégio Raimondi. A imagem o assediava desde quando levaram o cabo da cela vizinha. Apenas o rosto da moça aparecia, pairando diante dos muros pálidos do colégio italiano, à beira da avenida Arequipa; não divisava seu corpo. Passara horas tentando recordá-la de corpo inteiro. Imaginava para ela vestidos elegantes, joias, penteados exóticos. A certa altura, ficou corado: “Estou brincando de vestir bonecas, feito uma mulher.” Remexeu a maleta e os bolsos em vão: não tinha papel, não podia escrever para ela. Então redigiu cartas imaginárias, composições repletas de imagens grandiloquentes, em que falava do Colégio Militar, do amor, da morte do Escravo, do sentimento de culpa e do futuro. De repente, ouviu uma campainha. O paisano falava ao telefone; assentia, como se o interlocutor pudesse vê-lo. Desligou o telefone delicadamente e virou-se para ele.

— Você é o cadete Fernández? Pode entrar no escritório do coronel, por favor.

Avançou até a porta. Bateu três vezes com o nó dos dedos. Não teve resposta. Empurrou a porta: o aposento era enorme, iluminado com tubos fluorescentes; seus olhos se irritaram ao entrar em contato com aquela inesperada atmosfera azul. A 10 metros de distância, viu três oficiais sentados em poltronas de couro. Olhou em torno: uma escrivaninha de madeira, diplomas, flâmulas, quadros, um abajur alto. O piso não tinha tapete: o encerado reluzia e seus coturnos deslizavam como sobre gelo. Andou bem devagar, tinha medo de escorregar. Olhava para o chão, só levantou a cabeça ao ver que, sob seus olhos, surgia uma perna metida em calças cáqui e um braço de poltrona. Entrou em forma.

— Fernández? — disse a voz que retumbava sob o céu nublado quando os cadetes faziam evoluções pelo estádio, ensaiando para as paradas, a vozinha sibilante que os mantinha imóveis no salão nobre, falando de patriotismo e espírito de sacrifício. — Fernández do quê?

— Fernández Temple, meu coronel. Cadete Alberto Fernández Temple.

O coronel o observava; era luzidio e gorducho, os cabelos grisalhos cuidadosamente colados ao crânio.

— O que você é do general Temple? — perguntou o coronel. Alberto tentava adivinhar pela voz o que estava por vir. Era fria, mas não ameaçadora.

— Nada, meu coronel. Creio que o general Temple é dos Temple de Piura. Eu sou dos de Moquegua.

— Sei — disse o coronel. — É um provinciano. — Virou-se, e, seguindo seu olhar, Alberto descobriu na outra poltrona o comandante Altuna. — Como eu. Como a maioria dos chefes do Exército. O fato é que das províncias saem os melhores oficiais. A propósito, Altuna, de onde você é?

— Eu sou de Lima, meu coronel. Mas me sinto provinciano. Toda a minha família é de Ancash.

Alberto tentou localizar Gamboa, mas não conseguiu. O tenente ocupava a poltrona cujo espaldar estava logo à sua frente: Alberto só via um braço, a perna imóvel e um pé que batia de leve no chão.

— Bem, cadete Fernández — disse o coronel; sua voz recobrou alguma gravidade. — Agora vamos falar de coisas mais sérias, mais de agora. — O coronel, até então reclinado em sua poltrona, havia avançado até a beira do assento: a pança aparecia, sob a cabeça, como um ser à parte. — Você é um verdadeiro cadete, uma pessoa sensata, inteligente, culta? Vamos supor que sim. Quer dizer, com certeza não incomodou todo o oficialato do colégio por uma insignificância. E, de fato, o relatório entregue pelo tenente Gamboa mostra que o assunto justifica a intervenção, não apenas dos oficiais como também do Ministério, do Ministério da Justiça. Pelo que pude ver, você acusa um colega de assassinato.

Tossiu brevemente, com alguma elegância, e calou-se por um momento.

— Pensei imediatamente: um cadete de quinto ano não é uma criança. Em três anos de Colégio Militar, já teve tempo de sobra para se transformar em homem. E um homem, um ser racional, precisa de provas cabais, irrefutáveis. A não ser que tenha perdido o juízo. A

não ser que seja ignorante em matéria jurídica. Um ignorante que não sabe o que é falso testemunho, que não sabe que as calúnias são figuras de delito descritas nos códigos e penalizadas por lei. Li o relatório atentamente, como pedia o assunto. E, por desgraça, cadete, as provas teimam em não se mostrar. Então pensei: o cadete é uma pessoa prudente, tomou suas precauções, só quer mostrar as provas em última instância, a mim em pessoa, para que eu as exhiba ao Conselho. Muito bem, cadete, foi para isso que mandei chamá-lo. Pode me entregar as provas.

Sob os olhos de Alberto, o pé batia no chão, erguia-se e tornava a cair, implacável.

— Meu coronel — disse. — Eu só...

— Eu sei, eu sei — disse o coronel. — Você é um homem, um cadete de quinto ano do Colégio Militar Leoncio Prado. Sabe o que está fazendo. Vamos ver essas provas.

— Já disse tudo que sabia, meu coronel. O Jaguar queria se vingar de Arana, que acusou...

— Depois falamos disso — interrompeu o coronel. — As histórias são muito interessantes. As hipóteses mostram claramente que você tem um espírito criador, uma imaginação cativante — calou-se e repetiu, satisfeito: — cativante. Agora vamos examinar os documentos. Entregue-me todo o material jurídico necessário.

— Não tenho provas, meu coronel — reconheceu Alberto. Sua voz era dócil e tremia; mordeu o lábio para cobrar ânimo. — Eu só disse o que sabia. Mas tenho certeza...

— Como? — disse o coronel, com um gesto de espanto. — Você está querendo dizer que não tem provas concretas e fidedignas? Um pouco mais de seriedade, cadete, que este não é o melhor momento para brincadeiras. Não tem mesmo nenhum documento válido, tangível? Vamos, vamos.

— Meu coronel, eu pensei que o meu dever...

— Ah! — prosseguiu o coronel. — Quer dizer que tudo isso é uma brincadeira? Muito bem. Você tem o direito de se divertir, humor é sinal de juventude, de saúde. Mas tudo tem limite. Você está no Exército, cadete. Não pode rir das Forças Armadas, sem mais nem menos. E não só no Exército. Lembre que essas

brincadeiras custam caro na vida civil também. Se quer acusar alguém de assassinato, tem que se apoiar em alguma coisa, digamos, suficiente. Provas suficientes. Você não tem nenhum tipo de prova, nem suficiente nem insuficiente, e vem aqui lançar uma acusação fantasiosa, gratuita, vem jogar lama num colega, no colégio que o formou. Não me faça crer que você é uma toupeira, cadete. O que pensa que somos, hein? Imbecis, débeis mentais, o quê? Sabia que quatro médicos e uma comissão de peritos em balística comprovaram que o disparo que custou a vida àquele pobre cadete saiu do próprio fuzil dele? Não lhe ocorreu que os seus superiores, que têm mais experiência e mais responsabilidade que você, fizeram uma investigação minuciosa sobre aquela morte? Alto, não diga nada, quero terminar. Ou você achou que íamos ficar bem sossegados depois daquele acidente, que não íamos indagar, averiguar, descobrir os erros, as falhas que o originaram? Você acha que estes galões caem do céu? Acha que os tenentes, os capitães, o major, o comandante, eu mesmo somos uma manada de idiotas, para ficarmos de braços cruzados quando um cadete morre em circunstâncias assim? Tudo isto é realmente vexaminoso, cadete Fernández. Vexaminoso, para não dizer outra coisa. Pense um instante e me diga. Não é vexaminoso?

— Sim, meu coronel — disse Alberto e imediatamente sentiu-se aliviado.

— É uma pena que não tenha pensado antes — disse o coronel. — É uma pena que tenha sido necessária minha intervenção para que você compreendesse o alcance de um capricho adolescente. Agora vamos falar de uma outra coisa, cadete. Porque, sem saber, você pôs em movimento uma máquina infernal. E a primeira vítima será você mesmo. Você tem muita imaginação, não tem? Acaba de dar uma prova magistral. O problema é que a história do assassinato não é a única. Tenho aqui os testemunhos da sua fantasia, da sua inspiração. Pode nos passar aqueles papéis, comandante?

Alberto viu que o comandante Altuna se levantava. Era um homem alto e corpulento, muito diferente do coronel. Os cadetes chamavam-nos de o gordo e o magro. Altuna era um personagem silencioso e fugidio, raramente era visto nos alojamentos ou nas

salas de aula. Foi até a escrivaninha e voltou com um punhado de papéis na mão. Seus sapatos rangiam como os coturnos dos cadetes. O coronel recebeu os papéis e os mostrou a Alberto.

— Sabe o que é isso, cadete?

— Não, meu coronel.

— Claro que sabe, cadete. Dê uma olhada.

Alberto pegou os papéis e só compreendeu depois de ler várias linhas.

— Reconhece esses papéis agora?

Alberto viu que a perna se encolhia. Junto ao espaldar, uma cabeça apareceu: o tenente Gamboa olhava para ele. Enrubesceu violentamente.

— Claro que reconhece — acrescentou o coronel, alegremente.

— São documentos, provas fidedignas. Vamos ver, leia alguma coisa do que está aí.

Alberto lembrou subitamente o batismo dos cachorros. Pela primeira vez, depois de três anos, experimentava aquela sensação de impotência e humilhação radical que descobrira ao ingressar no colégio. Mas isto era pior: pelo menos o batismo era compartilhado.

— Mandei ler — repetiu o coronel.

Alberto leu, com muito esforço. Sua voz era débil e entrecortada: “Tinha as pernas tão grandes e peludas e o traseiro tão enorme que parecia mais animal que mulher, mas era a puta mais procurada da quarta quadra, todos os tarados iam atrás dela.” Calou-se. Tenso, esperava que a voz do coronel mandasse continuar. Mas o coronel continuava calado. Alberto sentiu um cansaço profundo. À maneira dos concursos no covil de Paulino, a humilhação esgotava-o fisicamente, afrouxava seus músculos, obscurecia seu cérebro.

— Devolva esses papéis — disse o coronel. Alberto entregou-os. O coronel começou a folheá-los, lentamente. À medida que passavam diante de seus olhos, movia os lábios e deixava escapar um murmúrio. Alberto ouvia fragmentos de títulos que mal recordava, alguns tinham sido escritos um ano antes: *Lula, a vadia incorrigível, A louca e o jumento, O malandro e a meretriz.*



— Sabe o que eu deveria fazer com estes papéis? — disse o coronel. Tinha os olhos semicerrados, parecia acabrunhado por uma obrigação penosa e inescapável. A voz revelava náusea e certa amargura: — Não precisaria nem reunir o Conselho de Oficiais, cadete. Jogá-lo no olho da rua, agora mesmo. E chamar seu pai, para que o leve a uma clínica; talvez os psiquiatras possam curar você. Os psiquiatras, está me ouvindo? Isso, sim, seria um escândalo, cadete. Só mesmo um espírito extraviado, pervertido, para se dedicar a escrever esse tipo de coisa. É preciso ser muito baixo. Estes papéis desonram o colégio, desonram a todos nós. Tem alguma coisa a dizer? Fale, fale.

— Não, meu coronel.

— É claro que não tem — disse o coronel. — O que dizer diante de documentos flagrantes? Nem uma palavra. Responda com franqueza, de homem para homem. Você merece ser expulso e denunciado à sua família como pervertido e corruptor? Sim ou não?

— Sim, meu coronel.

— Estes papéis são a sua ruína, cadete. Acha que algum colégio o receberia, depois de ser expulso como pervertido por suas taras espirituais? A ruína definitiva. Sim ou não?

— Sim, meu coronel.

— O que faria se estivesse no meu lugar, cadete?

— Não sei, meu coronel.

— Pois eu sei, cadete. Tenho um dever a cumprir. — Fez uma pausa. O rosto deixou de ser beligerante, suavizou-se. Todo o corpo se contraiu e, ao recuar no assento, a pança diminuiu de volume, humanizou-se. O coronel coçava o queixo, seu olhar vagava pelo recinto, parecia perdido em ideias contraditórias. O comandante e o tenente não se moviam. Enquanto o coronel refletia, Alberto concentrava a atenção no pé que apoiava o salto no piso encerado e permanecia em riste: esperava com angústia que a ponta do sapato descesse e começasse a bater no chão, compassadamente.

— Cadete Fernández Temple — disse o coronel com voz grave. Alberto levantou a cabeça. — Está arrependido?

— Sim, meu coronel — respondeu Alberto, sem vacilar.

— Eu sou um homem suscetível — disse o coronel. — E estes papéis me envergonham. São uma afronta sem nome para o colégio. Olhe para mim, cadete. Você tem uma formação militar, não é um qualquer. Comporte-se feito homem. Está me entendendo?

— Sim, meu coronel.

— Vai fazer tudo o que for necessário para se corrigir? Vai ser um cadete modelo?

— Sim, meu coronel.

— É ver para crer — disse o coronel. — Estou cometendo uma infração, meu dever me obriga a expulsá-lo no ato. Mas, não por você, mas por uma instituição que é sagrada, por esta grande família que nós, leoncio-pradinos, formamos, vou lhe dar uma última chance. Vou guardar estes papéis e vou mantê-lo sob vigilância. Se os seus superiores me disserem, no fim do ano, que você correspondeu a minha confiança, se até então a sua folha estiver limpa, vou queimar estes papéis e vou esquecer esta história escandalosa. Caso contrário, caso você cometa alguma infração (basta uma, está me entendendo?), vou aplicar o regulamento, sem piedade. Entendido?

— Sim, meu coronel. — Alberto baixou os olhos e acrescentou:  
— Obrigado, meu coronel.

— Você se dá conta do que estou fazendo por você?

— Sim, meu coronel.

— Nem uma palavra mais. Volte para o alojamento e comporte-se como deve. Seja um verdadeiro cadete leoncio-pradino, disciplinado e responsável. Pode se retirar.

Alberto prestou continência e deu meia-volta. Dera três passos até a porta quando foi detido pela voz do coronel.

— Um momento, cadete. É claro que você manterá a mais absoluta reserva sobre o que se disse aqui. A história dos papéis, esse assassinato ridículo, tudo. E não volte a procurar peloslo em ovo. Na próxima vez, antes de brincar de detetive, lembre que está no Exército, uma instituição em que os superiores cuidam para que tudo seja investigado e punido. Pode ir.

Alberto tornou a bater os calcanhares e saiu. O paisano nem olhou para ele. Em vez de pegar o elevador, desceu pelas escadas:

como tudo no edifício, os degraus pareciam espelhos.

Já do lado de fora, diante do monumento ao herói, lembrou que deixara a maleta e o uniforme de saída no xadrez. Foi até o posto da guarda, a passos lentos. O tenente de serviço acenou para ele.

— Vim pegar minhas roupas, meu tenente.

— Como assim? — retrucou o oficial. — Você está no xadrez por ordem do tenente Gamboa.

— Mandaram que eu voltasse ao alojamento.

— Nada disso — respondeu o tenente. — Não conhece o regulamento? Você não sai daqui enquanto o tenente Gamboa não me comunicar por escrito. Pode entrar.

— Sim, meu tenente.

— Sargento — disse o oficial. — Ponha este aqui junto com o cadete que trouxeram lá do estádio. Preciso de espaço para os soldados que o capitão Bezada puniu. — Coçou a cabeça. — Isso aqui está virando uma penitenciária. Sem tirar nem pôr.

O sargento, um homem maciço e meio chinês, assentiu. Abriu a porta do xadrez e a empurrou com o pé.

— Entre logo, cadete — disse ele. E acrescentou, em voz baixa: — Fique tranquilo. Assim que mudar a guarda, eu lhe passo um cigarrinho.

Alberto entrou. O Jaguar estava sentado no catre e olhava para ele.

Daquela vez, Higuerras não queria ir, foi contra a vontade, como se estivesse suspeitando que a coisa ia acabar mal. Uns meses antes, quando o Fodão mandou dizer “se não quiser quebrar a cara, você trabalha comigo ou nunca mais põe o pé em Callao”, o magro me disse: “Por essa eu já esperava.” Tinha trabalhado com o Fodão quando era garoto; meu irmão e o magro foram discípulos dele. Mas logo puseram o Fodão em cana, e os dois continuaram sozinhos. Cinco anos depois, o Fodão saiu e formou um outro bando, e o magro foi se esquivando até que, um dia, dois valentões o encontraram no El Tesoro del Puerto e o levaram à força. Higuerras me contou que não fizeram nada com ele e que o Fodão o abraçou e

disse: "Gosto de você como se fosse meu filho." Depois encheram a cara e se despediram muito amigos. Mas na semana seguinte chegou a advertência. O magro não queria trabalhar em grupo, dizia que era mau negócio, mas também não queria virar inimigo do outro. Então me disse: "Vou aceitar; afinal de contas, o Fodão é direito. Mas você não precisa. Se quer um conselho, volte para a sua mãe e estude para doutor. Você já deve ter um bom pé-de-meia." Eu não tinha nem um centavo, confessei para ele. "Sabe o que você é?", ele me respondeu. "Um putanheiro, um putanheiro dos bons. Não vai me dizer que gastou tudo na zona?" Eu disse que sim. "Você ainda tem muito que aprender", ele me disse; "não vale a pena arriscar o couro para ficar com as franguinhas. Você devia ter guardado um pouco. E então, vai fazer o quê?" Eu disse que ficava com ele. Na mesma noite fomos a um inferninho imundo, onde a mulher que atendia era uma vesga. O Fodão era um *zambo* velho e mal se entendia o que ele dizia; pedia uma dose de pisco atrás da outra. Os outros, cinco ou seis, *zambos*, chineses e serranos, encaravam o magro com ar de poucos amigos. Em compensação, o Fodão sempre se dirigia ao magro quando falava e ria às gargalhadas com as piadas dele. Quase não olhava para mim. Começamos a trabalhar com eles, e no começo tudo ia bem. Limpamos casas de Magdalena e La Punta, de San Isidro e Orrantia, de Salaverry e Barranco, mas não de Callao. Eles me deixavam de vigia e nunca me jogavam para dentro, para abrir a porta. Quando faziam a partilha, o Fodão me dava uma miséria, mas depois o magro me dava da parte dele. Nós dois formávamos uma dupla e os outros do bando tinham ciúme. Uma vez, num bordel, o magro e o *zambo* Pancraccio brigaram por uma menina, Pancraccio sacou o canivete e rasgou o braço do meu amigo. Fiquei furioso e parti para cima. Um outro *zambo* se meteu e começamos a brigar. O Fodão mandou abrir espaço. A mulherada gritava. Ficamos nos medindo por um instante. No começo, o *zambo* me provocava e ria, "você é o rato e eu sou o gato", dizia, mas eu acertei um par de cabeçadas e então brigamos de verdade. O Fodão me ofereceu um trago e disse: "Tiro o chapéu. Quem ensinou essa pombinha a brigar?"

Daí em diante, eu me atracava com os *zambos*, os chineses e os serranos do Fodão por qualquer coisa. Às vezes me punham para dormir com uma patada só, outras vezes eu aguentava inteirinho e batia o que podia. Sempre que a gente bebia, a coisa acabava em porrada. De tanto brigar, ficamos amigos. Me convidavam para beber e me levavam com eles ao bordel e ao cinema, para assistir a filmes de aventura. Naquele dia, justamente, tínhamos ido ao cinema, Pancrácio, o magro e eu. Na saída, o Fodão estava nos esperando, feliz feito criança. Fomos a um inferninho e então ele nos disse: "É o golpe do século." Quando contou que o Picadinho o tinha chamado para propor um trabalho, Higuera interrompeu: "É melhor não se meter com essa gente, Fodão. Vão nos comer vivos. Eles não são brincadeira." O Fodão não fez caso e continuou explicando o plano. Estava muito orgulhoso de que o Picadinho o tivesse chamado, eram um bando dos grandes e todo mundo tinha inveja deles. Viviam como gente de bem, em casas boas, e tinham carros. O magro quis discutir, mas os outros não queriam saber de conversa. Era para o dia seguinte. Tudo parecia muito fácil. Conforme o Fodão instruiu, nos encontramos às dez da noite na quebrada de Armendáriz, e lá estavam dois homens do Picadinho. Bem-vestidos, de bigode, fumavam cigarros importados, e parecia que iam a uma festa. Ficamos fazendo hora até meia-noite e depois fomos caminhando em duplas até a linha do bonde. Encontramos mais um do bando do Picadinho. "Está tudo pronto", disse. "Ninguém por lá. Acabam de sair. Vamos começar logo." O Fodão me pôs de vigia a uma quadra da casa, atrás de uma parede. Perguntei ao magro: "Quem vai entrar?" Ele me disse: "O Fodão, eu e os caras do Picadinho. Todos os outros estão de vigia. É o estilo deles. É o que se chama trabalhar com segurança." Não havia ninguém onde eu estava plantado, não se via nenhuma luz nas casas, e achei que tudo ia acabar bem rápido. Mas, no caminho para lá, o magro ia calado, com a cara azeda. Quando passamos, o Pancrácio tinha me mostrado a casa. Era enorme e o Fodão disse: "Aqui deve ter dinheiro para um exército." Passou muito tempo. Quando ouvi os apitos, os tiros e os palavrões, saí correndo na direção deles, mas percebi que estavam encurralados: havia três policiais na esquina. Dei meia-volta e fugi.

Na praça do Marsano, peguei um bonde e em Lima tomei um táxi. Quando cheguei ao inferninho, só encontrei o Pancrácio. “Era uma cilada”, ele me disse. “O Picadinho entregou todo mundo. Acho que pegaram todos. Vi o Fodão e o magro tomando porrada no chão. Os quatro do bando dele estavam rindo, um dia vão pagar caro. Mas agora é melhor a gente sumir.” Eu disse que não tinha um centavo. Ele me deu cinco *soles* e me disse: “Mude de bairro e não apareça por aqui. Vou passar um bom tempo longe de Lima.”

Naquela noite, fui ao descampado de Bellavista e dormi num valo. Quer dizer, fiquei deitado de costas, olhando para o escuro, morrendo de frio. De manhã, bem cedo, fui à praça de Bellavista. Fazia dois anos que não passava por ali. Tudo estava igual, menos a porta da minha casa, que estava pintada. Bati e ninguém atendeu. Bati com mais força. De dentro, alguém gritou: “Calma aí, porra!” Saiu um homem e eu perguntei pela dona Domitila. “Não conheço”, ele me disse; “quem mora aqui é Pedro Caifás, que sou eu.” Uma mulher apareceu a seu lado e disse: “A dona Domitila? Uma velha que vivia sozinha?” “Sim”, respondi, “acho que sim.” “Ela já morreu”, disse a mulher; “morava aqui antes de nós, mas faz tempo.” Eu disse “Obrigado” e fui me sentar na praça e passei a manhã inteira olhando para a porta da casa de Teresa, esperando que ela saísse. Por volta do meio-dia, saiu um menino. Eu me aproximei e perguntei: “Você sabe onde moram agora a senhora e a menina que antes moravam na sua casa?” “Não sei”, respondeu ele. Voltei até a minha antiga casa e bati. A mulher atendeu. Perguntei: “Sabe onde enterraram a dona Domitila?” “Não sei”, ela me disse. “Nem a conheci. Você era alguma coisa dela?” Eu ia dizer que era a minha mãe, mas lembrei que os dedos-duros deviam estar me procurando e disse: “Não, era só por saber.”

— Oi — disse o Jaguar.

Não parecia surpreso de vê-lo ali. O sargento fechara a porta, a cela estava na penumbra.

— Oi — disse Alberto.

— Você tem cigarro? — perguntou o Jaguar. Estava sentado na cama, apoiava as costas na parede, e Alberto podia distinguir claramente a metade de seu rosto que ficava sob a luz da janela; a outra metade era só uma mancha.

— Não — disse Alberto. — O sargento vai me trazer um mais tarde.

— Por que meteram você aqui? — perguntou o Jaguar.

— Não sei. E você?

— Um filho da puta andou contando história para o Gamboa.

— Quem? Que história?

— Escute — disse o Jaguar, baixando a voz. — Com certeza você vai sair primeiro. Me faça um favor. Chegue mais perto, senão eles ouvem.

Alberto se aproximou. Agora estava em pé, a poucos centímetros do Jaguar, seus joelhos se tocavam.

— Diga ao Jiboia e ao Crespo que tem um dedo-duro no alojamento. Quero que descubram quem foi. Sabe o que o cara disse ao Gamboa?

— Não.

— O pessoal acha que eu estou aqui por quê?

— Acham que é por conta do roubo das provas.

— Bem — disse o Jaguar —, por isso também. O dedo-duro contou das provas, do Círculo, das roupas, da jogatina e da bebida. Tudo. Eles precisam descobrir quem foi. Diga que eles também estão ferrados se não descobrirem. E você também, o alojamento inteiro. É alguém da seção, ninguém mais poderia saber.

— Vão expulsar você — disse Alberto. — Vão querer mandar você para a cadeia.

— Foi o que o Gamboa me disse. Com certeza vão ferrar com o Jiboia e com o Crespo também, por causa do Círculo. Diga a eles que descubram logo e me joguem um papel com o nome dele pela janela. Se me expulsarem, não vou conseguir falar com eles.

— E o que você ganha com isso?

— Nada — disse o Jaguar. — Já estou fodido. Mas tenho que me vingar.

— Você é um merda, Jaguar — disse Alberto. — Por mim, você ia direto para a cadeia.

O Jaguar fizera um leve movimento: continuava sentado na cama, mas aprumado, sem tocar a parede, e virou a cabeça alguns centímetros, para que seus olhos pudessem observar Alberto. Agora o rosto inteiro era visível.

— Ouviu o que eu disse?

— Não grite — disse o Jaguar. — Quer que o tenente venha? O que deu em você?

— Um merda — sussurrou Alberto —, um assassino. Você matou o Escravo.

Alberto dera um passo atrás e estava encolhido, mas o Jaguar não o atacou, nem sequer se moveu. Alberto via na penumbra os dois olhos azuis, brilhantes.

— Mentira — disse o Jaguar, também em voz muito baixa. — É uma calúnia. Disseram isso para o Gamboa para ferrar comigo. O dedo-duro quer me prejudicar, algum veado, não está vendo? Me diga, todo mundo no alojamento acha que eu matei o Arana?

Alberto não respondeu.

— Não pode ser — disse o Jaguar. — Quem é que vai acreditar nisso? Arana era um pobre coitado, qualquer um o derrubava com um soco. Por que eu ia matar o Escravo?

— Era muito melhor que você — disse Alberto. Os dois falavam como em segredo. O esforço que faziam para não levantar a voz congelava as palavras, tornava-as forçadas, teatrais. — Você acha que é valentão, mas o pobre-coitado é você. O Escravo era um bom sujeito, você nem sabe o que é isso. Ele era boa gente, não se metia com ninguém. Você ferrava com ele o tempo todo, dia e noite. Quando ele entrou, era um sujeito normal; de tanto bater nele, você e os outros acabaram com ele. Só porque não sabia brigar. Você é um desgraçado, Jaguar. Agora vão expulsar você. Sabe o que vai ser de você? Vai viver feito delinquente, cedo ou tarde vão meter você na cadeia.

— Minha mãe me dizia a mesma coisa. — Alberto surpreendeu-se, não esperava uma confidência. Mas percebeu que o Jaguar falava sozinho; a voz era opaca, árida. — E o Gamboa também. O



que importa para eles a minha vida? Mas eu não era o único que ferrava com o Escravo. Todos se metiam com ele, você também. No colégio, todo mundo ferra com todo mundo, e quem deixa está frito. A culpa não é minha. Não ferram comigo porque eu sou mais homem. A culpa não é minha.

— Você não é mais homem que ninguém — disse Alberto. — Você é um assassino, e eu não tenho medo de você. Quando a gente sair daqui, você vai ver.

— Quer brigar comigo? — disse o Jaguar.

— Quero.

— Você não aguenta — disse o Jaguar. — Me diga, todo mundo está furioso assim lá no alojamento?

— Não — disse Alberto. — Só eu. E não tenho medo de você.

— Psiu, não grite. Se quiser, brigamos na rua. Mas você não pode comigo, vou logo avisando. Pode ficar furioso à vontade. Eu não fiz nada com o Escravo. Só tirava sarro dele, como todo mundo. Mas não era por mal, era só para me divertir.

— Qual é a diferença? Você ferrava com ele, e todo mundo ferrava com ele para imitar você. Você não largava o pé dele. E depois o matou.

— Pare de gritar, seu imbecil, vão escutar. Não matei ninguém. Quando eu sair, vou pegar o dedo-duro, vai ter de confessar na frente de todo mundo. Você vai ver que é mentira.

— Não é mentira — disse Alberto. — Eu sei.

— Pare de gritar, porra.

— Você é um assassino.

— Psiu.

— Eu denunciei você, Jaguar. Eu sei que você matou o Escravo.

Dessa vez, Alberto não se moveu. O Jaguar se encolheu no catre.

— Você disse isso para o Gamboa? — perguntou o Jaguar, bem devagar.

— Disse. Contei tudo que você fez, tudo que acontece no alojamento.

— Por que fez isso?

— Porque quis.

— Vamos ver se você é homem — disse o Jaguar, levantando-se.

---

## VII

O tenente Gamboa saiu do escritório do coronel, fez uma vênha para o paisano, esperou alguns instantes pelo elevador e, como ele demorava, dirigiu-se às escadas: desceu os degraus de dois em dois. No pátio, comprovou que a manhã estava mais clara agora: o céu brilhava, limpo, no horizonte divisavam-se algumas nuvens brancas, imóveis sobre a superfície do mar, que cintilava. Foi a passo acelerado para os alojamentos do quinto ano e entrou na secretaria. O capitão Garrido estava à escrivaninha, crispado como um porco-espinho. Gamboa fez continência da soleira da porta.

— E então? — perguntou o capitão, levantando-se de um salto.

— O coronel me encarregou de lhe dizer que apague o registro do relatório que eu lhe passei, meu capitão.

O rosto do capitão relaxou-se e seus olhos, até então arregalados, sorriram com alívio.

— Claro — disse ele, dando um murro na mesa. — Eu nem registrei. Já sabia. Como foi lá, Gamboa?

— O cadete retirou a denúncia, meu capitão. O coronel rasgou o relatório. O assunto deve ser esquecido; quero dizer, o suposto assassinato, meu capitão. Quanto ao outro, o coronel ordena que se reforce a disciplina.

— Mais ainda? — disse o capitão, rindo abertamente. — Venha cá, dê uma olhada nisto, Gamboa.

Estendeu-lhe uma pilha de papéis repletos de números e nomes.

— Está vendo? Em três dias, mais castigos que em todo o mês passado. Sessenta detidos, quase um terço do ano, veja bem. O coronel pode ficar tranquilo, vamos pôr todo mundo na linha. Quanto às provas, já se tomaram as devidas precauções. Vou guardá-las eu mesmo, no meu quarto; venham pegar, se se atrevem. Dobrei as sentinelas e as rondas. Os suboficiais vão pedir relatórios a cada hora. Haverá revistas de roupas duas vezes por semana, e a mesma coisa para o armamento. Acha que vão continuar fazendo graça?

— Espero que não, meu capitão.

— Quem estava com a razão? — perguntou o capitão à queimadura, com uma expressão de triunfo. — Você ou eu?

— Era minha obrigação — disse Gamboa.

— Você tem mania de regulamento — disse o capitão. — Não estou criticando, Gamboa, mas é preciso ser prático na vida. Às vezes, é preferível esquecer o regulamento e usar apenas o bom senso.

— Eu acredito em regulamentos — disse Gamboa. — Vou confessar uma coisa. Eu sei o regulamento de cor. E devo dizer que não me arrependo de nada.

— Quer fumar? — perguntou o capitão. Gamboa aceitou um cigarro. O capitão fumava um tabaco escuro, importado, que desprendia uma fumaça densa e fétida. O tenente acariciou por um momento o cigarro ovalado, antes de levá-lo à boca.

— Todos nós acreditamos no regulamento — disse o capitão. — Mas é preciso saber interpretar. Antes de mais nada, nós militares temos que ser realistas, temos de agir conforme as circunstâncias. Não se pode forçar as coisas para que coincidam com as leis, Gamboa, ao contrário, é preciso adaptar as leis às coisas. — A mão do capitão Garrido revolteou no ar, inspirada. — Se não, a vida seria impossível. A teimosia é um mau aliado. O que você ganha dando a cara a tapa por esse cadete? Nada, absolutamente nada, só vai se prejudicar. Se tivesse me ouvido, o resultado seria o mesmo e você teria economizado muitos problemas. Não vá pensar que estou achando graça. Sabe muito bem que eu tenho estima por você. Mas o major está furioso e vai querer ferrar com você. O coronel também deve estar muito aborrecido.

— Bah — disse Gamboa, com desânimo. — O que podem fazer comigo? Além do mais, não me importa. Estou de consciência limpa.

— De consciência limpa se chega ao céu — disse o capitão, amavelmente —, mas nem sempre aos galões. De todo modo, vou fazer tudo que estiver ao meu alcance para que essa história não o afete. Bem, e o que é feito daqueles dois passarinhos?

— O coronel ordenou que voltem ao alojamento.

— Vá buscá-los. Dê uns tantos conselhos; que fiquem calados, se querem viver em paz. Acho que não vai haver problema. Eles são os mais interessados em esquecer essa história. Mesmo assim, cuidado com o seu protegido, que é insolente.

— Meu protegido? — disse Gamboa. — Até a semana passada, eu nem sabia que ele existia.

O tenente saiu, sem pedir licença ao capitão. O pátio dos alojamentos estava vazio, mas logo seria meio-dia e os cadetes voltariam das aulas como um rio que cresce, ruge e transborda, e o pátio se converteria num buliçoso formigueiro. Gamboa tirou a carta que levava na carteira, segurou-a por alguns segundos na mão e voltou a guardá-la, sem abrir. “Se for homem”, pensou, “não vai ser militar.”

No posto da guarda, o tenente de serviço lia um jornal e os soldados, sentados no banco, entreolhavam-se com olhar vazio. Quando Gamboa entrou, levantaram-se como autômatos.

— Bom dia.

— Bom dia, tenente.

Gamboa tratava o jovem tenente sem formalidade, mas este, que havia servido sob suas ordens, conservava um certo respeito.

— Vim buscar os cadetes do quinto ano.

— Sim — disse o tenente. Sorria, jovial, mas o rosto revelava o cansaço da vigília. — Um deles, justamente, queria ir embora, mas não tinha a ordem. Posso trazer os dois? Estão na cela da direita.

— Juntos? — perguntou Gamboa.

— Sim. Eu precisava do xadrez do estádio. Vários soldados receberam punição. Deviam estar separados?

— Me dê a chave. Vou falar com eles.

Gamboa abriu devagar a porta da cela, mas entrou num salto, como um domador numa jaula de feras. Viu dois pares de pernas balançando-se no cone luminoso que atravessava a janela e escutou o resfolegar desmedido dos dois cadetes; seus olhos não se acostumavam à penumbra, mal podia distinguir as silhuetas e o contorno dos rostos. Deu um passo na direção dos dois e gritou:

— Sentido!

Os dois se levantaram, sem pressa.

— Quando um superior entra — disse Gamboa —, os subordinados devem se perfilar. Esqueceram? Seis pontos negativos para cada um. Tire a mão da cara e entre em posição de sentido, cadete!

— Ele não pode, meu tenente — disse o Jaguar.

Alberto retirou a mão, mas imediatamente voltou a apoiar a palma no rosto. Gamboa empurrou-o suavemente rumo à luz. O pômulos estava muito inchado e havia sangue coagulado no nariz e na boca.

— Tire a mão — disse Gamboa. — Deixe ver.

Alberto baixou a mão e a boca se contraiu. Um grande círculo violáceo fechava o olho, e a pálpebra, descaída, era uma superfície rugosa e como que chamuscada. Gamboa viu também que a camisa tinha manchas de sangue. Os cabelos de Alberto estavam empelotados de suor e poeira.

— Chegue mais perto.

O Jaguar obedeceu. A luta deixara poucas marcas em seu rosto, mas as narinas vibravam e uma crosta de saliva seca rodeava seus lábios.

— Vão para a enfermaria — disse Gamboa. — E depois espero os dois no meu quarto. Preciso falar com vocês.

Alberto e o Jaguar saíram. Ao ouvir seus passos, o tenente de serviço se virou. O sorriso que vagava por seu rosto transformou-se numa expressão de espanto.

— Alto aí! — gritou, desconcertado. — O que aconteceu? Não se mexam.

Os soldados haviam se adiantado para os cadetes e os observavam com insistência.

— Pode deixar — disse Gamboa. E, virando-se para os cadetes, ordenou: — Vão já.

Alberto e o Jaguar abandonaram o posto da guarda. Os tenentes e os soldados viram-nos tomar distância na manhã limpa, caminhando ombro a ombro, as cabeças imóveis: não se falavam nem se olhavam.

— Destruíu a cara do outro — disse o tenente jovem. — Não entendi.

— Não ouviu nada? — perguntou Gamboa.

— Não — respondeu o tenente, confuso. — E não saí daqui. —  
Dirigiu-se aos soldados: — E vocês, ouviram alguma coisa?

As quatro cabeças escuras negaram.

— Brigaram sem fazer barulho — disse o tenente; agora considerava o acontecimento sem surpresa, com certo entusiasmo esportivo. — Eu teria apartado. Isso é que é bater, parecem par de galos de briga. Vai levar um bom tempo até a cara ficar direita. Por que brigaram?

— Por bobagem — disse Gamboa. — Nada grave.

— E como é que ele aguentou sem gritar? — disse o tenente. — Está desfigurado. Devíamos pôr o loiro na equipe de boxe do colégio. Ou já está?

— Não — disse Gamboa. — Acho que não. Mas você tem razão. Devíamos.

Naquele dia, fiquei andando pelas granjas e, numa delas, uma mulher me deu pão e um pouco de leite. À noite, dormi de novo num valo, perto da avenida Progreso. Dessa vez, dormi de verdade e só abri os olhos quando o sol já estava alto. Não havia ninguém por perto, mas eu ouvia passar os carros na avenida. Estava com muita fome, dor de cabeça e calafrios, como antes de uma gripe. Fui a pé até Lima, e lá pelo meio-dia cheguei à Alfonso Ugarte. Teresa não saiu com as meninas do colégio. Dei voltas pelo Centro, em lugares onde havia muita gente, a praça San Martín, a rua Unión, a avenida Grau. À tarde, cheguei ao parque da Reserva, morto de cansaço. A água dos canos do parque me fez vomitar. Me estirei na grama e, logo depois, vi chegar um meganha, que me fez um sinal de longe. Fugi a toda, e ele não me perseguiu. Já era noite quando cheguei à casa do meu padrinho, na avenida Francisco Pizarro. Minha cabeça parecia a ponto de explodir e o corpo inteiro tremia. Não era inverno, e disse: "Já estou doente." Antes de bater, pensei: "A mulher vai atender e vai dizer que ele não está. Se for ela, eu vou para a delegacia. Ao menos vão me dar de comer." Mas não foi ela, foi meu padrinho quem atendeu. Abriu a porta e ficou olhando, sem



me reconhecer. E só fazia dois anos que não me via. Disse meu nome. Ele tapava a porta com o corpo; dentro havia luz e eu via sua cabeça, redonda e careca. “Você?”, ele disse. “Não pode ser, menino, achei que você tivesse morrido também.” Me fez entrar e dentro me perguntou: “O que foi, menino, o que você tem?” Eu respondi: “Sabe, padrinho, me desculpe, mas faz dois dias que eu não como.” Ele me segurou pelo braço e chamou a mulher. Me deram sopa, carne ensopada e um doce. Depois os dois me fizeram muitas perguntas. Inventei uma história: “Fugi de casa e fui trabalhar na floresta com um sujeito e passei dois anos por lá, numa plantação de café, e depois o dono me despediu porque o negócio ia mal e cheguei a Lima sem um tostão.” Depois perguntei sobre a minha mãe e ele me contou que ela tinha morrido seis meses antes, de um ataque do coração. “Eu paguei o enterro”, ele disse. “Não se preocupe. Foi decente.” E acrescentou: “Por agora, você vai dormir no pátio do fundo. Amanhã vamos ver o que se pode fazer com você.” A mulher me deu um lençol e um travesseiro. No dia seguinte, meu padrinho me levou para o armazém e me pôs para trabalhar no balcão. Éramos apenas ele e eu. Não me pagava nada, mas eu tinha casa e comida, e me tratavam bem, por mais que me fizessem trabalhar duro e rijo. Eu me levantava antes das seis e tinha que varrer toda a casa, preparar o café da manhã e servi-lo na cama. Ia fazer as compras no mercado com uma lista que a mulher me dava, e depois ia para o armazém; ficava o dia inteiro por lá, atendendo. No começo, meu padrinho ficava o tempo todo no armazém, mas depois me deixava sozinho e à noite me pedia para prestar contas. Quando voltava para casa, fazia a comida — ela me ensinou a cozinhar — e depois ia dormir. Não pensava em ir embora, apesar de estar cansado de não ter dinheiro. Tinha que trapacear os clientes nas contas, aumentando o preço ou dando troco a menos, para comprar maços de Nacional, que fumava às escondidas. De vez em quando, eu bem que tinha vontade de sair, de ir a um lugar qualquer, mas acabava ficando, com medo da polícia. Depois as coisas melhoraram. Meu padrinho teve que viajar para a serra e levou a filha junto. Quando soube que ele ia viajar, eu fiquei com medo, lembrei que a mulher me detestava. Apesar disso, ela não se

metia na minha vida e só me dirigia a palavra para me mandar fazer alguma coisa. Mas ela mudou no dia em que meu padrinho foi embora. Era amável comigo, me contava histórias, ria e, à noite, quando ia ao armazém e eu começava a prestar contas, ela me dizia: "Está bem, já sei que você não é nenhum ladrão." Uma noite, apareceu no armazém antes das nove. Parecia muito nervosa. Assim que a vi entrar, vi qual era a intenção dela. Tinha todos os gestos, os risinhos e os olhares das putas dos bordéis de Callao quando estavam bêbadas e com vontade. Me subiu o sangue. Lembrei as vezes que ela me despachou, quando eu ia visitar meu padrinho, e pensei: "Chegou a hora da vingança." Era feia, gorda e mais alta que eu. Ela me disse: "Escute, feche o armazém e vamos ao cinema. Eu convido." Fomos a um cinema do Centro, porque ela disse que estava passando um filme muito bom, mas eu sabia que tinha medo de ser vista comigo no bairro, pois meu padrinho tinha fama de ciumento. No cinema, como o filme era de terror, ela se fazia de assustada, segurava minhas mãos e me agarrava, me tocava com o joelho. Às vezes, como por acaso, punha a mão em cima da minha coxa e a deixava ali. Eu tinha vontade de rir. Me fazia de bobo e não correspondia às deixas. Ela devia estar furiosa. Depois do cinema, voltamos a pé, e ela começou a falar de mulheres, me contou histórias safadas, mas sem dizer palavras, e depois me perguntou se eu já tivera amores. Disse que não e ela retrucou: "Mentiroso, todos os homens são iguais." Queria que eu notasse que me tratava como homem. Eu tinha vontade de dizer: "Você parece uma puta do Happy Land que se chama Emma." Em casa, perguntei se queria que eu cozinhasse, e ela me disse: "Não. Vamos festejar um pouco. Nesta casa a gente nunca se diverte. Abra uma cerveja." E começou a falar mal do meu padrinho. Ela o odiava: era um pão-duro, um velho imbecil e não sei o que mais. Me fez beber a garrafa sozinho. Queria me embebedar, para ver se eu caía na dela. Depois ligou o rádio e disse: "Vou ensinar você a dançar." Ela me apertava com toda força, e eu deixava, mas continuava me fazendo de bobo. No final, ela me perguntou: "Nunca beijou uma mulher?" Disse que não. "Quer ver como é?" Me agarrou e começou a me beijar na boca. Estava tresloucada, me metia aquela língua nojenta até a goela e

me beliscava. Depois me puxou pela mão até o quarto e tirou a roupa. Nua, já não parecia tão feia, ainda tinha o corpo rijo. Ficou com vergonha, porque eu a olhava sem me aproximar, e apagou a luz. Me fez dormir com ela enquanto meu padrinho esteve fora. “Eu amo você”, ela me dizia, “você me faz feliz.” E passava o dia falando mal do marido. Me dava dinheiro, comprou roupa para mim e toda semana me levava com eles ao cinema. No escuro, agarrava minha mão sem que o meu padrinho notasse. Quando eu disse que queria entrar no Colégio Militar Leoncio Prado e pedi que convencesse meu padrinho a pagar a matrícula, ela quase enlouqueceu. Arrancava os cabelos e me chamava de ingrato e mal-agrado. Ameacei fugir, e então ela aceitou. Um dia, meu padrinho me disse: “Sabe de uma coisa, rapaz? Queremos que você seja um homem de bem. Vou matricular você no Colégio Militar.”

— Não se mexa, mesmo que arda — disse o enfermeiro. — Se entrar no seu olho, você vai ver estrelas.

Alberto viu a gaze empapada numa substância ocre aproximar-se de seu rosto e apertou os dentes. Uma dor animal percorreu-o de alto a baixo: abriu a boca e soltou um berro. Depois a dor se concentrou no rosto. Com o olho bom, via o Jaguar por cima do ombro do enfermeiro: olhava-o indiferente, sentado numa cadeira do outro lado da sala. Seu nariz absorvia um cheiro de álcool e iodo que lhe dava náuseas. Sentiu vontade de vomitar. A enfermaria era branca e o piso de ladrilhos refletia para o teto a luz azul das lâmpadas fluorescentes. O enfermeiro retirara a gaze e empapava uma outra, assobiando entre dentes. Seria tão doloroso dessa vez? Enquanto apanhava do Jaguar no chão da cela, onde se revirava em silêncio, não sentira nenhuma dor, apenas humilhação. Pois, assim que começou, sentiu-se vencido: suas mãos e seus pés mal tocavam o Jaguar, forcejava com ele e logo tinha de soltar o corpo duro e espantosamente fugidio que atacava e retrocedia, sempre presente e inatingível, próximo e ausente. O pior eram as cabeçadas, ele levantava os cotovelos, batia com os joelhos, se encolhia; inútil: a cabeça do Jaguar caía como um bólido contra seus braços,

separava-os, abria caminho até seu rosto, e ele, confusamente, pensava num martelo, numa bigorna. E assim caíra uma primeira vez, para tomar fôlego. Mas o Jaguar não esperou que ele se levantasse, nem parou para ver se tinha vencido: caiu em cima dele e continuou batendo com punhos incansáveis, até que Alberto conseguiu se levantar e fugir para o outro canto da cela. Segundos mais tarde, estava no chão outra vez, novamente o Jaguar o cavalgava e os punhos se abatiam sobre seu corpo, até que Alberto perdeu a consciência. Quando abriu os olhos, estava sentado na cama, ao lado do Jaguar, e escutava o ofegar monótono do outro. A realidade começou a voltar à ordem a partir do momento em que a voz de Gamboa retumbou na cela.

— Pronto — disse o enfermeiro. — Agora espere até secar. Depois eu ponho a bandagem. Fique quieto, não vá mexer com essas mãos imundas.

Sempre assobiando entre dentes, o enfermeiro saiu da sala. O Jaguar e Alberto se olharam. Alberto sentia-se curiosamente tranquilo; o ardor desaparecera, a cólera também. Mesmo assim, tentou falar em tom de afronta:

— Está olhando o quê?

— Você é um dedo-duro — disse o Jaguar. Os olhos claros observavam Alberto sem nenhuma emoção. — É a coisa mais asquerosa que um homem pode ser. Não há coisa mais baixa e nojenta. Um dedo-duro! Me dá vontade de vomitar.

— Um dia eu me vingo — disse Alberto. — Está se achando muito macho, não é? Pois eu juro, você ainda vai ter de se arrastar na minha frente. Sabe o que você é? Um bandido. Seu lugar é na cadeia.

— Um dedo-duro feito você — continuou o Jaguar, sem prestar atenção ao que dizia Alberto — não devia nem ter nascido. Pode até ser que me ferrem, por culpa sua. Mas vou contar quem você é para a seção inteira, para o colégio inteiro. Você devia estar morto de vergonha pelo que fez.

— Não tenho vergonha de nada — disse Alberto. — E, quando eu sair do colégio, vou contar para a polícia que você é um assassino.

— Você está louco — disse o Jaguar, sem se exaltar. — Você sabe muito bem que eu não matei ninguém. Todo mundo sabe que o Escravo se matou por acidente. Você sabe muito bem, dedo-duro.

— Você acha que se safou, não é? Porque o coronel, o capitão, todo mundo aqui é igual a você, todos cúmplices, um bando de desgraçados. Não querem que se fale do assunto. Mas eu vou dizer para todo mundo que você matou o Escravo.

A porta da sala se abriu. O enfermeiro trazia nas mãos uma bandagem limpa e um rolo de esparadrapos. Vendou o rosto inteiro de Alberto; apenas um olho e a boca ficaram a descoberto. O Jaguar deu uma risada.

— O que foi? — disse o enfermeiro. — Está rindo do quê?

— De nada — disse o Jaguar.

— De nada? Só os débeis mentais riem à toa, sabia?

— Verdade? — disse o Jaguar. — Não sabia.

— Pronto — o enfermeiro disse a Alberto. — Agora é a sua vez.

O Jaguar instalou-se na cadeira que Alberto ocupara. O enfermeiro, assobiando com mais entusiasmo, empapou uma gaze em iodo. O Jaguar tinha apenas alguns arranhões na testa e um pequeno inchaço no pescoço. O enfermeiro começou a limpar o rosto com muito cuidado. Agora assobiava furiosamente.

— Merda! — gritou o Jaguar, empurrando o enfermeiro com as duas mãos. — Índio burro! Animal!

Alberto e o enfermeiro riram.

— Você fez de propósito — disse o Jaguar, tapando um dos olhos. — Veado!

— Quem mandou se mexer — disse o enfermeiro, aproximando-se. — Já disse que, se entra no olho, arde horrores. — Obrigou-o a levantar o rosto. — Tire a mão. Deixe ventilar, assim não arde.

O Jaguar tirou a mão. O olho estava avermelhado e coberto de lágrimas. O enfermeiro fez o curativo suavemente. Havia parado de assobiar, mas a ponta da língua assomava entre os lábios, como uma cobrinha rosada. Depois de aplicar mercurocromo, passou algumas tiras de bandagem. Limpou as mãos e disse:

— Pronto. Agora assinem este papel.

Alberto e o Jaguar assinaram o registro e saíram. A manhã estava ainda mais iluminada e, a não ser pela brisa que soprava sobre o descampado, era como se o verão tivesse chegado definitivamente. O céu sem nuvens parecia não ter fim. Caminhavam pela pista de desfile. Tudo estava deserto, mas, quando passaram pelo refeitório, ouviram as vozes dos cadetes e a música de valsa *criolla*. No prédio dos oficiais, encontraram o tenente Huarina.

— Alto! — disse o oficial. — O que foi isso?

— Foi uma queda, meu tenente — disse Alberto.

— Com essas caras, vão passar pelo menos um mês aqui.

Continuaram avançando rumo aos alojamentos, sem falar. A porta do quarto de Gamboa estava aberta, mas não entraram. Ficaram junto à soleira, olhando um para o outro.

— O que está esperando para bater? — disse enfim o Jaguar. — O Gamboa é seu cupincha.

Alberto bateu uma vez.

— Pode entrar.

O tenente estava sentado, segurando uma carta que guardou precipitadamente assim que os viu. Levantou-se, foi até a porta e a fechou. Com um gesto brusco, apontou para a cama.

— Sentem-se.

Alberto e o Jaguar sentaram-se na beira. Gamboa arrastou a cadeira e a pôs na frente deles; sentou-se ao contrário, apoiando os braços no espaldar. Estava com o rosto úmido, como se tivesse acabado de se lavar; os olhos pareciam cansados, os sapatos estavam sujos, e a camisa, desabotoada. Com uma das mãos contra o rosto e a outra tamborilando no joelho, olhou-os detidamente.

— Muito bem — disse, um momento depois, com um gesto de impaciência. — Já sabem do que se trata. Suponho que não preciso dizer o que têm de fazer.

Parecia cansado e farto: o olhar era opaco, e a voz, resignada.

— Não sei nada, meu tenente — disse o Jaguar. — Já não sei o que o senhor me disse ontem.

O tenente interrogou Alberto com os olhos.

— Eu não disse nada, meu tenente.

Gamboa levantou-se. Era evidente que se sentia constrangido, que a entrevista o incomodava.

— O cadete Fernández apresentou uma denúncia contra você, já sabe do que se trata. As autoridades consideram que a acusação carece de fundamento — falava lentamente, buscando fórmulas impessoais e economizando palavras; por um instante, a boca se contraía num ricto que prolongava os lábios em dois pequenos sulcos. — Não se deve falar mais no assunto, nem aqui nem, é claro, fora daqui. Seria prejudicial e vexaminoso para o colégio. Uma vez que o assunto está encerrado, os dois vão se incorporar novamente à seção e manter a discricção mais absoluta. A menor imprudência será castigada severamente. O coronel em pessoa me encarregou de advertir que as consequências de qualquer indiscrição cairão sobre vocês.

O Jaguar escutara com a cabeça baixa. Mas, quando o oficial se calou, ele levantou os olhos para Gamboa.

— Está vendo, meu tenente? Eu disse. Era uma calúnia deste dedo-duro. — E apontou com desprezo para Alberto.

— Não era calúnia — disse Alberto. — Você é um assassino.

— Silêncio! — gritou Gamboa. — Silêncio, seus merdas!

Automaticamente, Alberto e o Jaguar tomaram posição de sentido.

— Cadete Fernández — disse Gamboa. — Há duas horas, na minha frente, você retirou todas as acusações contra o seu colega. Não pode voltar a falar desse assunto, sob pena de punição gravíssima, que eu mesmo vou me encarregar de aplicar. Acho que fui claro.

— Meu tenente — balbuciou Alberto. — Diante do coronel, eu não sabia, quer dizer, não podia fazer outra coisa. Ele não me deu chance. Além do mais...

— Além do mais — interrompeu Gamboa —, você não pode acusar ninguém, não pode ser juiz de ninguém. Se eu fosse diretor do colégio, você estava na rua. E espero que pare com esse comércio de histórias pornográficas, se quiser terminar o ano em paz.

— Sim, meu tenente. Mas isso não tem nada a ver. Eu...

— Você se retratou diante do coronel. Não volte a abrir o bico.  
— Gamboa virou-se para o Jaguar. — Quanto a você, pode até ser que não tenha nada a ver com a morte do cadete Arana. Mas as suas infrações são muito graves. Asseguro que não vai voltar a rir dos oficiais. Vou me encarregar de você. Agora retirem-se e esqueçam tudo que eu disse.

Alberto e o Jaguar saíram. Gamboa fechou a porta atrás dos dois. Do corredor, escutavam ao longe as vozes e a música do refeitório; uma *marinera* havia sucedido à valsa. Desceram para a pista de desfile. Já não havia vento; a grama do descampado estava imóvel e ereta. Avançaram devagar até o alojamento.

— Os oficiais são uns merdas — disse Alberto, sem olhar para o Jaguar. — Todos, até Gamboa. Eu achei que ele era diferente.

— Descobriram os romancinhos? — perguntou o Jaguar.

— Descobriram.

— Você está ferrado.

— Não — disse Alberto. — Eles me chantagearam. Eu retiro a acusação contra você e eles esquecem os romancinhos. Foi o que o coronel me deu a entender. Parece mentira, como essa gente é baixa.

O Jaguar deu uma risada.

— Você está maluco? — disse ele. — Desde quando os oficiais me defendem?

— Você, não. Eles estão salvando a própria pele. Não querem problemas. São uns veados. Não dão a mínima para a morte do Escravo.

— Isso é verdade — assentiu o Jaguar. — Dizem que não deixaram a família entrar na enfermaria. Você imagina? Estar morrendo e só ver tenentes e médicos. São uns desgraçados.

— Você também não dá a mínima — disse Alberto. — Só queria se vingar porque ele delatou o Cava.

— Como é? — disse o Jaguar, detendo-se e encarando Alberto.  
— Como é?

— O quê?

— O Escravo denunciou o serrano? — Por baixo da bandagem, as pupilas do Jaguar cintilavam.



— Vá se foder — disse Alberto —, pare de fingir.

— Não estou fingindo, porra. Eu não sabia que ele tinha denunciado o Cava. Bem feito que morreu. Dedo-duro tem que morrer.

Com um único olho de fora, Alberto não o via bem e não conseguia calcular a distância. Esticou o braço para segurá-lo pela camisa, mas só encontrou o vazio.

— Jure que não sabia que o Escravo havia denunciado o Cava. Jure pela sua mãe. Jure pela morte da sua mãe. Jure.

— Minha mãe já morreu — disse o Jaguar. — Mas eu não sabia.

— Jure, se é homem.

— Juro que não sabia.

— Achei que você sabia e que por isso tinha matado o Escravo — disse Alberto. — Se você não sabia mesmo, eu me enganei. Me desculpe, Jaguar.

— É tarde para se lamentar — disse o Jaguar. — Mas veja se aprende a não ser dedo-duro. É a pior coisa que há.

---

## VIII

Entraram depois do almoço como uma inundação. Alberto sentiu que se aproximavam: invadiam o descampado com um rumor de grama pisoteada, repicavam como tambores frenéticos na pista de desfile, bruscamente explodia no pátio do quinto ano um incêndio de ruídos, centenas de coturnos espavoridos martelavam o pavimento. Então, quando o alarido estava chegando ao paroxismo, as duas folhas da porta se abriram de par em par e, na soleira do alojamento, surgiram corpos e rostos conhecidos. Escutou que várias vozes chamavam instantaneamente por ele e pelo Jaguar. A maré de cadetes penetrava o alojamento e se cindia em duas ondas apressadas que corriam, uma para ele, a outra para o fundo, onde estava o Jaguar. Vallano vinha à cabeça do grupo de cadetes que se aproximavam dele, todos gesticulavam, a curiosidade relampejava em seus olhos: Alberto sentia-se eletrizado com tantos olhares e perguntas simultâneos. Por um segundo, pensou que iam linchá-lo. Tentou sorrir, mas foi em vão: não viam nada, a venda cobria quase todo o rosto. Chamavam-no de “Drácula”, “monstro”, “Frankenstein”, “Rita Hayworth”. Depois, foi uma saraivada de perguntas. Ele simulou uma voz rouca e forçada, como se a venda o sufocasse. “Tive um acidente”, murmurou. “Só saí da clínica hoje de manhã.” “Vai ficar mais feio do que já era”, dizia Vallano, amistosamente; outros profetizavam: “Vai perder um olho, em vez de poeta, vamos chamá-lo de vesgo.” Não pediam explicações, ninguém queria detalhes do acidente, haviam começado um tácito torneio, todos rivalizavam para inventar o melhor apelido, a piada mais feroz. “Fui atropelado por um carro”, disse Alberto. “Me atirou de bruços na pista da avenida Dos de Mayo.” Mas o grupo a seu redor já se movia adiante, uns iam para a cama, outros se aproximavam e riam às gargalhadas. Subitamente, alguém gritou: “Aposto que tudo isso é mentira. O Jaguar e o poeta saíram no braço.” Uma risada estentórea estremeceu o alojamento. Alberto pensou com gratidão no enfermeiro: a venda que ocultava seu rosto era um aliado,

ninguém podia ler a verdade em suas feições. Estava sentado na cama. Seu único olho dominava Vallano, parado diante dele, Arróspide e Montes. Via-os como através de uma névoa. Mas adivinhava os outros, ouvia as vozes que troçavam dele e do Jaguar, sem convicção, mas com humor. “O que você fez com o poeta, Jaguar?”, dizia um. Outro perguntava: “Quer dizer que o poeta briga com as unhas, feito mulher?” Alberto tentava distinguir a voz do Jaguar no meio do barulho, mas não conseguia. Tampouco o via: os armários, a armação dos beliches, os corpos dos colegas bloqueavam o caminho. As piadas prosseguiam; a voz de Vallano se destacava, um veneno pérfido e sibilante; o negro estava inspirado, lançava jorros de sarcasmo e humor.

De repente, a voz do Jaguar dominou o alojamento: “Basta! Não me encham o saco!” O vozerio caiu imediatamente, só se ouviam risinhos zombeteiros e dissimulados, tímidos. Com o único olho — a pálpebra se abria e fechava vertiginosamente —, Alberto descobriu um corpo que se deslocava junto ao beliche de Vallano, apoiava os braços na cama de cima e fazia uma flexão: o tronco, os quadris, as pernas se elevavam facilmente, o corpo agora se encarapitava sobre o armário e sumia de seu campo de visão; Alberto só conseguia ver os pés graúdos e as meias azuis, caídas por cima dos coturnos cor de chocolate, a mesma cor da madeira dos armários. Os outros ainda não tinham notado nada, os risinhos continuavam, fugidios, emboscados. Ao escutar as palavras trovejantes de Arróspide, não pensou que alguma coisa de excepcional estivesse acontecendo, mas seu corpo já compreendera: estava tenso, os ombros comprimiam-se contra a parede até doer. Arróspide repetiu aos berros: “Alto lá, Jaguar! Nada de gritaria, Jaguar. Espere aí.” Agora o silêncio era completo, toda a seção voltara-se para o chefe de turma, mas Alberto não conseguia ver seus olhos: a bandagem o impedia de levantar a cabeça, seu olho de cíclope via dois coturnos imóveis, a escuridão interior das pálpebras, e novamente os coturnos. Arróspide repetiu várias vezes, exasperado: “Alto lá, Jaguar! Espere, Jaguar!” Alberto escutou um roçar de corpos: os cadetes que estavam deitados nas camas se levantaram, espichavam o pescoço para o armário de Vallano.

— O que foi? — disse finalmente o Jaguar. — O que foi, Arróspide, o que deu em você?

Imóvel onde estava, Alberto olhava os cadetes mais próximos: seus olhos eram dois pelosndulos, moviam-se de cima para baixo, de um extremo ao outro do alojamento, de Arróspide ao Jaguar.

— Vamos conversar — gritou Arróspide. — Temos muita coisa para dizer. E, em primeiro lugar, nada de gritos. Entendido, Jaguar? Aconteceu muita coisa por aqui desde que o Gamboa mandou você para o xadrez.

— Não gosto que falem assim comigo — retrucou o Jaguar com firmeza, mas a meia-voz; se os demais cadetes não tivessem continuado em silêncio, suas palavras mal teriam sido ouvidas. — Se quiser falar comigo, é melhor descer desse armário e vir aqui, feito gente educada.

— Não sou gente educada — estrilou Arróspide.

“Está furioso”, pensou Alberto. “Está morto de raiva. Não quer brigar com o Jaguar, quer deixá-lo envergonhado diante de todo mundo.”

— Claro que você é educado — disse o Jaguar. — Claro que é. Todos os miraflores são gente educada.

— Estou falando como chefe de turma, Jaguar. Não tente começar uma briga, Jaguar, não seja covarde. Depois, como você quiser. Mas agora vamos falar. Aconteceu muita coisa esquisita por aqui, sabia? Sabe o que aconteceu assim que meteram você no xadrez? Qualquer um pode contar. Os tenentes e os suboficiais vieram feito loucos, de repente. Vieram até o alojamento, abriram os armários, levaram as cartas, as garrafas, os pés de cabra. Foi um castigo e uma detenção atrás do outro. Quase toda a seção vai ter que esperar um bom tempo até sair para a rua de novo, Jaguar.

— E eu com isso? — perguntou o Jaguar. — O que eu tenho a ver com isso?

— E você ainda pergunta?

— Claro que sim — disse o Jaguar, tranquilo. — Ainda pergunto.

— Você disse ao Jiboia e ao Crespo que, se ferrassem com você, ia foder com a seção inteira. Dito e feito, Jaguar. Sabe o que você é? Um dedo-duro. Ferrou com todo mundo. É um traidor, um cagão.

Nem merece que a gente quebre a sua cara, digo isso por todo mundo. Você é um nojento, Jaguar. Ninguém mais tem medo de você. Ouviu bem?

Alberto virou-se de leve e inclinou a cabeça para trás; conseguiu vê-lo: em cima do armário, Arróspide parecia mais alto; tinha o cabelo desalinhado; os braços e as pernas, muito compridos, acentuavam a magreza. Estava de pés separados, os olhos muito abertos e histéricos, os punhos cerrados. O que o Jaguar estava esperando? Mais uma vez, Alberto enxergava através de uma bruma intermitente: o olho piscava sem trégua.

— Quer dizer que eu sou um dedo-duro — disse o Jaguar. — Não é isso? Diga, Arróspide. É isso que você quer dizer, que eu sou um dedo-duro?

— Já disse — gritou Arróspide. — E não sou só eu. Todo mundo, o alojamento inteiro, Jaguar. Você é um dedo-duro.

Ouviram-se passos desajeitados, alguém corria para o meio do alojamento, entre os armários e os cadetes imóveis, e detinha-se precisamente no ângulo que o olho de Alberto dominava. Era o Jiboia.

— Desça daí, veado — gritou o Jiboia. — Desça.

Estava junto ao armário, a cabeça emaranhada vacilava como um penacho a poucos centímetros dos coturnos semiocultos pelas meias azuis. “Já vi tudo”, pensou Alberto. “Vai pegar pelos pés e vai puxar para baixo.” Mas o Jiboia não levantava as mãos, limitava-se a desafiar:

— Desça, desça.

— Dê o fora, Jiboia — disse Arróspide, sem olhar para ele. — Não estou falando com você. Dê o fora. E é melhor não esquecer que você também desconfiou do Jaguar.

— Jaguar — disse o Jiboia, encarando Arróspide com os olhinhos inflamados. — Não acredite nele. Duvidei um pouquinho, depois passou. Diga que tudo isso é mentira e que vai acabar com ele. Desça daí se for homem, Arróspide.

“É amigo dele”, pensou Alberto. “Eu nunca me atrevi a defender o Escravo desse jeito.”

— Você é um dedo-duro, Jaguar — afirmou Arróspide. — Digo e repito. Um dedo-duro de merda.

— Isso é conversa dele, Jaguar — exclamou o Jiboia. — Não acredite nele, Jaguar. Ninguém acha que você é dedo-duro, ninguém tem coragem. Diga que é mentira e quebre a cara dele.

Alberto sentara-se na cama, a cabeça tocava a armação. O olho estava em brasas, precisava mantê-lo fechado o tempo todo; quando o abria, os pés de Arróspide e a cabeça eriçada do Jiboia pareciam muito próximos.

— Deixe, Jiboia — disse o Jaguar; a voz continuava tranquila, lenta. — Não preciso que ninguém me defenda.

— Rapaziada — gritou Arróspide —, vocês estão vendo. Foi ele. Nem se atreve a negar. É um dedo-duro e um covarde. Está ouvindo, Jaguar? Dedo-duro e covarde.

“O que ele está esperando?”, pensava Alberto. Pouco antes, sob a bandagem, brotara uma dor que agora atingia todo o rosto. Mas ele mal a sentia; estava paralisado e esperava, impaciente, que a boca do Jaguar se abrisse e lançasse o nome dele no meio do alojamento, como um refugio que se joga para os cachorros, e que todos se voltassem para ele, pasmos e furiosos. Mas agora o Jaguar dizia, irônico:

— Quem mais está com esse mirafiorino? Não sejam covardes, porra, quero saber quem mais está contra mim.

— Ninguém, Jaguar — gritou o Jiboia. — Não preste atenção. Não está vendo que é um veado de merda?

— Todo mundo — disse Arróspide. — Olhe bem, que você vai ver, Jaguar. Todo mundo despreza você.

— Só vejo cara de gente covarde — respondeu o Jaguar. — Só isso. Cara de veado, de medroso.

“Não se atreve”, pensou Alberto. “Tem medo de me acusar.”

— Dedo-duro! — gritou Arróspide. — Dedo-duro! Dedo-duro!

— Vamos ver — disse o Jaguar. — Vocês me deixam doente de tão covardes que são. Por que ninguém mais grita? Não precisam ter tanto medo.

— Gritem, rapazes — disse Arróspide. — Digam na cara dele. Digam.

“Não vão gritar”, pensou Alberto. “Ninguém se atreve.” Arróspide puxava o coro de “dedo-duro, dedo-duro!”, freneticamente, e, de vários pontos do alojamento, aliados anônimos se juntavam a ele, repetindo a palavra a meia-voz e quase sem abrir a boca. O murmúrio se espalhava como nas aulas de francês, e Alberto começava a identificar alguns sotaques, a voz flauteada de Vallano, a voz cantante de Quiñones, que era de Chiclayo, e outras vozes que se destacavam no coro, agora poderoso e generalizado. Levantou-se e olhou a seu redor: as bocas se abriam e fechavam identicamente. Estava fascinado com aquele espetáculo, e subitamente perdeu todo temor de que seu nome explodisse na atmosfera do alojamento e que todo o ódio que os cadetes agora vertiam sobre o Jaguar se voltasse contra ele. Sua própria boca, atrás das bandagens cúmplices, começou a murmurar, baixinho: “Dedo-duro, dedo-duro!” Depois, fechou o olho, convertido num abscesso em chamas, e não viu mais o que aconteceu, até que o tumulto chegou ao ápice: os baques, os empurrões, os armários que estremeciam, as camas que rangiam, os palavrões que alteravam o ritmo e a uniformidade do coro. E, contudo, não foi o Jaguar quem começou. Mais tarde, soube que foi o Jiboia: pegou Arróspide pelos pés e o derrubou no chão. Só então o Jaguar se meteu, veio correndo do outro lado do alojamento; ninguém o segurou, mas todos repetiam o estribilho e o faziam com mais força quando ele os encarava. Deixaram que chegasse até onde o Jiboia e Arróspide rolavam pelo chão, com metade do corpo por baixo do beliche de Montes, e ficaram parados mesmo quando o Jaguar, sem se inclinar, começou a chutar selvagememente o chefe de turma, como se fosse um saco de areia. Depois, Alberto recordava um vozerio, uma correria súbita: os cadetes acudiam de todos os cantos do alojamento. Ele se deixara cair na cama, para evitar os golpes, os braços levantados como um escudo. Dali, emboscado no beliche, entreviu em lampejos como os cadetes da seção, um atrás do outro, arremetiam contra o Jaguar, como uma penca de mãos o arrastava dali, separava-o de Arróspide e do Jiboia e o derrubava no chão do corredor, e, à medida que o vozerio crescia verticalmente, Alberto distinguia, entre os corpos amontoados, os rostos de Vallano e Mesa, de Valdivia e Romero,



ouvia como se animavam mutuamente — “Pau nele!”, “Dedo-duro de merda!”, “Vou tirar o couro!”, “Veado metido a macho” — e pensava: “Vão matar o Jaguar. E o Jiboia também.” Mas não durou muito tempo. Pouco depois, o apito ressoava no alojamento, ouvia-se o oficial ameaçando os três últimos de cada seção, e a balbúrdia e a batalha cessavam como por magia. Alberto saiu correndo e foi dos primeiros a entrar em formação. Então olhou para trás e tentou encontrar Arróspide, o Jaguar e o Jiboia, mas não estavam. Alguém disse: “Foram para o banheiro. É melhor ninguém ver enquanto não lavarem a cara. E basta de confusão.”

O tenente Gamboa saiu do quarto e parou um instante no corredor para limpar a testa com o lenço. Estava transpirando. Acabava de terminar uma carta à mulher e agora ia ao posto da guarda, para entregá-la ao tenente de serviço, que a despacharia com o correio do dia. Chegou à pista de desfile. Quase sem querer, avançou até La Perlita. Do descampado, viu Paulino abrindo com os dedos sujos os pães que venderia com salsicha na hora do recreio. Por que não haviam tomado nenhuma medida contra Paulino, por mais que ele tivesse incluído no relatório o contrabando de cigarros e de bebida a que o mestiço se dedicava? Paulino era o verdadeiro concessionário de La Perlita ou um mero testa de ferro? Enfastiado, descartou aqueles pensamentos. Olhou o relógio: em duas horas teria terminado o serviço e ficaria livre por 24 horas. Aonde ir? Não o entusiasmava a ideia de se fechar na solitária casa de Barranco; ficaria preocupado, aborrecido. Podia visitar algum parente, sempre o recebiam com alegria e o censuravam por não ir vê-los com frequência. À noite, talvez fosse ao cinema, sempre havia filmes de guerra ou policiais nos cinemas de Barranco. Quando era cadete, ele e Rosa iam todo domingo às matinês e às vezes repetiam o filme. Zombava da moça, que sofria com os melodramas mexicanos e procurava a mão dele no escuro, como se pedisse proteção, mas aquele contato súbito o comovia e exaltava secretamente. Quase oito anos haviam passado. Até algumas semanas atrás, jamais recordara o passado, ocupava o tempo livre com planos para o

futuro. Até agora, alcançara seus objetivos, ninguém lhe tomara o lugar que havia obtido na Escola Militar. Por que, então, a partir dos problemas recentes, pensava constantemente em sua juventude, e com certa amargura?

— O que vai ser, meu tenente? — disse Paulino com uma reverência.

— Um refrigerante.

O sabor doce e gasoso da bebida deu-lhe náuseas. Valia a pena ter dedicado tantas horas a aprender de cor aquelas páginas áridas, ter posto no estudo dos códigos e regulamentos o mesmo empenho que dedicava aos cursos de estratégia, logística e geografia militar? “A ordem e a disciplina constituem a justiça”, recitou Gamboa, com um sorriso ácido nos lábios, “e são os instrumentos indispensáveis para uma vida coletiva racional. A ordem e a disciplina são obtidas adaptando-se a realidade às leis.” O capitão Montero obrigara-os a meter na cabeça até mesmo o prólogo do regulamento. Chamavam-no “Causídico” porque era fanático por citações jurídicas. “Um excelente professor”, pensou Gamboa. “E um grande oficial. Vai continuar apodrecendo na guarnição de Borja?” Ao sair de Chorrillos, Gamboa imitava os trejeitos do capitão Montero. Fora destacado para Ayacucho e logo ganhou fama de severo. Os oficiais chamavam-no “Fiscal”, para a tropa era o “Osso Duro”. Riam de sua rigidez, mas ele sabia que, no fundo, respeitavam-no com certa admiração. Sua companhia era a mais bem treinada, a de melhor disciplina. Não precisava nem punir os soldados; depois de um treinamento rígido e umas quantas advertências, tudo começava a andar nos trilhos. Até agora, impor a disciplina fora tão fácil quanto obedecer a ela. Gamboa acreditara que o mesmo aconteceria no Colégio Militar. Agora duvidava. Como confiar cegamente nos superiores, depois do que acontecera? Talvez fosse mais sensato fazer como os outros. Sem dúvida, o capitão Garrido tinha razão: os regulamentos devem ser interpretados com prudência, acima de tudo é preciso cuidar da própria segurança, do futuro. Lembrou que, pouco depois de ser designado para o Leoncio Prado, tivera um incidente com um cabo. Era um serrano insolente, que ria na cara de Gamboa enquanto ele o repreendia. Gamboa deu-lhe uma bofetada

e o cabo disse entre dentes: “Se eu fosse cadete, não teria batido em mim, meu tenente.” Pensando bem, o cabo não era tão burro.

Pagou o refrigerante e voltou à pista de desfile. Pela manhã, encaminhara quatro novos relatórios sobre o roubo de provas, as garrafas de bebida, a jogatina e as fugas. Teoricamente, mais da metade dos cadetes da primeira companhia deveriam ser levados ao Conselho de Oficiais. Todos poderiam ser severamente punidos, alguns com expulsão. Seus relatórios referiam-se apenas à primeira seção. Uma revista dos demais alojamentos seria inútil: os cadetes tinham tido tempo de sobra para destruir ou esconder as cartas e as garrafas. Nos relatórios, Gamboa nem sequer aludia a outras companhias; os oficiais responsáveis que se ocupassem delas. O capitão Garrido leu os relatórios em sua presença, com um ar distraído. Depois perguntou:

— O que são esses relatórios, Gamboa?

— Como assim, meu capitão? Não estou entendendo.

— O assunto está encerrado. Já se tomaram todas as providências cabíveis.

— Está encerrado o caso do cadete Fernández, meu capitão. Mas não o resto.

O capitão fez um gesto de fastio. Voltou a pegar os relatórios e os releu; as mandíbulas prosseguiram, incansáveis, sua mastigação gratuita e espetacular.

— Para que servem estes papéis, Gamboa? Você já me fez um relatório oral. Por que escreveu tudo isto? Quase toda a primeira seção já pegou detenção. Aonde quer chegar?

— Caso o Conselho de Oficiais se reúna, vão exigir relatórios por escrito, meu capitão.

— Ah — disse o capitão. — Você não tira esse Conselho da cabeça, já vi tudo. Quer punir o quinto ano inteiro?

— Só respondo pela minha companhia, meu capitão. As outras não me dizem respeito.

— Muito bem — disse o capitão. — Já me entregou os relatórios. Agora esqueça o assunto e deixe comigo. Vou cuidar de tudo.

Gamboa se retirou. Desse momento em diante, o desânimo que o perseguia agravou-se. Agora estava decidido a não se ocupar mais com a história, a não tomar nenhuma iniciativa. “O que me faria bem hoje à noite”, pensou, “seria um belo porre.” Foi até o posto da guarda e entregou a carta ao oficial de serviço. Pediu que a registrasse. Saiu do posto e viu, na porta do prédio da administração, o comandante Altuna. O comandante fez sinal para que se aproximasse.

— Olá, Gamboa — disse ele. — Vou acompanhá-lo.

O comandante sempre fora muito cordial com Gamboa, muito embora suas relações fossem estritamente de trabalho. Avançaram rumo ao refeitório dos oficiais.

— Tenho que lhe dar uma má notícia, Gamboa. — O comandante caminhava com as mãos nas costas. — É uma informação confidencial, entre amigos. Entende o que eu quero dizer, não entende?

— Sim, meu comandante.

— O major está muito ressentido com você, Gamboa. E o coronel também. Homem, não é para menos. Mas essa é outra história. Se quer o meu conselho, mexa-se logo no Ministério. Pediram a sua transferência imediata. Temo que a coisa já esteja avançada, você não tem muito tempo. A sua folha de serviço vai lhe servir de proteção. Mas nesses casos as amizades são muito úteis, você sabe como é.

“Ela não vai gostar nada de sair de Lima logo agora”, pensou Gamboa. “Em todo caso, vou ter que deixá-la aqui por algum tempo, com a família. Até encontrar uma casa, uma empregada.”

— Agradeço muito, meu comandante — disse. — O senhor não sabe para onde podem me transferir?

— Eu não estranharia se fosse para alguma guarnição na selva. Ou na puna. A essa altura do ano, não se fazem mudanças, só há postos em aberto nas guarnições difíceis. Não perca tempo. Talvez você consiga uma cidade importante, Arequipa ou Trujillo, alguma coisa assim. Ah, não esqueça, isto que estou lhe dizendo é confidencial, de amigo para amigo. Eu não gostaria de ter nenhum inconveniente.

— Não se preocupe, meu comandante — interrompeu Gamboa.  
— E, novamente, muito obrigado.

Alberto o viu sair do alojamento: o Jaguar atravessou o corredor, indiferente aos olhares rancorosos ou zombeteiros dos cadetes, que, nos beliches, fumavam baganas, batendo as cinzas em pedacinhos de papel ou caixas de fósforos vazias; caminhando devagar, sem olhar para ninguém, mas de vista erguida, chegou até a porta, abriu-a com uma das mãos e a bateu com violência assim que saiu. Ao divisar entre os armários o rosto do Jaguar, Alberto perguntara-se novamente como era possível que aquela cara estivesse intacta depois do que acontecera. Mesmo assim, ainda mancava um pouco. No dia do incidente, Urioste afirmou no rancho: “Fui eu que o deixei desse jeito.” Mas, na manhã seguinte, Vallano reivindicava o privilégio, e o mesmo faziam Núñez, Revilla e mesmo o franzino García. Discutiam o assunto aos gritos, na cara do Jaguar, como se falassem de um ausente. O Jiboia, por sua vez, tinha a boca inchada e um rasgo profundo e sangrento que lhe dava a volta ao pescoço. Alberto procurou-o com os olhos: estava deitado no beliche, e a Malparada, estendida por cima de seu corpo, lambia a ferida com sua língua comprida e vermelha.

“O estranho”, pensou Alberto, “é que nem com o Jiboia ele fala. Até entendo que já não ande com o Crespo, que saiu correndo naquele dia, mas o Jiboia tomou partido, apanhou por causa dele. Ele é um mal-agradecido.” De resto, a seção também parecia ter esquecido a intervenção do Jiboia. Falavam com ele, brincavam como antes, passavam as baganas quando fumavam em grupo. “O estranho”, pensou Alberto, “é que ninguém combinou de dar um gelo. Melhor assim do que se tivessem combinado.” Nesse dia, Alberto o observara de longe, durante o recreio. O Jaguar abandonou o pátio e ficou andando pelo descampado, as mãos metidas nos bolsos, chutando pedregulhos. O Jiboia se aproximou e começou a caminhar ao lado dele. Com certeza discutiram: o Jiboia mexia a cabeça e agitava os punhos. Depois se afastou. No segundo recreio, o Jaguar fez a mesma coisa. Dessa vez, o Crespo se

aproximou, mas, assim que chegou perto, levou um empurrão do Jaguar e voltou para as aulas, ruborizado. Nas salas de aula, os cadetes falavam, xingavam, cuspiam, atiravam projéteis de papel, interrompiam os professores imitando relinchos, bufadas, grunhidos, miados e latidos: a vida voltava ao normal. Mas todos sabiam que entre eles havia um exilado. Os braços curvados sobre a carteira, os olhos azuis cravados na lousa, o Jaguar passava as horas de aula sem abrir a boca, sem fazer uma anotação, sem virar a cabeça para um colega. “Até parece que é ele que está dando um gelo na gente”, pensava Alberto, “que é ele que está castigando a seção.” Alberto esperava que o Jaguar viesse pedir explicações, obrigasse-o a revelar tudo aos demais. Pensava no que diria à seção para justificar a denúncia. Mas o Jaguar o ignorava, como ignorava os outros. Alberto então supôs que o Jaguar preparava uma vingança exemplar.

Levantou-se e saiu do alojamento. O pátio estava repleto de cadetes. Era a hora ambígua, indecisa, em que a tarde e a noite se equilibram e se neutralizam. Uma meia sombra despedaçava a perspectiva dos alojamentos, respeitava os perfis dos cadetes metidos em seus grossos casacos, mas apagava as feições, reduzia a um mesmo matiz o pátio, que era cinza-claro, as paredes, a pista de desfile quase branca e o descampado deserto. A claridade hipócrita falsificava também o movimento e o ruído: à luz moribunda, todos pareciam andar mais depressa ou mais devagar, falar entre dentes, murmurar ou gritar, e quando dois corpos se juntavam, pareciam se acariciar e brigar. Alberto avançou até o descampado, levantando a gola do casaco. Não captava o barulho das ondas, o mar devia estar em calmaria. Quando encontrava um corpo estendido na grama, perguntava: “Jaguar?” Não respondiam nada ou insultavam: “Não sou o Jaguar, mas se quiser pegar no tigre aqui, *come on.*” Foi até o banheiro do prédio das salas de aula. No umbral do recinto sumido em trevas — sobre os reservados brilhavam alguns pontos vermelhos —, gritou: “Jaguar!” Ninguém respondeu, mas Alberto compreendeu que todos o espivavam: as chamas dos cigarros estavam paradas. Voltou ao descampado e se dirigiu às privadas próximas de La Perlita: ninguém as usava à noite porque pululavam de ratos. Da porta, viu um ponto luminoso e uma silhueta.

— Jaguar?

— Que é?

Alberto entrou e riscou um fósforo. O Jaguar estava em pé, apertava o cinto; não havia mais ninguém. Jogou fora o fósforo carbonizado.

— Quero falar com você.

— Não temos nada para falar — disse o Jaguar. — Dê o fora.

— Por que você não contou que fui eu quem entregou todo mundo para o Gamboa?

O Jaguar deu uma risada desdenhosa e sem alegria, que Alberto não ouvia desde antes do incidente. Na escuridão, ouviu uma correria de vertiginosos pezinhos. “A risada dele assusta os ratos”, pensou.

— Você acha que todo mundo é igual a você? — disse o Jaguar.

— Pois está enganado. Não sou dedo-duro nem converso com dedos-duros. Dê o fora daqui.

— E você vai deixar todo mundo acreditando que foi você? — Alberto surpreendeu-se falando com respeito, quase cordialmente. — Por quê?

— Eu ensinei essa cambada a ser homem — disse o Jaguar. — Você acha que eu me importo com eles? Por mim, podem todos ir à merda. Não me interessa o que eles pensam. Nem o que você pensa. Dê o fora.

— Jaguar — disse Alberto. — Eu vim dizer que sinto pelo que aconteceu. Sinto muito.

— Vai começar a chorar? — disse o Jaguar. — E não venha mais puxar conversa comigo. Já disse que não quero nada com você.

— Deixe disso, Jaguar — disse Alberto. — Quero ser seu amigo. Vou contar para eles que não foi você, que fui eu. Vamos ser amigos.

— Não quero ser seu amigo — disse o Jaguar. — Você é um dedo-duro de merda, me dá vontade de vomitar. Fora daqui.

Dessa vez, Alberto obedeceu. Não voltou ao alojamento. Ficou deitado sobre a grama do descampado até tocarem o apito para o rancho.

# Epílogo



---

*... em cada linhagem*

*a degradação exerce seu domínio.*

Carlos Germán Belli

Quando o tenente Gamboa chegou à porta da secretaria, o capitão Garrido guardava um caderno num armário; estava de costas, a pressão da gravata cobria o pescoço de rugas. Gamboa disse “bom dia” e o capitão se virou.

— Olá, Gamboa — disse, sorridente. — Pronto para ir embora?

— Sim, meu capitão. — O tenente entrou na sala. Vestia o uniforme de saída; tirou o quepe: um sulco fino cingia a testa, as têmporas e a nuca num círculo perfeito. — Acabo de me despedir do coronel, do comandante e do major. Só falta o senhor.

— Quando viaja?

— Amanhã bem cedo. Mas ainda tenho muita coisa para fazer.

— O calor já começou — disse o capitão. — O verão vai ser forte este ano, vamos cozinhar — riu-se ele. — Mas você não tem nada a ver com isso. Na puna, verão ou inverno, dá na mesma.

— Se o senhor não gosta do calor — brincou Gamboa —, podemos trocar de lugar. Eu fico aqui e o senhor vai para Juliaca.

— Nem por todo o ouro do mundo — disse o capitão, puxando-o pelo braço. — Venha, vamos tomar alguma coisa, eu convido.

Saíram. Na porta de um dos alojamentos, um cadete com as insígnias púrpuras de quarteleiro contava uma pilha de roupas.

— Por que aquele cadete não está na aula? — perguntou Gamboa.

— Você não se segura — disse o capitão, alegremente. — Que lhe importa agora o que os cadetes fazem ou deixam de fazer?

— O senhor tem razão. É quase um vício.

Entraram na cantina dos oficiais e o capitão pediu uma cerveja. Ele mesmo encheu os copos. Brindaram.

— Nunca estive em Puno — disse o capitão. — Mas acho que não é tão ruim. De Juliaca, você pode ir até lá de trem ou de carro.

Também pode dar umas escapadas para Arequipa, de vez em quando.

— Sim — disse Gamboa. — Logo eu me acostumo.

— Sinto muito por você — disse o capitão. — Pode não acreditar, mas tenho estima por você, Gamboa. Lembre que eu avisei. Conhece o ditado? “Quem semeia vento...” E lembre também, no futuro, que no Exército se dá aula de regulamento aos subordinados, não aos superiores.

— Não gosto que tenham pena de mim, meu capitão. Não virei militar para ter a vida fácil. A guarnição de Juliaca ou o Colégio Militar, dá na mesma.

— Melhor assim. Bem, basta de discussões. Saúde.

Beberam a cerveja que restava nos copos e o capitão voltou a enchê-los. Pela janela, via-se o descampado; a grama parecia mais alta e clara. A vicunha passou várias vezes: corria muito agitada, olhando para todos os lados com seus olhos inteligentes.

— É o calor — disse o capitão, apontando com o dedo para o animal. — Não se acostuma. Ficou meio louca no verão passado.

— Vou ver muita vicunha — disse Gamboa. — E quem sabe até aprendo quéchua.

— Tem colegas em Juliaca?

— Muñoz. É o único.

— O burro do Muñoz? É boa gente. E bêbado sem salvação!

— Quero lhe pedir um favor, meu capitão.

— Claro, homem, diga lá.

— Trata-se de um cadete. Preciso falar com ele a sós, na rua.

Pode dar uma licença a ele?

— Quanto tempo?

— Meia hora, no máximo.

— Ah — disse o capitão, com um sorriso malicioso. — Você...

— É um assunto pessoal.

— Estou vendo. Vai bater nele?

— Não sei — disse Gamboa, sorrindo. — É capaz.

— Fernández? — disse o capitão, a meia-voz. — Não vale a pena. Há maneira melhor de ferrar com ele. Pode deixar, que eu cuido dele.

— Não é ele — disse Gamboa. — O outro. De todo modo, não há como fazer nada com ele.

— Nada? — disse o capitão, muito sério. — E se não passar de ano? Parece pouco?

— Tarde demais — disse Gamboa. — As provas terminaram ontem.

— Bah — disse o capitão. — Os boletins ainda não estão prontos.

— Está falando sério?

O capitão recobrou subitamente o bom humor.

— Estou brincando, Gamboa — disse, rindo —, não se assuste. Não vou cometer nenhuma injustiça. Pegue esse cadete e faça o que bem quiser. Só uma coisa: não toque na cara dele, não quero mais confusão.

— Obrigado, meu capitão. — Gamboa pôs o quepe. — Agora tenho de ir. Até logo, espero.

Apertaram as mãos. Gamboa foi até o prédio das salas de aula, falou com o suboficial e voltou ao posto da guarda, onde deixara a maleta. O tenente de serviço veio a seu encontro.

— Chegou um telegrama para você, Gamboa.

Gamboa abriu e leu rapidamente o telegrama. Em seguida, guardou-o no bolso. Sentou-se no banco — os soldados levantaram-se e o deixaram sozinho — e ficou imóvel, com o olhar perdido.

— Más notícias? — perguntou o oficial de serviço.

— Não, não — disse Gamboa. — Coisas de família.

O tenente mandou que um dos soldados fizesse café e perguntou a Gamboa se queria uma xícara; Gamboa assentiu. Um momento depois, o Jaguar apareceu na porta do posto da guarda. Gamboa bebeu o café de um gole só e se levantou.

— O cadete vai sair comigo por um momento — disse ao oficial de serviço. — Tem permissão do capitão.

Pegou a maleta e saiu para a avenida Costanera. Caminhou pelo terreno plano à beira do abismo. O Jaguar o seguia a alguns passos de distância. Avançaram até a avenida de las Palmeras. Quando perderam o colégio de vista, Gamboa pôs a maleta no chão. Tirou um papel do bolso.

— O que significa este papel? — perguntou.

— Está tudo explicado aí, meu tenente — retrucou o Jaguar. — Não tenho mais nada para dizer.

— Já não sou oficial do colégio — disse Gamboa. — Por que se dirigiu a mim? Por que não se apresentou ao capitão?

— Não quero ter nada a ver com o capitão — disse o Jaguar. Estava um pouco pálido e os olhos claros evitavam o olhar de Gamboa. Não havia ninguém por perto. Ouvia-se bem próximo o barulho do mar. Gamboa limpou a testa e empurrou o quepe para trás: o sulco fino reapareceu sob a viseira, mais vermelho e profundo que as outras rugas da testa.

— Por que escreveu isto? — repetiu. — Por quê?

— Isso não é da sua conta — disse o Jaguar, com voz suave e dócil. — Basta me levar até o coronel. E só.

— Você acha que vai se safar de novo? — disse Gamboa. — É isso? Ou está querendo se divertir à minha custa?

— Não sou nenhum imbecil — disse o Jaguar, fazendo um gesto desdenhoso. — Mas fique sabendo que não tenho medo de ninguém, meu tenente, nem do coronel, nem de ninguém. Quando entraram, eu os defendi dos cadetes do quarto ano. Morriam de medo do batismo, tremiam feito mulheres, eu ensinei essa cambada a ser homem. E, na primeira, eles me deixam na mão. Sabe o que eles são? São uns infelizes, uns traidores. Todos. Estou cansado do colégio, meu tenente.

— Basta de conversa fiada — disse Gamboa. — Seja franco. Por que escreveu este papel?

— Eles acham que eu sou dedo-duro — disse o Jaguar. — Está vendo? Nem tentaram saber a verdade, nada, bastou a história dos armários, e os mal-agraçados me deram as costas. Viu a parede dos banheiros? É “Jaguar Dedo-Duro”, “Jaguar Covarde”, em todo canto. E eu fiz tudo por eles, isso é o pior. O que eu tinha a ganhar? Me diga, meu tenente. Nada, não é? Fiz tudo pela seção. Não quero ficar mais nem um minuto com eles. Eram como a minha família, é por isso que me dão ainda mais nojo.

— Mentira — disse Gamboa —, isso é mentira. Se a opinião dos seus colegas é tão importante, por que vai querer que saibam que é

um assassino?

— Não é que a opinião deles me importe — disse o Jaguar, surdamente. — É a ingratidão que me deixa doente, só isso.

— Só isso? — disse Gamboa, com um sorriso zombeteiro. — Pela última vez, seja franco. Por que não contou que foi o cadete Fernández que os delatou?

O corpo inteiro do Jaguar pareceu retesar-se, como que surpreendido por uma súbita aguilhada nas entranhas.

— O caso dele é diferente — disse ele, rouco, articulando com esforço. — Não é a mesma coisa, tenente. Os outros me traíram por pura covardia. Ele queria vingar o Escravo. É um dedo-duro, e isso sempre me dá pena num homem, mas era para vingar um amigo, percebe a diferença, meu tenente?

— Dê o fora — respondeu Gamboa. — Não quero perder mais tempo com você. Não estou interessado nas suas ideias sobre lealdade e vingança.

— Não consigo dormir — balbuciou o Jaguar. — A verdade é essa, meu tenente, juro pelo que há de mais sagrado. Eu não sabia o que era viver esmagado. Não se enfureça, tente entender, não estou pedindo nada de mais. Todo mundo diz: “Gamboa é o oficial mais fodido, mas é o único que é justo.” Por que não quer ouvir o que eu estou dizendo?

— Estou ouvindo — disse Gamboa —, agora estou ouvindo. Por que matou aquele rapaz? Por que escreveu este papel?

— Porque estava enganado quanto aos outros, meu tenente; queria livrar todo mundo de um sujeito feito aquele. Pense no que aconteceu e vai ver que qualquer um se enganaria. Ele fez expulsarem o Cava só para poder sair por umas horas, não se importou de arruinar um colega só para conseguir uma licença. Qualquer um ficaria doente com uma dessas.

— E por que mudou de opinião agora? — disse o tenente. — Por que não me contou a verdade quando eu o interroguei?

— Não mudei de opinião — disse o Jaguar. — Mas agora — vacilou por um momento e fez para si mesmo um sinal de assentimento —, agora entendo melhor o Escravo. Para ele, nós não éramos colegas, éramos inimigos. Já não lhe disse que eu não sabia



o que era viver esmagado? Todo mundo tirava sarro dele, é a pura verdade, até cansar, e eu mais do que os outros. Não consigo esquecer a cara dele, meu tenente. Juro que, no fundo, não sei como fui fazer aquilo. Eu tinha pensado em dar uma surra nele, um susto. Mas naquela manhã eu o vi, bem na minha frente, com a cabeça levantada, e apontei. Queria vingar a seção. Como eu podia saber que os outros eram piores que ele, meu tenente? Acho que é melhor me meterem numa prisão. Todo mundo dizia que eu ia terminar assim, minha mãe, o senhor também. Fique à vontade, meu tenente.

— Não consigo me lembrar dele — disse Gamboa, e o Jaguar olhou para ele, desconcertado. — Quer dizer, da vida dele como cadete. Dos outros, eu me lembro bem, me lembro do desempenho nos exercícios, do jeito de usar o uniforme. Mas não desse Arana. E ele esteve três anos na minha companhia.

— Não me dê conselhos — disse o Jaguar, confuso. — Não me diga nada, por favor. Não gosto de...

— Não estava falando com você — disse Gamboa. — Não se preocupe, não vou lhe dar nenhum conselho. Vá embora. Volte para o colégio. Só tem licença por meia hora.

— Meu tenente — disse o Jaguar; ficou um segundo com a boca aberta e repetiu: — Meu tenente.

— O caso Arana está encerrado — disse Gamboa. — O Exército não quer ouvir falar no assunto. E isso ninguém vai mudar. Seria mais fácil ressuscitar o cadete Arana do que convencer o Exército de que cometeu um erro.

— Não vai me levar ao coronel? — perguntou o Jaguar. — O senhor não iria mais para Juliaca. Não faça essa cara, acha que eu não sei que o senhor se ferrou por conta dessa história? Me leve ao coronel.

— Sabe o que é um objetivo inútil? — disse Gamboa, e o Jaguar murmurou: "Como é?" — Escute, quando um inimigo está desarmado e rendido, um combatente responsável não pode disparar contra ele. Não apenas por razões morais, mas também por razões militares; por economia. Nem mesmo na guerra deve haver

mortos inúteis. Está me entendendo? Volte para o colégio e, no futuro, faça que a morte do cadete Arana sirva para alguma coisa.

Rasgou o papel que segurava na mão e o jogou no chão.

— Vá embora — acrescentou. — Já é quase hora do almoço.

— Não vai voltar, meu tenente?

— Não — disse Gamboa. — Quem sabe um dia nos vemos.

Adeus.

Pegou a maleta e foi descendo pela avenida de las Palmeras na direção de Bellavista. O Jaguar ficou olhando por um momento. Então pegou os papéis jogados no chão. Gamboa rasgara-os pela metade. Juntando-os, pôde ler facilmente. Ficou surpreso ao ver que havia mais dois pedaços, além da folha de caderno em que havia escrito: "Tenente Gamboa: eu matei o Escravo. Pode dar parte e me levar ao coronel." Os outros dois pedaços eram um telegrama: "Faz duas horas nasceu menina. Rosa muito bem. Parabéns. Segue carta. Andrés." Rasgou os papéis em pedaços minúsculos e foi espalhando-os à medida que avançava rumo ao alcantilado. Ao passar por uma casa, parou: era uma grande mansão, com um vasto jardim na frente. Ali roubara pela primeira vez. Continuou andando até chegar à Costanera. Olhou para o mar a seus pés; estava menos cinzento que de costume; as ondas arrebentavam na beira e morriam quase instantaneamente.

Havia uma luz branca e penetrante que parecia brotar do teto das casas e subir verticalmente para o céu sem nuvens. Alberto tinha a sensação de que seus olhos explodiriam ao dar com os reflexos, caso fixasse uma das fachadas de janelas amplas, que absorviam e rebatiam a luz do sol como esponjas multicoloridas. Seu corpo transpirava sob a leve camisa de seda. A todo instante, precisava limpar o rosto com o lenço. A avenida estava deserta, o que era estranho: em geral, a essa hora começava o desfile de automóveis rumo às praias. Consultou o relógio: não viu a hora, seus olhos foram tomados pelo brilho fascinante dos ponteiros, da esfera, do pino, da corrente dourada. Era um relógio muito bonito, de ouro puro. Na noite anterior, no parque Salazar, Pluto dissera:

“Parece um cronômetro.” Ele retrucara: “É um cronômetro! Por que você acha que tem quatro ponteiros e dois pinos? Além do mais, é à prova d’água e de choques.” Não queriam acreditar, ele tirou o relógio e disse a Marcela: “Jogue no chão para eles verem.” Ela não tomava coragem, dava gritinhos breves e desafinados. Pluto, Helena, Emilio, o Bebê e Paco insistiam. “É verdade, é para jogar de verdade?” “Vá”, dizia Alberto, “ande, jogue de uma vez.” Quando ela o soltou, sete pares de olhos ávidos queriam que o relógio se quebrasse em mil pedaços. Mas ele não deu mais que um pequeno rebote, e então Alberto o pegou de volta: estava intacto, sem um único arranhão, e funcionava. Depois, o próprio Alberto o mergulhou na pequena fonte do parque, para provar que o relógio era à prova d’água. Alberto sorriu. Pensou: “Hoje vou tomar banho com ele em La Herradura.” Ao presenteá-lo no Natal, o pai de Alberto dissera: “Pelas boas notas nas provas finais. Você finalmente parece à altura do seu nome. Duvido que algum dos seus amigos tenha um relógio assim. Você vai acontecer.” De fato, na noite anterior o relógio fora o principal tema de conversa no parque.

Dobrou na avenida Primavera. Estava satisfeito, animado, caminhando entre as mansões de jardins frondosos, banhado pelo esplendor das calçadas; divertia-se com o espetáculo das trepadeiras de sombras e luzes que escalavam os troncos das árvores ou se penduravam nos galhos. “O verão é formidável”, pensou. “Amanhã é segunda-feira e, para mim, vai ser como hoje. Vou me levantar às nove, venho pegar a Marcela e vamos para a praia. À tarde, cinema, e à noite, parque. E a mesma coisa na terça, na quarta, na quinta-feira, todos os dias até o fim do verão. E depois não vou mais ter de voltar ao colégio, vai ser hora de fazer as malas. Com certeza vou me encantar com os Estados Unidos.” Olhou mais uma vez para o relógio: nove e meia. Se a essa hora o sol brilhava assim, como estaria ao meio-dia? “Lindo dia para a praia”, pensou. Na mão direita, levava o calção de banho, enrolado numa toalha verde de listras brancas. Pluto ficara de vir pegá-lo às dez; Alberto estava adiantado. Antes de entrar para o Colégio Militar, sempre chegava atrasado às reuniões do bairro. Agora era o contrário, como se ele quisesse recuperar o tempo perdido. E pensar que passara dois

verões fechado em casa, sem ver ninguém! E o bairro era tão próximo, ele teria podido sair uma manhã qualquer, chegar à esquina de Colón e Diego Ferré, retomar as amizades com umas poucas palavras. “Oi, esse ano eu não apareci por conta do internato. Tenho três meses de férias, que eu quero passar com vocês, sem pensar em detenção, em militar, em alojamento.” Mas que importava o passado, agora a manhã espalhava ao redor uma realidade luminosa e protetora; as más recordações eram feitas de neve, o calor amarelento as derretia.

Mentira, a lembrança do colégio ainda despertava a inevitável sensação sombria e sinistra sob a qual seu espírito se contraía como uma mimosa ao contato da pele humana. Mas o mal-estar era cada vez mais efêmero, um grão de areia no olho, que logo saía e o deixava bem de novo. Dois meses atrás, quando o Leoncio Prado surgia em sua memória, o mau humor persistia, a confusão e o desgosto o assediavam o dia inteiro. Agora conseguia recordar muitas coisas como se fossem episódios de um filme. Passava dias inteiros sem evocar o rosto do Escravo.

Depois de atravessar a avenida Petit Thouars, parou diante da segunda casa e assobiou. O jardim da frente transbordava de flores, a grama úmida reluzia. “Já vou!”, gritou uma voz de moça. Olhou para todos os lados: não havia ninguém, Marcela devia estar na escada. Será que o convidaria a entrar? Alberto tinha a intenção de propor um passeio até as dez. Iriam até a linha do bonde, sob as árvores da avenida. Poderia beijá-la. Marcela apareceu no fundo do jardim: usava calças e uma blusa solta, de listras pretas e vermelhas. Vinha sorrindo e Alberto pensou: “Como é bonita.” Os olhos e cabelos escuros contrastavam com a pele, muito branca.

— Oi — disse Marcela. — Chegou cedo.

— Se você quiser, eu vou embora — disse ele. Sentia-se senhor de si mesmo. No começo, sobretudo nos dias que se seguiram à festa em que se declarou a Marcela, sentia-se um pouco intimidado no mundo de sua infância, depois do obscuro parêntese de três anos que o havia arrancado às coisas belas. Agora estava seguro de si e podia gracejar sem descanso, olhar todos de igual para igual e, às vezes, com certa superioridade.

— Bobo — disse ela.

— Vamos dar uma volta? O Pluto ainda vai levar meia hora para chegar.

— Sim — disse Marcela. — Vamos. — Levou um dedo à fronte. O que queria dizer? — Meus pais estão dormindo. Ontem à noite foram a uma festa em Ancón. Chegaram tardíssimo. E pensar que eu voltei do parque antes das nove.

Quando se distanciaram alguns metros da casa, Alberto pegou-lhe a mão.

— Viu esse sol? — disse. — Está perfeito para uma praia.

— Tenho que lhe dizer uma coisa — disse Marcela. Alberto olhou para ela: tinha um sorriso malicioso, encantador, e um nariz pequenino e impertinente. Pensou: "É lindíssima."

— O quê?

— Ontem à noite eu conheci a sua namorada.

Que brincadeira era aquela? Ainda não estava totalmente adaptado, às vezes alguém fazia uma alusão que todos do bairro compreendiam, e ele se sentia perdido, às cegas. Não tinha como ir à forra: como fazer com eles as brincadeiras dos alojamentos? Uma imagem embaciada veio assaltá-lo: o Jaguar e o Jiboia cuspiam no Escravo, atado a um catre.

— Quem?

— Teresa — disse Marcela. — Essa que mora em Lince.

O calor, que ele esquecera, se fez presente de um só golpe, como alguma coisa ofensiva e poderosíssima, esmagadora. Sentiu-se sufocado.

— Teresa?

Marcela deu uma risada.

— E por que você acha que eu perguntei onde ela morava? — Falava com ares triunfais, orgulhosa da façanha. — O Pluto me levou de carro, depois do parque.

— Até a casa dela? — gaguejou Alberto.

— Sim — disse Marcela; os olhos negros rebrilhavam. — Sabe o que eu fiz? Bati na porta e ela mesma veio atender. Perguntei se a senhora Grellot estava, você sabe quem é, não sabe? É a minha

vizinha. — Calou-se por um instante. — Tive tempo de olhar para ela.

Ele ensaiou um sorriso. Disse, a meia-voz, “você é doida”, mas o mal-estar o invadira de novo. Sentia-se humilhado.

— Me conte uma coisa — disse Marcela, com uma voz muito doce e perversa. — Você estava muito apaixonado por ela?

— Não — disse Alberto. — Claro que não. Foi uma coisa de escola.

— É feiosa — exclamou Marcela, bruscamente irritada. — Feia e cafona.

Apesar da confissão, Alberto ficou contente. “Está louca por mim”, pensou. “E morrendo de ciúme.”

— Você sabe muito bem que eu estou apaixonado por você. Nunca me apaixonei por ninguém assim.

Marcela apertou sua mão e ele parou. Estendeu um braço para puxá-la para mais perto, mas ela resistia: virava o rosto para os lados, os olhos receosos espreitavam ao redor. Não havia ninguém. Alberto mal roçou os lábios dela. Continuaram caminhando.

— O que ela contou para você?

— Ela? — Marcela soltou uma risada límpida, líquida. — Nada. Disse que ali morava uma senhora fulana de tal. Um nome esquisitíssimo, nem me lembro. O Pluto queria morrer de rir. Começou a dizer um monte de coisas de dentro do carro e ela fechou a porta. Só isso. Vocês voltaram a se ver?

— Não — disse Alberto. — Claro que não.

— Me conte uma coisa. Você passeava com ela pelo parque Salazar?

— Nem tive tempo. Só a vi meia dúzia de vezes, na casa dela ou em Lima. Nunca em Miraflores.

— E por que brigou com ela?

A pergunta era inesperada: Alberto abriu a boca, mas não disse nada. Como explicar a Marcela uma coisa que nem mesmo ele compreendia por inteiro? Teresa fazia parte dos três anos de Colégio Militar, era um dos cadáveres que não valiam a pena ressuscitar.

— Bah — disse ele. — Quando saí do colégio, vi que não gostava dela. Nunca mais a vi.

Haviam chegado à linha do bonde. Desceram pela avenida Reducto. Alberto passou o braço pelo ombro dela: sob sua mão, latejava uma pele suave, morna, que devia ser tocada com prudência para não se desfazer. Por que contara a Marcela a história de Teresa? Todo mundo no bairro falava de seus amores, a própria Marcela andara com um rapaz de San Isidro; ele não queria passar por principiante. O fato de voltar do Colégio Leoncio Prado dava-lhe um certo prestígio no bairro, olhavam-no como o filho pródigo que volta ao lar depois de viver uma grande aventura. O que teria acontecido se, naquela noite, não tivesse encontrado ali, na esquina da Diego Ferré, os rapazes do bairro?

— Um fantasma — disse Pluto. — Um fantasma, sim, senhor!

O Bebê o abraçava, Helena sorria para ele, Tico o apresentava aos desconhecidos, Molly dizia: “Faz três anos que não aparece, esqueceu da gente”, Emilio o chamava de “ingrato” e dava tapinhas afetuosos nas costas.

— Um fantasma? — repetiu Pluto. — Não é de dar medo?

Ele estava em trajes civis, o uniforme descansava sobre uma cadeira, o quepe caíra no chão, a mãe saíra, a casa deserta o exasperava, tinha vontade de fumar, fazia apenas duas horas que estava livre e desnortado com as infinitas possibilidades de ocupar o tempo que se abriam para ele. “Vou comprar cigarros”, pensou, “e depois vou ver Teresa.” Mas, depois de sair e comprar cigarros, não tomou o ônibus, passou bom tempo perambulando pelas ruas de Miraflores, como se fosse um turista ou um vagabundo: a avenida Larco, o Malecón, a Diagonal, o parque Salazar, e de repente ali estavam o Bebê, Pluto, Helena, uma grande roda de rostos sorridentes que lhe davam as boas-vindas.

— Chegou bem na hora — disse Molly. — Precisávamos de um homem para o passeio a Chosica. Agora estamos completos, oito casais.

Ficaram conversando até o anoitecer, combinaram ir juntos à praia no dia seguinte. Quando se despediu deles, Alberto voltou para casa, andando lentamente, absorto em preocupações recém-adquiridas. Marcela (Marcela de quê? Era a primeira vez que a via, morava na avenida Primavera, era nova em Miraflores) dissera: “Mas

você vem mesmo, não vem?” A sunga estava velha, tinha que convencer a mãe a comprar outra, amanhã mesmo, bem cedo, para estreá-la em La Herradura.

— Não é formidável? — disse Pluto. — Um fantasma de carne e osso!

— Sim — disse o tenente Huarina. — Mas vá logo ver o capitão.

“Agora não pode fazer mais nada comigo”, pensou Alberto. “Já entregaram os boletins. Vou dizer na cara dele quem ele é.” Mas não disse nada, seus olhos examinavam o uniforme de parada. “É a última vez que o visto”, pensava Alberto. Mas não se sentia exaltado diante da perspectiva de deixar o colégio para sempre.

— Está bem — disse o capitão. — Limpe a poeira dos sapatos. E vá se apresentar agora mesmo no escritório do coronel.

Subiu as escadas com um pressentimento de catástrofe. O civil perguntou-lhe o nome e se apressou a abrir a porta. O coronel estava à escrivaninha. Mais uma vez, Alberto ficou impressionado com o brilho do chão, das paredes e dos objetos; até mesmo a pele e o cabelo do coronel pareciam encerados.

— Entre, cadete, entre — disse o coronel.

Alberto continuava inquieto. O que se escondia por trás do tom afetuoso, do olhar amável? O coronel parabenizou-o pelas provas finais. “Está vendo?”, disse ele. “Com um pouco de esforço se obtêm muitas recompensas. Suas notas são excelentes.” Alberto não dizia nada, recebia os elogios imóvel e à espreita. “No Exército”, afirmava o coronel, “a justiça se impõe, cedo ou tarde. É algo de inerente ao sistema, você deve ter se dado conta por experiência própria. Veja só, cadete Fernández: você esteve a ponto de arruinar sua vida, de manchar um nome honrado, uma tradição familiar ilustre. Mas o Exército lhe concedeu uma última oportunidade. Não me arrependo de ter confiado em você. Dê cá essa mão.” Alberto tocou um pedaço de carne branca, esponjosa. “Você se emendou”, acrescentou o coronel. “Emendar é bem o termo, sim. Por isso mandei chamá-lo. Me diga, quais são seus planos para o futuro?” Alberto disse que ia ser engenheiro. “Muito bem”, disse o coronel. “Muito bem. A Pátria precisa de técnicos. Faz muito bem, é uma profissão útil. Desejo muita sorte.” Alberto então sorriu com timidez e disse: “Não sei



como agradecer, meu coronel. Muito obrigado, mesmo.” “Pode se retirar agora”, disse o coronel. “Ah, e não se esqueça de se inscrever na Associação de Ex-Alunos. É preciso que os cadetes mantenham vínculos com o colégio. Nós todos formamos uma grande família.” O diretor se levantou, acompanhou-o até a porta e só então se lembrou de alguma coisa. “Ah”, disse, fazendo um floreio com a mão. “Já ia esquecendo um detalhe.” Alberto entrou em forma.

— Lembra-se de umas folhas de papel? Você sabe do que eu estou falando, um assunto feio.

— Sim, meu coronel.

— Cumpri o prometido — disse o coronel. — Sou um homem de palavra. Nada vai ofuscar o seu futuro. Destruí aqueles documentos.

Alberto agradeceu efusivamente e se afastou fazendo vênias; o coronel sorria para ele, da soleira do escritório.

— Um fantasma — insistiu Pluto. — Vivinho da silva!

— Agora já está bom — disse o Bebê. — Todo mundo está muito feliz com a volta do Alberto. Deixe os outros falarem.

— Temos que combinar o passeio — disse Molly.

— Claro — disse Emilio. — Agora mesmo.

— Passear com um fantasma — disse Pluto. — Formidável!

Alberto caminhava de volta para casa, ensimesmado, aturdido. O inverno moribundo despedia-se de Miraflores com uma súbita neblina a meia altura, entre o chão e a crista das árvores da avenida Larco; ao atravessá-la, a luz dos postes perdia força, a neblina agora estava em toda parte, envolvendo e dissolvendo objetos, pessoas, recordações: o rosto de Arana e do Jaguar, os alojamentos, as detenções perdiam atualidade e, em compensação, um grupo esquecido de rapazes e moças voltava à memória, ele conversava com essas pequenas imagens de sonho no pequeno quadrilátero de grama na esquina da Diego Ferré e nada parecia ter mudado, a linguagem e os gestos pareciam familiares, a vida parecia tão harmoniosa e tolerável, o tempo avançava sem sobressaltos, doce e excitante como os olhos dessa moça desconhecida que brincava cordialmente com ele, uma moça baixinha e suave, de voz clara e cabelos negros. Ninguém se surpreendia de vê-lo ali de novo, convertido em adulto; todos haviam crescido, homens e mulheres

pareciam mais instalados no mundo, mas o ambiente não se modificara, e Alberto reconhecia as preocupações de outrora, o esporte e as festas, o cinema, as praias, o amor, o humor educado, a malícia fina. Seu quarto estava às escuras; deitado na cama, Alberto sonhava sem fechar os olhos. Alguns segundos tinham sido suficientes para que o mundo que ele abandonara abrisse suas portas e o recebesse outra vez em seu seio sem pedir explicações, como se o lugar que Alberto ocupava entre eles tivesse sido guardado com zelo durante três anos. Havia recuperado seu futuro.

— Você não tinha vergonha? — disse Marcela.

— Do quê?

— De passear com ela na rua.

Sentiu o sangue subir ao rosto. Como explicar que não apenas não tinha vergonha, como tinha orgulho de aparecer com Teresa diante de todo mundo? Como explicar que, justamente, a única coisa que o envergonhava então era não ser como Teresa, um sujeito de Lince ou de Bajo el Puente, que bem mais humilhante era a sua condição de mirafiorino no Leoncio Prado?

— Não — respondeu. — Não tinha vergonha.

— Quer dizer que estava apaixonado por ela — disse Marcela. — Eu odeio você.

Ele apertou a mão de Marcela; o quadril da garota roçava nele, e o breve contato despertou em Alberto uma lufada de desejo. Parou de andar.

— Não — disse ela. — Aqui, não, Alberto.

Mas não resistiu e ele pôde beijá-la longamente na boca. Quando se separaram, Marcela tinha o rosto arrebatado e os olhos ardentes.

— E os seus pais? — perguntou ela.

— Meus pais?

— O que achavam dela?

— Nada. Nem sabiam.

Estavam na alameda Ricardo Palma. Caminhavam pelo meio, sob as altas árvores que lançavam sombras em trechos da calçada. Havia alguns passantes e uma vendedora de flores sob um toldo. Alberto soltou o ombro de Marcela e segurou sua mão. Ao longe,

uma linha constante de automóveis entrava na avenida Larco. “Vão para a praia”, pensou Alberto.

— E de mim, eles sabem? — perguntou Marcela.

— Sabem — respondeu ele. — E estão encantados. Meu pai acha você lindíssima.

— E a sua mãe?

— Também.

— De verdade?

— De verdade, é claro. Sabe o que meu pai me disse um dia desses? Que, antes da minha viagem, eu podia convidar você para fazer um passeio pelo litoral sul, algum domingo. Meus pais, você e eu.

— Eu sei — disse ela. — Você já me disse.

— Ei, vou voltar todo ano. Vou passar as férias inteiras aqui, três meses por ano. Além do mais, é um curso curto. Nos Estados Unidos não é como aqui, tudo é mais rápido, mais aperfeiçoado.

— Alberto, você prometeu não falar disso — protestou ela. — Eu odeio você.

— Me desculpe — disse ele. — Foi sem querer. Sabia que os meus pais estão se dando bem?

— Sei, você já me disse. E o seu pai já não sai mais? A culpa é toda dele. Não entendo como é que a sua mãe aguenta.

— Agora ele está mais tranquilo — disse Alberto. — Estão procurando uma casa mais confortável. Mas às vezes meu pai dá uma escapulida e só aparece no dia seguinte. Ele não tem jeito.

— Você não é igual a ele, é?

— Não — disse Alberto. — Eu sou muito sério.

Marcela olhou para ele com ternura. Alberto pensou: “Vou estudar muito e vou ser bom engenheiro. Quando eu voltar, vou trabalhar com meu pai, vou ter um conversível, uma casa grande com piscina. Vou me casar com Marcela e vou ser um dom-juan. Vou dançar todo sábado no Grill Bolívar e viajar muito. Daqui a alguns anos, não vou nem lembrar que estive no Leoncio Prado.”

— O que foi? — disse Marcela. — Está pensando em quê?

Estavam na esquina da avenida Larco. Havia gente ao redor; as mulheres vestiam blusas e saias de cores claras, sapatos brancos,

chapéus de palha, óculos de sol. Nos conversíveis, viam-se homens e mulheres em trajes de banho, conversando e rindo.

— Nada — disse Alberto. — Não gosto de lembrar o Colégio Militar.

— Por quê?

— Aquilo era um castigo só. Não era nada agradável.

— Um dia desses — disse ela —, meu pai quis saber por que puseram você nesse colégio.

— Para me corrigir — disse Alberto. — Meu pai dizia que eu podia rir dos padres, mas não dos militares.

— O seu pai é um herege.

Subiram pela avenida Arequipa. Na altura da Dos de Mayo, alguém gritou para eles de um carro vermelho: “Ei, ei, Alberto, Marcela”; conseguiram ver um rapaz que acenava com a mão. Acenaram também.

— Você sabia? — disse Marcela. — Ele brigou com a Úrsula.

— Ah, é? Não sabia.

Marcela relatou os pormenores da ruptura. Ele não entendia bem, pusera-se involuntariamente a pensar no tenente Gamboa. “Ainda deve estar na puna. Foi direito comigo, e por isso o tiraram de Lima. E tudo porque eu roí a corda. É capaz de perder a promoção e ficar muitos anos como tenente. Tudo porque acreditou em mim.”

— Está me ouvindo ou não? — disse Marcela.

— Claro que sim — disse Alberto. — E então?

— Ele ligou para ela um montão de vezes, mas ela desligava na hora que reconhecia a voz. Bem-feito, não acha?

— Claro — disse ele. — Muito bem-feito.

— Você aprontaria uma dessas?

— Não — disse Alberto. — Nunca.

— Não acredito em você — disse Marcela. — Os homens são todos uns bandidos.

Estavam na avenida Primavera. Viram de longe o carro de Pluto, que, da calçada, fazia gestos ameaçadores. Vestia uma blusa amarela, reluzente, calças cáqui enroladas até o tornozelo, mocassins e meias bege.

— Vocês são uns folgados! — gritou. — Uns folgados!

— Não é uma lindeza? — disse Marcela. — Sou louca por ele.

Correu para Pluto e este, teatralmente, fingiu que a degolava. Marcela ria e sua risada parecia uma fonte, refrescava a manhã ensolarada. Alberto sorriu para Pluto, que lhe deu uma palmada afetuosa no ombro.

— Achei que tinha raptado a moça, meu velho — disse Pluto.

— Um segundo — disse Marcela. — Vou pegar minha roupa de banho.

— Vá rápido, ou vai ficar para trás.

— É isso mesmo — disse Alberto. — Vá rápido, ou vai ficar para trás.

— E ela disse o quê? — perguntou o magro Higuera.

Ela estava imóvel e atônita. Esquecendo por um instante sua própria agitação, ele pensou: "Ainda se lembra." À luz cinzenta que descia suavemente, como uma chuva rala, sobre a rua de Lince, larga e reta, tudo parecia feito de cinzas: a tarde, as casas velhas, os passantes que se aproximavam ou afastavam a passo tranquilo, os postes idênticos, as calçadas desiguais, a poeira em suspensão.

— Nada. Ficou olhando com uns olhões assustados, como se tivesse medo de mim.

— Não acredito — disse o magro Higuera. — Não acredito. Alguma coisa ela disse. Pelo menos oi ou como anda ou como vai, alguma coisa.

Não, não disse nada até que ele falou de novo. As primeiras palavras, ao abordá-la, tinham sido precipitadas, imperativas: "Teresa, você se lembra de mim? Como vai?" O Jaguar sorria, para mostrar que não havia nada de surpreendente no encontro, um episódio banal, comum e sem mistério. Mas o sorriso lhe custava um esforço enorme, e sentia brotar na barriga, como esses fungos de silhueta branca e crista amarelada que nascem repentinamente na madeira úmida, um mal-estar insólito, que invadia ora suas pernas, ansiosas por dar um passo atrás, adiante ou para o lado, ora suas mãos, que queriam se enfiar nos bolsos ou tocar seu próprio rosto;

e, estranhamente, seu coração se enchia de um medo animal, como se esses impulsos, tão logo se convertessem em atos, pudessem desencadear uma catástrofe.

— E você fez o quê?

— Disse de novo: “Oi, Teresa. Você se lembra de mim?”

E então ela disse:

— Claro que sim. Não reconheci você.

Ele respirou. Teresa sorria, estendia a mão. O contato foi muito breve, mal sentiu o roçar dos dedos da moça, mas todo o seu corpo se tranquilizou, e desapareceram o mal-estar, a agitação dos membros, o medo.

— Que suspense! — disse o magro Higuera.

Estava numa esquina, olhando distraidamente ao redor, enquanto o sorveteiro servia uma casquinha dupla, de chocolate e baunilha; a poucos passos de distância, o bonde Lima-Chorrillos imobilizava-se com um breve guincho junto à casinha de madeira, as pessoas que esperavam na plataforma de cimento se mexiam e congregavam diante da porta metálica que bloqueava a saída, os passageiros que desciam eram obrigados a abrir caminho aos empurrões; Teresa apareceu no alto da escadinha, precedida por duas mulheres carregadas de embrulhos: no meio da aglomeração, parecia uma donzela em perigo. O sorveteiro estendia a casquinha, ele abriu e fechou a mão, alguma coisa se desfez, a bola de sorvete despencou sobre seus sapatos. “Porcaria”, disse o sorveteiro, “a culpa é sua, não vou dar outro, não.” Chutou a bola de sorvete, que voou uns bons metros. Deu meia-volta, entrou por uma rua, mas, segundos depois, parou e se virou: na esquina sumia o último vagão do bonde. Voltou correndo e viu, já longe, Teresa, que caminhava sozinha. Seguiu-a, escondendo-se atrás dos passantes. Pensava: “Daqui a pouco ela entra numa casa e não a vejo nunca mais.” Tomou uma decisão: “Vou dar uma volta no quarteirão; se a encontrar na esquina, vou falar com ela.” Saiu andando, primeiro devagar, depois feito um possesso; na esquina, derrubou um homem, que caiu no chão e lhe xingou a mãe. Quando se deteve, estava ofegante e suado. Limpou a testa com a mão; entre os dedos, seus olhos comprovaram que Teresa vinha em sua direção.

— E o que mais? — disse Higueras.

— Conversamos — disse o Jaguar. — Ficamos conversando.

— Muito tempo? — perguntou Higueras. — Quanto tempo?

— Não sei — disse o Jaguar. — Acho que pouco. Fomos juntos até a casa dela.

Ela ia pelo lado de dentro da calçada, ele seguia pela beira da pista. Teresa caminhava lentamente, de tanto em tanto virava-se para olhar, e ele descobria que seus olhos eram mais seguros que antes, às vezes até ousados, e o olhar mais luminoso.

— Acho que faz quatro anos, não é? — dizia Teresa. — Quem sabe até mais.

— Cinco — disse o Jaguar; baixou um pouco a voz: — E três meses.

— A vida passa voando — disse Teresa. — Mais um pouco e estaremos velhos.

Ela riu e o Jaguar pensou: “Já é mulher.”

— E a sua mãe? — perguntou ela.

— Você não soube? Morreu.

— Esse era um bom pretexto — disse o magro Higueras. — E o que ela fez?

— Parou — respondeu o Jaguar; tinha um cigarro entre os lábios e fitava o cone de fumaça densa que expulsava da boca; uma das mãos tamborilava na mesa encardida. — E disse: “Que pena! Coitada!”

— Você devia tê-la beijado e dito alguma coisa bem nessa hora — disse Higueras. — Era o momento.

— Pois é — disse o Jaguar. — Coitada.

Ficaram calados. Continuaram caminhando. Ele estava com as mãos metidas nos bolsos e a olhava de esguelha. Subitamente, disse:

— Queria falar com você. Quer dizer, faz tempo que quero. Mas não sabia por onde você andava.

— Ah! — exclamou Higueras. — Disse mesmo?

— Disse — respondeu o Jaguar; olhava a fumaça com ferocidade. — Disse, sim.

— Pois é — disse Teresa. — Desde que nos mudamos, não voltei mais a Bellavista. Faz muito tempo.

— Queria pedir desculpas — disse o Jaguar. — Quer dizer, pela história da praia, daquela vez.

Ela não disse nada, mas o encarou, surpresa. O Jaguar baixou a vista e sussurrou:

— Quer dizer, me desculpe por ter insultado você.

— Eu já tinha esquecido isso — disse Teresa. — Isso é coisa de criança, melhor nem lembrar. Além do mais, depois que o guarda levou você, fiquei com pena. Verdade — olhava-o de frente, mas o Jaguar compreendeu que agora ela só via o passado, que se abria como um leque em sua memória —, à tarde eu fui até a sua casa e contei tudo para a sua mãe. Ela foi atrás de você na delegacia, e disseram que já tinham soltado você. O que aconteceu? Por que nunca mais voltou?

— Esse também era um bom momento — disse Higueras. Estava terminando uma dose de pisco e ainda a segurava entre os dedos, junto à boca. — Um momento bem sentimental, na minha opinião.

— Conte tudo — disse o Jaguar.

— Como assim, tudo? — perguntou Higueras. — Que você veio me procurar com cara de cachorro surrado, que virou ladrão e putanheiro?

— Conte — disse o Jaguar. — Conte dos roubos, quer dizer, dos que eu ainda lembrava. Tudo, menos a história dos presentes, mas ela adivinhou na hora.

— Era você — disse Teresa. — Era você que me mandava todos aqueles pacotes.

— Ah — disse Higueras. — Você gastava metade da grana no bordel e a outra comprando presentes para ela. Que sujeito!

— Não — disse o Jaguar. — Não gastava quase nada na zona, as mulheres não cobravam.

— Por que você fez isso? — disse Teresa.

O Jaguar não respondeu; tirara as mãos dos bolsos e brincava com os dedos.

— Estava apaixonado por mim? — perguntou Teresa; ele olhou para ela e ela não havia corado; a expressão era tranquila e



suavemente intrigada.

— Estava — respondeu o Jaguar. — Por isso briguei com o rapaz da praia.

— Tinha ciúme? — disse Teresa. Agora havia alguma coisa que o desconcertou: uma presença indefinível, um ser inesperado, fugidio e soberbo.

— Tinha — disse o Jaguar. — Por isso disse aquelas coisas. Você me perdoou?

— Sim — disse Teresa. — Mas você devia ter voltado. Por que não veio falar comigo?

— Tinha vergonha — disse o Jaguar. — Mas voltei uma vez, quando pegaram o magro.

— Falou de mim também! — disse o magro Higuerras, orgulhoso. — Então você contou tudo mesmo.

— Você já não estava por lá — disse o Jaguar. — Na sua casa morava uma outra gente. Na minha também.

— Eu pensava sempre em você — disse Teresa. E acrescentou, cheia de sabedoria: — Sabe de uma coisa? Nunca mais voltei a ver aquele rapaz que você surrou na praia.

— Nunca mais?

— Nunca mais — disse Teresa. — Ele não voltou mais à praia. — Deu uma gargalhada; parecia ter esquecido a história dos roubos e dos bordéis; os olhos sorriam, despreocupados e divertidos. — Com certeza ele se assustou. Deve ter pensado que você viria bater de novo.

— Eu tinha ódio dele — disse o Jaguar.

— Lembra quando você ia me pegar na saída do colégio? — perguntou Teresa.

O Jaguar assentiu. Caminhava bem perto dela, e às vezes seu braço a roçava.

— As meninas pensavam que você era meu namorado — disse Teresa. — Chamavam você de “o velho”. Você estava sempre tão sério...

— E você?

— Isso — disse Higuerras. — Isso. E ela, o que fez esse tempo todo?

— Não terminou o colégio — disse o Jaguar. — Entrou para um escritório como secretária. Ainda trabalha lá.

— E o que mais? — disse o magro Higuerras. — Quantos bonitões, quantos amores?

— Andei com um rapaz — disse Teresa. — Só falta você querer dar nele também.

Os dois riram. Tinham dado várias voltas no quarteirão. Pararam um momento na esquina e, sem que ninguém sugerisse, começaram mais uma volta.

— Opa! — exclamou o magro. — Agora a coisa começou a melhorar. Contou mais alguma coisa?

— O tal sujeito deu um fora nela — disse o Jaguar. — Nunca mais foi vê-la. E um dia ela o viu passeando de mão dada com uma garota de bem, uma garota decente, sabe? Ela diz que não dormiu nessa noite e pensou em virar freira.

O magro Higuerras riu às gargalhadas. Tinha terminado mais uma dose de pisco e fez um sinal para o homem que servia, para que voltasse a encher o copo.

— Estava apaixonada por você, sem tirar nem pôr — disse Higuerras. — Se não, jamais contaria uma coisa dessas. Porque as mulheres são uma barbaridade de vaidosas. E você, fez o quê?

— Fico feliz que ele tenha dado um fora em você — disse o Jaguar. — Bem-feito. Assim você fica sabendo como eu me sentia quando você ia à praia com aquele outro que eu surrei.

— E ela? E ela? — quis saber o magro.

— Mas como você é vingativo — disse Teresa.

Fez de conta que batia nele. Mas não desceu a mão que erguera de brincadeira, manteve-a no ar enquanto os olhos, subitamente loquazes, desafiavam-no com insolência feliz. O Jaguar segurou a mão que o ameaçava. Teresa deixou-se levar, apoiou o rosto no peito dele e, com a mão livre, o abraçou.

— Foi a primeira vez que a beijei — disse o Jaguar. — Beijei várias vezes; quer dizer, na boca. Ela também me beijou.

— Deu para entender, meu amigo — disse o magro. — Deu para entender. E quanto tempo depois vocês se casaram?

— Pouco tempo — disse o Jaguar. — Quinze dias.

— Que pressa — disse o magro. Novamente segurava a dose de pisco na mão e a movia com inteligência: o líquido transparente chegava até a beira e voltava.

— Ela foi me esperar no dia seguinte na agência. Passeamos um pouco e depois fomos ao cinema. E à noite me disse que tinha contado tudo à tia, que ela estava furiosa. Não queria que ela me visse mais.

— Atrevida! — disse o magro Higuerras. Espremera meio limão na boca e agora aproximava dos lábios a dose de pisco, com um olhar sôfrego e ardente. — E você, fez o quê?

— Pedi um adiantamento ao banco. O chefe é boa gente. Me deu uma semana de licença e disse: "Gosto de ver como as pessoas se suicidam. Case de uma vez, e veja se aparece aqui na segunda que vem, às oito em ponto."

— Agora me conte um pouco da bendita tia — disse Higuerras. — Você foi falar com ela?

— Depois — disse o Jaguar. — Nessa noite, quando Teresa me falou da tia, eu perguntei se queria se casar comigo.

— Sim — disse Teresa. — Quero, sim. Mas e a minha tia?

— Ela que vá à merda — disse o Jaguar.

— Jure que disse merda com todas as letras — disse o magro.

— Disse — respondeu o Jaguar.

— Não me venha com palavrões — disse Teresa.

— É uma garota simpática — disse Higuerras. — Pelo que você conta, dá para ver que é simpática. Você não devia ter falado assim da tia.

— Agora eu me dou bem com ela — disse o Jaguar. — Mas, quando fomos lá, depois do casamento, ela me deu um tabefe.

— Deve ser uma mulher de caráter — disse Higuerras. — Onde foi o casamento?

— Em Huacho. O padre não queria nos casar, porque faltavam os proclamas e não sei mais o quê. Passei um apuro.

— Imagino, imagino — disse o magro Higuerras.

— O senhor não está vendo que eu fugi com a moça? — disse o Jaguar. — Não vê que eu estou no fim do dinheiro? Como o senhor quer que eu espere oito dias?

A porta da sacristia estava aberta, e o Jaguar divisava, atrás da calva do cura, um pedaço da parede da igreja: os ex-votos de prata destacavam-se no reboco sujo e cheio de cicatrizes. O cura estava de braços cruzados, as mãos se aqueciam sob as axilas, como num ninho; os olhos eram brincalhões e bondosos. Teresa estava junto ao Jaguar, a boca ansiosa, os olhos atemorizados. De repente, soltou um soluço.

— Fiquei com uma raiva quando a vi chorando! — disse o Jaguar. — Peguei o padre pelo pescoço.

— Não! — disse o magro. — Pelo pescoço?

— Foi — disse o Jaguar. — Arregalou os olhos, de tão sem ar que ele ficou.

— Sabem quanto custa? — disse o padre, esfregando o pescoço.

— Obrigada, padre — disse Teresa. — Muito obrigada, padre.

— Quanto? — disse o Jaguar.

— Quanto você tem? — perguntou o padre.

— Trezentos *soles* — respondeu o Jaguar.

— Metade — disse o padre. — Não é para mim, é para os pobres.

— E nos casou — disse o Jaguar. — Ele se comportou bem. Comprou uma garrafa de vinho com o dinheiro e nós a bebemos na sacristia. Teresa ficou um pouco enjoada.

— E a tia? — disse o magro. — Conte dela, pelo que há de mais sagrado.

— Voltamos para Lima no dia seguinte e fomos vê-la. Disse que estávamos casados e mostrei o papel que o padre deu. Então me deu um tabefe. Teresa ficou furiosa e a chamou de egoísta e coisa e tal. No final, acabaram chorando as duas. A velha dizia que íamos abandoná-la e que ela ia morrer feito cachorro magro. Prometi que viria morar com a gente. Ela se acalmou e chamou os vizinhos e disse que precisávamos festejar o casamento. Não é má pessoa, é um pouco resmungona, mas não se mete comigo.

— Eu não conseguiria morar com uma velha em casa — disse o magro Higuera, subitamente desinteressado da história do Jaguar. — Quando eu era menino, morava com a minha avó, que era louca. Passava o dia inteiro falando sozinha e perseguindo umas galinhas

que não existiam. Me dava medo. Sempre que vejo uma velha, eu me lembro da minha avó. Não conseguiria morar com uma velha, são todas meio loucas.

— E o que vai fazer agora? — perguntou o Jaguar.

— Eu? — respondeu o magro Higuerras, surpreso. — Não sei. Por enquanto, vou me embebedar. Depois, vamos ver. Quero passear um pouco. Faz tempo que não ando pela rua.

— Se quiser — disse o Jaguar —, venha para a minha casa. Por enquanto.

— Obrigado — disse o magro Higuerras, rindo. — Mas, pensando bem, acho melhor não. Já disse que não consigo morar junto com uma velha. Além do mais, a sua mulher deve ter ódio de mim. É melhor ela nem saber que eu saí. Algum dia vou pegar você na sua agência, vamos tomar uns tragos. Adoro conversar com os amigos. Mas a gente não vai poder se ver sempre; você virou um homem sério, e eu não ando com homem sério.

— Vai continuar com a mesma coisa?

— Quer dizer, roubando? — O magro Higuerras fez uma careta. — Acho que sim. Sabe por quê? Porque o bom filho à casa torna, como dizia o Cagão. Mas por agora seria bom sair de Lima.

— Eu sou seu amigo — disse o Jaguar. — Me avise se eu puder ajudar em alguma coisa.

— Pode, sim — disse o magro. — Me pague a conta. Não tenho um tostão.

# Sumário

Capa

Folha de rosto

Créditos

Prólogo

Primeira parte

Epígrafe

I

II

III

IV

V

VI

VII

VIII

Segunda parte

Epígrafe

I

II

III

IV

V

VI

VII

VIII

Epílogo